COLLECTANEA EM PROSA E VERSO

DE

Escriptores Nacionaes

Anthologia Brasileira

Edição commemorativa do IVº Centenario do Descobrimento do Brazil

POR

Eugenio Werneck

Professor de Portuguez e Mathematica Elementar

1901--Typ. da Pap. Jeronymo Silva---Petropolis

Ao Meritissimo homem
de letras de minha Patria,
o illustrado Sr. ARTHUR
AZEVEDO, tenho a hon-
ra de offerecer, com
os protestos de alta estima
e veneração, o meu
modesto trabalhinho —

Eugenio Werneck

Petropolis, 1º VI - 1901.

ANTHOLOGIA BRASILEIRA

COLLECTANEA EM PROSA E VERSO

DE

ESCRIPTORES NACIONAES

CONTENDO

TRECHOS ESCOLHIDOS DOS MELHORES PROSADORES E POETAS

PRECEDIDOS DE

UMA NOTICIA BIO-BIBLIOGRAPHICA DE CADA AUCTOR

POR

Eugenio Werneck

Professor de Portuguez e Mathematica Elementar

Edição commemorativa do IV° Centenario do Descobrimento do Brasil

PETROPOLIS

Typ. da Pap. JERONYMO SILVA. --- Avenida 15 de Novembro n. 85

1900

DUAS PALAVRAS

A ANTHOLOGIA BRASILEIRA, que em edição commemorativa do quarto centenario do descobrimento do Brasil, ora deparamos á luz da publicidade, é uma collectanea de excerptos em prosa e verso, cuidadosamente escolhidos, dos mais reputados escriptores nacionaes, desde os tempos coloniaes até os nossos dias.

O apparecimento do nosso modesto trabalho, tendo a significação civica de um preito e uma homenagem aos benemeritos obreiros da grandeza literaria da Patria, vale ainda como prova documental do desejo que temos de concorrer para o desenvolvimento da instrucção popular, esforçando-nos por ser util á nobre causa do ensino, cruzada em prol da qual, ha já onze annos, incessantemente temos pelejado.

Dedicada á mocidade estudiosa, que saberá ver nessas paginas adiante a mais formal das contestações áquelles que negam a existencia de uma literatura brasileira, a nossa *Anthologia* se destina ás aulas de portuguez, ás classes adiantadas de leitura e especialmente aos cursos de literatura nacional, aos quaes, como livro auxiliar das classes, pela variedade dos modelos de estylos que encerra, pelas epocas e individualidades literarias que abrange, pensamos poderá ser de utilidade e proveito.

Não é pretenção nossa termos feito uma obra cabal e perfeita; foram por ventura olvidados auctores de nota, que o não deveram ser, e não poucos outros não puderam ser contemplados: além da escassez do

tempo, era preciso não avolumar demais o livro. Entretanto, seja-nos licito observar aqui, sem vaidade nem vangloria, que não temos noticia de nem uma selecta de literatura patria, onde se encontrem escriptores em tão grande numero e uma tão abundante e variada collecção de excerptos.

Cada trecho publicado vem precedido de uma noticia bio-bibliographica do respectivo auctor.

Nessas notas, colhidas de fontes imparciaes e seguras e redigidas com escrupuloso cuidado, trabalhamos com especial empenho, procurando dar em poucas linhas, uma noticia resumida da vida do escriptor e suas obras, sua feição literaria, tendencias do seu espirito, o seu papel no desenvolvimento artistico do nosso meio, etc.

Na elaboração desta parte do nosso livro, que se nos afigurou não ser a menos digna de apreço ou a menos importante, se nos antolharam difficuldades e entraves, que teriamos reputado insuperaveis, se não fôsse o valiosissimo auxilio de generosos patricios nossos — homens de coração — aos quaes, em boa hora, nos recorremos. Aqui tambem nos prestaram não menos relevantes serviços: o excellente *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, do illustrado Dr. Sacramento Blake, o *Anno Biographico*, do operoso e benemerito fluminense, de imperecivel memoria, o Dr. Macedo, o conhecido diccionario do auctorizado bibliophico Innocencio da Silva e ainda as apreciadas *Ephemerides Nacionaes*, do Dr. Teixeira de Mello, além de outros.

Sirvam estas referencias, neste logar, para attestar a gratidão de que nos sentimos possuido, e o nosso apreço aos prestimosos patricios, a cuja gentileza e obsequiosidade muito deve o obscuro collector da *Anthologia Brasileira*.

Na selecção dos trechos, em que puzemos a maior discreção, fomos nimiamente cautelosos, pondo de parte escrupulosamente tudo que pudesse parecer menos honesto, serio ou limpo; e nem puderamos ter, como educador e preceptor da mocidade, diversa conducta.

Achámos de bom aviso uniformizar a orthographia, como nos aconselhou a nossa experiencia na pratica e tirocinio de onze annos de ensino da lingua vernacula; de outro modo seria crear difficuldades e embaraços aos jovens estudantes, sem a menor vantagem ou proveito para o estudo.

E é o que achamos indispensavel dizer.

E agora resta-nos esperar que o favor publico, correspondendo á boa vontade e á intenção do compillador da *Anthologia Brasileira*, acolha o livro com a benevolencia que espera merecer quem só teve por escopo collaborar, na medida de suas forças, na obra do engrandecimento intellectual da Patria amada.

Eugenio Werneck.

PRIMEIRA PARTE

PROSA

DESCRIPÇÕES E NARRAÇÕES

José de Alencar

CEARÁ 1829—1887

José Martiniano de Alencar, vulto proeminente das letras patrias, foi talvez o mais fecundo e, sem duvida, o mais brasileiro dos escriptores nacionaes.

Conhecedor profundo da lingua de Camões e Vieira, elle sustentou, entretanto, com José Feliciano de Castilho, que o criticara a proposito do seu *brasileirismo*, acirrada polemica, em que pugnou pela differenciação do idioma portuguez no meio americano, e assim, observa o Sr. Laet, lançou as bases de uma escola, cujo fim seria a formação do dialecto brasileiro.

Os seus romances são todos ou quasi todos de assumpto e de interesse nacional; porque o notavel escriptor teve sempre a preoccupação de estudar o meio brasileiro: aqui, um aspecto da natureza americana, ainda novo e desconhecido, alli, um typo dos sertões do norte ou das campinas do sul, além, um costume das populações sertanejas ou dos salões fluminenses.

Alencar foi jornalista de grande merito e, como folhetinista, foi muito apreciado no seu tempo. *Ao correr da penna* era o titulo dos seus interessantes folhetins.

Jurisconsulto e professor de direito, parlamentar e politico (foi deputado, ministro e senador), é principalmente como homem de letras, como romancista, que elle grangeou a nomeada que o immortalisou, a ponto de merecer dos seus concidadãos que a sua memoria se perpetuasse no bronze das estatuas.

As suas obras mais conhecidas e mais estimadas, entre outras muitas, são: *O Guarany. Iracema, Gaucho. Senhóra, Luciola* e *Diva* (tres perfis de mulher), o *Tronco de Ipê, Minas de Prata, Pata da Gazela, Mãe* (drama), o *Demonio Familiar*, o *Credito* (comedias), etc., etc.

TEMPESTADE

Tudo era agua e céu.

A inundação tinha coberto as margens do rio até onde a vista podia alcançar; as grandes massas d'agua

que o temporal, durante uma noite inteira vertera, sobre as cabeceiras dos confluentes do Parahyba, desceram das serranias e, de torrente em torrente, haviam formado essa tromba gigantesca que se abatera sobre a varzea.

A tempestade continuava ainda ao longo de toda a cordilheira, que apparecia coberta por um nevoeiro escuro; mas o céo, azul e limpido, sorria mirando-se no espelho das aguas.

A inundação crescia sempre; o leito do rio elevava-se gradualmente; as arvores pequenas desappareciam e a folhagem dos soberbos jacarandás sobrenadava já, como grandes moitas de arbustos.

A cupola da palmeira, em que se achavam Pery e Cecilia, parecia uma ilha de verdura, banhando-se nas aguas da corrente; as palmas que se abriam formavam no centro um berço mimoso, onde os dois amigos, estreitando-se, pediam ao céo para ambos uma só morte, pois uma só era a sua vida.

Cecilia esperava o seu ultimo momento com a sublime resignação evangelica, que só dá a religião do Christo: morria feliz; Pery tinha confundido as suas almas na derradeira prece que expirara de seus labios.

— Podemos morrer, meu amigo! disse ella com uma expressão sublime.

Pery estremeceu; ainda nessa hora suprema seu espirito revoltava-se contra aquella idéa e não podia conceber que a vida de sua senhora tivesse de perecer como a de um simples mortal.

— Não! exclamou elle. Tu não pódes morrer.
A menina sorrio docemente.

— Olha! disse ella com a sua voz maviosa, a agua sobe, sobe...

— Que importa! Pery vencerá a agua, como venceu todos os teus inimigos.

— Se fosse um inimigo, tu o vencerias, Pery. Mas é Deus... E' o seu poder infinito!

— Tu não sabes? disse o indio como inspirado

pelo seu amor ardente; o Senhor do céu manda ás vezes áquelles a quem ama um bom pensamento!

E o indio ergueu os olhos com uma expressão ineffavel de reconhecimento.

Fallou com um tom solemne:

« Foi longe, bem longe dos tempos de agora. As aguas cahiram e começaram a cobrir toda a terra. Os homens subiram ao alto dos montes; um só ficou na varzea com sua esposa.

« Era Tamandaré; forte entre os fortes; sabio mais que todos.

« O Senhor fallava-lhe de noite; e de dia elle ensinava aos filhos da tribu o que aprendia do céo.

« Quando todos subiram aos montes, elle disse:

— « Ficae commigo; fazei como eu e deixae que venha a agua. »

« Os outros não o escutaram e foram para o alto; deixaram elle só na varzea com sua companheira, que não o abandonou.

« Tamandaré tomou sua mulher nos braços e subiu com ella ao olho da palmeira; ahi esperou que a agua viesse e passasse; a palmeira dava fructos que os alimentavam.

« A agua veio, subiu e cresceu; o sol mergulhou e surgiu uma, duas e tres vezes. A terra desappareceu, a arvore desappareceu, a montanha desappareceu.

« A agua tocou o céu, e o Senhor mandou então que parasse. O sol, olhando, só viu céu e agua e entre a agua e o céu, a palmeira, que boiava, levando Tamandaré e sua companheira.

« A corrente cavou a terra; cavando a terra, arrancou a palmeira; arrancando a palmeira, subiu com ella; subiu acima do valle, acima da arvore, acima da montanha.

« Todos morreram; a agua tocou o céu tres soes com tres noites; depois baixou, baixou até que descobriu a terra.

« Quando veio o dia, Tamandaré viu que a pal-

meira estava plantada no meio da varzea, e ouvio a avezinha do céu, o guanumby, que batia as azas.

« Desceu com sua companheira, e povoou a terra. »

Pery tinha fallado com o tom inspirado que dão as crenças profundas, com o enthusiasmo das almas ricas de poesia e sentimento.

Cecilia o ouvia sorrindo e bebia uma a uma as suas palavras, como se fossem as particulas do ar que respirava; parecia-lhe que a alma do seu amigo, essa alma nobre e bella, se desprendia do seu corpo em cada uma das phrases solemnes, e vinha embeber-se no seu coração, que se abria para recebel-a.

A agua, subindo, molhou as pontas das largas folhas da palmeira e uma gotta, resvalando pelo leque, foi embeber-se na alva cambraia das roupas de Cecilia.

A menina, por um movimento instinctivo de terror, conchegou-se ao seu amigo; e nesse momento supremo, em que a inundação abria a fauce enorme para tragal-os, murmurou docemente:

— Meu Deus!... Pery!...

Então passou-se sobre este vasto deserto d'agua e céu uma scena estupenda, heroica, sobrehumana, um espectaculo grandioso, uma sublime loucura.

Pery, allucinado, suspendeu-se aos cipós que se entrelaçavam pelos ramos das arvores já cobertas de agua, e com um esforço desesperado, cingindo o tronco da palmeira nos seus braços hirtos, abalou-o até ás raizes.

Tres vezes os seus musculos de aço, estorcendo-se, inclinaram a haste robusta; e tres vezes o seu corpo vergou, cedendo á retracção violenta da arvore, que voltava ao logar que a natureza lhe havia marcado. Luta terrivel, espantosa, louca, esvairada; luta da vida contra a materia; luta do homem contra a terra; luta da força contra a immobilidade.

Houve um momento de repouso, em que o homem, concentrando todo o seu poder, estorceu-se de novo contra a arvore; o impeto foi terrivel, e pareceu que o

corpo ia despedaçar-se nessa distensão horrivel. Ambos, arvore e homem, embalançaram-se no seio das aguas; a haste oscillou; as raizes desprenderam-se da terra, já minada profundamente pela torrente. A cupola da palmeira, embalançando-se graciosamente, resvalou pela flôr d'agua, como um ninho de garças, ou alguma ilha fluctuante, formada pelas vegetações aquaticas.

Pery estava de novo sentado junto de sua senhora quasi inanimada; e, tomando-a nos braços, disse-lhe, com um accento de ventura suprema:

— Tu viverás!...

Cecilia abriu os olhos e, vendo seu amigo junto della, ouvindo ainda suas palavras, sentiu o enlevo que deve ser o gozo da vida eterna.

— Sim?... murmurou ella; viveremos!... lá no céu, no seio de Deus, junto daquelles que amamos!... O anjo espanejava-se para remontar ao berço.

— Sobre aquelle azul que tu vês, continuou ella, Deus mora no seu throno, rodeado dos que o adoram. Nós iremos lá, Pery! Tu viverás com tua irmã, sempre!

Ella embebeu os olhos nos olhos do seu amigo, e languida reclinou a loura fronte.

O halito ardente de Pery bafejou-lhe a face.

Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e limpidos sorrisos; os labios abriram-se como as azas purpureas de um beijo, soltando o vôo.

E a palmeira, arrastada pela torrente impetuosa, fugia...

E sumiu-se no horizonte.

O Guarany.

—

MORTE DE IRACEMA

Descamba e sol.

Japy sahe do matto e corre para a porta da cabana. Iracema, sentada com o filho no collo, banha-se nos raios do sol e sente o frio arripiar-lhe o corpo.

Vendo o animal, fiel mensageiro do esposo, a esperança reanima seu coração; quer erguer-se para ir ao encontro do seu guerreiro senhor, mas os membros debeis se recusam á sua vontade.

Cahiu desfallecida contra o esteio. Japy lambia-lhe a mão fria e pulava travesso para fazer sorrir a creança, soltando uns doces latidos de prazer. Por vezes afastava-se para correr até á orla da matta e latir, chamando o senhor; logo tornava á cabana para festejar a mãe e o filho. Por esse tempo pisava Martim os campos amarellos do Tauape, seu irmão Poty, o inseparavel, caminhava ao seu lado.

Oito luas havia que elle deixára as praias de Jacarécanga. Vencidos os Guaraciabas, na bahia dos papagaios, o guerreiro christão quiz partir para as margens do Mearim, onde habitava o barbaro alliado dos Tupinambás.

Poty e seus guerreiros os acompanharam. Depois que transpuzeram o braço corrente do mar que vem da serra de Tauatinga e banha as varzeas onde se pesca o piau, viram emfim as praias do Mearim e a velha taba do barbaro tapuia.

A raça de cabellos do sol cada vez ganhava mais a amisade dos Tupinambás; crescia o numero de guerreiros brancos, que já tinham levantado na ilha a grande itaoca para despedir o raio.

Quando Martim viu o que desejava, tornou aos campos de Porangaba, que elle agora trilha. Já ouve os roncos do mar nas praias do Mocoripe; já lhe bafeja o rosto o sopro vivo das vagas do Oceano.

Quanto mais seu passo o approxima da cabana, mais lento se torna e pesado. Tem medo de chegar; e sente que a sua alma vae soffrer, quando os olhos tristes e magoados da esposa entrarem nella.

Ha muito que a palavra desertou do seu labio secco; o amigo respeita este silencio, que elle bem entende. E' o silencio do rio, quando passa nos logares profundos e sombrios.

Tanto que os dois guerreiros tocaram as mar-

gens do rio, ouviram o latir do cão, a chamal-os, e o grito da ará, que se lamentava.

Estavam mui proximos á cabana, apenas occulta por uma lingua de matto. O christão parou, calcando a mão no peito para soffrear o coração, que saltava como o poraquê.

— O latido de Japy é de alegria, disse o chefe.

— Porque chegou; mas a voz da jandaia é de tristeza. Achará o guerreiro ausente a paz no seio da esposa solitaria, ou terá a saudade matado em suas entranhas o fructo do amor?

O christão moveu o passo vacillante. De repente, entre os ramos das arvores, seus olhos viram, sentada á porta da cabana, Iracema com o filho no regaço, e o cão a brincar. Seu coração o arrojou de um impeto, e a alma lhe estalou nos labios.

— Iracema!...

A triste esposa e mãe soabriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com esforço grande poude erguer o filho nos braços e apresental-o ao pae, que o olhava extatico em seu amor.

— Recebe o filho do teu sangue. Era tempo: meus seios ingratos já não tinham alimento para dar-lhe!

Pousando a creança nos braços paternos, a desventurada mãe desfalleceu como a jetyca, se lhe arrancam o bulbo. O esposo viu então como a dor tinha consumido seu bello corpo; mas a formosura ainda morava nelle, como o perfume na flôr cahida do manacá.

Iracema não se ergueu mais da rêde, onde a pousaram os afflictos braços de Martim. O terno esposo, em quem o amor renascera com o jubilo paterno, a cercou de caricias, que encheram sua alma de alegria mas não a poderam tornar á vida; o estame de sua flôr se rompera.

— Enterra o corpo de tua esposa ao pé do coqueiro que tu amavas. Quando o vento do mar soprar nas folhas, Iracema pensará que é a tua voz que falla entre seus cabellos. O doce labio emmudecera para sempre; o ultimo lampejo despediu-se dos olhos baços.

Poty amparou o irmão na grande dôr. Martim sentiu quanto um amigo verdadeiro é precioso na desventura; é como o outeiro que abriga do vendaval o tronco forte e robusto do ubiratan, quando o cupim lhe broca o amago.

O camocim que recebeu o corpo de Iracema, embebido de resinas odoriferas, foi enterrado ao pé do coqueiro, á borda do rio. Martim quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-o no jazigo de sua esposa.

A jandaia, pousada no olho da palmeira, repetia tristemente:

—Iracema!

Desde então, os guerreiros pytiguaras, que passavam perto da cabana abandonada e ouviam resoar a voz plangente da ave amiga, afastavam-se com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia.

E foi assim que um dia veio a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro e os campos por onde serpeja o rio.

Iracema.

—

O PAMPA

Como são melancholicas e solemnes, ao pino do sol, as vastas campinas que cingem as margens do Uruguay e seus affluentes!

A savana se desfralda a perder de vista, ondulando pelas sangas e cochilas, que figuram as fluctuações das vagas nesse verde oceano.

Mais profunda parece aqui a solidão e mais pavorosa do que na immensidade dos mares. E' o mesmo ermo, porém sellado pela immobilidade, e como que estupefacto ante a magestade do firmamento.

Raro corta o espaço, cheio de luz, um passaro erradio, demandando a sombra, longe, na restinga do mato, que borda as orlas de algum arroio. A trecho

passa o poldro bravio, desgarrado do magote; eil-o que se vae retouçando alegremente babujar a grama do proximo banhado.

No seio das ondas o nauta sente-se isolado: é atomo envolto n'uma dobra do infinito. A ambula immensa tem só duas faces convexas: — o mar e o céu.

Mas em ambas a scena é vivaz e palpitante. As ondas se agitam em constante fluctuação: têm uma voz, murmuram. No firmamento as nuvens cambiam a cada instante ao sopro do vento: ha n'ellas uma physionomia, um gesto.

A tela oceanica, sempre magestosa e esplendida, resumbra possante vitalidade. O mesmo pégo, insondavel abysmo, exhubera de força creadora: myriades de animaes o povoam, que surgem á flôr d'agua.

O pampa, ao contrario, é o pasmo, o torpôr da natureza.

O viandante, perdido na immensa planicie, fica mais que isolado, fica oppresso. Em torno d'elle faz-se o vacuo: subita paralysia invade o espaço, que peza sobre o homem, como livida mortalha.

Lavor de jaspe, embutido na lamina azul do céo — é a nuvem. O chão semelha a vasta lapida musgosa de extenso pavimento. Por toda a parte a immutabilidade. Nem um bafo, para que esta natureza palpite; nem um rumor que simule o balbuciar do deserto.

Pasmosa inanição da vida no seio de um alluvio de luz!

O pampa é a patria do tufão. Ahi, nas estepes nuas, impéra o rei dos ventos. Para as furias dos elementos inventou o Creador as rijezas cadavericas da natureza. Diante da vaga impetuosa collocou o rochedo; como leito do furacão estendeu pela terra as infindas savanas da America e os ardentes areaes da Africa.

Arroja-se o furacão pelas vastas planicies; espoja-se nellas como o potro indomito; convolve a terra e o céu em espesso turbilhão: afinal a natureza entra em repouso; serena a tempestade; queda-se o deserto,

como dantes, placido e inalteravel. E' a mesma face impassivel; não ha alli sorriso, nem ruga. Passou a borrasca, mas não ficaram vestigios. A savana permanece, como foi hontem, como ha de ser amanhã, até o dia em que o verme homem corroer essa crosta secular do deserto.

Ao pôr do sol perde o pampa os toques ardentes da luz meridional. As grandes sombras, que não interceptam montes nem selvas, desdobram-se lentamente pelo campo fóra. E' então que assenta perfeitamente na immensa planicie o nome castelhano. A savana figura realmente um vasto lençol desfraldado por sobre a terra e velando a virgem natureza americana.

Esta physionomia crepuscular do deserto é suave nos primeiros momentos, mas logo após resumbra tão funda tristeza, que estringe a alma.

Parece que o vasto e immenso orbe cerra-se e vae minguando a ponto de espremer o coração.

Cada região da terra tem uma alma sua, raio creador que lhe imprime o cunho da originalidade. A natureza infiltra em todos os seres que ella gera e nutre aquella seiva propria; e fórma assim uma familia na grande sociedade universal.

Quantos seres habitam as estepes americanas, sejam homem, animal ou planta, inspiram n'ellas uma alma pampa. Tem grandes virtudes esta alma. A coragem, a sobriedade, a rapidez, são indigenas da savana. No seio desta profunda solidão, onde não ha guarida para defesa, nem sombra para abrigo, é preciso affrontar o deserto com intrepidez, soffrer as privações com paciencia e supprimir as distancias pela velocidade.

Até a arvore solitaria que se ergue no meio dos pampas é typo destas virtudes. Seu aspecto tem o quer que seja de arrojado e destemido; n'aquelle tronco derreado, n'aquelles galhos convulsos, na folhagem desgrenhada, ha uma attitude athletica. Logo se conhece que a arvore já luctou com o pampeiro e o venceu. Uma terra secca e poucos orvalhos bastam á sua nu-

trição. A arvore é sobria e feita ás inclemencias do sol abrasador. Veio de longe a semente, trouxe-a o tufão nas azas e atirou-a alli, onde medrou. E' uma planta emigrante. Como a arvore são a ema, o touro, o corsel, todos os filhos bravios da savana.

Nenhum ente, porém, inspira mais energicamente a alma pampa do que o homem, — o gaùcho

De cada ser que povôa o deserto: toma elle o melhor: tem a velocidade da ema ou da corsa, os brios do corsel e a vehemencia do touro.

O coração, fel-o a natureza franco e descortinado como a vasta cochilha; a paixão que o agita lembra os impetos do furacão: o mesmo bramido, a mesma pujança.

A esse turbilhão de sentimentos, era indispensavel uma amplitude de coração immensa como a savana.

Tal é o pampa.

Esta palavra, originaria da lingua kechua, significa simplesmente — o plaino; mas, sob a fria expressão do vocabulo, está viva e palpitante a idéa.

Pronunciae o nome como o povo que o inventou. Não vêdes no som cheio de voz que rebôa e se vae propagando expirar no vago, a imagem fiel da savana a dilatar-se por horizontes infindos? Não ouvis n'essa magestosa onomatopeia repercutir a surdina profunda e merencoria da vasta solidão?

Nas margens do Uruguay, onde a civilisação já babujou a virgindade primitiva dessas regiões, perdeu o pampa o seu bello nome americano.

O gaúcho, habitante da savana, dá-lhe o nome de — campanha.

O Gaúcho — 1870.

Manoel Antonio de Almeida

—

RIO DE JANEIRO 1831—1861

Manoel Antonio de Almeida é o romancista apreciado das *Memorias de um Sargento de Milicias*, obra que, pelos costumes nacionaes que descreve, pelo *humour* alegre e pela correcção irreprehensivel da linguagem, é uma das mais interessantes e duradouras que possuimos.

As *Memorias de um Sargento de Milicias* foram publicadas no *Correio Mercantil*, de que era um dos redactores o apreciado homem de letras. Foi nessa folha que Almeida fez a publicação da *Revista Bibliographica*, série de artigos de critica e analyse literaria.

O Dr. Manoel Antonio de Almeida era medico.

Estava encarregado de escrever (commissão do governo) a *Historia Financeira do Brasil*, desde o tempo da colonia, quando, incumbido pelo *Correio Mercantil* de descrever a festa da inauguração do Canal de Campos a Macahé, pereceu no naufragio do vapor *Hermes*, a cujo bordo ia, o qual se fez em pedaços nos recifes denominados *Lages da Tabua*.

Araripe Junior diz que *Manoel Antonio de Almeida, autor das* Memorias de um Sargento de Milicias, *é o romancista de costumes, talvez de mais talento que tem nascido entre nós.*

—

ENTRADA PARA A ESCOLA

E' mistér agora passar em silencio sobre alguns annos da vida do nosso memorando, para não cansar o leitor, repetindo a historia de mil travessuras de menino, no genero das que já se conhecem; foram diabruras de todo tamanho, que exasperaram a visinha, desgostaram a comadre, mas que não alteraram em cousa alguma a amizade do barbeiro pelo afilhado, cada vez esta augmentava, se era possivel, tornava-se mais cega. Com elle cresciam as esperanças do bello futuro com que o compadre sonhava para o pequeno, e tanto

mais que durante esse tempo fizera este *alguns* progressos: lia soletrado soffrivelmente e, por inaudito triumpho da paciencia do compadre, aprendera a ajudar a missa. A primeira vez que elle conseguiu praticar com decencia e exactidão semelhante acto, o padrinho exultou, foi um dia de orgulho e de prazer; era o primeiro passo no caminho para que elle o destinava.

— E dizem que não tem geito para padre, pensou comsigo; ora, acertei o alvo, dei-lhe com a balda. Elle nasceu mesmo para aquillo, ha de ser um clerigo de truz. Vou tratar de mettel-o na escola e depois... toca.

Com effeito, foi cuidar nisso e fallar ao mestre para receber o pequeno; morava este em uma casa da rua da Valla, pequena e escura. Foi o barbeiro recebido na sala, que era mobiliada por quatro ou cinco longos bancos de pinho, sujos já pelo seu uso, uma mesa pequena, que pertencia ao mestre, e outra maior, onde escreviam os discipulos, toda cheia de pequenos buracos para os tinteiros; nas paredes e no tecto havia penduradas uma porção enorme de gaiolas de todos os tamanhos e feitios, dentro das quaes pulavam e cantavam passarinhos de diversas qualidades: era a paixão predilecta do pedagogo.

Era este um homem todo em proporções infinitesimaes, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava de oculos, tinha pretenções a latinista e dava bolos nos discipulos por *dá cá aquella palha*. Por isso era um dos mais acreditados da cidade. O barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou um pouco escabriado á vista do aspecto da escola, que nunca tinha imaginado. Era em um sabbado, os bancos estavam cheios de meninos, vestidos quasi todos de jaqueta ou *robições* de lila, calças de brim escuro e uma enorme pasta de couro ou papelão pendurada por um cordel a tiracollo; chegaram os dois exactamente na hora da taboada cantada. Era uma especie de ladainha de numeros, que se usava então nos collegios, cantada todos os sabbados em uma especie de canto-chão monotono e insupportavel, mas de

que os meninos gostavam muito. As vozes dos meninos junto ao canto dos passarinhos, faziam uma algazarra de doer os ouvidos; o mestre, acostumado áquillo, escutava impassivel, com uma enorme palmatoria na mão, e o menor erro que algum dos discipulos commettia não lhe escapava no meio de todo o barulho; fazia parar o canto, chamava o infeliz, emendava cantando o erro commettido e cascava-lhe pelo menos seis puxados bolos. Era o regente da orchestra, ensinando a marcar o compasso. O compadre expoz, no meio do ruido, o objecto de sua visita e apresentou o pequeno ao mestre.

— Tem muito boa memoria; soletra já alguma cousa, não lhe ha de dar muito trabalho, disse com orgulho.

— E se m'o quizer dar, tenho aqui o remedio: *Santa ferula!* Disse o mestre brandindo a palmatoria. O compadre sorriu-se, querendo dar a entender que tinha percebido o latim.

— E' verdade; faz santas até as féras, disse traduzindo. O mestre sorriu-se da traducção.

— Mas espero que não ha de ser necessaria, accrescentou o compadre.

O menino percebeu o que tudo isto queria dizer, e mostrou não gostar muito.

— Segunda-feira cá vem e peço-lhe que não o poupe, disse por fim o compadre, despedindo-se. Procurou pelo menino e já o viu na porta da rua prestes a sahir, pois que alli não se julgava muito bem.

— Então, menino, sahe sem tomar a benção ao mestre? O menino voltou constrangido, tomou de longe a benção e sahiram então.

Na segunda-feira voltou o menino, armado com a sua competente pasta a tiracolo, a sua lousa de escrever e o seu tinteiro de chifre; o padrinho o acompanhou até á porta. Logo nesse dia portou-se de tal maneira, que o mestre não se pôde dispensar de lhe dar quatro bolos, o que lhe fez perder toda a folia com que entrára; declarou desde esse instante guerra viva á escola. Ao meio-dia veiu o padrinho buscal-o e a primeira noticia

que elle lhe deu foi que não voltaria no dia seguinte, nem mesmo aquella tarde.

— Mas você não sabe que é preciso aprender?...

— Mas não é preciso apanhar...

— Pois você já apanhou?...

— Não foi nada, não senhor; foi porque entornei o tinteiro na calça de um menino que estava ao pé de mim; o mestre ralhou commigo e eu comecei a rir muito...

— Pois você vae se rir quando o mestre ralha...

Isto contrariou o mais que era possivel ao barbeiro. Que diabo não diria a maldicta vizinha, quando soubesse que o menino tinha apanhado logo no primeiro dia de escola?... Mas não havia reclamações, o que o mestre fazia estava bem feito. Custou-lhe bem a reduzir o menino a voltar nessa tarde á escola, o que só conseguiu com a promessa de que fallaria ao mestre para que elle não lhe désse mais. Isto, porém não era cousa que se fizesse e não foi senão um engodo para arrastar o pequeno. Entrou este desesperado para a escola e por principio nenhum queria estar quieto e calado no seu banco; o mestre chamou-o e pol-o de joelhos a poucos passos de si; passado pouco tempo voltou-se distrahidamente e surprende-o no momento em que elle erguia a mão para atirar-lhe uma bola de papel. Chamou-o de novo e deu-lhe uma duzia de bolos.

— Já no primeiro dia, disse, promette.

O menino, resmungando, dirigiu-lhe quantas injurias sabia de cór. Quando o padrinho voltou de novo a buscal-o, achou-o de tenção firme e decidida de não se deixar engodar por outra vez e de nunca mais voltar, ainda que o rachassem. O pobre homem azuou com o caso.

— Ora logo no primeiro dia!... disse comsigo, isto é praga d'aquella maldicta mulher... mas hei de ver quem vence.

Memorias de um Sargento de Milicias.

Joaquim Manoel de Macedo

—

ITABORAHY 1820—1882

E' o mais popular dos nossos romancistas; e, posto que pouco cuidadoso da fórma, como pintor dos costumes da sociedade fluminense foi talvez o mais notavel dos escriptores brasileiros. Escrevia com graça e com certa espontaneidade.

Macedo exerceu o magisterio secundario no Collegio Pedro II, onde ensinou chorographia e historia do Brasil: deixou destas duas disciplinas compendios ainda hoje apreciados.

Os seus romances mais estimados e ainda hoje lidos com interesse são: *O Rio do Quarto*, a *Moreninha*, *o Moço louro*, *Vicentina*, os *Dois Amores*, a *Baroneza do Amor*, e os contos *Victimas algozes*, nos quaes, com elevação e brilhantismo, profligou a escravidão africana. O poema-romance *Nebulosa* é tido como a sua melhor composição poetica. Os seus dramas fizeram successo e as suas comedias fizeram a felicidade das companhias, no seu tempo. O seu theatro é grande, sendo as peças mais apreciadas o *Cego*, *Cobé*, *O Phantasma Branco*, a *Torre em concurso*, etc., etc.

O escriptor fluminense é um nome justamente reputado nas letras brasileiras.

—

O TORRÃO NATAL

Um celebre poeta polaco, descrevendo em magnificos versos uma floresta encantada do seu paiz, imaginou que as aves e os animaes ali nascidos, se por acaso longe se achavam, quando sentiam approximar-se a hora de sua morte, voavam ou corriam e vinham todos expirar á sombra das arvores do bosque immenso, onde tinham nascido.

O amor da patria não póde ser explicado por mais bella e delicada imagem. Coração sem amor é um campo árido, quasi sempre ou sempre cheio de espinhos e sem uma unica flor que nelle se abra e o amenise. Haveria sómente

um homem em quem palpitasse coração tão secco, tão enregelado e sem vida de sentimentos: o homem que não amasse o logar do seu nascimento.

Depois dos paes, que recebem o nosso primeiro grito, o sólo patrio recebe nossos primeiros passos: é um duplo receber que é duplo dar. As idéas grandes e generosas dilatam o horizonte da patria; a religião, a lingua, os costumes, as leis, o governo, as aspirações fazem de uma nação uma grande familia e de um paiz immenso a patria de cada membro dessa familia.

Mas, deixem-me dizer assim, a grande não pode fazer olvidar a pequena patria; dessa arvore magestosa, que se chama a nação, o paiz, não ha quem não sinta que a raiz é a familia e o berço patrio. Ha nesse santo amor uma escala ascendente, que vae do lar domestico á parochia, da parochia ao municipio, do municipio á provincia, da provincia ao imperio: ama se o todo, porque se ama cada uma de suas partes.

Com effeito, é impossivel negar que em suas naturaes e suavissimas predilecções, o coração distingue sempre entre todos os districtos, cidades e diversos pontos do paiz, o torrão limitado do berço patrio; pobre ou mesquinho, esquecido ou decadente, agreste ou devastado, é sempre amado por nós e sempre grato para nós.

E' por isso e por muito mais, é porque foi meu berço, berço daquelles a quem mais amei e amo, é porque no seu seio tenho sepulturas queridas, é porque me guarda em seus lares amigos dedicados, é porque desejo ter em seus campos um abrigo na minha velhice, que começa, e no seu cemiterio um leito para dormir o ultimo somno e, emfim, por todos estes laços da vida e da morte, que a villa de Itaborahy me é tão querida.

O Rio do Quarto.

A MINHA ROSA

A terra desappareceu a meus olhos; por mais que alongue a vista, somente descubro mar e céu.

Indisivel melancholia se apodera de mim; parece-me que já não pertenço ao mundo que habitava... como que não vivo no presente; e triste de mais para sonhar com o futuro, eu quero ao menos recordar o passado.

O momento é opportuno: eu tenho a saudade no

coração, e a saudade pertence tanto ao passado como a esperança é toda inteira do porvir.

Oh! sim! eu quero lembrar-me de meus bellos annos já vividos! oh! sim! o passado é um lago magico de gosos deleitosos, quando a consciencia não tem de que accusar o homem e os remorsos não pesam sobre o coração: e, em momentos de doce malancholia, a alma deixa-se levar nas azas da memoria a esses saudosos espaços decorridos e arroja-se no formoso lago, onde se banha toda esquecida dos pezares do presente e ainda mesmo dos temores do futuro.

Ha sempre nessa vida, que já se viveu, alguns dias de ineffavel ventura, de ventura que se não apreciou devidamente, quando se estava gozando, e que depois se saborêa muito, quando o espirito rumina o passado: ha sempre nesses dias algumas horas de suprema felicidade, que com maviosa saudade são lembrados, que ficam eternamente impressos n'alma, que não se esquecem nunca, que cada dia se tornam mais e mais vivas e que, em muitas occasiões, a pezar nosso, fazem-se lembrar, á força, mil vezes em uma noite, mil vezes em uma hora, semelhantes a essas melodias sympathicas, que, sem que as modulemos, contra a nossa vontade, soam dentro de nós, cantadas docemente por nossa alma no passeio... na assembléa... no trabalho... no leito e durante o somno.

Oh! tambem eu hei de ter meus dias de ineffavel ventura nessa vida, que já vivi; tambem eu devo ter minhas horas de suprema felicidade nesses dias.

Para um coração de mancebo, o porvir é um horizonte cheio de fogo, o presente, uma estrada coberta de espinhos e o passado, um jardim semeado de flôres: tenho tempo de sobra para abrasar-me, sonhando com o meu futuro; amanhã começarei de novo a minha luta com as tormentas do presente; hoje quero, se é possivel, tornar a viver o tempo que já vivi.

Recordarei, portanto, meus bellos annos... tornarei a ver meu lindo jardim... beijarei de novo minhas flôres... e sobre tudo... e antes de todas, a mais formosa entre ellas... a minha Rosa!

Rosa—ed. Garnier—1888.

Bernardo Guimarães

—

OURO-PRETO 1827—1884

Romancista e poeta. Formou-se em direito em S. Paulo e foi professor no Lyceu de Ouro-Preto. Os seus romances de mais nomeada são o *Ermitão de Muquem*, o *Seminarista*, o *Garimpeiro*, a *Escrava Isaura*, *Mauricio* e o *Indio Affonso*. Publicou em volume varias collecções de poesias, entre ellas, a que deu o titulo *Cantos da Solidão*. Escreveu para varios jornaes da provincia, collaborando na imprensa fluminense; no *Jornal do Commercio*, publicaram-se muitas das suas composições poeticas.

Como critico, escreveu varios artigos de analyse literaria para o periodico *Ensaios Literarios*, que no anno de 1847 se publicou na capital paulista.

—

A TABA DO CACIQUE

A taba do velho cacique Oriçanga, mais vasta e mais solida que todas as outras, com sua porta guarnecida de flechas e lanças enfeitadas de vistosos pennachos, com seu tecto de palmas de bagussú tingidas de oca e urucú, mirava-se galhardamente na corrente do Tocantins, e elevava-se entre as outras cabanas como a garça, rainha dos lagos, entre um bando de pequenas aves. A noite se approximava. Sentado á porta da taba sobre a pelle enorme de uma onça negra, Oriçanga esperava com impaciencia que lhe trouxessem vivo ou morto o audacioso estrangeiro, que assim ousava resistir a seus guerreiros, indignado de que tantos combatentes gastassem tanto tempo e achassem tamanha difficuldade em matar ou prender um só homem. Em pé, junto delle, como timida corça junto ao leão deitado, a gentil Guaraciaba tinha tambem os olhos fitos com anciosa curiosidade nas canôas que da outra margem vinham ligeiramente singrando.

Dentro em poucos minutos o corpo de Gonçalo inanimado e banhado em sangue, conduzido em uma rêde com

todas as suas armas, foi posto aos pés do velho cacique. Inimá e seus companheiros precediam o cadaver, soltando clamores de feroz alegria. O cacique, porém, os recebeu com o semblante torvado e ouviu com impaciencia a narração que lhe fez Inimá do combate e da desesperada resistencia do estrangeiro e dos estragos que fez em sua gente. Depois, abanando a cabeça com ar descontente e gesto merencorio, esclamou :

— Ah! Inimá! Inimá! Já não pareces o filho do valente e invencivel Iaboré! Quem diria que não ousaste ir sosinho arrostar a sanha do estrangeiro e que deixaste morrer teus companheiros como uma vara de caetetús ás garras da onça esfaimada !... Mancebos fracos e degenerados de hoje, sois incapazes de encurvar o arco de vossos antepassados! Em outros tempos, quando a idade não tinha ainda branqueado estes cabellos nem quebrado estes pulsos, eu só ou qualquer dos meus valentes, teria esmagado este mancebo com a mesma facilidade com que espedaço este cachimbo — E esmagou entre os dedos o canudo pelo qual aspirava a fumaça da pituma.

A este gesto, a estas duras palavras, bagas de suor frio escorregaram pela testa do joven guerreiro, que batendo os dentes como um queixada enfurecido, com voz convulsa e abafada respondeu :

— Oriçanga! Oriçanga! não profiras taes palavras! A colera te céga, velho cacique, e torna-te injusto. Não penses que esse estrangeiro que acabámos de garrotear era um inimigo vulgar! Não, era um enviado de Anhangá, e estou certo que com elle combatiam contra nós os manitós das trévas occultos entre os ramos da floresta. Se lá te acháras, se presenciasses esse estranho combate e visses por que modo sobrenatural o maldito emboaba se furtava a nossos golpes, por certo não nos julgarias com tão injusto rigor. Mas seja como queres : ao que parece, esse temerario estrangeiro não está morto ainda e é bem possivel que ainda volte á vida; de proposito sopeei a força do meu pulso ao vibrar-lhe o ultimo golpe. Procurem chamal-o á vida, curem-se as suas feridas e, quando de todo tiver recobrado suas forças, que venha medir suas armas commigo. Se aos primeiros botes eu não calcar-lhe o peito debaixo do meu joelho e não escachar-lhe o craneo com um golpe deste tacape, possam os meus olhos nunca mais se encontrar com os da formosa Guaraciaba.

— Seja como dizes, replicou Oriçanga; seja o estrangeiro recolhido a um dos aposentos de minha taba; os pagés pensem suas feridas e ministrem-lhe todos os cuidados que reclama seu estado, e vejam se lhe restituem a vida. Se elle recuperar os sentidos e viver, Inimá, será um sacrificio de excellentes auspicios para o dia em que receberes por esposa em tua taba a gentil Guaraciaba.

Ditas estas palavras, como descia a noite, o velho cacique levantou-se e, a passos lentos, recolheu-se para o interior da cabana.

O espectaculo do corpo de Gonçalo todo ensanguentado e crivado de golpes não fez mais impressões sobre o espirito d'aquelles ferozes selvagens do que o de uma fêra que, em uma partida de caça, acabassem de matar e arrastar para as tabas. Mas não assim para Guaraciaba, que ao ver aquelle bello e garboso mancebo, em cujo rosto inanimado resumbrava a altivez e gallhardia, todo pisado e banhado em sangue, sentiu agitar-lhe o seio um sentimento insolito de interesse e compaixão. Gonçalo, recolhido em um dos compartimentos da taba do cacique, foi alli deitado sobre um leito de macias pelles e confiado aos cuidados de Andiára, o mais veneravel e o mais sabio dos pagés e que primava na arte de curar golpes e toda a qualidade de enfermidades. Guaraciaba prestou-se graciosamente a auxilial-o e quiz ser ella mesma, com encantadora solicitude, a enfermeira do prisioneiro ferido. Andiára examinou com attenção o corpo de Gonçalo e, reconhecendo que a vida ainda não o tinha de todo abandonado, administrou-lhe os primeiros cuidados e concebeu esperança de salval-o.

Inimá, sombrio e cabisbaixo, retirou-se no fundo de sua taba, ruminando na mente as crueis palavras de Oriçanga e entregue aos mais sinistros presentimentos.

O Ermitão de Muquem.

Teixeira e Souza

CABO FRIO 1812—1861

Romancista, dramaturgo e poeta, Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, é o auctor dos romances *As tardes de um pintor ou as Intrigas de um Jesuita, As fatalidades de dois jovens, Maria,* a *Menina roubada*, etc. e dos *Cantos lyricos* e do poema *Os tres dias de um noivado.* Pertence ao seu repertorio a tragedia em cinco actos, *O cavalleiro teutonico ou a freira de Marienburgo*.

Teixeira e Souza viveu sempre pobre.

Delle dizem os criticos que não primava muito pela correcção da fórma; entretanto reconhecem no escriptor fluminense notavel sagacidade descriptiva. Os seus romances, de complicada urdidura, tem, sem contestação, o grande merecimento de descreverem costumes, scenas e typos nacionaes.

O CAMPO DOS CIGANOS

Esta cidade chamada o Rio de Janeiro, assentada sobre a aba occidental da bahia de Nictheroy, hoje tão populosa, tão commercial, tão vasta e que, como um emporio da America meridional, ameaça de, dentro em pouco, ser um collosso americano, crescendo sem descontinuar a olhos vistos, ha um seculo que nem a sombra do que é hoje, então era. O bairro da Misericordia, como então se chamava, era o principal da cidade; e d'ahi até á Prainha, e das praias de D. Manoel, do Peixe e de Braz de Pina, hoje dos Mineiros, até um tanto acima da rua da Valla, é o que era a principal parte da cidade: tudo mais eram casas salteadas aqui e alli; edificios que começavam a apparecer e uma nascente cidade que principiava a sahir do nada, estendendo se por entre as gargantas das collinas, aproveitando algumas pequenas elevações, já entre um, já entre outro pantano de aguas lamacentas e paludosas, de que todo o terreno estava

coberto e de cerrado mangue, cujos fugitivos restos ainda hoje vemos bordando o Aterrado da cidade nova.

A bella praça, chamada hoje da Constituição, era naquelle tempo o campo dos ciganos, e não passava de um pequeno campo irregular, pantanoso, cheio de arvores, onde algumas pequenas e rasteiras casas rareavam, flanqueando o campo, que mais tarde deveria ser uma formosa e bella praça espaçosa.

D'ahi seguia-se por um lado, e a sahir ao grande campo, que hoje chamamos da Acclamação, a rua dos Ciganos, que outra cousa não era além de uma larga estrada entre algumas pequenas casas, cujas janellas eram guarnecidas de esteiras ou rotulas de taquara, em vez das vidraças de hoje e das venezianas; e essas pequenas e irregulares palhoças pareciam mais capoeiras de aves, que habitações humanas.

Tanto o campo dos ciganos, como a rua, não tinham estes nomes porque fossem dados arbitrariamente, não, que nesse bairro nascente da cidade e coberto de toda sorte de immundicies é onde se haviam estabelecido uma multidão de ciganos, dados a toda sorte de vicios e de máus costumes; e á proporção que a educação e a civilisação avançavam pela cidade dentro, estes ciganos recuavam e se iam embrenhando, como se fossem antipodas da civilisação e bons costumes. Ainda hoje os vemos habitando a beira do Aterrado, ladeira do Sacco, etc.

Ora, como este bairro da cidade era o menos frequentado e o mais deserto, principalmente de noite, era tambem alli onde se homisiavam soldados desertores, marinheiros que abandonavam a marinha real, escravos fugidos a seus senhores, os evadidos de prisões, degredados que haviam acabado seu degredo e, emfim, toda sorte de bandidos, que se uniam com os gitanos para roubarem, matarem, etc.

Muitas pessoas rancorosas, que tinham alguma vingança a exercer, ou que para seus planos de ambição, julgavam que sobre a terra havia alguem demais, dirigiam-se á tasca da rua dos ciganos, certos de que encontrariam alli um braço que não tremia e um punhal que não dobrava; e, mediante a ridicula quantia de uma meia duzia de dobras, o exito era seguro.

As tardes de um pintor — 1868.

MACHADO DE ASSIS

—

V. na parte *Caracteres e questões sociaes*, deste livro, a biographia do mestre, magistralmente traçada por Araripe Junior, á qual julgamos apenas necessario accrescentar que, tendo sido um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, foi por seus pares eleito presidente da douta Associação.

—

UM APOLOGO

Era uma vez uma agulha, que disse a um novello de linha:

— Porque está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma cousa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, porque? Porque lhe digo que está com um ar insupportavel? Repito que sim, e fallarei sempre que me dér na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— De certo que sou.

— Mas por quê?

— E' boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o panno, nada mais: eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o panno,

vou adiante, puxando por você, que vem atraz obedecendo ao que eu faço e mando...

— Tambem os batedores vão adiante do imperador.

— Você, imperador?

— Não digo isso. Mas o que é verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vae só mostrando o caminho, vae fazendo trabalho obscuro e infimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou á casa da baroneza. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baroneza, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atraz della. Chegou a costureira, pegou do panno, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas pelo panno adiant,e que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ageis como os galgos de Diana — para dar a isto uma côr poetica. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia ha pouco? Não repara que esta distincta costureira só se importa commigo; eu é que vou aqui entre os dedos della, unidinha a elles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ella, silenciosa e activa, como quem sabe o que faz e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ella não lhe dava resposta, calou-se tambem e foi andando. E era tudo silencio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no panno. Cahindo o sol, a costureira dobrou a costura para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile e a baroneza vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessario. E emquanto compunha o vestido da bella dama e puxava a um lado, ou outro, arregaçava d'aqui ou d'alli, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora, agora diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baroneza, fazendo parte do vestido e da elegancia? Quem é que vae dançar com ministros e diplomatas, emquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada ; mas um alfinete de cabeça grande e não menor experiencia, murmurou á pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Canças-te em abrir caminho para ella e ella é que vae gozar da vida, emquanto ahi ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguem. Onde me espetam, fico.

Contei esta historia a um professor de melancholia, que me disse, abanando a cabeça : — Tambem eu tenho servido de agulha a muita linha ordinaria !

Varias Historias— *1896*.

Visconde de Taunay

—

RIO DE JANEIRO 1843—1899

O Visconde de Taunay (Alfredo d'Escragnole Taunay) é, sem contestação, um dos vultos brasileiros deste seculo, que mais honraram a patria, para cujo progresso, para cuja gloria e fama elle sempre trabalhou, sabendo amal-a como os que mais a amaram. Talento robusto, servido por uma grande e variada illustração, Taunay foi soldado, escriptor, historiador, parlamentar, politico, professor, engenheiro de profissão, romancista, critico, dramaturgo, compositor musical, etc., e em todas estas variadas e diversas manifestações do seu bello talento, mostrou aptidões especiaes.

Mas a face principal da sua grande obra é o seu *brasileirismo* e o amor intenso e forte que, a cada passo, elle manifestava á patria, para quem a sua morte foi uma perda irreparavel.

As obras de Taunay, que por si sós, bastavam para garantir-lhe o posto que tem na literatura nacional, são o romance *Innocencia, esse typo encantador, digno de figurar* — escreveu um critico portuguez — *na mais formosa galeria literaria, ao lado da Cecilia, de Alencar*, e a *Retraite de Laguna*, que lhe valeu merecidamente o cognome de Xenophonte brasileiro. Taunay publicou mais: *Mocidade de Trajano, Ouro sobre azul, Historias brasileiras, Céus e terras do Brasil, O encilhamento, No declinio, Scenas de viagem, Narrativas militares*, etc., etc. Foi assiduo collaborador da *Revista Brasileira*. Pertencia á Academia Brasileira de Letras e ao Instituto Historico, em cuja revista escreveu importantes artigos.

—

O SERTÃO

Corta extensa e quasi despovoada zona da parte sul-oriental da vastissima provincia de Matto-Grosso a estrada que da villa de Sant'Anna do Paranahyba vae ter ao sitio abandonado de Camapoan. Desde aquella

povoação, assente proxima ao vertice do angulo em que confinam os territorios de S. Paulo, Minas-Geraes, Goyaz e Matto-Grosso, até ao Rio Sucuriú, affluente do magestoso Paraná, isto é, no desenvolvimento de muitas dezenas de leguas, anda-se commodamente de habitação em habitação mais ou menos chegada uma da outra; rarêam, porém, depois as casas, mais e mais, e caminha-se largas horas, dias inteiros, sem se ver morada, nem gente até ao retiro (*) de João Pereira, guarda avançada d'aquellas solidões, homem chão e hospitaleiro, que acolhe com carinho o viajante desses alongados páramos, offerece-lhe momentaneo agazalho e o provê da matalotagem precisa para alcançar os campos de Miranda e Pequiry, ou da Vaccaria e Nioac, no baixo Paraguay.

Alli começa o sertão chamado bruto (**)

Pousos succedem a pousos, e nenhum tecto habitado ou em ruinas, nenhuma palhoça ou tapera dá abrigo ao caminhante contra a frialdade das noites, contra o temporal que ameaça ou a chuva que está cahindo. Por toda parte, a calma da campina não arroteada; por toda parte, a vegetação virgem, tão virgem, como quando ahi surgiu pela vez primeira.

A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se á maneira de alvejante faixa, aberta que é na aréa, elemento dominante na composição de todo aquelle sólo, fertilizado aliás por um sem numero de limpidos e borbulhantes regatos, cujos contingentes são outros tantos tributarios do rio Paraná e do seu contravertente, o Paraguay.

Essa arêa solta e um tanto grossa tem côr uniforme que reverbera com intensidade os raios do sol, quando nella batem de chapa. Em alguns pontos é tão fôfa e movediça, que os animaes das tropas viajeiras arquejam de cansaço, ao vencerem aquelle terreno in-

(*) Retiro em Matto-Grosso é o logar onde os criadores reunem o gado para contar e dar sal.

(**) Sem moradores. — N. do auctor.

certo, que lhes foge de sob os cascos e onde se enterram até meia canella.

Frequentes são tambem os desvios que da estrada partem de um e de outro lado e proporcionam na matta adjacente trilha mais firme, por ser menos pesada. Se parece sempre igual o aspecto do caminho, em compensação mui variadas se mostram as paizagens em torno.

Ora é a perspectiva dos *cerrados*, (*) não desses cerrados de arvores rachiticas, enfezadas e retorcidas de S. Paulo e de Minas-Geraes, mas de garbosas e elevadas madeiras que, se bem não tomem todo o corpo de que são capazes á beira das aguas correntes ou regadas pela lympha dos corregos, comtudo ensombram com folhuda rama o terreno que lhes fica em derredor e mostram na casca lisa a força da seiva que as alimenta; ora são campos a perder de vista, cobertos de macega alta e alourada, ou de viridente e mimosa grama, toda salpicada de sylvestres flôres; ora successões de luxuriantes capões, (*) tão regulares e symetricos em sua disposição que sorprendem e enfeitiçam os olhos; ora, emfim, charnecas meio apauladas, meio seccas, onde nasce o altivo bority e o gravatá entrança o seu tapume espinhoso.

Nesses campos, tão diversos pelo matiz das côres o capim crescido e resiccado pelo ardôr do sol transforma-se em vicejante tapete de relva, quando lavra o incendio que algum tropeiro, por acaso ou méro desenfado, atêa com uma faúlha do seu isqueiro.

Innocencia.

(*) Florestas de arbustos de 3 a 4 pés de altura, mui chegados uns aos outros.

(*) Excellente palavra brasileira, derivada da lingua geral, cáá-raun (matto isolado).— N. do auctor.

Carlos de Laet

—

RIO DE JANEIRO—1847

O Dr. Carlos de Laet é um dos mais justamente reputados cultores das letras patrias.

Escriptor correctissimo, grande conhecedor da lingua de Camões, póde-se escrever do mestre o que elle disse do Visconde de Castilho: *é profundamente versado nos arcanos melodicos da nossa lingua.*

Estylista primoroso. professor emerito, mais de uma questão importante de linguistica, no que principalmente se refere ao estudo da lingua vernacula, tem sido proficientemente tratada, magistralmente elucidada e esclarecida pelo eminente philologo. Sua opinião abalisada e valiosa é sempre acatada e acceita, como de quem vem.

Como jornalista, ainda não se apagaram da memoria de todos quantos amam as letras brasileiras esses admiraveis folhetins que, subordinados ao titulo de *Microcosmo*,— um primor de linguagem, de critica e de arte — Laet publicou no rodapé do *Jornal do Commercio*, aos domingos.

E' para lastimar que tão bellas chronicas hebdomadarias, onde tantos e tão variados assumptos de real interesse para a lingua, para a sociedade e para a arte, foram tratadas com a costumada elevação e o conhecido criterio, não fossem ainda até hoje reunidos em volume!

Carlos de Laet, que durante a guerra civil se retirara para Minas, trouxe-nos de lá, ao voltar, o seu livro, um conjuncto de estudos de critica, narrações de viagem e philosophia, ao qual intitulou *Em Minas*.

O Dr. Carlos de Laet tem uma cultura literaria admiravel e, como polemista, é temivel e é temido.

Ainda aqui podemos applicar ao notavel pensador. (mutatis mutandis), o que elle escreveu de Jose Feliciano de Castilho: *é poeta, historiador, prosador critico, verdadeiro polygrapho, este eminente vulto das letras brasileiras.*

E' da Academia Brasileira de Letras.

—

S. JOSÉ D'EL-REY

Ha cidades gemeas. Buda á margem direita, Pest á esquerda do Danubio offerecem claro exemplo

desta geminação. Separadas até 1873, acabaram por confundir-se administrativamente e de fórma que hoje com um só vocabulo agglutinado são nomeadas pelos geographos. Liverpool e Birkenhead, cada qual de seu lado do Mersey, deparam outro specimen do facto a que nos referimos.

Constantinopla e Scutari formariam o terceiro, se mister houvesse de insistir. De uma cidade gemea não se falla, sem que ao seu nome immediatamente se associe o de sua irmã. Uma prolonga, desenvolve e explica a outra. Assim acontece com S. João d'El-rey e com Tiradentes ou S. José d'El-rey, antiga denominação, que, não sendo a official, é, comtudo, a mais usada. Por isso, tendo longamente abusado da paciencia dos leitores, com as impressões que nos ficaram de alguns dias de estada em S. João, talvez que com igual tolerancia nos sejam permittidas poucas palavras a respeito da sua gemea, S. José.

***

Estamos na plataförma da estrada de ferro do Oeste de Minas, em S. João d'El-rey. São oito e meia horas da manhã. O trem que vae até ao Sitio, aguardar o expresso para o Rio, deve sahir ás seis e quarenta. Na extensa varanda asphaltada cruzam-se apressados os viajantes e carregadores de malas. Ha um padre que vae para Mariana, séde episcopal do Sul de Minas; alguns policiaes que regressam a Juiz de Fóra, depois de haverem soltado nas ruas de S. João um pobre louco, processo curioso e expedito, que, nas cidades que o adoptarem, dispensará a necessidade de asylos psychiatricos; mostram-se, finalmente, muitas physionomias, onde a lhaneza habitual do lavrador mineiro finamente se allia á sagacidade que lhe é peculiar.

Mettamo-nos tambem nessa turba e occupemos um dos poucos bancos que ficaram vagos: vamos a S. José d'El-rey. Até lá não póde a excursão levar mais de vinte a trinta minutos de viagem, se tanto. As duas irmãs moram perto uma da outra. Hygienico passeio

para um cavallo de boa andadura; apenas um arranco para o hyppogrypho de musculos de aço.

Partimos. Pouco tarda que á direita se nos antolhem as caieiras que ficam nas divisas dos municipios de S. João e de S. José. A celebre gruta conhecida pelo nome de *Casa de pedra*, é, naquelle municipio, a obra da natureza nos terrenos calcareos de uma collina. De vez em quando exhibe-se, como enorme serpente fulva a collear por sobre o tapete verde da campina, o rio das Mortes, já bastante largo e caudaloso, ainda mesmo em quadra secca. Mais uns minutos — e eis-nos na estação de Tiradentes. E' de mesquinha apparencia o edificio onde nos apeamos. A cidade fica acerca de kilometro e meio. Do ponto onde nos achamos, avista-se grande igreja: é a matriz. Suas torres nos vão guiar na procura do escondido nucleo de população, outr'ora um dos mais importantes de Minas.

Deliciosa frescura amenisa o ambiente. A perfeita solidão em que logo nos sentimos redobra o encanto da agreste paisagem. Ao fundo a terra mal vestida de vegetação e deixando ver, atravez dos rasgões do manto verde, a ossatura cyclopica, onde ha veios de ouro. Sobre a serra e sobre a varzea o vasto docel de azul turqueza, aqui e alli interrompido por cirrus leves e fugitivos, quaes plumas adejantes.

Caminhavamos vagaroso, com o passo descuidado antes de *flaneur* que de viajante, quando, subito, recebemos da natureza salutar aviso: tinhamos acordado ás cinco horas e já eram mais de sete e meia sem que ao menos tivessemos tomado a habitual canequinha de café... Assim formámos logo tenção de ser uma das nossas primeiras visitas ao hotel da localidade.

Entrámos em S. José por uma grande praça. Altas hervas alli crescem folgadamente sem receio dos capineiros municipaes. Entre os edificios, pequena igreja — Bom Jesus dos Pobres, segundo nos informam. No centro do largo, uma columna em honra do Tiradentes. Na ordem dos monumentos, este figura muito, muitissimo

abaixo da columna Trajana, da Antonina e da de Vendôme... E' de pedra plastica na terra da pedra verdadeira. As pedreiras circumjacentes abundam de excellentes materiaes para obras artisticas. Marmores brancos e de veios azulados facilmente se deparam nas montanhas. Nestas condições a pedra artificial parece-nos infelicissima idéa.

A columna, de ordem composita, assenta sobre pedestal da mesma materia e este sobre tres ou quatro degráus cimentados. Em cima da columna, uma urna funeraria. Ladeiam o pedestal quatro pilastrinhas unidas por correntes, e em uma de suas faces lê-se breve inscripção, em latim gentilmente fornecido pelo Sr. Dr. Castro Lopes. Diz assim:

« Joachino Josepho A Silva Xavier — Brasiliæ Libertatis — Protomartyri — Illius civitatis Incolæ — Hoc Monumentum — Sumptu Publico — Erigendum — Curaverunt — Die Vigesimo Primo Aprilis — A. D. MDCCCXCII — Flos Libertatis Tandem De— Sanguine Gemmat. »

O que em dialeto fluminense mais ou menos quer dizer :

« A Joaquim José da Silva Xavier, protomartyr da liberdade brasileira, os habitantes d'aquella cidade erigiram, á custa do Estado, este monumento em 21 de Abril de 1892. Finalmente brota do sangue a flôr da liberdade.

Relativamente ao latim, só faremos, com a devida venia, uma observação, aliás sem peso, porque vem de quasi leigo na materia. Queremos fallar do *illius.* Aprendemos com o mesmo Sr. Dr. Castro Lopes e outros mestres, que o *ille*, *illa*, *illud*, correspondendo em portuguez ao demonstrativo *aquelle, aquella*, *aquillo*, envolve referencia a pessoas ou cousas distantes. Ora, estando o monumento na praça principal da cidade e portanto dentro desta, não comprehendemos o emprego do demonstrativo que indica maior distancia.

Além disso, não devia ser *Joachino*, mas *Joachimo*, conservando o *m*, segundo o latim lithurgico.... Erros de cópia, talvez, mas que alli ficarão eternisados, ou, se não tanto, ameaçando ter a duração da pedra plastica.

Em Minas — 1895

Olavo Bilac

—

RIO DE JANEIRO — 1865

E', da geração actual, o primeiro poeta brasileiro, pela expontaneidade do seu estro, pela correcção da fórma e pelo cuidado com que trata a lingua, de que é cultor consciencioso e correctissimo.

Lyrico mavioso, o seu verso sae fluente e acabado, como um jorro de limpida agua pura de uma fonte de crystal. Publicou um volume de *Poesias* (Panoplias, Via Lactea e Sarças de Fogo) e as *Chronicas e Novellas*, magnifico livro de contos, historia e viagens.

Olavo Bilac escreve, aos domingos, primorosas chronicas na *Gazeta de Noticias*, e collabora em innumeros jornaes e revistas, nacionaes e estrangeiros. E' auctor, de parceria com o Dr .Manoel Bomfim, de um excellente livro didactico e publ:cou ainda um poema sobre os descobrimentos maritimos dos portuguezes, commemorando o centenario do Gama.

Olavo pertence á Academia Brasileira de Letras.

—

ENTRE RUINAS

Sobre os rosaes silvestres, abertos em flôres, nas faixas de ouro dos ultimos raios do sol, dansa o vôo leve das abelhas, e apenas o seu sussurro povôa a solidão destes sitios ermos.

As gameleiras — as amigas de todas as ruinas — estão quietas e mudas, sem uma só palpitação de folha, com a ramaria dura, irrompendo dos escombros desta rua phantastica e deserta, como uma rua de sonho, cujo calçamento antigo, de grandes lageas avermelhadas, quasi desapparece sob um tapete espesso de matto curto.

Estamos entre as ruinas da rua da Agua Doce, em Ouro-Preto, arteria principal da vida de ha duas

centenas de annos, longa avenida que sóbe em declive suave desde o centro do bairro do Padre Faria, até perto das Aguas Ferreas, de onde já se avista a estrada de Marianna.

De todas as ruinas, entre as quaes a minha extravagancia andou por sete mezes de solidão passeiando, é esta a mais triste e, ao mesmo tempo, a mais bella.

Nos outros pontos em que se amontoam destroços de habitações, as massas de pedra apparecem de espaço a espaço, deixando ver que entre as casas havia quintaes, pastos, roças, campos incultos. Mas aqui a construcção é compacta e cerrada; os alicerces de uma casa encostam-se aos alicerces de outra, as paredes tocam-se, e, com quasi uma hora de marcha, segue-se por uma verdadeira rua central de cidade, como a rua do Ouvidor. A differença é que, desta rua do Ouvidor dos bandeirantes, sómente as paredes das casas subsistem.

O matto cobre as calçadas de banda a banda. E se alguma cousa, além do sussurro das abelhas, que voam sobre os rosaes silvestres, quebra o silencio profundo, que pesa sobre estes logares, é o rumor surdo dos nossos passos, abafado pelas hervas que pisamos.

Vamos, dous curiosos, sem fallar, de ouvido aberto á voz mysteriosa das cousas mortas, que só em sonho se ouve, caminhando de vagar, com um recolhimento piedoso na alma, como se estivessemos seguindo a alameda de um cemiterio.

E de repente, no mesmo instante, com a mesma idéa que nos preoccupa o espirito a romper dos labios, recitamos juntos o maravilhoso soneto de Raymundo Corrêa, cuja musica divina canta chorosamente no ar silencioso, entre as pilastras quebradas e os muros roidos, a que a luz crúa da tarde dá um aspecto de decoração de magica...

« Aqui outr'ora retumbaram hymnos...
Muito coche real nestas calçadas
E nestas praças, hoje abandonadas,
Rodou, por entre os ouropeis mais finos.

Arcos de flôres, fachos purpurinos,
Trons festivaes, bandeiras desfraldadas,
Gyrandolas, clarins, atropeladas
Legiões de povo, bimbalhar de sinos...

Tudo passou... Mas destas arcarias
Negras e destes torreões medonhos
Alguem se assenta sobre as lages frias!

Espalha os olhos humidos, tristonhos
Em torno... E chora como Jeremias,
Sobre a Jerusalém de tantos sonhos... »

Um calafrio nos corre a medula. E só então, precisa e definitiva, se nos revela a suprema belleza desses versos: e, involuntariamente, olhámos em torno, esperando ver sentada a um dos escombros, a figura esqualida do propheta das Lamentações, de barba intonsa desgrenhada ao vento, com uma dôr, melancolica e terrivel ao mesmo tempo, ullulando nos labios, que o desespero retorce. Seguimos. E, de improviso, a uma curva que faz a rua de ruinas, um espectaculo inesperado nos sorprende. Sobre os alicerces solidos de uma das habitações seculares, levanta-se uma pobre casa rustica, feita ás pressas e ás tontas, para aproveitar as pedras da construcção antiga. Um perfume vivo, penetrante, callido, erra no ar. E notamos que a entrada do casebre está adornado de palmas verdes que rodeiam as portas, destacando-se frescas do velho fundo da parede mal rebocada.

Approximamo-nos curiosamente. Entramos. Uma sala pequena, modestamente mobiliada. O chão é de terra, sem soalho. O tecto é de esteira trançada. Mas não se vêem as muralhas: porque, de cima á baixo, ellas desapparecem sob um manto de folhagens, de galhadas verdes, em cuja trama, se desfazem em perfumes os grandes lyrios rutilantes — essas admiraveis flôres a que o povo dá o nome de *copos de leite,* enormes, de uma brancura sem jaça, de um aroma que embriaga sensual a capitoso...

Sobre os moveis, pelo chão, esplendem ramalhetes de *grinaldas de noivas*, pequeninas flôres que se recortam á feição das flores de laranjeiras.

E' um casamento que se festeja n'uma familia de trabalhadores pobres. Um encanto indefinivel paira sobre a casinha, tão singela, mas tão ricamente enfeitada. E nem todas as pompas, nem todos os assombros de luxo e de riqueza, cuja descripção andou ha pouco tempo enchendo os jorraes, por occasião do casamento da princeza de Inglaterra, em Londres, valem a celebração ingenua desse matrimonio de pobres, entre ruinas, dentro de uma nuvem de flôres.

No scenario melancolico desta rua de outra idade, de que até mesmo os ultimos destroços já vão cahindo, desfeitos no pó em que tudo acaba, essa cerimonia de reunião de duas vidas que se vão prolongar em outras, tem qualquer cousa de altamente dramatico, que empolga a alma aborrecida do mundo, extasiando-a, mergulhando-a na fonte reconstituinte e rejuvenescedora do consolo e da crença.

E, ao sahir da casa, já os nossos olhos vêem com menos tristezas as ruinas.

Já das paredes desconjunctadas, sobem elles para o céu que arde, para as arvores que se levantam para a natureza forte, que não morre, que se agita e canta perpetuamente, com a mesma mocidade, e que, ha duzentos annos, quando uma turba multa de caminhantes rolava por esta rua, quando pelas janellas destas paredes, hoje cahidas, sahia o vozear dos homens, das mulheres, das creanças, quando o trabalho e a ambição enchiam de vida e de barulho este centro da Villa Rica primitiva, — tinha o mesmo riso moço e inalteravel que tem hoje, depois de ter visto desapparecerem os caminhantes, ruirem as paredes, envelhecerem as crianças, e caber todo o infinito da cobiça de uma geração no espaço de sete palmos de cova, — espaço pequeno demais para a enormidade do nosso orgulho, mas,

grande demais ainda para a insignificancia do nosso valor real.

Chronicas e Novellas, *1893—1894*.

FERREIRA DE ARAUJO

—

RIO DE JANEIRO 1848—1900

O Dr. José Ferreira de Souza Araujo, o mestre do jornalismo brasileiro, foi a mais perfeita e completa organisação jornalistica que tem produzido o Brasil.

Tendo redigido varios jornaes e collaborado em muitos outros, foi na *Gazeta de Noticias* que Ferreira de Araujo conquistou o bello nome que deixou.

Com extraordinarias aptidões para a imprensa, reveladas desde moço, talento robusto e fino observador, Ferreira poderia, elle só, fazer todo o jornal, desde o reflectido e doutrinador artigo politico até a chronica ligeira e leve ou o folhetim alegre e despretencioso.

Elle escrevia as *Cousas Politicas,* criteriosas chronicas, cheias de bom senso e elevação de vista, e, columnas adeante, na mesma folha, os *Macaquinhos no Sótão*, de *Zé Telha* ou as *Bálas de estalo*, de *Lulú Senior*, chistosos artiguetes de critica inoffensiva de costumes e typos.

Grande coração e grande alma, aberta a todas as idéas nobres e generosas, foi ardente paladino da abolição e de todas as grandes idéas e reformas que se têm realisado no paiz.

Ferreira de Araujo escreveu para o theatro peças originaes, como o *Fagundes*, comedia em 3 actos e o arranjo em 3 actos *Os Medicos*. e traduziu outras peças theatraes, como a *Baroneza* e *Filha unica*. Publicou uma traducção da obra de *Figuier, Depois da morte*.

Era medico, formou-se aos 20 annos e a sua these, defendida com brilho, versou sobre o ponto *Da alimentação e das febres no Rio de Janeiro*. Foi medico do hospital militar durante a guerra do Paraguay. De Ferreira de Araujo disse Quintino Bocayuva, n'um momento celebre, que o illustre redactor da *Gazeta de Noticias* resumia em si os tres espiritos dominantes do jornalismo francez: Emile de Gerardin, Armand Carré e Julio Janin.

Ferreira de Araujo falleceu no dia 21 de Agosto de 1900.

—

CORAÇÃO

Eu não sou o defensor do coração feminino, nem

o seu justo e fiel interprete. Em cousas de — coração — feminino ou masculino, não importa, porque é sempre o mesmo musculo ôco — eu não defendo nem acuso: — observo.

E' um theatro em que se representam todas as scenas, das mais tragicas ás mais burlescas. E' um manequim a que se accommodam todas as mascaras, a do tyranno e a do hypocrita. E' um instrumento em que todas as cordas vibram, e que nem sempre anda afinado. Umas vezes, restricto e quieto como o altar em que só pode estar um santo, outras vezes amplo e bulhento como uma hospedaria em que entram caras novas todos os dias.

E nada lhe altera a natureza. Puro e sereno como o céu sem nuvens, negro e sombrio como uma noite de tempestade, é sempre o mesmo coração humano.

Falla uma lingua que em todas as nações se entende, mas de que ninguem pode fixar as regras. Aninha todas as virtudes e todos os vicios, tendo uma moral sua, que o leva com igual impulso, pelo bem ou pelo mal, para o fim almejado: a satisfação do eu.

Aquillo mesmo que se combinou chamar abnegação, sacrificio, é o egoismo depurado, a quinta essencia do gozo, que consiste em soffrer, para ter o prazer de evitar o soffrimento áquelle a quem o coração se dedica.

Eu creio que no coração humano ha o germen de tudo o que ha de bom e máu na natureza: o succo de todas as plantas, as que nutrem e as que matam; um pouco de todos os animaes indistinctamente, leões e cordeiros, o pelicano e o abutre, os que voam e os que se arrastam, as mariposas, que morrem na luz, e os microbios, que nascem na podridão.

Como estranhar que elle seja sublime e covarde, adoravel e repugnante, heroicamente grande ou microscopicamente mesquinho? Ponham agora esta peça na machina que se chama mulher, e admirem-se de que ella se adeante ou se atraze, se desfaça ou arrebente, tenha convulsões e espasmos, suba ou desça, a perder de vista, para os astros ou para os charcos.

Ao que lhe vem da natureza accrescente-se o que lhe vem do mundo exterior. Recebe impressões e accommoda-as; umas para guardal-as com prazer, outras para guardar contra ellas um sentimento de repulsão. Tudo isto o alerta, o agita, o commove, o traz em um estado electrico, que facilita a sua tendencia natural para ser capaz de tudo.

E irei dar sentença sobre tal réu, ser juiz com tal mordomo! Não; eu não sou o defensor do coração feminino, nem o seu justo e fiel interprete. Procuro ler esse livro, que é como o céu, sempre o mesmo, mas sempre novo.

Domicio da Gama

—

ESTADO DO RIO—MARICA'—1863

Domicio Affonso da Gama é um artista da palavra. Escriptor correcto, forma impeccavel, conceituoso, analysta profundo, os seus *Contos a meia tinta* são dos melhores que se têm publicado na lingua de Eça de Queiroz. Desde cedo mostrou vocação decidida pela literatura.

Foi, em Paris, correspondente da *Gazeta de Noticias*, cargo de que se desempenhou com a maior competencia e assignalado brilho. Foi secretario do Barão do Rio-Branco, que, na Suissa, defendeu os nossos direitos, na questão de limites com a França; junto ao mesmo diplomata já Domicio exerceu igual cargo na famosa questão das missões.

Domicio da Gama exerce hoje o cargo de 2º secretario da Legação brasileira junto ao Vaticano.

E' um caracter e uma illustração, servidos por um talento robusto e brilhante.

Tem escripto em muitos jornaes brasileiros, portuguezes e francezes. E' da Academia Brasileira de Letras, onde occupa a cadeira de que é patrono Raul Pompeia.

—

MARIA SEM TEMPO

Era magra, pequena, escura. Tinha a extrema humildade dos que vivem longos annos sob o céu destruidor, sem pensar ao menos em resistir á sorte, com a passividade inerte da folha que o vento rola pelos caminhos. Era assim mirrada e secca e sombria, como se tivesse perdido a seiva ao ardor dos estios, como se guardasse das noites sem estrellas o negrume cada vez mais denso. Era louca porque só tinha uma idéa e a creatura humana póde não ter idéas, mas não póde ter só uma. A sua era o angustioso desassocego das maternidades mallogradas. Perdera um fiiho e procurava-o.

Andava pelos caminhos para buscal-o e só levantava a voz para chamal-o, anciosamente, carinhosamente : «Luciano ! Meu filho !... » E escutava longo tempo por traz das cercas, no aceiro dos mattos. á entrada dos terreiros das fazendas, nos desertos e nos povoados, onde quer que a levasse a sua dolorosa esperança. Aquella figura miseravel, toda feita n'um gesto indagador, com a mão abrigando os olhos, á espreita, ou levantando o chale, que lhe encobria a cabeça de cabellos hirtos, para ouvir melhor a resposta ideal, aquella encarnação de um desejo sempre illudido enturvava o esplendor do mais radioso meio-dia.

Gente compassiva, donas de casa a quem se apertava o coração ouvindo echoar pelas estradas o seu reclamo desolador, quizeram retel-a, dar-lhe amparo e agasalho : « Aonde vae, sinhá Maria ? Fique com a gente, mulher ! Por estes sóes que matam, assim ao desabrigo do tempo, o que faz uma creatura de Deus ? Descance uns dias e vá então... » Mas a louca escusava-se resolutamente : « Não tenho tempo, minha senhora. Vou ao encontro do meu Luciano, que me disse que havia de voltar. Como não tenho mais casa, preciso de estar no caminho. Não vá elle passar emquanto aqui estou... » E precipitava-se para fóra, exhalando o seu grito : « Luciano ! Meu filho Luciano !... » E Maria Sem Tempo não era uma licção nem um castigo, nem um exemplo. Se alguma cousa ella provava, era que ha soffrimentos que nada provam e que nada justifica, que *são*, pela razão obscura daquillo que tem de ser. A sua miseria nem era tragica, porque não exclamava, não lutava, não indagava. O céu rigoroso era-lhe como um senhor cruel, que a pobre escrava não entendia e sob cujos golpes encolhia-se apenas. Vivera para ser mãi : soffria disso, como disso outras jubilam.

Quem a encontrava pelos desertos, longe de todo amparo, ás horas tristes do dia, pensava logo com piedade na solidão da sua alma. Mas, se iam fallar-lhe, ella não mostrava-se agradecida á sociedade que lhe que-

riam dar: recahia logo no seu silencio absorto, tão occupado pelo seu sentimento.

O meu Luciano! dizer estas palavras era para ella o mesmo que sentir-se viva! Dizia-as alto, gritando, clamando, enchendo as grotas e os recantos das florestas com o sen alarido de araponga louca; dizia-as baixinho, suspirando, fundindo o coração n'um ajoelhamento de prece, na prostação suprema do supremo amor. E ás vezes, caminhando horas ao longo da praia, com os cabellos sacudidos pelo vento do largo, vacillando sobre a areia branca e infirme que entontece, ella cantava ao mar em furia a canção monotonamente sublime da sua pena sem fim.

Elles eram dois humildes e mansos e os soberbos e violentos lá de longe fizeram uma guerra para mal delles, uma guerra de tantos annos durando já, que os cabellos da mulata tiveram tempo de embranquecer. E o seu Luciano sempre por lá, longe da sua velha, que só tinha a elle no mundo e que não pudéra oppôr-se a que partisse, porque com o poder de homens, que o vieram buscar naquella noite, tinha-se juntado todo o poder celeste, estrondando n'uma trovoada de arrazar o mundo. Quando chegaram os homens maldictos, ella estava com seu filho rezando a *Magnificat*, á claridade da véla benta accesa em frente ao registro da advogada contra o raio. A voz delle tinha uma toada grave e cheia de fervor, que lhe quebrava a ella a friura do medo no coração. Ai! não era dos raios e coriscos do céu que a pobre mulher devia recear! N'um silencio entre dois refegões do vento, bateram de repente á porta. Luciano foi abrir e logo um homem entrando, antes de dizer uma palavra, foi-lhe deitando a mão. O rapaz deu um pulo, esquivando-se, mas o outro gritou e a casa encheu-se de gente armada, soldados que subjugaram seu filho e o amarraram. Ella conhecia um dos homens, o que tinha entrado primeiro: de joelhos, como tinha ficado deante da santa, arrastou-se aos pés d'elle. — « Seu capitão, não me tire o meu filho, que não commetteu crime. Tenha piedade de uma pobre mãi. » O capitão meio emba-

raçado, sem convicção, resmungou umas phrases, fallou em defesa da patria, em honra nacional offendida, dever de todo brazileiro e não sei que mais. Mas a mulher não lhe deu ouvidos; viu que lhe tiravam o filho para a matança nos campos do Sul e desatinou de todo, a pedir, a supplicar, de rastos pelo chão, beijando os pés e abraçando pelos joelhos os seus carrascos, sem poder mais chegar ao filho das suas entranhas. O Capitão começou a se incommodar com a scena e deu ordem de partir, apezar da tempestade no seu auge. Então Maria indireitou-se, arquejante sobre os joelhos e viu, enquadrado pela porta aberta sobre a noite negra cortada de relampagos, o seu bello rapaz, que, sem chapéu, de roupas rôtas, mostrando o peito nú, levantava para ella as mãos algemadas, n'um gesto de adeus, lhe dizia com voz tremula e sentida: « Não se desconsole, Mãe, que ainda hei de voltar... » Nesse instante um fuzil cegou-a e o estampido immediato de um trovão derribou-a por terra. Quando tornou a si, estava sósinha, no meio da noite escura. Parece que esta entrou-lhe devéras pela mente e lhe apagou as ultimas claridades que lá luziam. Ella desinteressou-se de tudo o que occupa as vidas mais humildes, desprendeu-se, por uma inattenção absoluta dos factos que podem servir de marca aos dias, perdeu a noção do tempo, perdeu as suas affeições menores, enclausurou-se, absorveu-se no seu unico sentimento, transformado em culto, endoideceu.

Como sempre fôra uma pobre intelligencia, a sua loucura não se caracterizou senão por uma teimosia especial, passiva, mas inflexivel, uma recusa absoluta a ceder aos argumentos dos que queriam convencel-a de que o filho não andava por aquellas bandas e que não era gritando pelos caminhos que ella havia de o recuperar. Elle lhe dissera que havia de voltar... Essa promessa não lhe deixava logar no espirito nem para a idéa da morte. Quando lhe disseram que Luciano morrera n'um combate, que um voluntario que voltára ferido o tinha visto cahir ao seu lado no campo,

e ao seu lado morrer no hospital de sangue, ella sacudiu a cabeça, incredula. A força da idéa fixa venceu-lhe a timidez natural e tirou-lhe todos os escrupulos e receios que a pudessem deter no cumprimento do seu fadario. Na abstracção poetica é assim um caracter heroico. Os signaes physicos de loucura estavam-lhe nos olhos perdidos como os de um cão de caça, desattentos ou muito attentos, mas sem sympathia, e nos cabellos hirtos, erriçados, como n'um perenne arripio de pavor. O resto, mãos e pés de nomade selvagem, miseria profunda do corpo desprezado, fizera-o o ascetismo inconsciente da sua existencia errante. A voz cantante, plangente antes, arrastava-se, apoiando-se demais em certas syllabas, como quem chama. E fallando baixo tinha umas inflexões escuras, vindas mais de dentro, o tom reflexivo de quem pensa em voz alta.

Sonhava muito, quando dormia e prolongava o seu sonho, sempre o mesmo, pela vigilia. Era com o dia da volta delle que sonhava, com a hora em que, avistando-o, lhe dissesse: « Bemdicto seja Deus, meu filho, que te torno a ver! » Elle abaixaria os olhos deante do seu olhar carinhoso, com os seus modos tão bonitos de bom filho e depois lhe contaria o que tinha visto pelas terras longes, a historia da sua ausencia, as grandezas do mundo, as lindezas das outras gentes, tudo o que ella nem podia imaginar que fôsse, tudo evocaria o som da sua voz, cuja lembrança bastava para lhe encher os olhos de lagrimas. E voltariam a levantar a casa arruinada, o ninho velho d'onde a má sorte os enxotára, a refazer a vida antiga, humilde e pobre, que ella não trocaria pela de uma rainha, com Luciano... Sonhava e procurava o seu sonho, correndo as estradas. Mas não se afastava dos sitios familiares, algumas leguas de circuito, tres municipios, a patria. Mais longe já parece que a lingua mudava ou pelo menos mudavam os costumes. Eram mais duros para a pobre mãe, como se ella pudesse fazer mal, ou não entendiam-n'a e desconfiavam. Um dia chegou ao pé de uma cidade muito bonita: as casas tinham vidros que

faiscavam ao sol; nas ruas passava muita gente, toda calçada de botinas, os homens de gravata no pescoço, as mulheres de chapéus com flôres, todos muito soberbos; carros e cavalleiros passavam á toda pressa, fazendo muito barulho nas pedras da calçada. Appareceram uns soldados e a pobre Maria fugiu espavorida. Era alli, sem duvida, que moravam os que lhe tinham arrancado o seu Luciano. Disseram-lhe mais tarde que ella quasi tinha estado na Praia Grande, que era para onde iam os designados para o recrutamento militar, mas que não era alli que elles batalhavam.

O invencivel terror do desconhecido impediu-a de ir procurar o filho nos campos do Sul. O Sul sabia ella onde era: de lá vinham as peiores borrascas e os tiros de canhão, que diziam de gala na cidade — para ella eram batalhas mais perto, a guerra que se approximava. Se com a guerra lhe apparecesse um dia de repente Luciano! Quando o ar estava pesado, o tempo de *oraça*, ella escutava estremecendo o troar surdo dos canhões que salvavam no Rio, avaliando a approximação da guerra pela sonoridade mais clara dos tiros, que lufadas de aragem quente e banzeira traziam. Um dia de verão, depois do meio-dia, ella vinha subindo da restinga do mar para a terra firme. Não passava ninguem pelas estradas. O sol de fogo retorcia a folha das arvores e fazia ferver o miolo da douda vagabunda. No grande silencio da calma acabrunhante só se ouvia o zumbido do enxame de mutucas importunas, que acompanham a gente pelos caminhos, á beira dos charcos, e o canto de gallos longe. O chão escaldava; a douda movia rapido os magros pés descalços e caminhava de braços levantados, sustentando o chale acima da cabeça. Mas de instante em instante parava, com um gesto de impaciencia, e abaixava-se para atirar uma pedrada ou um punhado de areia nos cameleões cinzentos, que vinham pôr-se á beira do caminho, debaixo dos gravatás de folhas de serra e flôr vermelha, e lhe faziam signaesinhos bregeiros com a cabeça, quando ella passava. Sobre a ponte do Paracatú parou para ver uma co-

bra verde, que se lavava no magro fio d'agua que ainda corria. Depois entrou na sombra do caminho estreito, com arvores dos dois lados, um desfiladeiro entre a lagoa e a barranca de um morro á pique, e deteve-se a colher os cachimbos de jatitás verdes para refrescar a bocca sequiosa. Passou um cavalleiro pela estrada e no ouvido ficou-lhe a cadencia do meio galope, acompanhamento da toada favorita de Luciano, quando falquejava no matto :

Os olhos de Joanita
São pretos como carvão...

Fôra ella que lh'a ensinára, em pequenino. Vinha de tão longe a cantiga do *mineiro da Serra!* Vinha de antes das tristezas d'ella... Cerrou-se-lhe a garganta e retomou a estrada. Já ia pondo a mão á cancella do campo do capitão Rosa, quando um tiro de canhão troou os ares; depois outro e outro e em seguida um estrondo prolongado, como o de uma casa desabando. Maria Sem Tempo pensou na guerra. Chegára emfim! A artilharia destruia as grossas muralhas da casa da fazenda. Só lhe admirava aquelle silencio depois da catastrophe. Deu a volta para ir espreitar pela outra cancella, e não entendeu mais nada, quando viu a casa em pé, o gado no campo, e na lombada do morro do Cantagallo o eito de escravos no trabalho, manejando as enchadas, em que o sol faiscava. Alli estava tudo em paz; no céu nem uma nuvem quebrava a dureza do azul implacavel: d'onde vinha então aquelle troar de canhões?

A douda approximou-se da fazenda, mas sahiram-lhe cães bravos ao encontro e ella regressou do meio da ladeira. Deu então volta ao morro pelo lado do brejo, para entrar pelo engenho. Mas ao passar pelo campinho de dentro, onde se soltavam os animaes de sella e as lavadeiras estendiam a roupa a córar, pareceu-lhe que ouvira devéras a cantiga do *mineiro da Serra*, a cantiga da saudade, que lhe entrava pelos ouvidos em vez de resoar-lhe apenas na memoria esvaida.

Transpoz a cerca de bambús em moitas sussurrantes e encontrou um cavouqueiro, dos que alli andavam a arrebentar pedra para construcção, que descia da pedreira e vinha jantar. Maria perguntou-lhe anciosamente: « O meu filho? E' o meu Luciano quem está cantando? » O homem respondeu: « E' o Luciano, sim, mas não vá para lá agora, que elle vae pegar fogo á mina. » A douda não lhe deu mais attenção e embarafustou pelos cafesaes acima. Chegando á entrada da pedreira, viu um rapaz meio pendurado de uma corda de nós, que acabava de arranjar os estopins e punha fogo á mina. Ella gritava: « Meu filho? E's tu, meu Luciano? » O Chico Macahé, que já ia marinhando pela corda acima, voltou-se espavorido: « Meu Deus! Que faz ahi, sinhá Maria? Fuja, que ahi vae pedra! Corra, suma-se depressa, mulher! » E como ella estacasse attonita, elle lançou mão de uma pedra para afugental-a. A mãe louca viu o gesto e, pondo as mãos na cabeça, despenhou-se pelo cafesal da grota. Alguns segundos mais e a mina rebentava e Maria sentia cahir-lhe em torno uma chuva de pedras miudas, emquanto ao longo da pedreira as grandes lascas desabavam fragorosamente. Maria Sem Tempo cahiu extenuada sob uma grande mangueira no meio do campo. Na perturbação da emoção profunda todas as idéas se lhe confundiram e o desvario completo entrou-lhe na mente.

Era aquillo a guerra e era o seu filho que a fazia contra ella. O homem dissera que era elle e a cantiga não a enganára. Para encontrarem-se daquelle modo vivera ella tão longos annos, penando pelos caminhos! A' idéa de que pudéra ter morrido aos golpes do filho estremecido, um calafrio sacudiu-a toda convulsivamente e por fim as pernas se lhe inteiriçaram. Depois, a necessidade de abandonar toda a esperança quebroulhe as derradeiras forças. Uma toalha de gelo espremeu-lhe o coração n'um grito de agonia infinita e Maria Sem Tempo morreu.

Algumas horas depois uma trovoada formava-se e um raio cahia sobre a arvore que abrigava o cada-

ver. A tempestade passou e os escravos, que, voltando da roça, foram ver o tronco lascado, descobriram a morta. Os respingos da chuva lhe tinham coberto o rosto de terra e os olhos esgazeados já pareciam olhar do fundo da sepultura. Um dos escravos abaixou-se para lh'os fechar, dizendo : « Coitada de Sinhá Maria! Vá que ella agora descance de procurar o filho!... » E outro, velho, resmungou, sem saber que tão bem dizia : « Esta morreu de ser mãe ! »

Contos a meia tinta, Paris, Imprensa Lahure, 1891.

Affonso Arinos

—

MINAS

Affonso Arinos, cujo bello livro de estréa, *Pelo Sertão*, foi recebido e acolhido pela critica com francos applausos, revelou-se, logo á primeira prova, um escriptor feito, estylista conhecedor da sua arte, um narrador simples, elegante e correcto.

Observador e analysta, Affonso Arinos descreve com mão de mestre os costumes provincianos e pinta com pulso firme mais de um typo do sertão.

Muitos dos seus primorosos contos foram publicados pela *Revista Brasileira*, como o *Assombramento, Joaquim Mironga*, *Pedro Barqueiro*, etc.

O illustrado escriptor é hoje um dos redactores do *Commercio de S. Paulo*, que se publica na capital paulista.

—

OS TROPEIROS

(Do Assombramento)

O escampado se ennoitecera, e com elle o rancho e a tapéra. O rôlo de cêra ha pouco acceso e pregado ao pé direito do rancho, fazia uma luz fumarenta. Embaixo da tripeça, o fogo estalava ainda. De longe vinham ahi morrer as vozes do sapo-cachorro, que latia, lá n'um brejo afastado, sobre o qual os vagalumes teciam uma trama de luz vacillante. De cá se ouvia o resfolegar da mulada, pastando espalhada pelo campo. E o sincerro da madrinha, badalando compassadamente aos movimentos do animal, sonorizava aquella grande extensão erma.

As estrellas, em divina faceirice, furtavam o brilho ás miradas dos tropeiros, que, tomados de languor,

banzavam, estirados nas caronas, apoiadas as cabeças nos serigotes, com o rosto voltado para o céu.

Um dos tocadores, rapagão do Ceará, pegou a tirar uma cantiga. E pouco a pouco, todos aquelles homens errantes, filhos dos pontos mais afastados desta grande patria, suffocados pelas mesmas saudades, unificados no mesmo sentimento de amor á independencia, irmanados nas alegrias e nas dôres da vida em commum, responderam em côro, cantando o estribilho. A principio, timidamente, as vozes meio veladas deixaram entre ouvir os suspiros; mas, animando-se, animando-se, a solidão foi se enchendo de melodia, foi se povoando de sons dessa musica espontanea e simples, tão barbara e tão livre de regras, onde a alma sertaneja soluça ou geme, campeia victoriosa ou ruge traiçoeira — irmã gemea das vozes das féras, dos roncos da cachoeira, do murmulho suave do arroio, do gorgeio delicado das aves e do tetrico fragor das tormentas. O idyllio ou a luta, o romance ou a tragedia viveram no relevo extraordinario desses versos mutilados, dessa linguagem brutesca da tropeirada.

E, emquanto um delles rufando um sapateado, gracejava com os companheiros, lembrando os perigos da noite nesse ermo — consistorio das almas penadas — outro, o Joaquim Pampa, lá das bandas do Sul, interrompendo a narração de suas proezas na campanha, quando corria á cola da bagualada girando as bolas no punho erguido, fez calar os ultimos parceiros, que ainda acompanhavam nas cantilenas o cearense peitudo, gritando-lhe ;

— Ché, povo ! Tá chegando a hora !

O ultimo estribilho :

Deixa estar o jacaré
Que a lagôa ha de seccar !

expirou magoado na boca daquelles poucos, amantes resignados, que esperavam um tempo mais feliz, onde os corações, duros das morenas ingratas amollecessem para seus namorados fieis :

Deixa estar o jacaré
Que a lagôa ha de seccar!

O tropeiro apaixonado, rapazinho esguio, de olhos pretos e fundos, que contemplava absorto a barra do céu, ao cahir da tarde, estava entre estes; e quando emmudeceu a voz dos companheiros ao lado, elle concluiu a quadra com estas palavras, ditas em tom de fé profunda, como se evocasse magoas longo tempo padecidas:

Rio Preto ha de dar vau
Té p'ra cachorro passar!

Aluizio Azevedo

—

MARANHÃO

Irmão de Arthur Azevedo, Aluizio mostrou aptidões bem diversas d'aquelle, fazendo-se romancista, e romancista de real e incontestavel merecimento. Os seus typos são pintados com firmeza e as descripções locaes são admiraveis de verdade e de precisão. A linguagem é correcta, tendo, entretanto, notavel originalidade no dizer e no narrar.

Tem sido jornalista, foi professor desde muito moço, guarda-livros, chegando mesmo, com um momento critico da vida, a ser gerente de hotel!

Os seus livros de maior nomeada são os romances: *O Mulato*, o primeiro que escreveu, o *Coruja*, o *Cortiço*, *Casa de pensão*, *Mysterios da Tijuca*, *Philomena Borges*, *A mortalha de Alzira*, *O livro de uma sogra*, etc., e o livro de contos *Demonios*. Tem escripto alguns dramas, comedias e revistas, quasi sempre de parceria com Arthur Azevedo.

Pertence actualmente ao nosso corpo consular, cujo concurso fez, tendo nota de distincto.

Tem em preparação um livro sobre o Japão, onde esteve como nosso consul.

E' da Academia Brasileira de Letras.

—

A PEDREIRA

Meio-dia em ponto. O sol estava a pino; tudo reverberava á luz irreconciliavel de Dezembro, n'um dia sem nuvens. A pedreira, em que ella batia de chapa em cima, cegava, olhada de frente. Era preciso martyrisar a vista para descobrir as nuances da pedra, nada mais que uma grande mancha branca e luminosa, terminando pela parte de baixo no chão coberto de cascalho miúdo, que ao longe produzia o effeito de um betume cinzento, e pela parte de cima, na espessura compacta do arvoredo, onde se não distinguiam outros

tons mais do que nodoas negras, bem negras, sobre o verde escuro.

A' proporção que os dois se approximavam da imponente pedreira, o terreno ia se tornando mais e mais cascalhudo; os sapatos enfarinhavam-se de uma poeira clara. Mais adeante, por aqui e por alli, havia muitas carroças, algumas em movimento, puxadas a burro e cheias de calhaus partidos, outras já promptas para seguir, a espera do animal, e outras, emfim, com os braços para o ar, como se acabassem de ser despejadas naquelle instante. Homens labutavam.

A' esquerda, por cima de um vestigio de rio, que parecia ter sido bebido de um trago por aquelle sol ardente, havia uma ponte de taboas, onde tres pequenos, quasi nús, conversavam assentados, sem fazer sombra, illuminados a prumo pelo sol do meio-dia. Para adeante, na mesma direcção, corria um vasto telheiro, velho e sujo, firmado sobre columnas de pedra tosca; ahi muitos portuguezes trabalhavam de canteiro, ao barulho metalico do picão que feria o granito. Logo em seguida surgia uma officina de ferreiro, toda atravancada de destroços e objectos quebrados, entre os quaes avultavam rodas de carro, em volta da bigorna dois homens, de corpo nú, banhados de suor e alumiados de vermelho como dois diabos, martellavam cadenciosamente sobre um pedaço de ferro em brasa; e ali mesmo, perto delles, a forja escancarava uma guela infernal, d'onde sahiam pequenas linguas de fogo, irrequietas e gulosas.

João Romão parou á entrada da officina e gritou para um dos ferreiros:

— O' Bruno! Não se esqueça do varal da lanterna do portão!

Os dois homens suspenderam por um instante o trabalho.

— Já lá fui ver, respondeu o Bruno. Não vale a pena concertal-o; está todo comido de ferrugem! Faz-se-lhe um novo, que é melhor!

— Pois veja lá isso, que a lanterna está a cahir!

E o vendeiro seguiu adeante com o outro, emquanto atraz recomeçava o martello sobre a bigorna.

Em seguida via-se uma miseravel estrebaria, cheia de capim secco e excremento de bestas, com logar para meia duzia de animaes. Estava deserta, mas no vivo fortum exhalado de lá, sentia-se que fôra habitada ainda aquella noite. Havia depois um deposito de madeiras, servindo ao mesmo tempo de officina de carpinteiro, tendo á porta troncos d'arvores, alguns já cerrados, muitas taboas empilhadas, restos de cavernas e mastros de navio.

D'ahi á pedreira restavam apenas uns cincoenta passos, e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moida, que sujava como cal.

Aqui, ali, por toda parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folhas de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro, aperfeiçoavam lagedos á ponta de picão; mais adeante, faziam parallelipipedos a escopro e macete. E todo aquelle retintim de ferramentas e o martellar da forja, e o côro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava idéa de uma actividade feroz, de uma lucta de vingança e de odio. Aquelles homens gottejantes de suor, bebedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demonios, revoltados na sua impotencia contra o impassivel gigante que os contemplava com desprezo, imperturbavel a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando, sem um gemido, que lhe abrissem as entranhas de granito.

O membrudo cavouqueiro havia chegado á fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, medio-o de alto a baixo, arrogante, n'um desafio surdo.

A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavra-

do flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, affrontando o céu, muito ingreme, lisa, escaldante e cheia de cordas, que mesquinhamente lhe escorriam pela cyclopica nudez, com um effeito de têas de aranha. Em certos logares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando sobre um precipicio miseraveis taboas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quaes uns atrevidos pigmêos de fórma humana equilibravam-se, desfechando golpes de picareta contra o gigante.

Arthur Azevedo

MARANHÃO — 1855

E' um dos mais justamente apreciados escriptores nacionaes. Poeta correctissimo e original, contista, escriptor jornalista, é principalmente como comediographo que Arthur Azevedo tem um nome altamente reputado e individualidade definitivamente afirmada. Suas comedias, finamente engraçadas, urdidas com arte, são modelos no genero. As suas poesias, esparsas pelos jornaes, davam para mais de um volume. Os seus contos têm sido publicados, sob os titulos de *Contos possiveis*, *Contos fóra da moda*, *Contos ephemeros*. As suas peças theatraes são, entre muitas outras, *A joia*, *Amor por annexins*, *Vespera de Reis*, *A filha de Mme. Angú*, etc., e ultimamente *O Badejo*, primorosa comedia em verso.

Tem collaborado em varias folhas dos Estados e da capital da Republica. Mostrou desde tenra idade, decidida vocação para a imprensa, tendo fundado e mantido, no Maranhão, *O Domingo*.

Arthur Azevedo tem empenhado todos os seus esforços para levantar o theatro nacional do abatimento em que cahiu.

O benemerito homem de letras pertence á Academia Brasileira de Letras, occupando a cadeira de que é patrono o nosso grande comediographo Penna.

PLEBISCITO

A familia está toda reunida na sala de jantar. O Sr. Rodrigues palita os dentes, repimpado n'uma cadeira de balanço. D. Bernardina, sua esposa, está muito entretida a limpar a gaiola de um canario belga. Os pequenos são dois, um menino e uma menina. Ella distrahe-se a olhar para o canario. Elle, encostado á mesa, os pés cruzados, lê com muita attenção uma das folhas diarias. De repente o menino levanta a cabeça e pergunta:

— Papá, que é *plebiscito*?

O Sr. Rodrigues fecha os olhos immediatamente para fingir que dorme. O pequeno insiste:

— Papá?

Pausa.

— Papá?

D. Bernardina intervem:

O' *seu* Rodrigues, Manduca está chamando, não durma depois do jantar, que lhe faz mal.

Rodrigues não tem remedio senão abrir os olhos.

— Que é? Que desejam vocês?

— Eu queria que papá me dissesse que é *plebiscito*?!

— Ora essa, rapaz! Então tu vaes fazer doze annos e não sabes ainda o que é *plebiscito*?!

— Se soubesse não perguntava.

Rodrigues volta-se para D. Bernardina, que continúa occupada com a gaiola:

— O' senhora, o pequeno não sabe o que é *plebiscito*!

— Não admira que elle não saiba, porque eu tambem não sei.

— Que me diz?! Pois a senhora não sabe o que é *plebiscito*?!

— Nem eu, nem você: aqui em casa ninguem sabe o que é *plebiscito*.

— Ninguem, alto lá! Eu creio que tenho dado provas de não ser nenhum ignorante!

— A sua cara não me engana, você o que é é muito disfarçado. Vamos: se sabe, diga o que é *plebiscito*? Então? A gente está esperando! Diga!...

— A senhora o que quer é fazer-me zangar.

— Mas, homem de Deus, porque não ha de você confessar que não sabe? Não é nenhuma vergonha ignorar a significação de qualquer palavra. Já o outro dia foi a mesma cousa, quando Manduca lhe perguntou o que era proletario. Você fallou, fallou, fallou, e o menino ficou sem saber!

— Proletario, acudiu vivamente o Sr. Rodrigues, é o cidadão pobre que vive do trabalho mal remunerado.

— Sim, agora sabe porque foi ver no diccionario. Mas dou-lhe um doce se me disser o que é *plebiscito* sem se arredar dessa cadeira!

— Que gostinho tem a senhora em tornar-me ridiculo na presença destas crianças.

— Oh! ridiculo é você mesmo quem se faz. Seria tão simples dizer: Não sei, Manduca, não sei o que é *plebiscito*; váe buscar o diccionario, meu filho.

O Sr. Rodrigues ergue-se de um impeto e brada:

— Mas eu sei!

— Pois se sabe, diga!

— Não digo para me não humilhar deante de meus filhos! Não dou o braço a torcer. Quero conservar a força moral que devo ter nesta casa! Vá para o diabo!

E o Sr. Rodrigues exasperadissimo, nervoso, deixa a sala de jantar e vae para o seu quarto, batendo violentamente a porta. No quarto havia o que elle mais precisava naquella occasião: algumas gottas de agua de flôr de laranja e um diccionario.

A menina toma a palavra:

— Coitado de papá! Zangou-se logo depois do jantar! Dizem que é tão perigoso!

— Não fosse tolo, observa D. Bernardina e confessasse francamente que não sabia o que é *plebiscito!* Se elle não soubesse, por exemplo, o que se entende por emissão ou fundo metalico, seria uma vergonha; mas não saber o que é *plebiscito* é a cousa mais natural deste mundo. Elle não é politico, é negociante.

— Pois, acode Manduca, muito pesaroso por ter sido o causador involuntario de toda aquella discussão: pois sim, mas a mamã chame o papá e façam as pazes.

— Sim! sim! façam as pazes! diz a menina n'um tom meigo e supplicante. Que tolice! Duas pessoas que se estimam tanto zangarem-se por causa do *plebiscito!*

D. Bernardina dá um beijo na filha e vae bater á porta do quarto.

— *Seu* Rodrigues, venha cá para dentro; não vale a pena zangar-se por tão pouco.

O negociante esperava-a. A porta abre-se immediatamente. Elle entra, atravessa a casa e vae sentar-se na cadeira de balanço.

— E' boa! brada o nosso homem, depois de largo silencio: é muito boa! Eu! eu ignorar a significação da palavra *plebiscito*! Eu!...

A mulher e os filhos approximaram-se delle, que continúa n'um tom profundamente dogmatico: — *Plebiscito*... E olha para todos os lados, a ver se ha por alli mais alguem que possa aproveitar a lição.

— *Plebiscito* é uma lei decretada pelo povo romano, estabelecido em comicios.

— Ah! — suspiram todos alliviados.

— Uma lei romana, percebem? E querem introduzir no Brasil! E' mais um estrangeirismo!...

Affonso Celso

—

MINAS-GERAES — OURO-PRETO — 1860

E' um dos vultos mais sympathicos da nossa literatura hodierna, pela naturalidade e expontaneidade com que escreve. Tem composições poeticas delicadissimas e em prosa tem paginas de incontestavel merecimento. Politico militante no antigo regimen, é depois da Republica que mais se tem accentuado a sua individualidade literaria, a julgar, pelo menos, pela qualidade e pela quantidade das suas producções após o advento do regimen democratico.

Affonso Celso tem publicado: *Preludios, Devaneios, Telas sonantes, Poemetos, Camões, Vultos e factos, Minha filha, O Imperador no exilio, Lupe, Rimas de outr'ora, Notas e ficções, Um invejado, Guerrilhas, Giovanina*, romance dialogado á feição de Ibsen, *Contradictas monarchicas*, etc., e traduziu em verso a *Imitação de Christo*. Escreve assiduamente na *Revista Brasileira*. Pertence a Academia Brasileira de Letras e ao Instituto Historico.

E' official da Legião de Honra, de França.

—

S. JOÃO D'EL-REI

Pittoresca localidade S. João d'El-Rei! Tiradentes, ha um seculo, reservava-a para capital do estado livre que sonhara fundar.

Como nas grandes metropolis européas, corta-a um rio pelo meio. Risonho e attrahente o aspecto geral. Outr'ora opulento emporio de mineração.

Cidade de verão das mais procuradas, hoje em dia, — delicioso clima, casando o conforto de um centro civilisado á salutar simpleza campesina. População genuinamente mineira: lhana, affavel, independente.

Magnificas igrejas dominam-lhe as eminencias.

S. João goza da justa celebridade de ser talvez o ponto do Brasil onde mais solemne pompa revestem as cerimonias da liturgia christã. Musica religiosa, não a ouvi ainda tão impressionadora como alli.

N'um dos templos, mostra-se imagem devida, no dizer da chronica, ao celebre *Aleijadinho*, vulto lendario de Minas, artista inculto e genial, cuja tradição bisarra vive na imaginação popular, em curiosos traços sobrenaturaes. Contam que, depois de levar annos estudando o mecanismo das azas dos passaros, fabricou um apparelho com o qual conseguiu voar. Apezar da deformidade physica de que lhe resultou o appellido, artista insigne era-o, sem duvida: esculptor e architecto. Producções realmente notaveis attestam o seu valor. Contractava a confecção de figuras de santos, sua especialidade; encerrava-se semanas inteiras n'um aposento, sem instrumentos visiveis de trabalho e recusando tomar alimentação. Sumia-se um bello dia mysteriosamente, deixando a obra acabada, quasi sempre um primor.

Em virtude de prescripção medica, sahiamos quotidianamente, minha esposa e eu, perambulando sem rumo. Recordavamos essas tocantes legendas e admiravamos a incomparavel natureza, respirando o ar diaphano e puro. Subiamos a ladeira de um morro que sobrancêa a povoação, coroado de pequena capella. Sentados nos degráus da entrada, esqueciamos as horas, observando as casas, — manchas brancas orladas de verde —, os campos ondulados e, serpejando ao longe o rio das Mortes, assim sinistramente denominado, por causa de obscuras guerras nos tempos coloniaes.

Seguiamos outras occasiões pela rua larga á margem do rio. Eleva-se ahi a cadêa. Em monotona inacção penduram-se os condemnados ás grades, mettendo a cabeça por entre os varões. Distrahem-se a ver os transeuntes. Caras sinistras e lividas — grenhas

immundas. Causavam-nos pena e vago terror. Em certas horas suscitavam-nos admiração.

Custava-nos a crêr houvesse no mundo crimes e criminosos!

Minha filha.

Coelho Netto

—

MARANHÃO—1865

Henrique Coelho Netto é dos nossos escriptores modernos talvez o que mais tem produzido. O seu estylo é primoroso, e se tem revelado cuidadoso cultor da fórma, que elle trata com amor e carinho.

Tem publicado um grande numero de volumes de contos e romances, a maior parte dos quaes se podem considerar excellentes: *Rhapsodias, Capital Federal, Praga, Balladilhas, Bilhetes postaes, Inverno em flôr, Rei phantasma, Miragem,* são livros de incontestavel merito.

Coelho Netto ultimamente voltou-se para o theatro nacional, para o qual tem escripto delicadas peças, acompanhadas de musica por Leopoldo Miguez : *O Diabo, Loteria do amor, A noite, Pelo amor,* etc.

Coelho Netto é professor de Historia das Artes na escola de Bellas Artes.

Pertence á Academia Brasileira de Letras.

—

O BERÇO

Entre violetas e rosas, pequenino e risonho, as mãosinhas cruzadas sobre o peito, Dedê, de cinco mezes, dorme para todo o sempre. Veste-lhe o corpinho rechonchudo a mesma cambraieta com que foi á pia; á cabecinha loura, a mesma touca branca. Parece que esperam que desperte para leval-o novamente á igreja. Baby, de tres annos, guarda o pequenino irmão. Sabe que dorme, porque lh'o disseram. Para não acordal-o, pisa de manso, cautelosa, apertando nos braços Colombina. O sol faz um véusinho translucido para o rosto risonho de Dedê. Os cyrios empallidecem e as flôres vão murchando junto do corpo frio do defunto.

—

Batem palmas á porta. Baby estremece. Aperta mais Colombina e lança um olhar ao irmão, receiosa de que o tenha despertado. Mas Dedê não desperta: dorme, as mãosinhas cruzadas sobre o peito, como rezando. Batem palmas de novo. Baby, pisando de mansinho, cautelosa, vae á porta e, coitadinha! não consegue abafar um grito ao dar com os olhos no africano velho, que traz debaixo do braço, como um estojo, o pequenino esquife côr de rosa e branco, cercado de franjas de ouro. Baby não consegue suffocar um grito, bate as palmas, contente, deixa cahir Colombina e entra a correr annunciando: « Está ahi o berço novo de Dedê! Está ahi o berço novo de Dedê!» E com voz de choro, agarrando-se ás saias da avó tremula, que vae compondo ramos para o pequenino, implora: « Mandas fazer um berço igual para mim, vósinha? Mandas fazer, vósinha? » E, para convencel-a, beija-lhe repetidas vezes a mão magra, e a velha, soluçando, beija-lhe os cabellos louros.

—

Ha dias, indo de visita á casa, encontrei-a silenciosa. Fóra, no rosal, já não cantavam passaros; dentro, no interior, berços não se balançavam. Senti que alli faltava alguma cousa:... não havia barulho. A mãe, viuva, de vez em vez, levantando a cabeça, punha os olhos no céu e baixava-os molhados; a velha não fallava. Senti que alli faltava alguma cousa. Por acaso, voltando os olhos, descobri Colombina sobre uma peanha. Pobre Colombina! Lembrei-me então de Baby e perguntei por ella. A velhinha fitou-me. A mãi baixou os olhos, soluçando

Teria a complacente avó satisfeito o pedido da creança? Teria a velha dado a Baby um berço côr de rosa e branco, igual ao de Dedê? E não foi outra cousa... essas velhas avós fazem tantas vontades aos netinhos!...

Raul Pompeia

—

RIO DE JANEIRO—1863—1895

Raul d'Avila Pompeia, cuja morte tragica foi um desastre irreparavel para a patria e para as letras brasileiras, era um artista e era um pensador!

Esse livro admiravel do *Atheneu*, cuja fórma impeccavel e o estylo sublime tão fundamente nos impressionam e tão agradavelmente nos encantam, esse livro extraordinario. cujo apparecimento foi um acontecimento no nosso meio literario, onde marcou uma época, esse livro bastava para sagral-o um artista, um escriptor feito, original e completo. O *Atheneu* é uma marca indelevel de quanto valia essa mentalidade pujante, essa estupenda organisação artistica, que se chamou Raul Pompeia.

Além de innumeros artigos exparsos pelas columnas das revistas e jornaes, além do bellissimo artigo impressionista e scintillante, sobre a exposição de bellas-artes de 1894, foram publicadas ainda algumas das *Canções sem metro*, lindissimos poemetos em prosa, concluidos pouco antes de Pompeia eliminar-se e que — nem sabemos porque! — ainda hoje não estão reunidas em volume!

E' ainda o auctor da celebre carta a Rodrigo Octavio, a qual serviu de prefacio ás *Festas Nacionaes* deste escriptor.

Raul Pompeia era ainda excellente desenhista e esculptor digno do maior applauso.

Em S. Paulo, quando cursava a academia, Raul empregava a maior parte do seu tempo na propaganda abolicionista, com Luiz Gama, seu companheiro do Centro Abolicionista, o qual teve por orgão o famoso jornal *Iraçá*, em que escreveram tambem Augusto de Lima, Alcides Lima e outros.

Foi director da repartição de estatistica, dirigiu o *Diario Official* e a *Bibliotheca Nacional*, de que foi demittido pelo governo do Dr. Prudente de Moraes.

Eis o que foi este extraordinario genio, cuja obra imcomparavel é uma gloria para as letras brasileiras e cujo nome honra a historia da literatura nacional e é uma gloria e uma honra para o Brasil.

—

CANÇÕES SEM METRO

I

HOJE

Cada pagina da historia é uma lapide e um epitaphio. Em baixo dessas inscripções dormem os seculos. Poeira, poeira e recordações.

Todas as alegrias do dia de hontem e todas as lagrimas, conquistas, decepções, louros e espinhos, apotheoses e martyrios, miserias e grandezas, fortunas, maldições, tudo reverteu em nosso proveito. Passou o tempo sobre o mundo; e para nós ficou o legado das cinzas.

Por nossa vida foram immoladas as gerações. Dos destroços dessas victimas, nós hoje, ferozes herdeiros, nos alimentamos, como o grelo egoista, que vive da podridão do fructo que o gerou.

Dura necessidade viver das cinzas maternas!

Mas está servido o banquete. Os seculos foram sacrificados em holocausto aos vindouros. Vindouros somos nós. A' meza!

Fartemo-nos!

II

AMANHÃ

Ha um ponto no oceano que é o terror dos nautas. Um abysmo cavado nas aguas, atravez do qual, como uma formidavel trombeta, geme o genio devastador dos cataclysmos. As ondas, exercito selvagem de leões, debatem-se doudamente, arqueiam o felino dorso, sacodem, como alvissimas jubas, a espumarada e rolam rugindo no barathro, devoradas pela vertigem.

A's vezes o redemoinho apanha a embarcação temeraria que ousou avisinhar-se do circo tremendo, onde combatem os leões da tormenta... Não ha mais fugir. A vertigem prende; a garganta esfomeada do vortice reclama energicamente a presa. Cumpre ceder.

***

Semelhante ao barco sorprendido pela voragem, nós avançamos para o futuro.

A lei é — proseguir.

Maelstron devora, o futuro absorve. Vingador escrupuloso do passado, vae viver de nós, como nós vivemos do dia de hontem.

Avante! Avante!

Lá vejo a aurora, a odiosa aurora escancarada no horizonte, como as fauces do monstro fabuloso, emboscado no céu.

Eil-o, o ávido futuro, que nos espera, como uma hyena faminta de mortos!

Americo Werneck

—

ESTADO DO RIO — BEMPOSTA — 1855

E' escriptor fluente e imaginoso. Politico militante, Americo Werneck, republicano da propaganda, é, neste momento, o secretario da agricultura do governo mineiro, cargo que tem exercido com elevação de vistas e patriotismo.

A reforma do nosso systema tributario tem preoccupado sériamente o seu espirito. A politica, a administração, as finanças, a agricultura, as letras e as sciencias teem em Americo Werneck um trabalhador infatigavel e esforçado, de tempera rija e audacia intemerata.

Os seus livros principaes são : *Graciema*, romance, *Lucrecia*, tragedia e o livro *Arte de educar os filhos*, recebido pela critica com applausos e enthusiasmo.

E' collaborador do *Jornal do Commercio*, tendo escripto para quasi todos os jornaes fluminenses. Ha delle innumeros folhetos sobre politica, finanças, agricultura, estradas de ferro, imposto territorial, de que tem sido intransigente propugnador entre nós, etc,, etc.

E' engenheiro e agricultor

—

A DERRIBADA

A matta era imponente. Erguia-se na grota uma sucupira de trinta palmos de circumferencia ; mais abaixo, uma gamelleira, menos gigante, quasi emparelhava a sua rama á rama do colosso.

Os mais possantes africanos, cujos braços de ferro manejavam o machado como um brinco de creança, desfilavam junto á majestosa arvore, á semelhança de formigas.

Um a um, paravam para medil-a de alto a baixo mas nenhum teve a coragem de derribal-a. A todos a sucupira olhava com desprezo, farfalhando orgulhosa-

mente sobre a solida base. Primeiro passou um cabinda, parou embasbacado, e foi-se muscando, receioso de lhe ser confiada, a empreitada.

— Cruz! Hoje é hoje! Com esse páo ninguem póde. Tem serviço para uma semana!

Passou depois um cassange, o qual, arqueando-se de flanco, á guisa de bodoque, parou assombrado a mirar-lhe a copa.

— Huá! maravilha do mundo! Vou-me embora: não sou pimpão para esse bicho, não.

Em seguida passou um inhambane, que, tropeçando na grossa raiz, escarrapachou em regra, de braços abertos e focinho no chão. Ergueu-se o derribador e, cuspindo terra, desceu a biboca no meio de pragas e exclamações comicas.

— Ué-ê-ê-ê! Já está mostrando o que ha de ser. Puah! Judeu do inferno!

Afinal approxima-se um moçambique que, arrimando-se ao cabo do machado, alli ficou estatelado, de pernas abertas, a grunhir uma lenga-lenga indecifravel.

Nessa occasião despontou Fernando no aceiro superior e vibrou a vista, dominando o serviço de um golpe. Elle era o derribador mais famoso d'aquelle sertão, que nesse tempo os contava de mão cheia.

Não havia pontaria mais certeira. Quando elle lançava o olhar calculista aos galhos de uma arvore, estivesse esta no prumo, marcava a direcção de sua queda e não errava o tiro.

Quando o fazendeiro soltou do largo peito o berro que enchia o valle e despertava o eito, a floresta tremeu de medo até á raiz. Acabava de chegar o raio que devia fulminal-a.

Ao avistar na grota a gigantesca sucupira, em pé, atirando aos derribadores o formidavel desafio, que ninguem ousava acceitar, o fazendeiro ficou contente; era com esses colossos altaneiros que elle gostava de se entender. Censurou energicamente os escravos por haverem fugido covardemente da arvore, desceu a grota e gritou por Chico Congo.

Acudiu um africano herculeo. Era o seu braço direito: não havia em todo o Brasil machado mais valente, nem mais vigoroso tapyr. O fazendeiro escolheu mais dois derribadores para contrapeso ao negro e distribuiu-os em torno da sucupira. Ao Congo sósinho coube a tarefa de entalhar a barriga do páo até o amago; mas apezar de ardua a tarefa, andassem ligeiros os seus malungos, pois não tardaria em deixal-os atraz.

Fernando marcou a pontaria para a forquilha da gamelleira e ordenou que não cortassem esta. Conforme seus calculos, o peso da sucupira, alliado ao choque, seria bastante para deitar a baixo sua grossa visinha, de fibra menos rija; os dois collossos unidos no abraço da morte, cahindo juntos sobre a floresta, arrasariam a grota até á varzea.

Ponderou o Congo que, se a gamelleira resistisse, como seria certo, a sucupira, enganchada na sua forquilha, formaria um perigoso mundéu. Os seus companheiros apoiavam esse parecer, achando prudente entalhar a gamelleira, embora se consumisse mais tempo. O lavrador, confiado no seu plano temerario, persistiu; então o trabalho começou.

O Congo, fincando um pé atraz, arremessou o machado, que foi encravar-se no rijo lombo do gigante. O aço cantou e o cabo solto brandiu, como a cauda da jararaca retrahida para o bote. O negro cuspiu entre as mãos, esfregou as palmas uma na outra e arrancou a arma terrivel. Os golpes succederam-se. A cada golpe, voava um estilhaço de páu, zunindo. Os outros derribadores porfiavam em imitar o Congo, mas faltava-lhes a força e destreza de pulso. Tambem o africano gostava de provocal-os, alardiando seu vigor. Sempre que o seu machado tinia no cirne, elle bradava aos parceiros, em tom de chacota:

— Acocha, malungo.

— Hoje quebro-te a prôa, respondia o mais encafifado.

— Vamos ver.

E os seus golpes redobravam, echoando além; e os cavacos zuniam no espaço, como a bala do arcabuz.

Passava do meio-dia, quando a sucupira deu o primeiro gemido.

Os derribadores soltaram uma interjeição unisona de enthusiasmo; o eito em côro respondeu com outra. Mas faltava muito para o collosso cahir.

O Congo malhava sempre, emquanto os parceiros fatigados deixavam ás vezes pender os braços frouxamente. Mas tambem recomeçavam logo. A' cada vaevem do machado, entoava o Congo uma breve cantiga, a que respondiam os parceiros em côro, quando vibravam os golpes simultaneos.

— Acocha, malungo.

— Batecum gererê.

— Acocha com força.

— Batecum gererê.

— O gavião é quem governa.

— Batecum gererê.

Essas phrases e outras acompanhadas de estribilho marcavam o compasso regular dos machados. O fazendeiro dirigia o serviço com o olhar vigilante no gavião da arvore, d'onde dependia a certeza da pontaria. Ora mandava cortar mais á direita, ora mais á esquerda, conforme a necessidade.

A attenção do eito convergia para esse ponto; não se fallava n'outra cousa; sustentavam alguns que a gamelleira não cahiria; apostavam outros que ella não resistiria ao choque. Só pae Bento não fallava.... Trazia os olhos arregalados no espaço, como se estivesse vendo uma visão sinistra.

A's onze horas paravam para tomar a refeição.

Pae Bento não comeu.

O trabalho recomeçou com mais enthusiasmo. Emfim, ás duas horas da tarde, o colosso vegetal estalou no amago e os tres algozes soltaram o grito de aviso:

— Foge, gente.

Então os trabalhadores que andavam por alli perto, escafederam-se á pressa.

A sucupira estava equilibrada sobre a aresta de um prisma. Apenas os derribadores disseminados pela floresta puzeram-se longe do perigo, o Congo atirou mais alguns golpes. De repente rangeram as fibras do tronco, e a cabeça enorme do rei d'aquelles valles, descrevendo um arco de circulo sobre um raio de cento e vinte palmos, e acompanhado pelo côro selvagem dos derribadores, abateu-se na forquilha da gamelleira, desgrenhada a coma e estremecendo o deserto com seu rugido de moribundo.

Ao peso do colosso, a gameleira vergou violentamente, semelhante a um arco ao despedir a setta, porém suas fibras elasticas, reagindo logo, suspenderam de novo o decepado gigante.

Fernando empallideceu. O silencio estendeu-se no eito; cincoenta olhos cheios de emoção, de espanto e anciedade assistiam á scena pavorosa. Só pae Bento nada via.

Como dois athletas engalfinhados na lucta se despedaçam, rangendo os dentes, ferindo-se com as unhas e procurando com terriveis solavancos abater um ao outro, assim a sucupira, ferrada á nuca da gameleira, a envergava para baixo, sempre que ella tentava erigir-se na magestade primitiva.

Os dois gigantes oscillavam nesse vae-vem formidavel, a rasgarem-se as carnes, a dilacerarem-se as vestes, a arrancarem-se as barbas, arrochados sempre pelos musculos de aço.

— A gamelleira está duvidando, disse o Congo.

— Temos mundéu, accrescentou o outro.

— Veremos ainda.

Esta observação partira do fazendeiro, que esperava o desfecho do combate com o interesse do amor proprio compromettido.

Offendido em sua vaidade, elle, o derribador de fama, julgar-se-ia deshonrado, se o calculo falhasse desastradamente.

Nesse interim, quebrou-se um galho, e a sucu-

pira girando projectou-se á esquerda e calcou desesperadamente o adversario.

— E' agora, bradou Fernando.

Ouviu-se um estalo e em seguida um estertor, e outro, e outro....

De repente vibrou um estampido, e a gameleira, lascada pela base, cedeu emfim á força qne a subjugava.

Então os dois titans, abraçados ao rolarem na arena, rugindo como um bando de pantheras, tombaram sobre a floresta e, esmagando, de uma em uma, as arvores seculares, varreram a grota.

As pessoas que habitavam longe as bibocas da serra foram sorprendidas por um trovão medonho, que passou esbarrando por aquellas encostas; e, attonitos, interrogavam o espaço.

Não havia uma nuvem no céu!

Graciema. Capitulo XLIII.

Antonio da Silva Jardim

—

ESTADO DO RIO — CAPIVARY — 1860 — 1890

Talento pujante, espirito cultivado, o digno fluminense, que se bacharelára em S. Paulo em 1882, manifestou-se, ainda na Academia, republicano convicto e propagandista activo e intemerato das suas idéas.

Filho de um professor publico do seu Estado, Silva Jardim, cursando ainda os preparatorios, para alliviar seu pae, chefe de numerosa familia, começou logo a leccionar particularmente e a escrever para diversos jornaes.

Foi professor da escola normal de S. Paulo e director de collegio. Escreveu, na escola, um livro de parceria com Valentim Magalhães, e é auctor de innumeros folhetos de propaganda republicana. Deixou a obra, hoje publicada, *Memorias e viagens, Campanha de um propagandista*.

Silva Jardim, a quem se deve em grande parte o advento da Republica, tendo partido para a Europa, alli morreu, cahindo dentro do Vesuvio, cuja cratera o enguliu, no momento em que temerariamente fazia uma excursão em ponto arriscadissimo

A catastrophe deu-se em 2 de Outubro de 1890.

—

O POVO E O TORRÃO FLUMINENSE

Tem-se dicto que não ha um *caracter fluminense*, mas é porque não o sentem ou não puderam penetral-o os que isso afirmam. Elle existe nesse misto de independencia e de submissão de um paiz que, sem repudiar a capital do imperio, resistiu sempre á sua influeneia exclusiva e absorvente. Eu vi esse caracter, entre conservador e liberal, assaz emprehendedor, mas sobretudo possibilista, na terra que percorri toda. A força republicana do Sul da provincia, que succedeu

e combinou-se á força abolicionista do Norte, em que as luctas dos campistas são paginas de bravura, diz bem qual seja o caracter fluminense, sonhador com Pedro Luiz e Macedo, com Casimiro de Abreu e Teixeira e Souza, pensador e profundo com os seus homens de sciencia e de governo, dos quaes me basta citar o visconde de Uruguay e o de Itaborahy, entre muitos outros.

Aqui, a capital impediu sempre o desenvolvimento de forças locaes demasiado dominadoras. Em vez de grandes barões, eu pudéra dizer que o ambiente só produziu baronetes.

Todos os elementos conservadores reuniram-se, entretanto, na familia do visconde do Uruguay, com séde sempre no centro, dirigida nos nossos dias pelo conselheiro Paulino José Soares de Souza, a um tempo politico e lavrador. Os elementos liberaes, muito dispersos, estiveram por annos ao dispôr de Francisco Octaviano, poeta eterno, nunca homem de governo, posição a que mesmo jámais attingiu, embora por vontade propria.

....

Esperava ver, como depois vi, seguindo o meu itinerario, os homens e as cousas de minha terra e as suas idéas accordes com as minhas. Vi Rezende, n'uma temperatura doce, aos ultimos raios do sol de Julho desembarcando no arrabalde dos Campos Elysios, que guarda a estação; passei-lhe a ponte sobre o Parahyba, subindo-lhe a collina, onde se recorta a cidade, alimentada pela cultura principal do café; Barra Mansa, pequena, mas não deselegante, com seu jardim de provincia margeando a estrada; a Barra do Pirahy, simples estação de estrada de ferro, mas muito movimentada, pertencendo a dois municipios e, pois, com jurisdicções diversas; Vassouras, entre montanhas escalvadas, pardas, de vegetação rara, com um ar de nobreza especial, ligada á estação do mesmo nome por um ramal, e onde visitei a egreja matriz, simples, se bem que imponente, o paço municipal, que é bello, e a casa de caridade, que é importante; Valença, antiga

aldeia de indios, sobre collinas mais brandas, esbatidas a guiza de valle, e verdejantes, bem edificada, bom theatro, casa da camara, cadeia, hospital, estação de estrada de ferro, e Parahyba do Sul, triste, mal construida, mas importante pela estrada de ferro Pedro II e pela sua lavoura.

Revi Nictheroy, onde passára parte da infancia. Vi Petropolis, S. Fidelis e Campos, de que depois lhes direi; Friburgo, a villa de verão fluminense, aspecto muito frio, como frio é o seu clima, colonia de suissos, fundada em 1819, com um importante estabelecimento hydrotherapico; Cantagallo, de fama negra nos annaes da escravidão, séde do municipio para onde se ameaçava vender os pretos, como um castigo ultimo; Padua, villa florescente; Macahé, á beira do mar, que ahi é bello, notavel pela lavoura de café e de canna; Barra de S. João, onde nasceu Casimiro de Abreu, cujo tumulo obscuro visitei no cemiterio local e que ouve os rugidos do oceano, como um lamento á morte do poeta; Capivary; Rio Bonito; Itaborahy, de uma entrada graciosa pela sua rua principal; vi com prazer essas cousas da minha patria, sentindo não poder visitar ainda os logares que o Atlantico banha, Cabo-Frio, que recorda Teixeira e Souza, romancista de coração; Angra dos Reis, das mais antigas povoações da provincia, e a villa de Therezopolis, donde se diz que o clima encantador dá uma vida nova aos organismos abatidos, ao contacto de explendente natureza.

Saúdo a terra natal, esse membro do gigante brasileiro, que sustenta, na nossa carta, o Espirito-Santo, impede Minas de chegar ao mar, e estende um braço a S. Paulo; cujo solo é elevado até o Pico do Itatiaya, em Rezende, ou baixo até as lagôas; cujo clima, se é quente no littoral e humido nos baixos, já muito melhorado pela drenagem, é saluberrimo nos platós; cujos rios ferteis e numerosos, cujos lagos piscosos, e dunas saliniferas, cuja agricultura e estradas de rodagem e a vapor preparam um povo, já experi-

mentado pelas luctas com a natureza, para um grande progresso no trabalho e na liberdade.

Ao entrar nessa terra, no dia redemptor da civilisação moderna. saudei-a commovido, tendo a certeza infallivel de que em breve ella derrocaria uma nova Bastilha.

Memorias e Viagens.— Campanha de um propagandista.— 1887—1891.

Inglez de Souza

—

PARÁ — 1853

O Dr. Herculano Marcos Inglez de Souza, formado em direito, advogado, professor de direito, é um escriptor feito e um romancista de real merito, não só pela verdade dos quadros e das scenas que pinta, como ainda pela naturalidade do seu estylo simples, facil e expontaneo, mas terso; sobrio, mas seguro e correctissimo.

Suas obras, literarias e juridicas, são, entre outras, *O Missionario*, romance, *Contos amazonicos*, *Titulos ao portador*, *O cacaolista*, romance, *Historia de um pescador*, etc., etc. Presidiu no imperio as provincias de Sergipe e Espirito-Santo e tem escripto e redigido varios jornaes e revistas. E' assiduo collaborador da *Revista Brasileira*, de José Verissimo.

Inglez de Souza pertence á Academia Brasileira de Letras e ao Instituto dos Advogados.

—

O CABOCLO DO AMAZONAS

E' naturalmente melancolica a gente da beira do rio. Face a face toda a vida com a natureza grandiosa e solemne, mas monotona e triste do Amazonas, isolada e distante da agitação social, concentra-se a alma n'um apathico recolhimento, que se traduz externamente pela tristeza do semblante e pela gravidade do gesto.

O caboclo não ri, sorri apenas; e a sua natureza comtemplativa revela-se no olhar fixo e vago, em que se lêem os devaneios intimos, nascidos da sujeição da intelligencia ao mundo objectivo, e delle assoberbada.

Os seus pensamentos não se manifestam em palavras, por lhes faltar, a esses pobres tapuyas, a expressão communicativa, atrophiada pelo silencio forçado da solidão.

Haveis de ter encontrado, beirando o rio, em viagem pelos sitios, o dono da casa sentado no terreiro, a olhar fixamente para as aguas da correnteza, para um bemtevi que canta na laranjeira, para as nuvens brancas do céu, levando horas e horas esquecido de tudo, immovel e mudo, numa especie de extasi. Em que pensará o pobre tapuya? No encanto mysterioso da mãe d'agua, cuja seductora voz lhe parece estar ouvindo no murmurio da corrente? No curupira, que vagabundeia nas mattas, fatal e esquivo, com o olhar ardente cheio de promessas e de ameaças? No diabolico saci çapêrê, cujo assovio sardonico dá ao corpo o calafrio das sezões? Em que pensa? Na vida? E' talvez um sonho, talvez nada. E' uma comtemplação pura.

Dessa melancolia continua dão mostra principalmente as mulheres, por causa da vida que levam. Os homens sempre andam, vêem uma ou outra vez gente e cousas novas. As mulheres passam toda a vida no sitio, no mais completo isolamente. Assim, a tapuya Rosa, que de nada se podia queixar, com a vida material segura, suprema ambição do caboclo, foi sempre dada a tristezas; a fronte alta e calma, os olhos pequenos e negros, e a bocca seria, tinham uma expressão de melancolia que impressionava á primeira vista. Teria a natureza estampado naquelle rosto o presentimento de futuras desgraças, ou a mesquinhez da alma humana, ante a magestade do rio e da floresta a predispunha a não offerecer resistencia aos embates da adversidade? Era a saudada do esposo morto, ou o receio vago dos fracos deante dos arcanos do futuro?

Pardal Mallet

RIO-GRANDE DO SUL — BAGÈ — 1864 — 1894

João Carlos de Medeiros Pardal Mallet, talento peregrino, jornalista pamphletario, intelligencia fulgurante, foi um escriptor original, rico de imaginação, encantando pelo seu estylo, pela sua phrase cuidada e sobretudo pelo seu amor á fórma. Foi notavel jornalista, redigindo *O Combate*, folha de opposição ao marechal Floriano. Em 1892, por complicado na sedição de 10 de Abril, foi deportado para Tabatinga, no Amazonas.

Escreveu *O Lar*, romance naturalista, *Meu album*, *Hospede*, romance e *Pelo divorcio*, pamphleto, além de innumeros artigos na *Gazeta de Noticias* e outras folhas.

ESCRAVO

Na tenda guerreira desse beduino que um dia se partira para a remota e apartada Meka dos ideaes, e que fazia a vida de luta em luta n'um caminhar constante, nessa tenda guerreira, onde todos vinham agora cumprimental-o depois da batalha, elle ficava apprehensivo e triste, suspeitando o quebramento das forças e das energias.

Assomavam-lhe ao espirito duvidas sobre o valor intrinseco da victoria, porque tinha saudades do tempo em que fôra simplesmente um rebelde, porque fôra mais livre nesses tempos e mais feliz.

Então era ao menos o senhor unico de si mesmo, senhor absoluto, porque não precisava reflectir no dia de amanhã, e para quem bastava o sentimento da propria independencia.

Mas, inutilmente, n'uma explosão de revoltas, o instincto das liberdades rugia-lhe dentro do amor, como

um leão dentro da jaula, porque sempre cahia prostrado, bracejando a sua fraqueza de escravo.

Habituava-se até á idéa de experimentar uma alegria immensa e um enorme conforto com essa abdicação forçada do seu *eu*. Vinha-lhe a certeza de que valia mais e melhor vencia, porque trazia ao peito o amuleto dos seus affectos. E vinha-lhe a segurança de que o carinho de um sorriso e a meiguice de um olhar lhe pagassem toda essa longa submissão completa.

E, reconhecido, tinha então um grande orgulho de ser assim athleta e poderoso, muito forte, porque podia dobrar o joelho para fazer-se um pedestal de glorias a essa criança morena dos olhos pretos, que sabia o segredo da sua escravidão.

Virgilio Varzea

—

S. CATHARINA — 1865

Este operoso homem de letras é dos que mais têm produzido. Tem real merecimento e escreve com correcção e originalidade.

Tem sido jornalista notavel, no seu estado natal, como na capital federal e nos estados de S. Paulo, Pernambuco e Rio Grande do Sul,

Entre outras, são estas as suas principaes obras: *Traços azues, versos, Tropos e phantasias, contos,* a novella *Rose Castle,* e os contos *Mares e Campos*. Exerceu o cargo de official de gabinete do presidente Gama Rosa e foi deputado estadual á constituinte de S. Catharina. E' professor de lingua portugueza e já foi magistrado, exercendo o cargo de promotor da justiça publica na comarca de S. João.

Tem collaborado com constancia na *Revista Brasileira*. Frequentou a Escola naval, que abandonou para engajar-se em um navio como praticante de piloto, no qual seguiu para as Antilhas, tocando em Havana, no ilha de Cuba.

—

MANHÃ NA ROÇA

E' pleno inverno.

Aqui e além, gallos acordam cantando á approximação do dia. Uma tenue mancha de claridade argentea recorta em lacca a linha ondulada das collinas verdes. Pouco a pouco, uma poeira de ocre transparente, que se esbate para o alto, cobre todo o horizonte, e o sol aponta, deslumbradoramente, como uma gemma de ouro flammante. Vapores diaphanos diluem-se lentamente, em meio dos listrões vivos que purpuream o Nascente. Fundem-se no ar tons delicados de azul e rosa; e eleva-se da fioresta uma orchestração triumphal.

Despertam de subito, ao alagamento tepido da luz, as culturas adormecidas.

Abrem-se as casas.

Pelos terrenos, humidos da serenada da noite, homens de cócaras, em camisa, de canjirão na mão, brancos de frio, ordenham as grossas têtas das pacientes e mugidoras vaccas. que criam, amarradas aos finos páus das parreiras, e que, expellindo fumaça no ar frigido. ruminam ainda restos de grama, n'uma mansidão ingenua de animal digno.

Mulheres de chale pela cabeça chamam as galginhas, com um ruido secco de beiço tremido, fazendo *brúrrr*, e sacudindo-lhes mãos cheias de milho e pirão esfarellado.

Um carro atopetado de raizes de mandioca, arrancadas de fresco, empoeiradas de areia, compridas, tortas, com o aspecto e a côr esquesita das plantas que se avolumam e vegetalisam enterradas, chia monotonamente, em direitura ao engenho, solavancado pela aspereza do caminho, chilreante e aromatizado por florações vigorosas e germinativas, pelas emanações do gado e pelo cheiro acre das laranjas vermelhas, que cahem de maturidade.

Cantigas rusticas, amorosas, de uma sinceridade ingenua, com toadas prolongadas e vibrantes, misturam-sa á alacridade do campo.

E pela compridão magestosa e verde dos alagados e das pastagens, o calorido movimentoso e variado das rezes.

Mares e Campos.— 1895.

THEATRO

José de Alencar

—

(V. a noticia bio-bibliographica á pag. 9).

MÃE (drama)

SCENA XI.—Dr. Lima, Elisa, Peixoto, Jorge, Gomes e Joanna *(ao fundo)*

JORGE.— Cale-se.

GOMES.— Este miseravel aqui!

PEIXOTO.— A minha escrava!

DR. LIMA.— Desgraçado!

JORGE.— Doutor...

DR. LIMA.— Tu vendeste tua mãe!... (*Joanna foge*).

JORGE.— Minha mãe!... Ah!

DR. LIMA.— Tua mãe, sim!... Digo-o alto, porque te sei bastante nobre para não renegares aquella que te deu o ser, (*pequena pausa*).

PEIXOTO.— Em todo caso... Eu não perco o meu dinheiro...

DR. LIMA.— Quanto se lhe deve?

PEIXOTO.— Seiscentos mil réis! (*Jorge atira o dinheiro*).

DR. LIMA.— Dê-me esse papel!

JORGE.— Oh! Não o rasgue, doutor!

DR. LIMA.— Para que conservar esse testemunho?

JORGE.— Para esprobar-lhe o que me obrigou a fazer! Porque foi ella... quem tratou com esse homem!...

PEIXOTO.— Lá isso é verdade!
JORGE.— A carta, rasgou-a!
DR. LIMA.— Amor de mãe!...
JORGE.— Ah! meu pae! Meu pae!... Como deves soffrer neste momento!
DR. LIMA.— Elle não teve tempo de declarar... A morte foi repentina.
JORGE.— E ter vivido vinte annos com ella, recebendo todos os dias, a todo o instante, as effusões desse amor sublime!... E não advinhar!... Não presentir!... Perdão, minha mãe!... Onde está ella? (*sahe*).

SCENA XII.— Dr. Lima, Gomes, Elisa, Peixoto e Vicente

VICENTE, (*a Peixoto*).— Alto lá! camarada! (*segura-o pela golla*).
PEIXOTO.—Isto são modos!
VICENTE.—Bom dia, Sr. doutor e companhia.
DR. LIMA.— Adeus!
PEIXOTO.— Largue-me, senhor!
VICENTE.— Está seguro! Deixe-se de partes!
PEIXOTO.— Com que direito me priva de sahir?
VICENTE.— Já lhe digo: (*Lê*) « Mandado de prisão passado a requerimento do Dr. promotor...»
PEIXOTO.— Eu preso!... Porque?
VICENCE.— Por causa de certas letras...
PEIXOTO.— E' falso!
VICENTE.— São falsas mesmo as taes letras!...
PEIXOTO.—Sr. Vicente...
VICENTE.— Romão, meu caro senhor Romão... Tenha bondade de seguir-me!
GOMES.— Deus é justo! (*Elisa entra rapidamente na alcova*).

SCENA XIII.— Dr. Lima, Gomes e Jorge

JORGE.— Viu-a, doutor?... Não a encontrei!... Procurei tudo!

Dr. Lima.— Socegue, Jorge! Deve ter sahido... Ella nada sabe ainda! Seja prudente... Não lhe annuncie de repente!... O choque pode ser terrivel!...

Jorge.— Não me sei conter!... Quero abraçal-a! Minha mãe!... Que prazer supremo que eu sinto em pronunciar este nome!... Parece-me que aprendi-o ha pouco!

Gomes.— Sr. Jorge...

Jorge.— Ah! desculpe... Esqueci-me que estava aqui!... O que acabo de saber...

Gomes.— Penalisa-me bastante, creia...

Jorge.— Como, senhor Gomes?

Gomes.— Sinto muito, porém... O Sr. comprehende a minha posição... As considerações sociaes...

Jorge.— Acabe, senhor!

Gomes.— Esse casamento não é mais possivel!

Jorge.— Ah!

Dr. Lima.— Por que razão, Sr. Gomes?

Jorge.— Porque não reneguei minha mãe!

Gomes.— Sr. Jorge, eu o estimo... porém...

Jorge.— Tem razão, Sr. Gomes!... O Sr. me julga indigno de pertencer á sua familia, porque eu sou filho daquella que se vendeu para salvar essa honra mesma, em nome da qual me repelle!

Gomes.— Que diz, senhor?...

Elisa, (*fóra*).— Jorge!... Sua mãe!...

Jorge.— Elisa!... Aonde!... (*entra na alcova*).

Gomes.— Nas minhas circumstancias, que faria, Sr. doutor?

Dr. Lima.— Não ha considerações nem prejuizos, Sr., que me obriguem a commetter uma ingratidão!

SCENA XIV. — Dr. Lima, Gomes, Jorge, Joanna

Jorge.— Doutor, accuda!... Depressa!

Dr. Lima.— O que?

Elisa.— Este vidro!...

Gomes.— Envenenada!...

Joanna.— Um ataque!...

Dr. Lima.— Que fizeste, Joanna?

Jorge.— E' o mesmo veneno que ella arrancou-lhe dos labios, Sr. Gomes!

Joanna.— Meu... Sr. doutor!

Jorge.— Salve-a, meu amigo!...

Dr. Lima.— Só Deus!... A sciencia nada póde!

Jorge.— Minha mãe!...

Joanna.— Não!... Eu não sou sua mãe, nhonhô! O que elle disse, Sr. doutor, não é verdade... Elle não sabe!...

Dr. Lima.— Joanna!...

Joanna.— Não é verdade, não!... Pois já se viu isso? Eu ser mãe de um moço como nhonhô!... Eu, uma escrava! Não vê, nhonhô, que elle se engana?

Jorge.— Perdôa-me, minha mãe, não te haver conhecido!

Joanna.— Sr. doutor quer dizer que eu fui ama de nhonhô!... Que nhonhô era meu... meu... de leite... só... só... de leite!...

Jorge.— Chama-me teu filho!... Eu te supplico!...

Joanna.— Mas não é!... não!... Eu juro!...

Dr. Lima.— Joanna, Deus nos ouve!

Joanna.— Por Deus mesmo! Elle sabe por que digo isto!... Por Deus mesmo... juro... que... Ah!...

Jorge.— Morta!...

Elisa.— Minha bôa Joanna.!

Joanna.— Escute, iaiá Elisa... E' a ultima cousa que lhe peço... Iaiá ha de fazer meu nhonhô muito feliz!... Me promette?... Queira a elle tanto bem como Joanna queria... Mas, nem iaiá, nem ninguem póde... não!...

Jorge.— Minha mãe!... Porque foges de teu filho, apenas elle te conhece?

Joanna.— Adeus, meu nhonhô!... Lembre-se ás vezes de Joanna... Sim!... Ella vae rezar no céu por seu nhonhô... Mas antes eu queria pedir...

Jorge.— O que, mãe? Pede-me!...

Joanna.— Nhonhô não se zanga?

Jorge.— Eu sou teu filho!... Dize!... Uma vez ao menos... esse nome!

Joanna.— Ah!... Não!... Não posso!...

Jorge.— Falla! Falla!...

Joanna.— E' um atrevimento!... Mas eu queria antes de morrer, beijar sua... sua testa, meu nhonhô!

Jorge.— Mãe!...

Joanna.— Ah!... Joanna morre feliz!

Jorge.— Abandonando seu filho.

Joanna.— Nhonhô!... Elle se enganou! Eu sou... Eu não sou tua mãe, não... Meu filho. *(Morre).*

Jorge, *(de joelhos).*— Minha mãe!...

Elisa.— E minha, Jorge!...

Gomes.— Ella abençôe tão santa união!...

Dr. Lima.— E me perdôe o mal que lhe fiz.

(Mãe.— Drama.— Acto IV).

Martins Penna

RIO DE JANEIRO 1815—1848

Luiz Carlos Martins Penna, romancista, folhetinista no genero de França Junior, chronista interessante, foi principalmente comediographo notavel, grangeando, como tal, o nome glorioso e a fama merecida que tem.

O caracter geral de todas as suas composições, no genero comedia, diz o Sr. Sylvio Romero, *é o da classica comedia de costumes como nos foi transmittida por Menandro, Plauto e Terencio, passando por Gil Vicente e Antonio José. A alta comedia de caracter, como foi creada por Molière e continuada por Beaumarchais, Penna não chegou a cultival-a, pelo menos no que delle conhecemos.*

Os seus trabalhos para o theatro mais notaveis são: *O Noviço*, comedia, *Judas em sabbado d'Alleluia*, comedia, *A familia e a festa na roça*, comedia, *O irmão das almas*, comedia, *Os dois ou o inglez machinista*, comedia, *O cigano*, drama, *Witsa ou o Nero d'Hespanha*, drama em verso, *O caixeiro da taverna*, comedia, etc. etc.

Algumas das comedias de Martins Penna foram editadas em volume, pela casa Garnier, trazendo magnificos estudos sobre o theatro brasileiro e o notavel comediographo, escriptos por Mello Moraes filho e Sylvio Romero.

A FAMILIA E A FESTA NA ROÇA

SCENA XI.— Domingos João, Joanna, Quiteria, Ignacinho e Antonio.

IGNACINHO, (*entrando*).— Quiteria!

QUITERIA.— Minha mãe! eu morro!... *(Cae assentada na cadeira).*

DOMINGOS JOÃO.— Ignacinho, corre, vae á casa da Angelica e dize-lhe que venha cá depressa. *(Sae Ignacinho depressa).*

(*Domingos João e Antonio andam de um lado para outro, sem saberem o que fazem*).

Joanna.— Quiteria !... Quiteria !... que tens, minha filha?... responde !... Oh ! meu Deus ! está desmaiada !... Minha filha morre !... *(chora)*.

Domingos João.— O diabo da Angelica não chega.

Antonio.— Senhora doninha !... Senhora doninha !... *(para Joanna)* Sra. dona, dê-lhe a cheirar este cartucho de polvora, talvez faça bem *(tira um cartucho de polvora e dá a Joanna)*.

Joanna, *(jogando o cartucho no chão)*.— O senhor está doido ?... Pois minha filha ha de cheirar polvora ?...

Antonio.— Está bem, não se azangue !... a senhora entende ?

Joanna.— Minha filha morre ! minha filha morre !... Hi ! hi ! hi ! *(chora fortemente)*.

Domingos João.— Ora esta ! Ora esta !

Antonio.— Não ha de ser nada, não ha de ser nada !

Domingos João, *(chega á porta e grita)*.—O' Ignacinho !... O' Ignacinho !...

Ignacinho, *(ao longe)*.— Lá vou !...

Domingos João, *(voltando)*.— Já ahi vem a Angelica.

Joanna.— Diga que venha depressa.

SCENA XII.— Os mesmos, Ignacinho e Angelica.

Todos.— Entre, entre, Sra. Angelica.

Angelica.— Então o que é isto ?

Joanna.— Deu um ataque em Quiteria e está sem falla.

Angelica.— Vamos a ver. *(Chega-se para Quiteria e a examina)*. Isto não é nada, são flatos.

Joanna.— Flatos !... Pois flatos fazem perder a fala ?

Angelica.— Mas a menina não tem só flatos.

Domingos João.— Então o que tem ?

Angelica.— Está com quebranto.

Joanna.— Lá isto sim...

Angelica.— Mande buscar um ramo d'arruda, (*sae Ignacinho*). Não se assustem, que não ha de ser nada. Algum mau olhado que botaram na menina. Verão como a curo em um instante.

SCENA XIII.— Os mesmos e Ignacinho

Angelica.— Com effeito, o olhado foi mau.

Joanna.— Minha filha !... (*chora*).

Ignacinho.— Se meu pae quer, eu vou chamar o Sr. Dr., filho do capitão-mór, que chegou hontem da cidade.

Domingos João.— Sim. Vae depressa, elle não pode estar longe. (*Sae Ignacinho*).

Angelica.— Quem sabe se a menina não tem o diabo no corpo?...

Joanna.— Jesus, Maria, José! o que diz, senhora! (*benzem-se todos*).

Domingos João.— Pois minha filha está endemoinhada?

Angelica.— Quer me parecer que sim.

Antonio.— Que desgraça!

Angelica.— Ou talvez mesmo que esteja com a espinhella cahida...

Domingos João.— Quanta coisa... quebranto, o diabo no corpo, espinhela cahida!

SCENA XIV.— Juca, Ignacinho e os mesmos.

Juca.— Que ha de novo?

Joanna.— Sr. doutor, minha filha está para morrer.

Juca, (*chega-se para Quiteria, toma-lhe o pulso*).— Não é nada. Mande vir um copo com agua, (*sae Joanna*).

Juca.— Quando digo não é nada, falto um pouco á verdade, porque sua filha tem uma inflamação de carbonato de potassa.

Domingos João, (*muito espantado*).— Inflamação de que?

Juca.— De carbonato de potassa.

ANTONIO.— E isto é perigoso, Sr. doutor?

JUCA.— Muito, não só para ella, como para a pessoa que com ella se casar.

ANTONIO, (*a parte*).— Mau!

SCENA XV.— Joanna e os mesmos

JUCA, (*tomando o copo d'agua e fingindo que lhe deita alguma cousa dentro*).— Este remedio vae cural-a immediatamente. (*Quiteria bebe e, logo ao primeiro góle, abre os olhos*).

DOMINGOS JOÃO.— Viva o Sr. licenciado!

QUITERIA, (*levantando-se*).— Minha mãe!

JOANNA.— Minha filha, o que tens?

JUCA.— Esta menina é preciso ter muito cuidado na sua saude e eu acho que se ella casar com um homem que não entenda de medicina, está muito arriscada a sua vida.

DOMINGOS JOÃO.— Mas isto é o diabo! Já prometti-a ao Sr. (*apontando para Antonio*).

ANTONIO.— Mas eu...

JUCA.— Arrisca assim a vida de sua filha.

DOMINGOS JOÃO.— Já dei minha palavra (*Juca coça a cabeça*).

QUITERIA.— Ai! Ai! eu morro! (*cae na cadeira*)

TODOS.— Acuda, acuda, Sr. doutor!

JUCA, (*chegando-se*).— Agora é outra doença.

DOMINGOS JOÃO.— Então o que é agora?

JUCA.— E' um eclipse.

DOMINGOS JOÃO.— Ai! (*Juca esfrega as mãos e passa-as pela testa de Quiteria.*)

QUITERIA, (*abrindo os olhos*).— Já estou melhor.

JUCA.— Vê, Sra. D. Joanna, si sua filha não tiver sempre quem trate della, morrerá certamente. Não é assim. Sra. Angelica?

(*Quando diz estas ultimas palavras, dá occultamente a Angelica uma bolsa cheia de dinheiro*).

ANGELICA.— Sr. doutor, tem razão, a menina morre.

DOMINGOS JOÃO.— Então o que havemos de fazer?

JUCA.— Se eu não estivesse estudando...

JOANNA.— O Sr. licenciado bem podia...

JUCA.— Se meu pae...

DOMINGOS JOÃO.— Tenho uma bôa fazenda e o marido de minha filha fica bem aquinhoado.

JUCA.— Se o Sr. Domingos quizesse...

DOMINGOS JOÃO.— Explique-se.

JUCA.— Conhecendo as boas qualidades de sua filha e estimando muito a sua familia, me offereço...

JOANNA, (*com presteza*).— E o consentimento de seu pae?

JUCA.— Esse, o terei.

DOMINGOS JOÃO.— Mas, a palavra que dei ao Sr. Antonio?

ANTONIO.— Não se afflija, pois não desejo mais casar com uma mulher que tem eclipses.

JUCA.— Visto isto, cede?

ANTONIO.— De boa vontade.

JOANNA.— Sr. Domingos João, diga ao senhor que sim.

ANGELICA.— Olhe que sua filha morre.

IGNACINHO.— Meu pae, case-a, com os diabos; o Sr. licenciado é boa pessoa.

DOMINGOS JOÃO — Já que todos o querem, vá feito. (*Para Juca*). Minha filha será sua mulher (*Quiteria levanta-se*).

JUCA. — Como consente, quizera que se effectuasse o mais breve possivel.

DOMINGOS JOÃO.— Iremos agora mesmo falar ao vigario e de caminho podemos ver a festa.

JOANNA.— Diz bem.

DOMINGOS JOÃO.— Vão se vestir (*saem as duas*).

JUCA.— Quando acabar meus estudos, voltarei para ajudar meu pae.

DOMINGOS JOÃO.— Dê-me um abraço. (*Para Ignacinho*). Já agora não irás amanhã para a cidade. Quem havia de dizer que o Sr. Juca seria meu genro?

Angelica.— Deus assim o quiz.

Domingos João.— E o quebranto, não?... Dizia esta mulher, Sr. Juca, que minha filha tinha quebranto, diabo no corpo, espinhela cahida, quando ella não teve senão um carbonato de eclipse.

Juca, (*rindo-se, sem se poder conter*).— E' verdade.

Domingos João, (*desconfiado*).— De que se ri?

Juca.— Da asneira da senhora...

França Junior

RIO DE JANEIRO — 1838—1890

Joaquim José da França Junior foi, como Martins Penna e Arthur Azevedo, notavel comediographo e escriptor de costumes.

Espirito observador, talento perspicaz, França Junior criticou com inexcedivel graça, nas suas comedias e nos seus originaes folhetins, muitos sestros, habitos e costumes da nossa sociedade, não só no viver roceiro e sertanejo, como na vida fluminense e civilisada.

Neste particular, como folhetinista, França Junior ainda não foi excedido.

França Junior escreveu em quasi todos os jornaes fluminenses, entre os quaes *O Paiz*, onde foram publicados os seus ultimos folhetins.

Como comediographo, elle é o auctor de *Como se fazia um deputado, As doutoras, Meia hora de cynismo* e tantas outras composições de valor real e merecimento incontestavel.

Falleceu em Caldas a 27 de Setembro de 1890.

COMO SE FAZIA UM DEPUTADO

SCENA VI. — Limoeiro e Xico Bento

LIMOEIRO. — Então o que diz do nosso doutor?

XICO BENTO. — Não é de todo desageitado.

LIMOEIRO. — Desageitado! E' um rapaz de muito talento!

XICO BENTO. — E diga-me cá uma coisa: a respeito de politica, quaes são as idéas d'elle?

LIMOEIRO. — Tocou o tenente-coronel justamente no ponto que eu queria ferir.

XICO BENTO. — *Omnibus tulit punctos, quis miscuit util et dolcet.*

LIMOEIRO, *(gritando)*. — Olá de dentro? Tragam

duas cadeiras. O negocio é importante, devemos discutir com toda a calma.

Xico Bento.— Estou ás suas ordens. (*Entra um negro e põe as duas cadeiras em scena.*) Tem a palavra o supplicante. (*Sentam-se*).

Limoeiro. — Tenente-coronel, cartas na mesa e jogo franco. E' preciso arrumar o rapaz; e não ha negocio, neste paiz, como a politica. Pela politica cheguei a major e commendador, e o meu amigo a tenente-coronel e a inspector da instrucção publica cá da freguezia.

Xico Bento.— Pela politica, não, porque estava o partido contrario no poder; foi pelos meus merecimentos.

Limoeiro.— Seja como fôr, o facto é que, apezar de estar o meu partido de cima, o tenente-coronel é e será sempre a primeira influencia do logar. Mas vamos ao caso. Como sabe, tenho algumas patacas, não tanto quanto se diz...

Xico Bento.— Oxalá que eu tivesse só a metade do que possue o major.

Limoeiro.— Ouro é o que ouro vale. Se a sorte não presenteou-o com uma grande fortuna, tem-lhe dado, todavia, honras, considerações e amigos. Eu represento o dinheiro; o tenente-coronel a influencia. O meu partido está escangalhado, e é preciso olhar seriamente para o futuro de Henrique, antes que a reforma eleitoral nos venha por ahi.

Xico Bento.— Quer então que...

Limoeiro.— Que o tome sob a sua protecção quanto antes, apresentando-o seu candidato do peito nas proximas eleições.

Xico Bento.— *Essis modus in rebus.*

Limoeiro.— Deixemo-nos de latinorios. O rapaz é meu herdeiro universal, casa com a sua menina, e assim conciliam-se as coisas da melhor maneira possivel.

Xico Bento, (*com alegria concentrada*).— Confesso ao major que nunca pensei em tal; uma vez, porém, que este negocio lhe apraz.....

LIMOEIRO.— E' um negocio, diz muito bem; porque, no fim de contas, estes casamentos por amor dão sempre em agua de barrella. O tenente-coronel comprehende.... Eu sou liberal..... o meu amigo conservador.....

XICO BENTO.— Já atinei! Já atinei! quando o partido conservador estiver no poder....

LIMOEIRO.— Temos o governo em casa. E quando o partido liberal subir.....

XICO BENTO.— Não nos sahio o governo de casa.

LIMOEIRO, (*batendo na coxa de Xico Bento*).— Maganão.

XICO BENTO, (*batendo-lhe no hombro*).— Vivorio! E se se formar um terceiro partido?... Sim, porque devemos prevenir todas as hypotheses...

LIMOEIRO.— Ora, ora... Então o rapaz é algum bobo?! Encaixa-se no terceiro partido, e ainda continuaremos com o governo em casa. O tenente-coronel já não foi progressista, no tempo da Liga?

XICO BENTO.— Nunca. Sempre protestei contra aquelle estado de coisas; ajudei o governo, é verdade, mas no mesmo caso está tambem o major, que foi feito commendador naquella occasião.

LIMOEIRO.— E' verdade, não nego; mudei de idéas por altas conveniencias sociaes. Olhe, meu amigo, se o virar casaca fôsse crime, as cadeias do Brasil seriam pequenas para conter os innumeros criminosos, que por ahi andam.

XICO BENTO.— Vejo que o major é homem de vistas largas.

LIMOEIRO.— E eu vejo que o tenente-coronel não me fica atraz.

XICO BENTO.— Então casemos os pequenos....

LIMOEIRO.— Casam-se os nossos interesses.....

XICO BENTO.— Et cætera e tal...

LIMOEIRO.— Pontinhos... (*Vendo Henrique*). Ahi vem o rapaz, deixe-me só com elle.

XICO BENTO. — *Fiam voluntatis tue.* Vou mudar estas botas. (*Sae*).

SCENA VII.— Limoeiro e Henrique

HENRIQUE.— Como se está bem aqui! Disse um escriptor que a vida da roça arredonda a barriga e estreita o cerebro. Que amargo epigramma contra esta natureza grandiosa! Eu sinto-me aqui poeta.

LIMOEIRO.— Toma tenencia, rapaz. Isto de poesia não dá para o prato, e é preciso que te occupes com alguma coisa seria.

HENRIQUE.— Veja, meu tio, como está aquelle horizonte; o sol deita-se em brilhantes coxins de ouro e purpura, e a viração, embalsamada pelo perfume das flôres, convida a alma aos mais poeticos sonhos de amor.

LIMOEIRO.— Está bom, está bom. Esquece estes sonhos d'amor, que, no fim de contas, são sempre sonhos, e vamos tratar da realidade. Vira-te para cá. Deixa o sol, que tens muito tempo para ver, e responde-me ao que te vou perguntar.

HENRIQUE.— Estou ás suas ordens.

LIMOEIRO.— Que carreira pretendes seguir?

HENRIQUE.— Tenho muitas diante de mim..... A magistratura....

LIMOEIRO.— Pódes limpar as mãos á parede.

HENRIQUE.— A advocacia, a diplomacia, a carreira administrativa...

LIMOEIRO. — E esqueceste a principal, aquella que póde elevar-te ás mais altas posições em um abrir e fechar de olhos.

HENRIQUE.— O jornalismo?

LIMOEIRO.— A politica, rapaz, a politica! Olha, para ser juiz municipal, é preciso um anno de pratica; para seres juiz de direito, tens de fazer um quatriennio; andarás a correr montes e valles por todo este Brasil, sujeito aos caprichos de quanto potentado e mandão ha por ahi, e sempre com a sella na barriga! Quando chegares a desembargador, estarás velho, pobre, cheio de achaques, e sem esperança de subir ao Supremo Tribunal de Justiça. Considera agora a poli-

tica. Para deputado não é preciso ter pratica de coisa alguma. Começas logo legislando para o juiz municipal, para o juiz de direito, para o desembargador, para o ministro do Supremo Tribunal de Justiça, para mim, que sou quasi teu pae, para o Brasil inteiro, em summa.

Henrique.— Mas para isso é preciso....

Limoeiro.— Não é preciso coisa alguma. Desejo sómente que me digas quaes são as tuas opiniões politicas.

Henrique.— Foi coisa em que nunca pensei.

Limoeiro.— Pois olha, és mais politico do que eu pensava. E' preciso, porém, que adoptes um partido, seja elle qual for. Escolhe.

Henrique.— Neste caso, serei do partido de meu tio.

Limoeiro.— E porque não serás conservador?

Henrique.— Não se me dá de sêl-o, se fôr de seu agrado.

Limoeiro.— Bravo! Pois fica sabendo que serás ambas as coisas.

Henrique.— Mas isto é uma indignidade!

Limoeiro.— Indignidade é ser uma coisa só!

QUESTÕES SOCIAES E CARACTERES

José Bonifacio

S. PAULO. — SANTOS — 1765 — 1838

José Bonifacio de Andrada e Silva, patriarcha da independencia nacional, estadista, sabio e poeta, era formado em direito civil e em philosophia natural pela universidade de Coimbra, socio da Real Academia de Sciencias de Lisboa e de muitas outras associações scientificas de Portugal e outros paizes. José Bonifacio viajou dez annos pela Europa, dedicando-se ao estudo das sciencias naturaes, em que se tornou notabilissimo, como demonstram os importantissimos trabalhos que deixou, merecendo, pela competencia de que deu provas, ser nomeado, quando voltou, intendente geral das minas e lente de geognosia em Coimbra.

José Bonifacio foi o principal actor desse drama estupendo da nossa independencia, que teve começo em 1821 e cujo epilogo foi o memoravel 7 de Setembro de 1822, para o qual elle concorreu com o melhor dos seus esforços, como patriota, como grande espirito e como o mais sabio e atilado dos estadistas.

Exilado em 1823, permaneceu o grande brasileiro em França até 1829, e foi durante o tempo em que teve de curtir as agruras do ostracismo a que o condemnou a ingratidão dos brasileiros que o digno patriota publicou, em Bordéos, as suas *Poesias avulsas*, de Americo Elyseo, escriptas em estylo puro vernaculo e em linguagem castiça e correcta.

Depois do 7 de Abril, escolhido por Pedro I, exerceu o cargo de tutor dos seus filhos, entre elles Pedro II, commissão de que os odios e paixões da época o despojaram, sendo até processado.

Em essa memoravel *Representação á Constituinte*, sobre a sorte dos indios e dos negros e sobre a abolição da escravidão — José Bonifacio teve occasião de revelar-se um grande e previdente estadista, que anteviu o futuro, cujos males predisse, prognosticando, com a precisão de um vidente, todas as desgraças politicas e civis que nos têm succedido. Fossem ouvidas as palavras do velho estadista, e a escravidão, a causa *mater* dos nossos males, não teria produzido os resultados funestos que vamos presenciando.

SOBRE A QUESTÃO DA ESCRAVIDÃO

Como cidadão livre e deputado da nação, dois objectos me parecem ser, fora a Constituição, de maior

interesse para a prosperidade futura do imperio. O primeiro é um novo regulamento para promover a civilisação geral dos indios do Brasil, que farão, com o andar do tempo, inuteis os escravos; o segundo, uma nova lei sobre o commercio da escravatura e tratamento dos miseraveis captivos. Proponho-me a mostrar a necessidade de abolir o trafico da escravatura, de melhorar a sorte dos actuaes captivos e de promover a sua progressiva emancipação... Cumpre progredir sem pavor na carreira da justiça e da regeneração politica, mas cumpre que sejamos precavidos e prudentes... Como poderá haver uma Constituição liberal e duradoura em um paiz continuamente habitado por uma multidão immensa de escravos brutaes e inimigos? Comecemos desde já esta grande obra pela expiação de nossos crimes e peccados velhos.... E' preciso que cessem de uma vez os roubos, incendios e guerras que fomentamos entre os selvagens da Africa. E' preciso que não venham mais a nossos portos milhares e milhares de negros, que morriam abafados no porão de nossos navios, mais apinhados que fardos de fazenda. E' preciso que cessem de uma vez todas estas mortes e martyrios, sem conta, com que flagellavamos e flagellamos ainda esses desgraçados em nosso proprio territorio. E' tempo, e mais que tempo, que acabemos com trafico tão barbaro e carniceiro, é tempo tambem que vamos acabando gradualmente, até os ultimos vestigios da escravidão entre nós, para que venhamos a formar em poucas gerações uma nação homogenea, sem o que nunca seremos verdadeiramente livres, respeitaveis e felizes.

E' da maior necessidade ir acabando tanta heterogeneidade physica e civil. Cuidemos, pois, desde já em combinar sabiamente tantos elementos discordes e contrarios e em amalgamar tantos metaes diversos, para que saia um todo homogeneo e compacto, que se não esfarelle ao pequeno toque de qualquer nova convulsão politica. Mas que sciencia chimica e que dexteridade não são precisas aos operadores de tão grande e difficil manipulação!

Antonio de Menezes Vasconcellos de Drumond

RIO DE JANEIRO—1794—1865

Este, por mais de um titulo, notavel brasileiro, foi um dos mais esforçados propugnadores da independencia nacional.

Tendo apoiado o ministerio Andrada em 1823, dissolvida a constituinte, foi, com os tres irmãos Andrada processado e degredado para a França. Voltando ao Brasil em 1829, foi diplomata, representando a patria em varios pontos da Europa e tendo sido ministro plenipotenciario em Portugal. Já em avançada idade, cego, indo á França tratar-se, alli morreu. Era condecorado com as commendas da rosa, de Christo, N. S. da Conceição da Villa Viçosa, O. Toscana do Merito, S. Mauricio, etc.

Escreveu *O Tamoyo,* periodico que fundou e redigiu, *Antiquités américaines, Amérique méridionale, Apontamentos para a historia, Questão Sarda, Questão da Grã-Bretanha, Memorias,* etc., etc.

Muito lhe deve o Instituto Historico, muito lhe deve a patria, pelo muito que por ella fez este honrado e nobre brasileiro.

INTEIREZA DOS ANDRADAS

Ácerca da pobreza de José Bonifacio, que não possuia mais de 30$000 quando foi preso e deportado, contarei uma anecdota, que não será lida sem interesse.

Os ministros da regencia de D. Pedro reduziram seus ordenados á metade do que eram no tempo de D. João VI. Ficaram em 4:800$000 annuaes, pagos mensalmente.

José Bonifaeio, recebeu 400$000 em bilhetes do Banco, de um mez do seu ordenado, os metteu no fundo do chapéu, e no theatro lhe roubaram o chapéu e o conteúdo.

O primeiro ministro do imperio do Brasil achou-

se no dia seguinte sem ter com que mandar comprar o jantar. Não possuia nem um vintem mais, e seu sobrinho Belchior Fernandes Pinheiro foi quem pagou as despesas do dia.

Em conselho José Bonifacio referiu esta occurrencia e a extrema necessidade a que ella o reduziu e a sua familia.

O imperador entendeu que o ministro, visto a penuria em que se achava, devia ser indemnisado, pagando-se-lhe outro mez de ordenado, e neste sentido, deu alli suas ordens ao ministro da fazenda.

Martim Francisco não obedeceu. Disse ao imperador que não havia lei que puzesse a cargo do Estado os descuidos dos empregados publicos; que o anno tinha para todos doze mezes e não treze para os protegidos; e, finalmente, pedia a Sua Magestade retirasse a sua ordem, porque era exequivel que elle, Martim Francisco, repartisse com seu irmão o seu ordenado e que viveriam ambos com mais parcimonia aquelle mez, o que era melhor do que dar ao paiz o funesto exemplo de se pagar ao ministro duas vezes o ordenado de um só mez.

Este incidente não foi mais adiante. Martim Francisco repartiu com seu irmão o dinheiro que tinha, e José Bonifacio d'ahi por diante tomou mais cuidado no chapéu e no dinheiro que recebia.

(*Memorias*).

Bispo AZEREDO COUTINHO

ESTADO DO RIO — CAMPOS — 1743 — 1821

Este distincto prelado, fluminense de nascimento, illustre pela posição que occupou na igreja e ainda mais pelos seus escriptos sociaes e economicos, é o auctor do *Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias*, obra dada á publicidade em 1794 e reeditada mais tarde em 1816.

Espirito previdente, as suas obras tem caracter pratico e se occupam seriamente do desenvolvimento commercial e economico do Brasil e da então sua metropole. Ha ainda de D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coitinho o *Discurso sobre o estado actual das minas do Brasil* e a *Analyse sobre a justiça do commercio do resgate dos escravos de Costa d'Africa.*

Azeredo Coitinho foi bispo de Pernambuco, cuja capitania governou interinamente, e era socio da Academia Real de Sciencias de Lisboa.

Foi depois bispo de Elvas, em Portugal.

CIVILISAMENTO DOS INDIOS

Os escriptores que do fundo dos seus gabinetes presumem dar leis ao mundo, sem muitas vezes tratarem de perto os povos de que fallam, nem conhecerem os seus costumes, nem as suas paixões, dizem que é necessario introduzir ambição nos indios da America para os fazer entrar no commercio das gentes. Isso é suppor que elles não têm ambição: é um engano. Elles têm virtudes, têm vicios, são cheios de ambição como nós; ou esta se entenda pelo excessivo desejo da gloria e das honras, ou pelo nimio desejo dos bens. Elles emfim são homens, e isto basta.

Pelo que pertence aos bens: supposto aquelles indios necessitem de poucas coisas, comtudo, essas de

que elles necessitam, assim como facas, machados, contas de vidro, e outras bagatelas de que já fazem o seu luxo, elles procuram com tanta diligencia como os povos civilisados; por onde se faz evidente que elles conservam, assim como nós, o germen das paixões e da ambição. Nada mais falta do que a arte de fazer fermentar aquelle germen, e dar calor ás suas paixões para as desenvolver do embryão em que ainda se conservam. Isto é o que até agora não tenho visto tratado por algum escriptor. E' mais facil dar regras geraes do que sabel-as applicar ás circumstancias.

Para se civilisarem os indios do Brasil se tem já feito algumas tentativas, mas até agora debalde; talvez pelo pouco conhecimento que se tem daquelles povos. Um dos meios de que se tem usado foi o de reduzir as suas pobres aldeias em villas, e tirar do meio delles os vereadores, os almoçatés, etc., e fazer com que elles governem uns aos outros. Isto é querer principiar por onde as nações civilisadas acabam: a arte de bem governar é a mais sublime de quantas os homens tem inventado.

O indio selvagem, creado sempre no meio de uma liberdade absoluta, sem mais necessidades do que aquellas que elle em poucas horas satisfaz com o seu braço, educado sem alguma dependencia uns dos outros e que por isso se tratam todos de igual a igual, não se accomoda tão de repente com as ideias de obedecer ao seu semelhante, e este não tem mesmo a coragem de o mandar. E' necessario aprender da natureza que não faz as suas obras por salto; ella produz maravilhas por um progresso infinito.

O outro meio de que se tem usado ainda parece peior do que o primeiro. Dá-se um chamado director a uma povoação de indios dispersos, sem idéas algumas de utilidades relativas a estes povos, aos quaes se deveria dar por mestre da sua educação um sabio de uma sã philosophia o de uma meditação profunda, se dá pela maior parte um homem inhabil, que de nada serve na sociedade civilisada e que só se váe aproveitar da sub-

stancia d'aquelles miseraveis, aos quaes trata como verdadeiro despota e os faz trabalhar como besta de carga. Outros directores, ainda que mais habeis, não obram, comtudo, melhor; principiam logo a educal-os nas sciencias e nas artes proprias dos povos civilisados; mas como nem os filhos, nem ainda os paes percebem o fim e as utilidades para que os querem levar, nem têm ao redor de si objectos que lhes excitem a curiosidade e o desejo de saber, augmentam á sua molleza e inercia mais aquelle gráu de fastio e de aborrecimento, que naturalmente ataca um principiante, quando não é dirigido por uma mão habil e prudente.

Aquelles indios, olhando para si, e vendo que vivem e que existem sem dependencia d'aquellas sciencias, ou se persuadem que é uma loucura e extravagancia das nações civilisadas, ou que é mais um tormento inventado por ellas, para os opprimir e flagellar: elles são os mesmos que persuadem a seus filhos que fujam e que não aprendam.

Conheço que algumas vezes do meio d'aquelles filhos sahem alguns muito habeis e que aprendem com facilidade aquillo que lhes ensinam. Mas isto só prova que elles são capazes de uma boa educação; mas não que o methodo até agora praticado tenha sido o melhor e o mais proprio: o estado de infancia em que se acham aquelles povos ha mais de dois seculos faz ver esta verdade. Um director, lutando sempre com a repugnancia dos filhos e dos paes, necessariamente ha de ir pouco a pouco afrouxando e perdendo aquella primeira actividade, que o poz nas esperanças de poder conseguir delles alguma cousa. Só o amor terno de uma mãe e a constancia de um pae cheios d'aquelle fogo abrasador, que só a natureza sabe gerar, é que os póde fazer incançaveis em procurar o bem e a felicidade de seus filhos; é necessario principiar primeiro pela educação dos paes. O homem é sujeito a necessidades e a paixões; estas são maiores ou menores á proporção das ideias provenientes dos objectos que o cercam ou das que adquire pela educação. Entre estes affectos ou paixões, ha sempre

alguma ou algumas que sobresahem e excedem ás outras com mais força e actividade: estas são as que formam e constituem o caracter proprio do sujeito, assim cómo tambem o particular das nações.

A arte de pôr em acção a machina de cada individuo consiste em pesquizar qual é a sua paixão mais forte e dominante.

Achada ella, póde-se dizer que está descoberto o segredo e a mola real do seu movimento.

Aquelle que tiver a vista aguda e penetrante e um tacto fino e delicado para distinguir as paixões dos homens, os poderá conduzir sem duvida por cima das maiores difficuldades. O homem e ainda o bruto, levado por força, está sempre em uma continua lucta e resistencia; levado, porém, pelo caminho da sua paixão, elle segue voluntariamente e muitas vezes corre mesmo adiante daquelle que o conduz sem jamais temer, nem ainda os horrores da morte.

O indio selvagem entre a raça dos homens parece amphibio, parece feito para as aguas; é naturalmente inclinado á pesca por necessidade e por gosto. Esta é a sua paixão dominante, e por consequencia a mola real do seu movimento: é por esta parte que se deve fazer trabalhar a sua machina em beneficio commum, delle e de toda a sociedade.

O indio, apezar da sua inclinação pela pesca, encontra comtudo uma certa difficuldade em saciar a sua paixão: o methodo vagaroso e tardio, com que elle, pela falta de industria, faz a sua pesca, o aparta muitas vezes daquillo mesmo de que elle gosta, apenas contente com o pouco de que se nutre.

Mas logo que elle vir a facilidade com que o homem industrioso arma rêdes, fórma laços, e que de uma vez colhe milhares de peixes; este espectaculo maravilhoso, que de um só golpe de vista, debaixo da sua rude comprehensão, o encherá de alegria e de enthusiasmo: elle irá, mesmo sem ser rogado, lançar-se no meio da colheita e da abundancia.

Este arrebatamento de gosto o irá insensivel-

mente attrahindo e convidando a viver e communicar-se com os homens daquella profissão, que para elle se representa extraordinaria. Esta communicação lhe fará ver a differença do homem selvagem e do civilisado; pouco a pouco se irá domesticando e conhecendo que o homem é capaz de mais e mais commodidades.

Logo que elle vir que aquelle superfluo que elle até então lançava ás aves e ás féras, pelo beneficio do sal se conserva e lhe serve de meio para adquirir as commodidades de que elle for gostando, a sua paixão irá crescendo e á proporção, obrigando-o a fazer-se mais habil; elle já não quererá ser um simples marinheiro, quererá logo ser um mestre e senhor de uma rêde.

Elle quererá saber quanto toca a cada um dos companheiros e por consequencia se verá na necessidade de aprender a arithmetica para com toda a facilidade saber dividir: quanto elle for adeantando o seu commercio, tanto ha de ir augmentando a sua communicação, não só com as pessoas presentes, mas tambem com as ausentes. D'aqui virá logo a necessidade de saber ler e escrever e quando elle já não esteja em idade de aprender, elle fará que seus filhos suppram a sua falta. Da mesma sorte a camisa, o chapéu, a vestia, o calção, o sapato, que elle até então despresava como cousas superfluas e mesmo como um fardo pesado e enfadonho, para com elle romper os matos e as brenhas, se lhe irão fazendo uteis e necessarios; já não será preciso que os paes persuadam estas utilidades a seus filhos, bastará que os filhos olhem para seus paes.

Esta concurrencia de necessidades e de utilidades relativas os irá gradualmente ensinando a obedecer e a mandar; então elles encherão as ideias daquelles que até agora têm inutilmente trabalhado para os civilisar.

A experiencia lhes fará ver que a mesma corservação do individuo e as commodidades da vida são incompativeis com uma liberdade absoluta e com uma independencia sem limites. Elles conhecerão que é ne-

cessario perder alguma parte da liberdade absoluta, para gozar de outras muitas partes de uma maior liberdade relativa.

Destes povos civilisados pela pescaria sahirão marinheiros habeis para a navegação daquella costa e do commercio reciproco de umas para outras colonias. Nas pequenas embarcações daquelle commercio se formarão marinheiros intrepidos e atrevidos, capazes de arrostar-se com as maiores tormentas; elles formarão emfim uma marinhagem escolhida.

Os indios do Brasil são muito habeis, principalmente para tudo o que é de imitação ou de manufactura, e ainda mesmo para tudo o que pede força e agilidade: para a agricultura, porém, ou para o trabalho continuo de rasgar a terra, parecem ter os indios uma repugnancia invencivel.

A natureza por uma parte subministrando-lhe com mão larga e de que elles necessitam, e pela outra parte a inconstancia dos tempos e das estações, o vagar que comsigo traz a agricultura desde a sua plantação até a sua colheita, os lança mesmo na indolencia e na preguiça.

Elles não têm a paciencia de esperar, querem logo do trabalho do dia colher o fructo á noite, e por isso a pescaria e a marinha será para elles uma manufactura immensa. D'elles, além de habeis marinheiros e pilotos, sahirão muitos artifices para o serviço da marinha, carpinteiros, calafates, ferreiros, etc., e desta sorte aquelle indio selvagem, que até agora nem para si prestava, atravessará os mares, virá um dia beijar aqualla benefica mão que o tirou da indigencia, que por meio do sal o fez pescador, marinheiro, mestre piloto, artifice, commerciante; em uma palavra, um cidadão e um membro util á sociedade.

(*Ensaio economico*).

SALLES TORRES HOMEM

—

RIO DE JANEIRO 1812 — 1876

Francisco de Salles Torres Homem, depois Visconde de Inhomerim, era formado em direito e em medicina.

Como escriptor politico e orador parlamentar, mostrou sempre excepcionaes aptidões. Foi financeiro estudioso, e nessa especialidade prestou ao paiz bons serviços. Extremado defensor da liberdade, teve occasião de combater a escravidão, que elle considera como a « factora da corrupção e do vicio, quer pelos exemplos reiterados da mais grosseira immoralidade, quer pela depravação que infiltra na alma innocente de tantos meninos, confiados aos desvelos de estupidos escravos, só pedagogos da infamia e preceptores do vicio ».

Sob o pseudonymo de *Timandro* publicou o *Libello do Povo*, pamphleto mordaz e caustico, em que verberou grandemente os vicios, os erros e os habitos da Côrte do imperio. Foi duas vezes ministro da fazenda e presidiu o Banco do Brasil, tendo sido deputado geral e provincial. Morreu senador, representando na camara alta o Rio Grande do Norte. Escreveu para varios jornaes, nomeadamente a *Minerva Brasiliense*.

—

A CRISE DO PAIZ

O que os liberaes pleiteiam hoje nas margens do Beberibe, debaixo do fogo de metralha, não é um interesse local; é a causa do direito geral e do interesse commum: as liberdades do Brasil inteiro estão lançadas na mesma balança, em que ora pesam os destinos de Pernambuco. Elle foi a primeira victima arrastada ao altar do sacrificio; e, se succumbir em sua resistencia magnanima, igual sorte aguarda as demais provincias, onde ninguem se reputará seguro contra o furor da proscripção.

O paiz o sabe e é por isso que a fermentação e o alarma derramam-se por todas as classes da população;

é por isso que os cidadãos perguntam uns aos outros, cheios de anciedade — quando e como terminará esta lide horrivel entre o poder e a massa do povo? Onde estão as portas da sahida desta desgraçada situação?

A immensidade da crise que nos ameaça confunde a imaginação e não deixa abertas á mesma esperança, que em outras épocas do excesso dos males renascia. O despotismo da triplice alliança embargando o curso das reformas e dilacerando o paiz, acabou com todas as soluções regulares do problema social e privou até do remedio ordinario soffrimentos para que são precisos meios heroicos e radicaes.

Considere-se a lastimavel posição de nossa Patria! Uma constituição nominal, direitos sem exercicio, interesses sem satisfação, liberdade sem garantias, ministerios sem dogma e sem nacionalidade; um senado vitalicio e faccioso em plena revolta contra o principio do governo, pretendendo o transformar em oligarchia á veneziana; o direito de propriedade sem segurança, porque a justiça civil é distribuida por magistrados politicos, que sacrificam a paixões de partido, a imparcialidade do julgamento; a justiça criminal a innumeraveis harpias de uma policia, que atropella, despoja e escravisa o cidadão pacifico; a industria nacional monopolisada pelo querido portuguez, em quanto o povo engeitado geme sob a carga dos tributos que exige a divida de 400 milhões, despendidos na bella empreza de afogar em sangue seus clamores e de enriquecer seus inimigos; a nação envilecida, desprezada, conculcada por uma corte que sonha com o direito divino e só respira a aura corrompida da baixeza, da adulação e do estrangerismo; nada de generoso, de nacional e de grande; nada para a gloria, para a liberdade, para a prosperidade material; o enthusiasmo extincto; o torpor do egoismo percorrendo gradualmente como a frialdade do veneno do coração ás extremidades e amortecendo as carnes morbidas de uma sociedade que suppura e dissolve-se... tal o estado do Brasil!

Mas quem acordará do lethargo nossa indepen-

dencia natural, nossas tendencias americanas, nossa vitalidade, nossas esperanças e nossa grandeza? Quem nos salvará desta gangrena social a que a politica anti-progressista condemnou-nos? Quem salvará a liberdade das perseguições brutaes e systhematicas do governo do privilegio? Quem fará da excepção a regra, do Brasileiro um cidadão e das forças de todos a base e o genio do Estado?

Quem?

O acto da soberania nacional, que nomear uma Assembléa Constituinte!

Quando raiará o dia da regeneração?

Quando estiver completa a revolução, que ha muito se opera nas ideias e sentimentos da nação; revolução que, cahindo gotta a gotta, arruinou a pedra do poder arbitrario; revolução, que não poderão conter, nem as cabalas palacianas, nem bayonetas, nem a corrupção; revolução que trará insensivelmente a renovação social e politica sem convulsões e sem combate, da mesma maneira que a natureza prepara de dia em dia, de hora em hora, a mudança das estações; revolução finalmente que será o triumpho definitivo do interesse brasileiro sobre o capricho dynastico, da realidade sobre a ficção, da liberdade sobre a tyrannia!

(*O Libello do Povo — Timandro*)

A. C. TAVARES BASTOS

ALAGOAS — 1839 — 1875

Mentalidade robusta, Aureliano Candido Tavares Bastos representou na camara temporaria a sua provincia natal. Foi secretario da missão especial do Rio da Prata e em 1868, subindo ao poder os conservadores, fez pela imprensa energica opposição ao ministerio. Sentindo-se doente, partiu para a Europa, indo morrer em Nice, com 36 annos de idade.

As *Cartas de um solitario* constituem a sua obra principal, onde teve occasião de patentear o adeantamento da sua cultura mental, revelando-se defensor enthusiasta e ardente das idéas liberaes. Tavares Bastos escreveu mais : *Os males da actualidade e as esperanças do futuro, O valle do Amazonas, A opinião e a corôa, Carta politica ao Conselheiro Saraiva A Provincia, estudos sobre a descentralisação administrativa no Brasil, A reforma eleitoral, Memoria sobre a immigração,* e mais artigos em jornaes e revistas.

A ABERTURA DO AMAZONAS

Não ha riqueza natural que se esperdice hoje. O interesse do mundo — eu dizia — o principio da civilisação, do Evangelho, do Christianismo, da verdade, igualdade, — o bem-estar dos povos regula o direito dos povos.

Todas as questões internacionaes resolvem-se hoje por este principio. Da altura delle, tudo é pequeno, nada inspira interesse, nem os prejuizos dos reis, nem o orgulho das dynastias, nem a cegueira da plebe nem o egoismo das olygarchias, nem o fanatismo dos padres. A politica democrata, a politica do mundo, qual existe na cabeça de Bright e de Cobden, é combater o mal e favorecer o triumpho do bem.

Os eixos do mundo foram de ferro, são hoje de raios de luz. A terra era um campo de batalha; é hoje o congresso dos povos livres.

Liberdade! fraternidade! eis a palavra, meu amigo, que redomoinha pelos golphos e pelos mares da Europa, atravessa o oceano, derrama-se pela India, abraça-se com a America, arroja-se contra os gelos do Norte e as tempestades do Sul, murmura nas virações, ouve-se no gemer das ondas, lê-se nos astros, soletra-se nas flôres das campinas e sente-se ennobrecer e consolar a alma humana, humilhada por tantos crimes, por tantos odios, por tantos vicios, por tantas deshonras!

Penetrae no leito immenso do Amazonas, assisti á luta gigantesca da pororóca, estudae a fertilidade daquellas margens, a abundancia daquellas aguas, a multidão daquelles rios, a extensão daquellas provincias, a variedade daquellas florestas; combinae todas essas impressões e dizei-me se aquillo póde ser um thesouro improductivo de dois ou tres povos somente, se aquella parte de um mundo que Colombo deitou aos pés da humanidade póde ser a propriedade exclusiva dos commerciantes e dos navegantes de alguns pequenos estados.

Se a região amazonica é o que ha na terra de mais portentoso e de mais incrivel, como concebe-se que deva ella permanecer inculta e inutil? Não póde o mundo civilisado fazer valer contra nós o mesmo direito com que arrancou as concessões do Celeste Imperio e domou o Japão?

Consideremos a outra face da questão. Um povo reduzido em numero, raro em artistas, em agricultores, em operarios, em constructores, em navegantes, habita as margens do Amazonas. Se esse povo se communicasse directamente com o europeu e com o norte-americano, é fóra de duvida que teria mais barato o pão, mais commodo o panno, mais abundante o transporte, mais facil a vida. Se elle, porém, continúa a ser explorado por um commercio mesquinho, pela pequena navegação de cabotagem ou por uma companhia privile-

giada, é evidente que difficilmente crescerá, desenvolver-se-á, adquirirá forças e accumulará capitaes. Esse povo, ajudado, pelo colono europeu ou pelo americano, aprenderá a arte da agricultura, affeiçoar-se-ia á terra abandonaria os habitos da vida errante, engrandeceria o Estado e augmentaria as forças da nação.

Não tem esse povo, portanto, o direito de exigir que o deixem viver livre, que não lhe supprimam o ar, não lhe confisquem a luz?

A questão é simples, é clara e não admitte duvida. Venham agora responder a esse povo contrariado no seu interesse e á humanidade offendida nas suas pretenções, venham responder-lhes com as letras frias de tratados do tempo de Luiz XIV, com os ajustes das metropolis de Hespanha e Portugal, n'um seculo em que a antiguidade não é fiadora de nada e está, pelo contrario sujeita á fiança da utilidade geral, do interesse de todos, do bem estar do povo, esse abysmo insaciavel que devora os thronos mais envelhecidos na historia e as instituições mais arraigadas na indole, nos habitos e nos prejuizos do mundo!

Eis ahi, amigo, o meu ponto de partida. Esboçando-o ligeiramente, escuso de pôr em evidencia os corollarios da doutrina, que vós adivinhaes melhor do que eu formularia.

Não vos admire, entretanto, que eu tenha me elevado ás nuvens para discutir uma questão que parece tão simples. Mas não é dos cumes dos Andes que sente-se melhor a magestade do Amazonas e e immensidade do Pacifico?

Vosso amigo, o

SOLITARIO.

Cartas do Solitario. — Carta XXV.

Homem de Mello

S. PAULO — PINDAMONHANGABA — 1837

Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Barão Homem de Mello, professor, historiographo, geographo, politico, administrador, parlamentar, foi professor do antigo collegio D. Pedro II, e hoje o é de historia e geographia no Collegio Militar. Foi director interino da instrucção publica da Capital do Brasil. Administrou com criterio e tino as provincias de S. Paulo, Ceará e Rio Grande do Sul, tendo representado por vezes S. Paulo na Camara dos deputados. Foi, depois da Republica, intendente municipal da Capital Federal. Homem de Mello chegou, em 1880, a ministro do imperio, fazendo parte do gabinete de 28 de Março. E' membro de varias associações scientificas e literarias nacionaes e estrangeiras, entre ellas o Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Entre os seus innumeros e utilissimos trabalhos, citaremos: ***Esboços biographicos***, ***A Constituinte perante a historia***, ***Escriptos historicos e literarios***, ***Estudos historicos brasileiros***, ***Biographia do Barão do Triumpho***, ***Discurso*** feito no acto da inauguração da estatua de José Bonifacio, ***Atlas do Imperio do Brasil***, etc., etc.

—

O MARQUEZ DE MARICÁ

Poucas nações poderão, como o Brasil, gloriar-se de apresentar em tão curto espaço de tempo um numero tão avultado de grandes illustrações em todos os ramos dos conhecimentos humanos.

Em menos de meio seculo uma geração completa de pensadores, sabios e literatos ostentou aqui a sua força e fecundidade e honrou as armas da patria. Souza Caldas e S. Carlos, como poetas sacros; José Bonifacio, como sabio e como estadista; Cayrú, como economista e como jurisconsulto; Mont'Alverne, como philosopho e orador sagrado; Antonio Carlos e Martim

Francisco, como oradores politicos; Vasconcellos, como legislador e estadista; são nomes gloriosos que honram uma nacionalidade e constituem por si só o orgulho de um paiz.

No meio dessa grande geração de sabios notaveis, que abrem os annaes do seculo XIX no Brasil, destaca-se um vulto venerando, que legou á posteridade seu nome em um monumento immorredouro. Philosopho e moralista, pensador profundo e original, o Marquez de Maricá é uma dessas intelligencias vigorosas, que honram o seculo em que nasceram e dão nome a uma nação.

Nessa fronte rugosa o perpassar dos annos depuzera o sello da sabedoria; em seus labios severos e contrahidos pousava a verdade; em seus olhos quasi amortecidos transparecia a luz da reflexão. Havia em sua austera physionomia a expansão de uma alma pura e de um espirito elevado.

N'essa cabeça cingida por uma corôa de cabellos brancos, agitavam-se grandes pensamentos; um thesouro immenso de profundas verdades ali encerrara-se para conduzir a humanidade no caminho da virtude.

Poucos nomes têm na historia uma reputação tão pura e tão nobremente adquirida.

Marianno José Pereira da Fonseca nasceu no Rio de Janeiro no dia 18 de Maio de 1773, filho legitimo do negociante Domingos Pereira da Fonseca e sua mulher D. Thereza Maria de Jesus.

Nascido no seio de uma familia abastada e das principaes do paiz, seus paes cedo trataram de dar-lhe uma educação apurada e na idade de 11 annos, o mandaram para Portugal. Ahi chegando, estudou as materias preparatorias no real collegio de Mafra.

Findos estes estudos, seguiu na Universidade de Coimbra o curso de mathematicas e philosophia, e nesta materia tomou o gráu ds bacharel em 1793.

Terminada sua educação superior, destinava-se a ir estudar medicina em Edimburgo, quando a morte

de seu pae o chamou ao Brasil para cuidar dos interesses de sua casa.

Regressando a sua patria, chegou ao Rio de Janeiro no principio do anno de 1794, e fez logo parte da Academia Scientifica, que fôra fundada nesta cidade em 1772, sob os auspicios do illustrado vice-rei, marquez do Lavradio e que tão uteis serviços prestou ás letras, promovendo a industria da cochonilha no Brasil e outros melhoramentos importantes.

Não eram, porém, os tempos propicios a estas innocentes expansões da intelligencia. Em 1794 o vice-rei, conde de Rezende, suspeitoso e desconfiado, dissolveu violentamente esta Associação de Benemeritos Literatos, e prendeu os seus principaes membros, mandando contra elles instaurar uma rigorosa devassa.

Pereira da Fonseca, como membro desta Academia, foi então preso no dia 4 de Dezembro desse anno, com o distincto poeta Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, e retido incommunicavel por dois annos, sete mezes e quinze dias. Livre, emfim, por ordem régia dos horrores do carcere, onde o lançara a mão de um absolutismo suspeitoso, continuou em sua profissão de negociante, até que sua probidade illibada e suas conhecidas habilitações o chamaram á vida publica em 1802.

Com desinteresse e inteireza serviu successivamente até 1821 differentes logares de administração; e ahi adquiriu essa longa pratica dos negocios; esse habito do trabalho e esses conhecimentos experimentaes, tão necessarios ao homem publico. O horizonte de suas ideias alargou-se com o tracto dos homens e das cousas e o seu espirito de reflexão aproveitou para a sciencia o resultado da sua experiencia e observações.

Em 1821, quando já o movimento das ideias preludiava a emancipação politica de sua patria, foi eleito deputado secretario da Junta Provisoria, creada no Rio de Janeiro. A confiança popular distinguia já esse nome respeitavel, que era uma garantia de ordem e tranquilidade publica.

Consummada a independencia, Pereira da Fon-

ça foi chamado a apparecer em primeira linha na scena publica a par do que havia de mais intelligente no paiz. Eram poucas as pessoas habilitadas que possuiamos: mas vultos notaveis appareceram então e cumpre dizer que os primeiros talentos da epocha, com raras excepções, foram aproveitados na governação do Estado.

Já experimentado na administração e de reputação firmada, esse illustre brasileiro foi chamado ao ministerio da fazenda em 13 de Novembro de 1823, logar que serviu até 23 de Novembro de 1825, distinguindo-se por sua proverbial probidade.

Fez parte do conselho de estado que elaborou a constituição jurada em 1824, foi escolhido senador pelo Rio de Janeiro de 1826, sendo mais tarde nomeado visconde, depois marquez de Maricá.

Sua vida publica foi placida e serena; homem de gabinete, caracter eminentemente religioso, nenhuma parte teve nas crises que agitaram seu paiz. Conquistou as mais elevadas posições sociaes de sua patria, não por effeito de intrigas ou de meios tortuosos, sim pelo seu merecimento, intelligencia e probidade illibada.

Uma vez pago o seu tributo á causa da organisação politica do seu paiz, o Marquez de Maricá, cedendo ao pendor de suas naturaes inclinações, pareceu retrahir-se á solidão, para entregar-se ás suas profundas meditações. As paixões do mundo não ousavam transpôr as avenidas do seu retiro: ahi, nessa mansão serena do pensamento, dedicava-se ao culto da verdade e ao estudo da philosophia, depois de haver tractado e conhecido os homens e as cousas.

Nelle o homem religioso fazia desapparecer o politico. O profundo pensador e moralista não descia da altura de suas abstracções philosophicas para envolver-se no turbilhão dos acontecimentos, que se debatiam como em um mar agitado. Seu nome atravessou puro e incolume no meio das crises politicas que ao redor delle se desencadeavam.

Importante e elevada é a missão desses pensadores fecundos que se embrenham com o facho da re-

flexão pela região infinda das grandes ideias: são elles que dissipam o erro e descobrem as verdades sociaes, que devem muitas vezes mudar o destino dos povos.

Antes que a revolução franceza apparecesse, seus principios se tinham já agitado com ardor no cerebro de Rousseau e Voltaire e uma cohorte illustre de pensadores os havia já proclamado.

Na idade de sessenta annos, no ultimo periodo da madureza intellectual, depois de ter observado o mundo, começou a escrever suas maximas, fecundo resultado de longa e esclarecida experiencia.

Como são solemnes estas palavras que o illustre sabio estampou nas ultimas paginas de seu livro immortal, como o seu testamento literario!

« Depois de impressos varios volumes das minhas *Maximas*, continuo a escrever, sem esperança de poder publicar o pouco que da minha penna sahir.

« Sinto-me ir morrendo, e não só na dissolução physica, tambem na espantosa esterilidade do meu espirito, reconheço, sem horror, a approximação do meu ultimo dia.

« Escrevo, pois, para distrahir-me sómente. Já me é vedado o ler; e vivendo a sós com minhas meditações, ideias me occorrem que não me parecem indignas de ser escriptas.

« Em treze annos e em seis volumes, tenho publicado quatro mil e setecentos artigos, com o titulo *Maximas, Pensamentos e Reflexões*.

« Afigurou-se-me ser esta uma missão, que de Deus recebera, e comecei a desempenhal-a, no periodo da mais plena madureza da minha intelligencia. Foi o objecto das minhas vigilias, desde a idade de sessenta annos até os setenta e tres annos completos..........

.......« Procurei ser util á humanidade, e nem a forma de que revesti os meus pensamentos é das menos proprias para alcançar tal fim.

« Comprehendi eu a minha missão?

« Dentro da minha campa o ouvirei do écho da posteridade. »

A pallidez da morte pousava já em seu cadaverico semblante. O lume de seus alhos apagára-o a vigilia de todas as horas. Podia morrer, porque seu passado não era uma pagina muda ; e no dia de sua morte saudara o sol da gloria, que despontava detraz do seu tumulo !

O Marquez de Maricá falleceu no Rio de Janeiro, aos 16 de Setembro de 1848. Hoje, que seu nome passou aos archivos da posteridade, a historia póde proferir com segurança o seu juizo, sanccionando a admiração da geração contemporanea por esse vulto immenso de nossas letras.

A maxima tem uma linguagem propria, segredo de arte e de estylo, que cumpre guardar. E' nesses pensamentos isolados, que resumem muitas vezes uma grande verdade, que se revela o talento superior do escriptor, que se apura mais a precisão das ideias.

A concisão e a sobriedade devem alliar-se á lucidez da expressão.

Consideradas por esse lado, as *Maximas* do marquez de Maricá constituem um primor d'obra e revelam um literato artista de apurado gosto.

Cada palavra tem ahi o seu quilate. Admira-se, sobretudo, o atticismo da linguagem, a limpidez do estylo, a correcção e severidade de fórmas que revestem os seus pensamentos.

Algumas vezes uma mesma verdade, como companheira fiel, revoava em torno do seu espirito e vinha de novo pousar sobre sua penna. E' o que nos explica algumas repetições que se notam na collecção de suas maximas.

Ha alli talvez algumas reflexões sombrias, verdades amargas, que levam a desillusão ao espirito.

Mas a quem jamais, nas horas dos intimos pensares, não terá assomado uma idéa de tristeza e desengano cruel ? Quem não terá nesta vida descrido um dia da bondade dos homens ? Esse presentimento sinistro está escripto na historia das duvidas do espirito huma-

no. Só a religião fecha as feridas do scepticismo com o balsamo salutar de uma santa crença.

Tal era o marquez de Maricá, apezar de algumas palavras sombrias que sahiram de sua penna.

Via e confessava as fraquezas dos homens, mas a palavra santa da tolerancia religiosa estava em seus labios; e a admiração das grandes obras da natureza vinha logo misturar-se a essa dor moral. Em seu livro de maximas, glorioso monumento erguido á literatura nacional, ha como uma vasta synthse das grandes verdades, que o espirito humano tem conquistado no decurso dos seculos. O resultado de profundas meditações, de uma experiencia reflectida, de observações fecundas colhidas no grande livro do mundo, ahi se acham accumuladas.

A philosophia christã nunca teve um interprete mais eloquente, a moral religiosa nunca encontrou um apostolo mais fervoroso. Cada pensamento ahi é um hymno á virtude, um culto á verdade.

O philosopho, o publicista, o legislador, o diplomata, o homem de estado, o literato, ahi encontrarão todas as verdades profundas, que o illustre sabio desentranhava de seu cerebro, onde parecia arder a luz perenne da sciencia.

O espirito sente-se como tocado de uma concentração religiosa, percorrendo estas paginas venerandas, onde um pensador vigoroso e fecundo depoz o sello do seu immenso saber.

Ha alguma coisa de grandioso e solemne no espectaculo desses cenobitas da sciencia, que se retrahem á solidão para consagrar-se ao culto da verdade, como esses *obreiros sepultados no fundo das minas de ouro, que enviam á terra thesouros de que nunca gozarão*. (*)

E' um livro monumental esse, em cujas paginas o coração se expande ao aroma suave da virtude, sem que nas maximas de uma sciencia vã se desbote a flor delicada do sentimento.

(*) Chateaubriand — Estudos Historicos.

Receba a patria, cheia de agradecimentos, legados como esse: eduque-se a nova geração nesses principios de uma moral pura, que ahi estão escriptos nesse grande livro; e no exemplo de uma sociedade regenerada pela palavra inspirada do philosopho ficará firmada pela perpetuidade dos seculos a gloria do Marquez de Maricá.

Esboços biographicos.

Domingos J. G. de Magalhães

RIO DE JANEIRO — 1811 — 1882

O visconde de Araguaya, Domingos José Gonçalves de Magalhães, representou importante papel no movimento romantico entre nós, collocando-se á frente delle com o seu celebre artigo na revista *Nictheroy*, e, pouco depois, com a publicação dos seus *Suspiros poeticos* e *Saudades*. Muitos são os volumes deixados por Magalhães, e, entre elles, na poesia, citaremos o poema épico *Confederação dos Tamoyos*, rudemente criticado por Alencar.

Philosopho, historiador, poeta, escriptor de theatro, elle publicou: *Factos do espirito humano*, *A alma e o cerebro*, *Urania*, *Antonio José ou o poeta e a inquisição*, *Olgiato*, *Memoria historica e documentada da revolução do Maranhão*, etc., etc.

Foi politico (deputado geral e secretario dos governos do Maranhão e do Rio Grande do Sul) diplomata, tendo representado o Brasil na America do Norte e em Roma, junto ao Vaticano: foi nesta qualidade que, em 1882, Magalhães falleceu em Roma.

Foi lente de philosophia do Collegio Pedro II, hoje Gymnasio Nacional.

Fr. Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio e Fr. Francisco de Monte-Alverne

Bem diversos eram os caracteres como as physionomias destes dois grandes oradores. A sublimidade dos pensamentos de Monte-Alverne estava esculpida, como pelo cinzel de Miguel Angelo, na dura severidade do seu macerado rosto. A imaginação risonha de Sampaio transluzia na expressão das suas faces animadas com a frescura do colorido de Rubens. A voz de Monte-Alverne trovejava; a de Sampaio trinava como um gorgeio abemolado. Em um, tudo era força, no outro tudo graça: o primeiro era mais douto, o segundo mais erudito; mas ao ouvil-os ambos, difficil era dar a preferencia, porque, se um arrebatava, o outro encantava.

Como philosopho, tinha Monte-Alverne vasta leitura, e professava um eclectismo que nada tinha de original, e não me consta deixasse trabalho algum que lhe possa dar mais gloria que as suas orações sagradas; e a sua mesma qualidade de orador e theologo não lhe permittia que se afastasse muito da philosophia christã. Como professor, devendo ensinar a moços apenas sahidos das aulas de latim e de rethorica, seguia os compendios de Genuense, cuja deficiencia suppria com postillas manuscriptas, que dava a copiar aos discipulos; e em suas prelecções mostrava-se conhecedor profundo da sciencia. E como sempre orava, mesmo conversando, eram as suas lições ouvidas com muita attenção e algum proveito. Tanto por esse dom de bem fallar, que é sempre a manifestação de feliz intelligencia, como pela doutrina que ensinava, não tinha elle rival como professor de philosophia, que mui inferiores lhe eram o benedictino Polycarpo e o conego Januario Barbosa, seus contemporaneos.

O primeiro, grave de aspecto e costumes, não passava do sensualismo de Condillac, com alguns commontarios de Cabanis e de Tracy, que eram os seus oraculos em philosophia. O segundo, todo dado á politica, á polemica dos diarios, ao pulpito e ás sociedades literarias, que elle animava com a sua presença magestosa, auctoridade do seu nome e maneiras sempre affaveis, pouco cuidava da sua cadeira de philosophia. Nem por isso o censuramos, que necessario era todo esse enthusiasmo de Monte-Alverne.

D. ANTONIO DE MACEDO COSTA

—

BAHIA — 1830 — 1891

D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará, pela sua erudição pouco commum, pela sua eloquencia arroubadora, pela firme dialetica dos seus discursos, e mais, pela correcção de linguagem dos seus escriptos, foi um cultor de muito merito das letras patrias. Formou-se em S. Sulpicio, em Paris.

Tomou parte na celebre questão religiosa, em que esteve empenhado o então bispo de Pernambuco, D. Vital de Oliveira, com quem foi processado e encerrado em uma fortaleza.

E', diz-se, o auctor da celebre pastoral collectiva dos bispos brasileiros, após o 15 de Novembro publicada, em que o episcopado brasileiro declarava acceitar o novo estado de coisas. Morreu em Barbacena.

Eximio theologo e literato, são do bispo do Pará as obras: *Pio IX pontifice-rei*, *Noticia biographica do bispo de Pernambuco, D. Francisco Cardoso Ayres*, *O christianismo e o progresso*, *Direito contra direito*, *Resumo da historia biblica*, *O Amazonas*, meios de desenvolver a sua civilisação, etc., alem de innumeras cartas pastoraes aos diocesanos.

—

SOLUÇÃO DA QUESTÃO RELIGIOSA

Tal é o alcance immenso do doloroso conflicto em que, já agora, nenhum homem pensador e amigo de seu paiz póde ficar neutro.

E' o choque de duas doutrinas que se encontram frente á frente.

De um lado, o catholicismo verdadeiro, apoiando-se no magisterio infallivel da Igreja; do outro lado um catholicismo bastardo, apoiando-se no governo e na maçonaria. De um lado, a religião segundo o Evangelho e a lei eterna de Deus; do outro lado, uma religião segundo as constituições e as leis mudaveis dos homens.

De um lado, a consciencia catholica reclamando para si o direito de crêr livremente na Igreja de Jesus Christo e obedecer-lhe; do outro lado o regalismo despotico, declarando que é um crime crêr na Igreja e obedecer-lhe, sem o beneplacito de Cesar.

De um lado, o Direito de Deus, o direito da consciencia humana, o verdadeiro e eterno direito; do outro lado um pretenso *direito constituido*, *um falso direito*, que não é outra coisa senão o arbitrio dos politicos.

Eis aqui a questão.

Qual é o meio de resolvel-a? Proseguir no caminho das violencias, das appressões e das tyrannias? Povoar as gemonias de Bispos, de Sacerdotes, de Catholicos fieis; condemnal-os aos horrores do ostracismo, ou ao horror, inda maior, de um scisma?

Isto é impossivel.

Não, repito com toda a convicção da minha alma, isto é impossivel!

Não estamos na Allemanha de Bismarck, nem na Suissa de Ceresole; estamos no Brasil, terra catholica e livre. Pertencemos a uma nação pia, mansa, generosa, a cuja indole repugnam os excessos daquelles despotas revolucionarios.

A solução da questão religiosa resume-se numa só palavra:

Liberdade! Dae liberdade á Igreja de Jesus Christo! Ella não vos invade, ella não vos violenta; deixa-vos seguir o vosso regalismo, ou quaesquer doutrina ou seitas que queraes abraçar. Deixae-a tambem livre de regular-se conforme suas leis.

Oh! bem aventuradas cadeias, que darão de si a liberdade da Igreja do Brasil! Bemaventuradas oppressões e injustiças, que estão despertando em tantas almas o fervor, que andava tão amortecido, das verdadeiras crenças catholicas!

O que parece um pôr de sol, é uma aurora! A cruz núa do calvario está annunciando uma resurreição! Esta crise dolorosa, que a muitos se affigura mortal, é a passagem para a vida! A cruz irá seu caminho para

o futuro, para um futuro esplendido e glorioso, apezar das trevas e desfallecimentos do presente. Ruja a tormenta embora, cerre-se a noite sobre este triste mundo, que parece querer voltar para o paganismo.

Os pharóes estão accesos; a costa toda illuminada!

A doutrina catholica se affirma em toda a sua força, em toda a sua belleza.

Havemos de transmittir a todos esta luz da verdade, que faz a felicidade de nossa vida. A força de soffrimentos, de esforços, de sacrificios, meneando as armas pacificas da oração e da palavra, conseguiremos chamar nossos irmãos desviados, á suave communhão da Igreja de Jesus Christo.

Quanto á mim, apezar de minhas cadeias, sintóme feliz de viver para lutar e soffrer, de viver para dar um testemunho da fidelidade com que devemos servir á patria da terra e á patria do céu. Condemnem-me os homens como um fascinora e um rebelde.

Quando, com a mão tremula, elles tiverem lavrado e assignado minha sentença, firme na minha consciencia, certo de ter feito o meu dever, olharei tranquillo para o céu e direi:

« Appello para a justiça de Deus! ».

Direito contra direito, ou o *Estado sobre tudo 1847*.

Monsenhor PINTO DE CAMPOS

—

PERNAMBUCO—1819—1887

Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, politico e literato, sermonista de segura dialectica e escriptor correcto, é o auctor apreciado de uma traducção annotada do *Inferno, de Dante*, de *Jerusalem*, impressões da sua viagem á Terra Santa, da *Biagraphia do Duque de Caxias* e de innumeros sermões e discursos parlamentares.

—

O DUQUE DE CAXIAS

Nas mais diversas applicações da sua intelligencia, soube elle permanecer sempre o mesmo. Por mais alto que subisse, em cada degráu da sua esplendida vida, nunca foi visto vacillar. Soube administrar, combater, governar, tudo em maxima escala, ficando sempre simples e modesto. Distinguiu-o invariavelmente a austera simplicidade de um Cincinato, mas a quem nunca o estado permittiu voltar do triumpho para a charrua, pois não têem sido dadas ferias a tão constante lidar.

Por mais que barafuste a inveja, a historia não acceitará que o nome de outro algum dos nossos cidadãos se superponha ao deste; e ao nosso compatriota passará tambem o cognome de *Duque de Ferro*, com que outro general foi saudado. Já lhe conheceis as qualidades moraes e physicas. Duma sobriedade exemplar, supporta as maiores fadigas, sem demonstrar cansaço. Nunca foi visto desmentir-se-lhe o vigor do animo ou a placidez do espirito, nem nos mais criticos momentos, que a responsabilidade de um commando em chefe devia

converter em seculos de anciedade. Sempre achou tempo para Deus, para a patria, para os amigos, para a humanidade.

Essa estrella que lhe attribuem, acredita nella, não como os fatalistas, mas sim como predominio da intelligencia sobre as acções, caso esse em que a sorte, como diz Vieira, não está nas mãos dos fados, senão nas nossas. Se o acaso venturoso entra por um decimo nos grandes resultados obtidos, nove decimos são devidos ao calculo, á intelligencia, á perspicacia, á promptidão.

Sim, homens destes não deviam morrer. São esteio da patria, pharol seu, sua gloria, sua esperança. Se um Caxias, durante meio seculo tem prestado toda a casta de serviços a este paiz, na sua separação, no seu organisar-se, na sua pacificação, na sua segurança interna e externa, quem sabe se d'ora avante, mais que nunca, essa coadjuvação possante não virá a ser-nos necessaria e urgente? Não se tem a patria costumado, em todos os seus transes angustiosos, a apontar para este homem, invocando-o com o brado: *Tu es ille vir?*

Biographia do Duque de Caxias.

QUINTINO BOCAYUVA

—

RIO DE JANEIRO — 1836

Quintino Bocayuva, cognominado o *principe do jornalismo brasileiro*, é, na imprensa nacional, justamente reputado como um dos seus mais illustres, mais notaveis representantes.

Com dezesete annos, então na escola de S. Paulo, entrou no jornalismo, e dessa época em diante tem redigido varias folhas diarias *(Diario do Rio de Janeiro, Tribuna, O Parahyba, O Diario do Rio, O Globo, A Republica* e por ultimo *O Paiz)* e collaborou em varios outros. O que foram seus artigos neste j rnal dil-o o papel importante e saliente que tem representado *O Paiz,* redigido por Bocayuva desde a sua fundação, nas nossas transformações politicas, nos movimentos sociaes e nas reformas por que tem passado a nação.

Mas Quintino não tem sido só jornalista: foi tambem auctor dramatico, tendo escripto, entre outras, as reputadas peças: *Omphalia, Trovador, Quem porfia sempre alcança, Dominó azul*, etc., e cultivou a poesia, tendo traduzido o *Estudante de Salamanca*, de Espronceda e escripto o poema-historico *Gonzaga*, em seis cantos. Publicou ainda *Estudos criticos e literarios* Mas tem sido principalmente como escriptor politico e homem publico que Bocayuva se tem salientado.

Tendo tomado parte no movimento de que resultou o advento da Republica, Quintino teve o seu lugar de responsabilidade no Governo Provisorio, tendo sido depois, no periodo constitucional, senador pelo Estado do Rio, cujos destinos foi chamado a presidir, no triennio de 1901 a 1903. No novo posto que occupa, a patria fluminense tem tudo a esperar do velho propagandista republicano, intelligencia lucida, servida por um espirito reflectido, amadurecido no estudo das causas patrias e no conhecimento dos homens.

—

A OPINIÃO PUBLICA E O GOVERNO

Sobre consciencias avassaladas não ha senão um imperio possivel — o imperio despotico. — E do dia em que esse imperio se funda póde-se datar a hegyra da

probidade politica, da sã razão e da liberdade legal. A' oppressão consolidada só ha um meio de opposição: a resistencia organisada. E desde que chega esta collisão, podemos considerar destruidos todos os elementos constitutivos de uma sociedade regular. Estas reflexões acodem-nos involuntariamente ao espirito, sem que nos proponhamos applical-as em toda a sua rudeza á situação actual. O nosso fim é outro. E' fallar ao paiz a linguagem da verdade, e lembrar-lhe os vicios que a afeiam, para que ella propria se corrija.

O pleito eleitoral que acaba de ser ultimado, por menos irregular que corresse, offerece assumpto para sérias meditações.

N'um paiz, como o nosso, onde todos os poderes são delegações da soberania nacional, força é que a opinião publica seja uma realidade e não um disfarce, de que se revistam alternativamente todas as pretenções, ainda as mais contradictorias. Se a opinião é que deve governar, cumpre que os governos sejam modelados por essa norma e que, reconhecendo e respeitando a sua origem, sejam fieis á delegação que recebem. Em nossa fórma de governo, o espirito publico é que deve ser o regulador do governo, elle é que deve formar a politica dominante, elle é que deve exprimir a sua idéa. Mas será isto o que acontece entre nós? Não, digamol-o sem reticencias. Custa-nos a dizel-o, mas devemos dizer a verdade, aqui é o governo quem fórma a opinião! Se o governo é conservador, estae seguros de que o paiz se representará officialmente nesse caracter. Se é liberal ou de outra qualquer côr politica, a representação official do paiz será sempre expressada no sentido governamental.

Quereis mesmo um paradoxo, para não dar-lhe nome mais feio? Formae um ministerio republicano e vereis erguido o estandarte de Tira-Dentes! E tudo isto serve para significar uma só cousa; que a organisação politica do paiz é viciosa. Que não ha senão um poder effectivo, real, que é aquelle que dispõe da força, das graças e dos recursos officiaes. Que toda a nação

está montada em uma machina eleitoral prompta a fabricar opiniões de todas as côres. Que nenhuma idéa triumpha completamente, nem é derrotada inteiramente porque o templo da opinião nacional tem altares apparelhados para os santos do calendario, como para as estatuas do paganismo. Que a grande questão, questão individual e questão collectiva é subir e alcançar o poder, porque tudo o mais será feito.

Destas anomalias systematisadas uma consequencia resulta: é que a nação não é nação, nem a soberania é soberania!

João Cardoso de Menezes e Souza

BARÃO DE PARANAPIACABA

—

S. PAULO — SANTOS — 1827

Formado pela escola de direito de S. Paulo, o barão de Paranapiacaba exerceu primeiro o magisterio secundario e advogou, sendo depois empregado de fazenda, se apresentando no logar de director do contencioso. Representou Goyaz na Camara dos Deputados e era do conselho do imperador.

Poeta inspirado, Paranapiacaba deu á publicidade a *Harpa gemedora*. Escreveu ainda: *O christianismo, Christo e o socialismo, Theses de colonisação no Brasil, Camoneana brasileira,* etc., etc. Traduziu as *Fabulas* de Lafontaine e o *Jucelyn* de Lamartine e ainda outras composições do mesmo vate francez.

No *Correio Mercantil* publicou um artigo sobre Monte-Alverne e o sermão da Gloria.

Paranapiacaba escreve com perfeito conhecimento da lingua portugueza, que lhe deve formosas paginas de prosa amena e de versos simples e melodiosos.

—

FREI FRANCISCO DE MONTE ALVERNE

Fr. Francisco de Monte Alverne é um desses oraculos da Providencia, enviados á terra para plantar a arvore da cruz sobre o terreno que o philosopho esterilisou. E' ainda debaixo da impressão, causada pelo sermão desse venerando apostolo e possuido de admiração pelo seu genio transcendente, que traçamos estas linhas, com a dextra tremula da recente commoção. O genio é como o sol deslumbrante que derrama um occeano de fulgôres e esparge os germens da creação e os elementos da vida.

Se Fr. Francisco de Monte Alverne não é mais do que um reflexo do que foi, esse reflexo é ainda tão vivo, que basta para illuminar todos os satellites que em torno deste astro gravitam.

E' que o genio é uma scentelha de potencia creadora, cujo fóco immortal é a mesma intelligencia infinita, e o archote que Deus collocou nas mãos daquelle a quem concedeu em partilha esse fogo sagrado só deixa de aclarar os olhos do genero humano, quando se envolve nas nuvens da loucura ou na escuridão do sepulchro.

O illustre cenobita, encerrado no silencio e na solidão de um mosteiro, concentrou o espirito nas contemplações mysticas, saturou-se da ambrosia dos anjos, ouviu os echos longinquos das harmonias das espheras, para traçar-nos hoje a historia eloquente desse ultimo episodio de sua vida poetica, revelar-nos thesouros novos de sabedoria e erudição, erguer um padrão immorredouro á gloria do crucificado e escrever seu nome numa das mais brilhantes paginas dos campeões do Evangelho.

Assim o áloes e a myrrha, fechados por algum tempo em redoma de vidro e postos de repente em contacto com o ar, embalsamam o ambiente com os effluvios de sua fragrancia, até ahi represos.

Assim a lampada votiva, resguardada do vento pela mão da virgem do Senhor, deslumbra subitamente os olhos do christão, que penetra no adyto do santuario envolto nas trevas da noite.

As notas sublimes e arrebatadoras da musica de Gianini repercutiam nas abobadas douradas da Capela Imperial e um mar de cabeças agitava-se no recinto do templo, estreito para a multidão, que regorgitava. Um sentimento de inquieta curiosidade desenhava-se nessas physionomias variadas. Todos procuravam com os olhos o homem prestigioso, cuja voz emmudecera, havia dezoito annos, e agora, após o lapso de tão longo periodo, vinha acordar os echos de um passado de recordações gloriosas. Eil-o que se curva ás

plantas do prelado, beija o annel episcopal, saúda profundamente os augustos chefes do Estado e, conduzido por entre o povo, que, com a respiração em offego, guardava o silencio da anciedade e da adimiração, surge na tribuna sagrada e offerece aos espectadores o seu venerando busto.

Era o busto de Homero, animado pelo sopro da vida e pelo fogo celeste da inspiração.

Seus olhos, privados de vista, brilham com extraordinario fulgor, como se os houvesse tocado nesse momento solemne um raio da luz divina; seu coração, como que dilatado pelas commoções que o suffocam, parece querer irromper das arcadas do peito; sua fronte, calva e espaçosa, que parece sellada pelo cunho do genio e illuminada pela aureola dos predestinados, apoia-se nas mãos e poisa sobre o encosto do pulpito, como se vergasse ao peso das grandes concepções que lhe fervem na mente...

Joaquim Nabuco

—

PERNAMBUCO — 1849

O vulto proeminente de Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, um dos mais sympathicos da nossa historia politica e literaria, impõe-se ao respeito nacional, pelo papel saliente, de propagandista esforçado e agitador intemerato, que representou na historia da abolição da escravidão no Brasil, a cujo serviço esteve sempre a sua penna e a sua palavra inflammada.

Notavel tribuno, jornalista, escriptor politico, historiador consciencioso, critico literario, parlamentar illustre, eis tudo o que foi Joaquim Nabuco, cujas obras principaes são: *Camões e os Lusiadas*; uma série de notaveis pamphletos politicos e literarios, entre os quaes sobresahem dois em francez, *Le droit au meurtre*, a proposito do *Tue la*, de Dumas Filho, e uma collecção de poesias *Amour et Dieu*, *Conferencia sobre o tri-centenario de Camões*, *Propaganda liberal*, *O abolicionismo*, publicado em Londres, *O dever dos monarchistas*, *Balmaceda*, interessante estudo sobre o celebre dictador chileno, *A intervenção estrangeira durante a revolta*, e por fim, a mais completa, a obra que o consagra como historiador e como estylista, *Um estadista do Imperio*, vida do Conselheiro Nabuco, senador por Pernambuco e pae do emerito publicista e escriptor nacional. Exerce actualmente o cargo de nosso ministro em Londres, com poderes especiaes para tratar da velha questão de limites.

E' do Instituto Historico e da Academia Brasileira de Letras, de que foi um dos fundadores.

—

INFANCIA DE NABUCO

Nada opera a dilatação rapida do espirito tanto como as viagens, a mudança de costumes, de sociedade e de paiz. O perigo das grandes deslocações frequentes é tornarem o espirito fluctuante, versatil, desapegado. Do Pará para o Rio a differença era consideravel. No vasto meio para o qual o transportavam aos doze annos de idade devia desabrochar o primeiro germen de

sua verdadeira vocação, — a politica. Foi com esta causa permanente de desattenção no espirito que elle fez os estudos de preparatorios de 1825 a 1829. O pae não o podia dirigir nelles; não tendo recebido outra instrucção senão a que era indispensavel no seu tempo ao filho de uma familia pobre destinado a pequenos empregos.

Não sonhava Manoel Fernandes Nabuco que o Brasil se tornasse imperio para o filho vir a ser senador!

Nabuco cursava como externo as aulas da cidade, mas o que via e ouvia em casa do pae, frequentada pelas deputações do Norte, tinha maior interesse para elle do que o latim e a mathematica

A familia morou sempre no centro da cidade, em ruas visinhas da Camara, como a da Assembléa e do Hospicio; nas grandes occasiões, em vez de directamente seguir para a classe ou de voltar para a casa, o joven José Thomaz corria á galeria da Camara para ouvir Vasconcellos, Ledo, Calmon, Paula Souza, D. Romualdo, Lino Coutinho. N'aquelle recinto, porém, no qual se reunira a Constituinte, a mocidade via, sobretudo, o vasio deixado pelos Andradas. Em 1829 elles estavam todos tres no Brasil.

O prestigio da grande trindade da Independencia da Constituinte tinha consquistado inteiramente os jovens de imaginação exaltada, como Nabuco; mais tarde o effeito dessa admiração far-se-á sentir sobre elle nas lutas da Regencia « O nome dos Andradas era um nome fascinador para toda a mocidade do meu tempo », diz o mais eloquente dos seus interpretes, M. de Araujo Porto-Alegre.

Os debates da tribuna continuavam e completavam-se pelos da imprensa politica. O jornalismo brasileiro tomara uma feição completamente nova com o apparecimento da *Aurora Fluminense*, em 1827. O estylo da *Aurora*, como creação de uma só intelligencia, é realmente um phenomeno notavel. São os dois acontecimentos intellectuaes da epocha: a penna de Evaristo da Veiga e a palavra de Bernardo Pereira de Vas-

concellos. Uma e outra têm os mesmos caracteristicos de solidez e de força que nenhum artificio pode substituir. Uma e outra são a ferramenta simples, mas poderosa, que esculpe o primeiro esboço do systema parlamentar no Brasil. A pagina de Vasconcellos, sobretudo, grava-se para sempre na imaginação de Nabuco.

Do meio para o fim da sua carreira parlamentar este ultimo fallou sempre sentado e os que o ouviram sabem que essa postura, em vez de privar o orador dos seus meios de acção sobre o auditorio, augmentava a solemnidade do gesto, a repercussão da palavra, a animação do discurso. Nesses dias, sempre de anciedade para elle, o modelo que lhe vinha á lembrança era o busto do grande Vasconcellos, chumbado pela paralysia na sua curul, mas dominando della com um sarcasmo, uma pausa, um lampejo de olhar, a Camara suspensa e maravilhada.

Um Estadista do Imperio, J. Th. Nabuco de Araujo.

José Verissimo de Mattos

PARA' — 1857

Escriptor merecidamente considerado, José Verissimo é apontado como critico severo e imparcial, franco e independente. Tendo redigido varios jornaes na sua provincia, na Capital da Republica o illustre paraense fundou e tem dirigido sabiamente a *Revista Brasileira*, excellente publicação, que rivalisa com as melhores similares estrangeiras.

Como educacionista, José Verissimo tem dirigido estabelecimentos de educação, de que foi o fundador, tendo occupado o cargo de director do Gymnasio Nacional. Nessa especialidade, escreveu o livro *A educação nacional*. Em 1889 foi a Paris, onde assistiu ao 10º Congresso Anthropologico, ao qual apresentou uma memoria sobre *O homem de Marajó e a antiga civilisação amazonica*.

Das suas obras, mencionaremos: *Scenas da vida amazonica, Estudos brasileiros, A pesca na Amazonia, A educação nacional*, etc.

José Verissimo tem collaborado em varios jornaes fluminenses, como a *Gazeta de Noticias* e o *Jornal do Commercio*, para o qual escreveu ás segundas-feiras uma interessante *Revista literaria*.

Pertence á Academia Brasileira de Letras.

A LINGUA PORTUGUEZA NO BRASIL

Em todo o Brasil o grande facto da evolução das linguas, attestado pela linguistica, encontra plena comprovação na face que vae tomando a lingua portugueza. Nem podia, é certo, deixar de ser assim, attenta a cooperação de novos elementos ethnicos, novos costumes e necessidades. No mesmo Portugal, onde até agora os espiritos eram avessos á fórma que está tomando aqui o portuguez, fórma que escarneciam e satyrisavam, alguns escriptores emancipados dos prejuizos nacionaes e educados nos methodos da sciencia moderna,

conhecem e explicam esse facto naturalissimo, comprehendendo que as linguas estão sujeitas a evoluções fataes e tanto mais caracteristicas, quanto mais differentes são os meios para qne são transportadas e onde servem de vehiculo ao novo pensamento de novas gentes.

A este respeito assim se expressa o Sr. Theophilo Braga: « Na moderna nacionalidade brasileira a lingua tambem se vae alterando, constituindo um verdadeiro dialecto do portuguez; cada um dos elementos da mestiçagem contribue com as suas alterações especiaes. O elemento colonial modifica a accentuação phonetica de um modo mais exagerado do que nas ilhas dos Açores; o som *s*, como o *ch* gallego, torna-se sibilante e mavioso, sobretudo nos pluraes; as construcções grammaticaes distinguem o *se* condiccional do reflexo *si*, e os pronomes precedem os verbos, como: *Me disse*, em vez de *disse-me*. No vocabulario o portuguez conserva os seus provincialismos actuaes e os archaismos do tempo da colonisação. Da parte do elemento ante-historico, uma certa indolencia na pronuncia exerce a grande lei da queda das consoantes medias e vogaes mudas: assim, *senhor* é *siô; senhora* é *sinhá;* os finaes da palavra vão-se contrahindo, perdendo os seus suffixos caracteristicos, como: *peó*, em vez de *peior*, *casá*, em vez de *casar*. Na parte do vocabulario é que se nota mais profundamente a acção do elemento ante-historico, pela profusão immensa de palavras de lingua tupy, introduzidas na lingua familiar de todo o imperio. »

Nem seria coroavel já hoje desconhecer esta séria alteração da lingua portugueza no Brasil, sob a acção combinada, embora inconsciente, de differentes factores ethnicos, climatericos, ethologicos, etc.

Não sabemos, nem agora nos importa saber, se tal transformação nos leva a um dialecto portuguez, tendo apenas com este relações de parentesco; mas o que nos parece averiguado é que a lingua que nós fallamos aqui não é já absolutamente a mesma que se falla na antiga metropole, embora a lingua escripta lá e aqui, seja, salvo casos de incorrecção censuravel, perfeita-

mente a mesma. Ora, é sabido por todos que as fórmas linguisticas começam por ser falladas e assim levam muito tempo, antes de se fixarem pela escripta, o que é apenas um trabalho de secundaria erudição.

Além de milhares de expressões de origem estrangeira (brasilio-guarany, africana. hespanhola, franceza, etc.) que fazem parte do vocabulario corrente do povo brasileiro, muitissimas palavras portuguezas mudaram de significação entre nós, ou, conservando em parte o seu verdadeiro sentido, adquiriram novos.

Aqui no Amazonas temos: *sitio*, logar e pequeno estabelecimento agricola; *queimada*, participio do verbo e substantivo significando roça que se queimou para plantio; *montaria*, canôa; *ajuntar*, reunir e tambem apanhar, levantar; *furo*, canal; *doce*, assucar; manteiga com a siguificação propria e mais a de oleo, etc.

Não julgo errado pensar que esta evolução não ficará sómente aqui, porém se passará ao proprio Portugal. Assim como é actualmente enorme a superioridade material do Brasil sobre a antiga metropole, tempo virá em que essa proeminencia passará á ordem moral tambem, porque o nosso nacionalismo, crescendo em numero, crescerá igualmente em importancia politica e civilisação, e então não é impossivel que a lingua fallada por cincoenta ou cem milhões de homens actúe fortemente sobre a lingua fallada por cinco, dez ou mesmo quinze milhões, pois que nada autorisa a acreditar em um maior augmento de população portugueza. Accresce ainda que, attenta esta differença de população — que já é bem sensivel hoje — maior expansão terá a nossa civilisação; mais numerosa e naturalmente mais notavel será a nossa producção literaria, a qual, chamando sobre si, em virtude mesmo da nossa importancia politica, a attenção dos povos estrangeiros, dará a supremacia á lingua em que fôr escripta, isto é, ao portuguez fallado no Brasil.

Um facto que vem abonar em nosso asserto é que sente-se já em Portugal, nas provincias do Norte principalmente, onde abundam os *brasileiros*, como alli cha-

mam aos portuguezes idos do Brasil, já lá sente-se a influencia da lingua e dos costumes brasileiros, como tive occasião de verificar. O que não será, pois, quando essa corrente de acção brasileira, fazendo-se em maxima escala e por maior numero de annos, centuplicar o seu valor numerico e por isso mesmo a sua influencia effectiva? E, principalmente, quando, em virtude da grande naturalisação — que é de imprescindivel necessidade decretar — a immigração para o Brasil não fôr sómente de camponios do Minho, mas tambem das classes esclarecidas do reino, em procura do novo campo para exercicio da sua actividade? Esses, de volta um dia á patria — os que voltarem — tendo soffrido a acção inevitavel do meio, alli influirão ainda com mais effectividade do que aquelles, no sentido do abrasileiramento da lingua portugueza. O já citado Sr. Theophilo Braga verificou na historia da literatura portugueza factos da influencia brasileira sobre o lyrismo portuguez no seculo XVIII. Ora, se um tal influxo foi possivel quando a metropole tinha uma incontestavel superioridade material e moral sobre a colonia, com maioria de razão poderá dar-se quando, como vae acontecendo, os papeis estiverem invertidos.

Por outro lado, si Portugal, como parecem acreditar os seus pensadores mais esclarecidos, — n'um futuro que sinceramente desejo remoto — vier a perder a independencia em uma reunião forçada ou voluntaria com a Hespanha, perderá tambem a sua lingua, que passará então e definitivamente ao Brasil, legitimo herdeiro do enorme legado. (*) Cogitando neste facto possivel e até provavel, assim, se expressa o notavel philologo portuguez, o Sr. Adolpho Coelho: « A lingua portugueza... no Brasil, em Ceylão, tem padecido modificações que se reproduzirão em parte no continente

---

(*)...... recebe-o, guarda-o,
Generoso Amazonas, o legado
De honra, de fama e brio......

GARRET.

se perdermos a nacionalidade e ella deixar de ser lingua literaria ; o —*r*— desinencia de infinito deixará necessariamente de ser pronunciado, como succede no Brasil. »

Scenas da vida Amazonica 1886.

Santos Werneck

—

ESTADO DO RIO — BEMPOSTA — 1858

Antonio Luiz dos Santos Werneck é formado em borla e capello e defendeu these, em que foi approvado com distincção.

Velho republicano, tendo abraçado essa bandeira politica em 1885, então deputado provincial, Santos Werneck tem exercido com brilho cargos importantes, após o advento do governo republicano, pelo qual propugnara na tribuna e na imprensa. Foi secretario do ministro da justiça do governo provisorio (Dr. Campos Salles) e fez parte da commissão que, presidida por Saldanha Marinho, foi encarregada de elaborar o projecto da constituição federal. Preencheu o logar de juiz de secção em S. Paulo e tem regeitado varias candidaturas, como a da presidencia do Estado, que lhe foi offerecida por um dos partidos que militavam na politica fluminense.

Alem de muitos artigos esparsos por jornaes e revistas, escreveu Santos Werneck valiosos artigos, bem lançados e ricos de argumentação, em prol da liberdade profissional, que defende, e que aliás a constituição consagra. Ainda na escola, publicou o livro *O positivismo republicano na academia*, em que refuta certas theorias do seu collega e amigo Assis Brasil. E' deste livro o trecho que publicamos de S. Werneck.

O illustre fluminense tem em elaboração importante trabalho sobre o *Direito Republicano*.

—

TRECHO DE UM LIVRO

.... Conhecendo que sem o concurso humano não póde haver sciencia social porque as suas faculdades são elemento indispensavel do progresso, todavia, na elaboração dos phenomenos sociologicos, damos á intelligencia consciente do homem a parte menor. Para nós, a fatalidade historica é a fatalidade da intelligencia humana: sendo o cerebro um motu continuo e devendo o seu movimento produzir

por força algum resultado, confiamos mais nesta elaboração activa, mas inconsciente em relação ao fim ultimo, do que n'uma actividade que se presume conscia da meta a attingir e que joga mais com o orgulho do arbitrio do que com a força da razão. Antes que Augusto Comte houvesse descoberto as leis da evolução politica e social; antes que o homem, conhecendo o methodo da civilisação, pudesse se utilisar delle para pautar a sua conducta e alcançar o seu destino, qual foi o motor do progresso realisado, qual conduziu a humanidade até este seculo, chamado das luzes, se não o agente fatal e inconsciente da intelligencia humana? Não nos demonstra isso que, abandonado, no tempo e no espaço, ás suas proprias forças, o homem, só por si do movimento espontaneo, do choque incessante de suas virtudes cerebraes, ha de fatalmente, embora sem previsão, desenvolver-se e aperfeiçoar-se?

Até o seculo actual, as nuvens da metaphysica toldavam ainda os horizontes scientificos; do craneo da humanidade começaram a surgir as sciencias precisadas e distinctas: a mathematica, a astronomia, a physica, a chimica e a biologia despiram completamente as faxas espirituaes e foram collocar-se sob a alçada de uma jurisdicção positiva. Só faltava a emancipação da sciencia social: o mundo havia progredido, os factos abundavam nas chronicas dos povos, algumas tentativas de generalisação ephemeras denotavam que os materiaes estavam promptos e apparelhados: um architecto era necessario e Augusto Comte appareceu. Não obstante haver a fatalidade cega do progresso fornecido os elementos para uma abstracção scientifica, foi preciso o esforço titanico de um genio, foi preciso uma possante concentração de espirito, uma *reflexão* vigorosa da intelligencia para que ella pudesse arrancar do seu proprio antro as leis reguladoras do desenvolvimento social.

Com a sociologia, Augusto Comte enfeixou em luminoso circulo todos os ramos do conhecimento humano; determinou a marcha dos phenomenos sociaes,

previu, e onde ha previsão ha sciencia, confirma muito bem Herbert Spencer.

Só então poude o homem auxiliar consciente, *scientificamente*, o trabalho até então puramente fatal de sua intelligencia, o fructo de sua actividade cerebral. Methodisado o progresso, a sua marcha devia ser mais veloz: o carro da civilisação devia correr em linha recta, não mais procurando ás tontas o seu destino e seguindo as circumvoluções periodicas de uma longa espiral. Mas, embora systematisado e convertido em sciencia, nem por isso o fatalismo historico, o labor *inconsciente* da intelligencia perdeu a preponderancia sobre o outro factor; por poderem ser *previstos*, os acontecimentos sociaes não ficaram *conhecidos* em sua intima contextura.

Assim, o medico muitas vezes prognostica, prevê o termo favoravel de uma molestia, sem ter podido fazer o diagnostico e reconhecendo-se impotente ante a novidade e a extranheza de alguns symptomas. Os phenomenos sociaes não se repetem como os phenomenos physicos e chimicos, e, quando se repitam, as condições de sua formação simulam aspectos differentes e apparecem antes espontaneamente do que sollicitadas.

....

A pedra que róla da montanha obedece material e forçosamente á lei da gravitação, não tem consciencia de seu movimento, nem do termo final de sua marcha. No mundo social o philosopho metaphysico sente e percebe que a sociedade caminha, que a humanidade se move, sente que é levado pela corrente do impulso, vagamente suspeita da meta derradeira de seus esforços, *não prevê*, e não podendo explicar as leis do progresso, attribue a fatalidade ao dedo da Providencia.

O positivismo não substitue o motor fatal da evolução pelo motor caprichoso da vontade, julgandose ao serviço da razão, corta o dedo da Providencia e descobre a lei dos *tres estados*, aceita o fatalismo historico, o fatalismo scientifico, o fatalismo da razão operando sobre si mesma, conhece e explica a natureza do

progresso, *prevê* o fim e mede a distancia para alcançal-o; mas, por isso mesmo que uma luz allumia o sitio, avista a desegualdade do terreno, descortina os abysmos que cercam por todos os lados a antiga estrada e observa o escarpado da encosta.

A perspectiva torna-o receioso e timorato e aconselha-lhe a prudencia e a precaução; tão sómente limita-se a empregar os pequenos recursos que lhe forneceu uma recente descoberta para auxiliar o successo fatal e espontaneamente prospero que até aqui caracterisou a marcha das sociedades humanas. Emquanto outros audazes exploradores não continuarem a obra encetada, desempedindo o terreno e melhorando-o e beneficiando-o, o positivista escolhe de preferencia a rota traçada pela fatalidade inconsciente da razão, a desviar-se muito longe della, pois sabe que, entrando no desconhecido, arrisca-se temerariamente a esterilisar até os fructos do proprio progresso inconsciente. Este é ainda o elemento preponderante na producção dos phenomenos sociaes.

O Positivismo Republicano na Academia.

RAMIZ GALVÃO

—

RIO GRANDE DO SUL — 1846

Escriptor merecidamente apreciado, o Dr. Benjamin Franklin de Ramiz Galvão é auctor de interessantes obras, não só em medicina, em que é formado, como em literatura amena, em historia, em biographia, em geographia, artes, etc.

Escreveu: *O pulpito no Brasil*, *Apontamentos historicos sobre a ordem benedictina*, que lhe valeu o logar que tem no Instituto Historico, *Memoria historica sobre a academia de medicina*; merecendo especial mensão a sua traducção, refundida, melhorada e augmentada, da bella obra de *Elisée Reclus* sobre o Brasil. Foi lente de botanica da escola de medicina, lente do collegio Pedro 2º, director da bibliotheca nacional, aio dos principes, filhos da princeza Isabel, tendo sido socio fundador do instituto dos bachareis em letras.

Benjamin Franklin, perfeito conhecedor da lingua, professor de grego e de latim, escreve com correcção o vernaculo e tem exercido o professorado secundario.

Fez parte da redacção da *Gazeta de Noticias*.

—

A ELOQUENCIA SAGRADA

A eloquencia sagrada, que um autor catholico denomina a eloquencia de todos os tempos, de todos os governos e de todos os paizes; a eloquencia que foi desconhecida na antiguidade e não appareceu senão com o Evangelho, é sem duvida alguma a que mais espaço concede aos talentos e aos genios — A razão é simples.

Não circumscripta em limites acanhados, mas livre e sem barreiras, tendo por base os principios de uma legislação por excellencia justa e harmonica, porque dimana do principio de toda a harmonia — Deus; visando como fim ultimo sempre a propagação da ver-

dade; indo procurar suas victorias em uma região elevada e fazendo consistir seus trophéos, não em palmas passageiras e caducas, senão em glorias immorredouras e estaveis, a eloquencia sagrada offerece ao espirito cultivado um campo vastissimo e inexhaurivel, embora não seja seu texto mais que — Deus e a Caridade. — Como bem diz Chateaubriand, não lhe são precisas as cabalas de um partido, nem emoções populares, nem grandes circumstancias para brilhar; na paz mais perfeita, sobre o ataude do mais obscuro cidadão, ella acha seus mais sublimes movimentos, sabe interessar por uma virtude ignorada e faz correr lagrimas por um nome de que nunca se ouviu fallar: incapaz de temor e de injustiça, ella dá lições aos reis sem insultal-os, consola os pobres sem lisongear-lhes os vicios ou corrige os desvarios dos grandes sem animosidade.

E' por isso, sobretudo, que a eloquencia sagrada, dizemos nós, se eleva tanto acima da eloquencia judiciaria e politica, é nisto principalmente que ella diverge da eloquencia antiga. D'aqui se vê que não concordamos com La-Bruyère, que a distingue só por essa tristeza evangelica que reveste e caracterisa as palavras proferidas no pulpito. Não! Muito elevada está esta tribuna sobre aquellas, para que sua distincção nada mais seja que uma simples roupagem de tristeza; a distancia que separa o orador sagrado do profano é muito grande para que se differencem por tão pouco.

A distincção verdadeira é a fonte onde aquelle se inspira; é o fim diverso a que elle tende e é o meio de que se serve para alcançar seu desideratum. O primeiro inspira-se na religião e não tem senão como razões secundarias a politica e as cousas da terra, que são para o orador profano os primeiros moveis de eloquencia; o orador sagrado olha para o céu e tem por desideratum anniquilar as paixões, serenar os espiritos e, quando muito, despertar um sentimento christão, em quanto o segundo faz consistir seu triumpho no abalo dessas mesmas paixões e dá por completa sua missão, quando agita as ondas populares ou perturba os cora-

ções; o orador sagrado, emfim, combate os movimentos desordenados do espirito para conduzil-o, ou analysa as fraquezas humanas para destruil-as, emquanto o orador profano sopra o fogo dos sentimentos energicos, para arrastar, ou faz alavanca das contradicções do homem, para persuadir.

O Pulpito no Brasil.

Araripe Junior

—

CEARÁ—FORTALEZA — 1848

Tristão de Alencar Araripe Junior, romancista nos seus primeiros annos de vida literaria, dedicou-se mais tarde á critica, no que é, entre nós, dos que mais se salientam, não só pela perspicacia e tino que revela nas suas observações e estudos, como ainda pelo seus processos e methodos de fazer critica, em que, por vezes, se torna de uma habilidade rara, traçando, com a maior precisão, um perfil ou descrevendo uma individualidade.

Os seus trabalhos, além dos romances ***Luizinha, Jacina,*** a ***Marabá, Um ninho de beija flôr*** e ***O reino encantado,*** são: um estudo sobre José de Alencar, o seu melhor livro, ***Dirceu,*** estudo e ***Gregorio de Mattos,*** tambem estudo. Escreveu mais sobre as obras de D. Garcia Mérou, escriptor argentino, n'***A Semana,*** onde ainda publicou um ***Retrospecto literario*** do anno de 1893.

Na ***Revista Brasileira,*** onde tem sempre collaborado, escreveu Araripe Junior os formosos artigos ***A esthetica de Poé*** e um escorso sobre Machado de Assis, trecho que escolhemos para abrilhantar as paginas do nosso livro.

São ainda de A. Junior, os estudos sobre Silvio Romero e Clovis Bevilaqua, na ***Revista Brazileira.***

Araripe Junior pertence á Academia Brasileira de Letras.

—

MACHADO DE ASSIS

Typo acabado do homem de letras, benedictino da arte, Machado de Assis constitue no Brasil um dos raros exemplos de poeta e romancista, que, resistindo ao meio e vencendo as hostilidades do proprio temperamento, fiel á vocação, conseguiu completar a sua carreira. Filho das proprias obras, elle não deve o que é, nem o nome que tem, senão ao trabalho e a uma continua preoccupação de cultura literaria.

Nascido aos 21 de Junho de 1839, nesta capital,

do consorcio de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis, o autor do *Quincas Borba*, filho de operario, foi destinado em principio ao commercio, onde apenas permaneceu tres dias como caixeiro de uma loja de papel. Dedicando-se logo depois á arte typographica, parece que ahi as suas aptidões naturaes se desenvolveram rapidamente, já pelo contacto com a imprensa, esse poderoso instrumento de irradiação literaria, já pela approximação dos jornalistas que naquella época brilhavam no mundo politico ou se ensaiavam na prosa e na poesia.

Affirma-se que nesta situação, animado por um grupo de rapazes, pela maior parte mortos, entre elles, Casimiro de Abreu, Macedo Junior, Caetano Filgueiras e Gonçalves Braga, começou a versejar, e em 1860 entrou para o *Diario do Rio de Janeiro*, a convite de Quintino Bocayuva, o qual fazia parte da respectiva redacção, ao lado de Henrique Cesar Muzzio, um prosador de muito talento, e de Manoel Antonio de Almeida, autor das *Memorias de um Sargento de Milicia*, o romancista de costumes, talvez da mais talento, que tem nascido entre nós.

Em 1867 transferiram-o para o *Diario Official*, na qualidade de ajudante do Director e ahi o encontramos ainda em 31 de Dezembro de 1873, época em que foi nomeado primeiro official da Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, por occasião de reformar-se essa repartição, na qual, conservando-se até hoje, foram os seus serviços galardoados com a promoção, em 7 de Dezembro de 1876, a chefe de secção, e em 30 de Março de 1889 a Director da Directoria do Commercio.

Eis em rapidos traços a vida official do poeta, que, ao primeiro lance d'olhos se nos affigura destituida de accidentes, sem luctas, e semelhante, na tranquilidade, á daquellas matronas romanas, em cujas sepulturas os coévos epigrapharam o celebre distico: *foi honesta e fiou lã*. O segredo, porém, desta tranquilidade, observada na carreira burocratica de Machado de Assis, en-

contra-se na correcção do funccionario e no mais decidido horror á vida politica activa, cortezan desbragada que ás letras brasileiras tem arrebatado os seus mais bellos talentos.

Não tendo a politica conseguido seduzil-o, volveu-se o seu espirito inteiro para a arte e para o bello. Nas suas producções, nos seus livros, pois, é que se poderá encontrar a sua verdadeira historia, historia das suas lutas pelo ideal, que não devem ter sido pequenas, attenta a circumstancia de que o poeta tem assistido ao advento de tres revoluções ou escolas literarias.

*
* *

Como todos os escriptores do seu tempo, Machado de Assis formou-se, educou-se e recebeu as suas melhores armas de combate, das mãos dos poetas e prosadores romanticos. Pertencente ao grupo de literatos que surgiu immediatamente depois do movimento imprimido ás letras patrias, em varias direcções, por Gonçalves Dias, Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Alvares de Azevedo, por muito tempo o autor das *Memorias Posthumas de Braz Cubas* vagou entre o classismo de Antonio de Castilho e o arrojo da fórma romantica representada em Portugal principalmente por Alexandre Herculano.

O tempo, porém, encarregou-se de convencel-o de que ao seu temperamento não convinha, nem a avidez do primeiro, nem as violencias de imaginação do segundo. Dados os primeiros passos, adquirida a fórma clara e nitida que o namorava desde a publicação das *Chrisalidas* e que logo depois se stereotypou nas *Phalenas*, elle ensaiou-se no conto, e é nesse terreno que gradualmente vê-se despontar o broto, de onde rebentaram mais tarde as concepções que hão de affirmar no futuro a sua passagem pelas letras brasileiras.

Aos amigos já de ha muito revelára-se Machado de Assis um *causeur* arguto e original. Espirito excentrico, apaixonado dos livros, philosopho sem systema, mas sempre prompto a estacar com um ponto de admi-

ração nos labios diante de todas as singularidades que a vida nos apresenta, e com espanto nos olhos diante de todos os typos originaes que a historia nos transmittiu, esse *causeur* inesgotavel precisava, antes de tudo, apparelhar-se no genero literario mais apropriado a resumir o genio da divagação e as excentricidades de um autor independente e sem pretenções a director de um movimento. Machado de Assis não chegou, entretanto, de um salto á sua obra verdadeira. Embora as *Memorias posthumas de Braz Cubas* e *Quincas Borba* não sejam senão o desenvolvimento do *humour* dos contos denominados *Luiz Soares* e *Miss Dolar*, que se encontram no seu primeiro livro de historias, elle por espaço de muitos annos confundiu essa aptidão com a do psychologo analysta objectivo; e por essa razão o vemos dando successivamente á estampa os romances *Ressurreição*, *Yá-yá Garcia* e *Helena*, livros em que a influencia de Octave Feuillet é tão visivel, como o é nas fórmas do seu humorismo a de Laurence Sterne, o grande creador de *Triston Shandy*. A ascendencia deste, comtudo, sobrepujou a d'aquelle, não só porque achava terreno apropriado para fructificar, mas tambem porque só os espiritos superiores e originaes conseguem abrir sulcos e semear na imaginação dos que se occupam com as suas obras; e o auctor do *Romance de um moço pobre* é escriptor para se copiar, mas nunca para se estudar como elemento de fecundação. Machado de Assis, portanto, entregou-se definitivamente a Sterne, entregou-se a si mesmo e fortaleceu o seu verdadeiro talento. Cultivando a propria nevrose, desenvolvendo, *secundum artem*, as excentricidades nativas do seu espirito, objectivando-as com franqueza nos personagens dos seus romances, em vez de procurar traduzir observações feitas sobre personagens da vida real, que no relato teriam forçosamente de transfigurar-se nos phantasmas doentios creados pela imaginação do romancista, elle abriu o proprio talento em campo vasto e original de actividades, no qual, sem offensa a direitos adquiridos, póde-se dizer que, na literatura brasileira, não

encontra rival, nem escriptor que ao menos procure acompanhal-o.

De facto, as *Memorias posthumas de Braz Cubas* e o *Quincas Borba* são livros unicos na lingua portugueza.

....

....

*
* *

O autor do *Quincas Borba* foi successivamente critico, poeta archaico, poeta romantico, romancista de salão e contista; e por ultimo affirmou-se escriptor humorista de primeira ordem. Exercendo toda a sua actividade literaria na composição de obras pertencentes a varios generos literarios, de 1851 até esta data, elle tem atravessado phases diversas, em que, ora por influencias das correntes literarias produzidas na Europa, ora por effeito de reacção indigena sobre essas mesmas influencias, o gosto assumiu-lhe fórmas antagonicas.

Foi assim que Machado de Assis assistiu aos adventos do indianismo de José de Alencar, do neo-romantismo e das tentativas dramaticas de Quintino Bocayuva e Pinheiro Guimarães, da escola condoreira de Tobias e Castro Alves, do naturalismo personificado na geração que despontou em 1878 com José do Patrocinio, Thomaz Filho, A. Celso Junior, Assis Brasil, Lucio de Mendonça, V. de Magalhães, e do parnasianismo representado por O. Bilac, Raymundo Correia e outros.

Estas oscillações da esthetica nacional, se não influiram profundamente na marcha do espirito de Machado de Assis, todavia deram-lhe forças para retemperar o seu caracter de artista e enriqueceram-lhe o estylo, porque elle não só não hostilisou os novos, mas até buscou comprehendel-os e estudou-os com sympathia.

Semelhante facto, evitando o desapreço do mestre, teve uma grande vantagem para o romancista: saturou-o dos progressos deste fim de seculo e ao mesmo tempo manteve a sua individualidade ao abrigo da de-

composição, que sempre acompanha os autores faceis em acceitar e imitar a primeira novidade que apparece no mercado literario.

Em synthese, Machado de Assis significa um poeta classico-romantico, que, em caminho, matisando a sua imaginação com a variedade das côres e dos aspectos das oppostas paizagens que foi atravessando, descobriu a existencia em sua alma de uma região excentrica e nella firmou as tendas do seu estylo. Tal segurança de esthetica poderia ser ainda perturbada pelos exageros do realismo, pelo zolismo, ou antes, pelo Medanismo, se, como affirmam Paul Adam e outros occultistas, essa escola não estivesse em vesperas de descer ao tumulo da historia.

Felizmente, porém, para os excentricos, ahi vêm o symbolismo, o magismo, o egotismo, o ipseismo, o neo-catholicismo, o tolstoismo, o ibsenismo, todas as nuanças, emfim, do mysticismo moderno com os seus respectivos credos de destruição da carne e purificação da ideia; se bem que as tendencias dos reaccionarios, ultimamente postos em evidencia, apenas se relacionem entre si por um vago anceio religioso, uma necessidade de volver ás formas archaicas de todos os tempos e a um hieratismo literario quasi attingindo o fakirismo, é bem provavel que dessa luta por novos ideaes comecem a surgir productos capazes de rivalisar com os primores dos mestres de todas as épocas, logo que os novos revolucionarios consigam explicar os seus desaccordos com os progressos scientificos do seculo XIX.

Acredito que esse movimento, como os anteriores, não será hostil á musa de Machado de Assis, antes pelo contrario, o autor das *Memorias posthumas de Braz Cubas*, que ainda tem diante de si largo espaço para trabalhar, poderá das novas concepções estheticas extrahir elementos de inspiração immensamente favoraveis á producção dos seus livros paradoxaes.

A introducção da chiromancia, do hypnotismo, da kabala, da graphologia, das influencias hyperphysi-

cas na literatura, não deve trazer senão vantagens ao autor de certos capitulos da philosophia de *Braz Cubas* e da psychologia lunatica de Rubião Humanitas.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

—

RIO DE JANEIRO — 1845—1897

Luiz Guimarães Junior, lyrista de uma doçura ineffavel, correctissimo na forma impeccavel, é talvez o mais estimado e o mais amado dos nossos poetas lyricos, tendo conseguido, sem duvida pela delicadeza e graça dos seus versos maviosos, conquistar o publico, que o ama, que o lê, que decóra e recita os seus sonetos e as suas canções.

Os seus livros de versos são: *Nocturnos, Corimbos* e *Versos e Rimas,* sendo este ultimo o mais justamente reputado pela critica.

Tendo collaborado em muitos jornaes fluminenses, Luiz Guimarães foi tambem folhetinista e novellista de nomeada, escrevendo *Filagranas, Curvas e Zig-Zags, Historias para gente alegre,* etc.

Como critico, ha do mavioso poeta duas obras de valor: *Carlos Gomes, A nova legião e Pedro Americo.*

Luiz Guimarães foi diplomata, e, tendo-se aposentado no cargo de ministro plenipotenciario, falleceu em Lisboa a 19 de Maio de 1897.

Pertenceu á Academia Brasileira de Letras.

Luiz Guimarães nasceu no dia 17 de Fevereiro de 1845.

—

INFANCIA DE CARLOS GOMES

Ha uma terra fadada entre as primeiras a ser no Brasil o berço das grandes ideias e dos grandes homens. José Bonifacio, o astro da tribuna; Alvares de Azevedo, o genio da poesia, nasceram lá. Era forçoso que Antonio Carlos Gomes, a aguia da musica, lá nascesse tambem. A literatura, a sciencia e a liberdade encontram nesse abençoado solo o germen que fecunda e eleva! S. Paulo é o deposito das mais brilhantes aspirações da mocidade brasileira; e ninguem ignora a força, o vigor generoso e nobre que a velha academia tem dado ao jornalismo, á oratoria e á politica actuaes.

A. Carlos Gomes nasceu em Campinas, cidade

de S. Paulo, a 14 de Junho de 1839. Foram seus paes Manoel José Gomes e D. Sabina Jaguary Gomes, naturaes da mesma cidade. Conta hoje, (*) portanto, o nosso fulgurante *maestro* 31 annos de idade.

O Sr. Manoel José Gomes era uma verdadeira natureza de artista; caracter rude e generoso, talento incansavel, vontade energica, deve-se a esse artista o progresso da musica em Campinas, desde 1814. Manoel José Gomes era mestre de uma banda marcial (a unica de Campinas!); e fazendo da musica a sua profissão e as suas glorias, o honrado professor procurou incutir tenazmente no animo dos dois filhos, Antonio e José, o ardor que o inspirava. Ensinou-lhes rabeca, instrumento em que era consummado.

Dos filhos, o que mais mereceu os cuidados e o amor paterno foi A. Carlos Gomes. O desenvolvimento do futuro autor do *Guarany* assombrava a todos.

Uma queda decisiva para as grandes concepções da musica italiana, o ardor com que o pequeno ouvia um trecho de Rossini ou Verdi, seu *maestro* favorito, davam a conhecer aos menos perspicazes o intimo daquella alma predilecta do céu, natureza talhada para as luctas da intelligencia e do futuro!

A infancia do nosso *maestro* passou como a de Haydn, Berlioz e os outros originaes espiritos, que vêm ao mundo, como a guarda avançada da Providencia. Voltava da escola e corria a estudar a musica; fechava os ouvidos aos gritos dos companheiros foliões, para recolher os murmurios mysteriosos e as santas harmonias, que a mão invisivel do destino puzera no seu coração.

Sahiu da escola com onze annos de idade e entregou-se completamente á arte, para a qual impelliam-n'o os seus desejos e a ambição de seu pae.

Nas festas das igrejas foi onde fez-se distincta a reputação de Antonio Carlos, vinte leguas nos arredores. Circumstancia notavel dessa rara organisação

(*) 1870.

musical: até os dezeseis annos possuia a mais clara e vibrante voz de soprano *sffogato*. Poder-se-ia comparal-o á Patti, no gorgeio e nas volatas caprichosas!

Nas *soirées* familiares reclamavam a esbelta *cantora* com o maior empenho e insistencia. Como a graciosa modinha e a aria séria fugiam inspirados de sua crystalina garganta!

Diziam todos ao velho Gomes que mandasse o filho á Corte. O Rio de Janeiro é o sonho dos artistas brasileiros. Consideram isto Paris pouco mais ou menos, em miniatura!

O rigido mestre campineiro, por amor ao seu Tonico (tratamento familiar de Carlos Gomes) e pela necessidade de que tinha delle para os seus misteres profissionaes, repellia os conselhos e abafava a ideia de separar-se do filho.

Aos vinte annos, Antonio Carlos compunha as marchas para a banda militar e fazia descançar o velho, guiando elle mesmo os musicos que o interpretavam. Ia, como se diz, a veia musical do moço em pleno mar de rosas. Não parava um minuto a sua inspiração indomavel! Duas missas da escola Passiniana que elle compoz nesse tempo, tiveram incontestavel successo artistico.

— Mas mande o Antonio para o Rio! repitiamlhe os amigos. O velho movia negativamente a cabeça, e estava tudo dicto.

O instincto, o sentimento, o valor que á verdadeira arte acompanham não o deixavam nunca. A' meza, nos passeios, á cabeceira da cama, as melodias voavam-lhe em torno, como enxame invisivel de colibris e rosas. Elle apoderava-se da penna, abria o papel de musica, e compunha, compunha, compunha sem limpar o suor, que molhava-lhe as faces!

Os instrumentos que aprendera emquanto fez parte da banda marcial, lançou-os para longe.

— Sou compositor! gritou como Cesar; e heide encher mil resmas de papel por força!

O velho Gomes, apezar dos esforços que fez, não

conseguiu do filho mais um som de rabeca ou de clarinete. Antonio Carlos concebia um pensamento qualquer, e traduzia-o febril nas teclas do piano, companheiro fiel.

A admiração pelos mestres illustres da Italia avultava em sua alma de dia para dia! Em Campinas encontrava-se sobre algum piano uma ou outra aria destacada dos eloquentes poemas lyricos *Trovador*, *Norma*, *Lucia de Lamermoor*, *Traviata*, etc. Elle devorava um por um os trechos sublimes com a soffreguidão de um faminto insaciavel!

Aconteceu que n'um bello dia — da data é que eu nem elle nos lembramos hoje! — tinha o *maestrosinho* quinze annos apenas: cahiu-lhe nas mãos, por obras do acaso, um exemplar do *spartito* completo do *Trovador*. O nosso heroe agarrou com os dez dedos victoriosos o thesouro inapreciavel e ás quatro horas, emquanto a familia ia admirar os pulos e os pinotes de uma companhia de cavallinhos ambulante, elle, pretextando dor de dentes ou de cabeça, ficou em casa e voou ao fundo do pomar, com o seu livro do *Trovador* debaixo do braço e, occultando-se entre as espessas sombras do arvoredo, abriu frenetico a grande *partitura* italiana.

O que sentiria aquelle espirito distincto, aquelle coração especial, perante as ideias magicas do *maestro*, que se desenrolavam como um sonho oriental, fulgurante e voluptuoso? Desde o ruido metalico dos clarins, que abrem o primeiro acto, até a ultima nota da zingara, nada escapou ao olhar terrivelmente prescrutador do menino artista! Elle cantava, marcava o compasso com ambas as mãos, sonhava, revivia, suspirava, ambicionava, victoriava o *maestro*, como se de sua propria intelligencia tivesse sahido a obra monumental, que palpitava-lhe sobre os joelhos vacillantes!

A tarde descambava aos poucos; a sombra obscurecia a natureza e um bando de sabiás cantava escondido nas moitas tranquillas. Imaginem que quadro para o pincel de Pedro Americo. A noite sorprehendeu-o, embargando-lhe a vista anciosa. Antonio Carlos

de um salto chegou á casa, sentou-se á mesa de trabalho e compôz de um folego só uma marcha sobre motivos do *Trovador*, de Verdi. A familia voltava do circo e a primeira cousa que viu em casa o velho professor foi o seu querido Antonio, cantarolando a marcha, gesticulando, movendo a cabeça, com as faces pallidas, por onde cahiam, baga a baga, um milhão de lagrimas.

— Estás chorando? o que tens? mas o que é isso, menino? Elle mostrou apenas a *partitura* italiana e o papel em que rabiscara a marcha, redobrando de pranto e rindo-se no meio dos soluços, que o suffocavam!

Santas! oh! santas lagrimas de enthusiasmo! Vós fostes o baptismo revelador do genio da *Joanna de Flandres*, da *Noite do Castello* e do *Guarany!*

Abençoados prantos, mais salutares do que os sorrisos da alma! Felizes os que vos podem derramar um dia!

A. Carlos Gomes.— Perfil biographico, 1870.

José do Patrocinio

ESTADO DO RIO — CAMPOS — 1851

José Carlos do Patrocinio, cujo nome está ligado para sempre á historia das nossas conquistas liberaes, como a abolição da escravidão e a proclamação da Republica, é uma organisação perfeita e completa de jornalista moderno. Ao serviço da causa santa da liberdade esteve sempre a sua penna aparada e a sua palavra fulgente.

Fez as suas primeiras armas na *Gazeta de Noticias*; depois foi para a *Gazeta da Tarde*, de Ferreira de Menezes, fundando mais tarde a *Cidade do Rio*, em que ainda hoje scintilla e fulge o seu talento.

Agitador politico, o seu ataque é temivel e a sua penna fere rudemente, sem pena nem compaixão. Ha quem o tenha cognominado o Rochefort brasileiro

Como romancista, Patrocinio publicou *Motta Coqueiro* e o *Retirante*, onde teve occasião de mais uma vez mostrar a pujança de sua imaginação e a força do seu extraordinario intellecto. E' somente pelo calor, pela viveza de seu estylo que Patrocinio merece ser lembrado como o romancista de *Motta Coqueiro* e do *Retirante*.

E' da Academia Brasileira de Letras.

SILVA JARDIM

Chamava-se Antonio da Silva Jardim. Magro, estatura de Thiers, pallido de argila, barba inteira, rente, ponteaguda, vestindo correctamente, parecia, á primeira vista, uma dessas nullidades elegantes, a que a natureza, satisfeita por afeminar-lhes o aspecto, regateia logar no espaço. Bastava, porém, reparar na flexão das suas sobrancelhas espessas, na expressão imperativa do seu olhar, para descobrir dentro dessa mingua organica um homem, um caracter em carne viva.

A fortuna nunca lhe sorriu: foi o operario de si mesmo. Nascido na antiga provincia, hoje Estado do

Rio, veio adolescente para a capital brasileira e entrou pela secretaria de Instrucção Publica, na época dos exames, lembrando um passaro selvagem, a voejar a esmo numa tonteira de luz. As suas notas foram verdadeira conquista, tamanho era o seu atrevimento no ataque ao ensino official.

Feitos os preparatorios, entrou na Faculdade de Direito, em S. Paulo, como um invasor, quebrando os velhos moldes academicos, apavorando os mochos do classicismo com o clarão aurorial da philosophia positiva. Ficou algum tempo só, aguia pairando no isolamento da sua excentricidade, mas, pouco a pouco, outros talentos, outras energias se lhe congregaram, e Silva Jardim tornou-se um centro de prestigio academico. Quando se doutorou, já o seu nome era repetido pela estima publica.

Parece que sentiu então necessidade de concentrar todo o ardor juvenil para amadurecer o espirito. Em vez de entregar-se logo a politica, recolheu-se ao magisterio; ensinou historia na Escola Normal, convertendo os discipulos em outros tantos amigos e fazendo-se respeitar como professor modelo. A cadeira official era, porem, uma prisão, e Silva Jardim precisava de toda a sua liberdade; a sua palavra, como a de Jesus, aspirava a um dorso de montanha, uma tribuna para a multidão. Demittiu-se, pois, e foi armar tenda em Santos, berço do patriarcha da independencia brasileira, cidade emancipada de todos os preconceitos e de todos os servilismos pela vida commercial. Foi ahi que o ouvi pela primeira vez, á noite, ao clarão de archotes, no momento em que se recolhia uma passeata civica de abolicionistas. A sua voz atenorada, monotona, produziu-me a impressão de uma labareda immovel, aquecendo forte, mesmo á distancia, mas de onde não escapava uma fagulha para atêar incendio.

Silva Jardim era então positivista orthodoxo e evangelisava segundo a sua igreja. O seu discurso não tinha uma aresta; era uma onda mansa que espumava, de quando em quando, sem estrepito uma aspiração po-

pular. Confesso que foi grande a minha decepção: contava com um agitador e deparava com um pedagogo.

Perdemo-nos de vista até Maio de 1888, data em que o partido republicano de S. Paulo deliberou entrar em phase revolucionaria, declarando guerra sem tregoas ao terceiro reinado. Silva Jardim começou então a ser o *primus inter pares*.

Na reunião de 24 de Maio de 1888, convocada pelos republicanos paulistas para formar a caixa revolucionaria, capitalistas presentes assignaram quantias relativamente ridiculas. Silva Jardim era pobre, tinha já cargo de familia, porque alliara-se a uma das illustres descendentes de José Bonifacio, mas, para dar exemplo de dedicação ás suas ideias, comprometteu-se por somma maior. Valeu alguma cousa o estimulo, mas apezar disto, elle verificou mais tarde que não era possivel confiar nesse recurso, como o principal instrumento de exito revolucionario. Deliberou, pois, agir por si só, sem pedir conselho, sem receber ordens dos chefes. Querendo revolucionar, começou revolucionando-se. Agora já não era o orador calmo e frio, o philosopho emfim, era o propagandista impectuoso, violento, sanguinario. Os seus discursos estrellejavam chammas, como um ferro em temperatura branca. Parecia uma maré de fogo avançando contra o throno. Tendo começado o incendio em Santos, estendeu-se á provincia de S. Paulo inteira, á capital do imperio, ás provincias do Rio e Minas Geraes. Fallava em tres e quatro cidades no mesmo dia, com o relogio na mão, para obedecer ao horario das estradas de ferro. Após o seu discurso, apparecia no logar um centro republicano.

O imperio, molle e bonacheirão, encolheu a principio os hombros: Que falasse; outros haviam feito o mesmo; porém, a inercia popular, a mór parte das vezes, e outras o couce d'armas do exercito tinham bastado para impedir que a semente republicana germinasse.

A propaganda de Silva Jardim tomou, entretanto, tamanhas proporções, era tão evidente a sua effica-

cia, os seus resultados eram tão immediatos, que a monarchia tomou a deliberação de resistir-lhe.

....

....

Cada vez que o orador republicano assomava á tribuna, corria imminente perigo de vida; pedradas, tiros de revolver, tumultos, luctas á mão armada interrompiam-lhe o discurso, e elle, calmo, de pé na tribuna, com os braços cruzados, o sorriso nos labios, esperava que a tormenta passasse e continuava. Quando era de todo impossivel dominar o tumulto, e se dissolvia a reunião, Silva Jardim se retirava, arriscando tanto a vida como o mais humilde dos seus correligionarios.

E' muito conhecido o episodio da viagem do conde d'Eu, esposo da herdeira da corôa, ás provincias do Norte. Como Sua Alteza se embarcasse á bordo do paquete *Alagôas*, o mesmo que devia transportar para a Europa a familia imperial banida, Silva Jardim tomou passagem no mesmo paquete. A viagem principesca tinha por fim avigorar no Norte, abolicionista, a fé monarchica, que a lei de 13 de Maio havia abalado no Sul, até os seus alicerces.

O tribuno republicano apercebeu-se do manejo e resolveu contrapôr, com risco de vida, uma corrente republicana, á forte corrente monarchica, que ia inundar o Norte.

Só uma provincia, a da Bahia, poude ouvir Silva Jardim, mas ahi mesmo, atacado á mão armada desde o momento do desembarque e obrigados os republicanos a travar lucta, de que resultaram ferimentos e mortes, força foi interromper essa viagem em Pernambuco. Os republicanos dessa provincia, ainda que se sentissem com força para garantir a palavra a Silva Jardim, considerando que se daria fatalmente grande effusão de sangue, de que resultaria uma revolução, que, sendo parcial, não aproveitava immediatamente á causa republicana em toda a patria, conseguiram o silencio do tribuno, publicando um protesto collectivo.

Avalie-se, porém, o effeito desse golpe de auda-

cia temeraria, pela declaração que o principe itinerante se viu obrigado a fazer publica e solemnemente. Sua Alteza, em nome da familia imperial, declarou que a monarchia não pretendia resistir á opinião publica; ao contrario, comprommettia-se a submetter-se ao pronunciamento della, feito pelos meios regulares.

Dois ou tres mezes depois deste incidente a monarchia era deposta, em 15 de Novembro de 1889.

Para os que acreditam na Europa que o advento da Republica foi exclusivamente devido ao pronunciamento militar desse dia, sirva este rapido bosquejo da vida de Silva Jardim para despersuadil-os. A Republica estava feita nas consciencias, precisava apenas de ser consagrada na lei.

Proclamada a Republica, a figura de Silva Jardim ganha ainda maiores proporções na sua historia. O futuro historiador. quando tiver de julgar as allianças partidarias que o grande historiador celebrou para dispôr de um partido, poderá ser rigoroso, mas ao ver tanto devotamento esquecido, tanto sacrificio mal aquinhoado, e ao mesmo tempo tanta altivez da parte da victima, ha de lembrar-se destas palavras de Guizot: « Duas cousas tão grandes quanto difficeis são necessarias á gloria d'um homem: supportar o infortunio, resignando-se com firmeza; crêr no bem e confiar nelle com perseverança. »

A Republica, a que Silva Jardim sacrificára a sua vida, não teve um cargo de confiança para dar-lhe. Para não deixar trahir-se a sua justa queixa, o sacrificado voltou costas á patria e veio para a Europa pedir ao estudo maior força de resignação e de patriotismo.

Morreu tão tragicamente como tinha vivido e ainda no ultimo momento affirmou a sua extraordinaria força de vontade, muitas vezes temeraria.

Queria ver de perto o Vesuvio. Estava em erupção; tanto melhor, assim era mais bello. Em vão o seu companheiro e amigo reclama; em vão o guia aconselha; em vão o sólo, queimando já as plantas dos caminheiros, lhe faz miuda advertencia. O homem das gran-

des audacias caminha sempre, até que uma garganta, subitamente aberta, vomitando fumo, engole-o. Ainda neste momento supremo, o herói não se trahe por um grito, limita-se a levar as mãos á cabeça, como unico testemunho da sna agonia silenciosa.

Bella sepultura o vulcão, extraordinario destino o do grande brasileiro: até para morrer converteu-se em lava.

MARQUEZ DE MARICÁ

Deste notavel brasileiro publicamos na secção *Caracteres*, desta *Anthologia* interessante estudo biographico, da lavra do illustrado barão Homem de Mello.

MAXIMAS E PENSAMENTOS

— Quando o povo não acredita na probidade, a immoralidade é geral.

— A mocidade viciosa faz provisão de achaques para a velhice.

— O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe e aprende o que ignora.

— A virtude é communicavel, o vicio é contagioso.

— Os governos fracos fazem fortes os ambiciosos e insurgentes.

— A actividade sem juizo é mais ruinosa que a preguiça.

— A vaidade de muita sciencia é prova de pouco saber.

— Os bons folgam quando os maus pelejam.

— A prudencia é uma arma inoffensiva que suppre ou desarma todas as outras.

— A musantropia é a satyra da especie humana.

— A modestia é a moldura do merecimento que o guarnece e realça.

— Não é dado ao saber humano conhecer toda a extensão da sua ignorancia.

— Cessa a prudencia, quando lhe falta a paciencia.

— Os vicios e os crimes andam sempre em companhia.

— Quem não tem medo, vive sem resguardo e acaba cedo.

— Bem merecem o somno da noite os que aproveitam utilmente as horas do dia.

— A realidade nunca dá quanto a imaginação promette.

— A soberba não perdôa, a humildade não se vinga.

— Homens! aprendei a vencer-vos, e triumphareis de todos.

Padre JULIO MARIA

ESTADO DO RIO — ANGRA DOS REIS — 1850

O Padre Julio Maria, no seculo Dr. Julio Cesar de Moraes Carneiro, filho legitimo de Firmino Julio de Moraes Carneiro, funccionario em Angra dos Reis, ahi nasceu em 20 de Agosto. Na terra do seu berço fez os primeiros estudos rudimentares, vindo para Nictheroy, onde concluiu os estudos preparatorios. Em 1870 matriculou-se na Academia de Direito de S. Paulo, de onde sahiu em 1874 bacharel, doutorando-se no anno seguinte. Nomeado promotor em S. João do Rio Claro (S. Paulo), pouco tempo depois voltou a Angra dos Reis, onde funccionou como curador de orphãos, capellas e residuos, transportando-se em 1877 para a cidade mineira de Mar de Hespanha, onde fôra exercer o cargo de promotor da justiça publica; deixando o logar, nessa cidade ficou advogando. Ahi casou-se em 1877 e, enviuvando em 1879, contrahiu em 1881 segundas nupcias, ficando de novo viuvo em 1889. Mesmo nesse anno o Dr. Julio Cesar entrou para o Seminario de Marianna, de onde sahiu ordenado em 1891. O que tem sido o trabalho e o esforço do illustrado missionario apostolico todos sabem. Cada conferencia sua é um triumpho para a religião e mais uma corôa de glorias para o propagandista da fé. Tendo percorrido grande numero de cidades do Brasil em missão apostolica, o notavel orador sagrado tem conseguido arrebatar o auditorio, a pontos de arrancar-lhe palmas dentro dos proprios templos.

Na Capital da Republica, as suas conferencias da Assumpção têm constituido verdadeiro successo.

O Padre Julio Maria tem publicado *Apostrophes*, *Pensamentos*, a *Paixão*, *A Graça*, etc., etc.

PENSAMENTOS E MAXIMAS

Se nos meus pensamentos e reflexões acharem alguma valia, continuarei a pensar e reflectir; se não acharem nenhuma, continuarei tambem.

A sciencia é a linha curva; a fé a linha recta da razão.

Todo o mal do Brasil é que a politica é uma profissão; mas os politicos não são profissionaes.

—

O adulador é como a ave: vôa, porque se agacha.

—

O maior banquete não tem senão quatro pratos: oxyigeneo, hydrogeneo, carbono e azoto.

—

Vemos Deus nos olhos de nossa Mãe, e dizem que elle não existe!

—

Ha um mar sem praias: a gotta d'agua.

—

Deus e o homem são duas rectas que se cortam: sua intersecção é a cruz.

—

Em outros paizes ter uma posição elevada é ser serio; no Brasil ser serio é ter uma posição elevada.

—

Catão não teve estatua no Capitolio: eis a sua estatua.

—

Quantos doutores cheios de vento e que não sabem o que é o vento!

—

Os favores de certos homens tem um juro exorbitante: o seu máu trato.

—

Apparencias salvar somente é a virtude de muita gente.

—

Os que não explicam uma gotta d'agua exigem que se lhes explique o ser infinito.

Domingos J. G. de Magalhães

VISCONDE DE ARAGUAYA

(Dados biographicos á pagina 139.)

—

PENSAMENTOS

— A crença é um reflexo da razão no meio da nossa ignorancia; como a luz da lua é um reflexo da do sol no meio das trevas.

— Cuidamos muitas vezes corrigir velhos erros, adoptando outros novos.

— A egualdade perante a lei consiste na justiça relativa ao merito e ao demerito de cada individuo.

— Os que mais pugnam pelos seus direitos são os que mais se esquecem ás vezes dos seus deveres.

— Ninguem se julgue infeliz na adversidade, nem feliz na prosperidade: porque um estado ás vezes prepara o outro.

— A natureza humana é tão mysteriosa, que uma grande ventura nos faz chorar e uma grande desgraça nos faz rir.

— O atheismo depende mais da vontade que do entendimento: é mais paixão que razão.

— Não ha sciencia, nem leis humanas que suppram em uma nação a falta de religião

— A fé, que moralisa e edifica, é preferivel á presumpção de sciencia, que destroe e corrompe.

— De todas as paixões que agitam a sociedade, a mais funesta e sanguinaria é a ambição de poder.

— Muitos são os que lêem a historia; pouquissimos os que della sabem tirar lições que aproveitem.

— Progredir nem sempre é melhorar; e muitos dos apregoados progressos da civilisação se reduzem em progresso da desmoralisação.

ELOQUENCIA SAGRADA E POLITICA

Fr. Francisco de S. Carlos

RIO DE JANEIRO — 1763 — 1829

Fr. Francisco de S. Carlos era franciscano, tomando o habito aos dezoito annos de idade. Orador fluente e facil, os seus sermões impressionaram profundamente a D. João VI, que o nomeou pregador régio. Foi professor de eloquencia no seminario de S. José. Deixou um poema, a *Assumpção da Virgem*, em rimas pareadas, no qual teve a originalissima idéa de collocar o paraiso terreal no novo continente. *Pouco, bem pouco resta dos seus explendidos sermões*, observa Carlos de Laet, *mas, pelas ruinas se avalia a magnificencia do monumento derruido*.

A VIRTUDE DA FÉ

Que thesouro precioso será este, meus irmãos, que o negociante do Evangelho não duvida sacrificar todos os seus bens, comtanto que o chegue a possuir?

Embora os sagrados interpretes se dividam em seus pareceres; embora uns digam que é a doutrina evangelica; outros que é o reino do céu; outros, o desprezo dos bens terrenos, como S. Gregorio; outros, que é o mesmo Jesus-Christo, como S. Agostinho; emquanto a mim, eu penso que é a virtude da fé, esta virtude sem a qual, diz S. Paulo, não se póde agradar a Deus. Ella foi o signal caracteristico dos maiores santos e dos mais illustres personagens da antiga lei. Pelo sacrificio que Abrahão fez do seu filho no alto do Moria, conheceu-se o heroismo da virtude e da fé deste pae dos crentes. Ella é quem nutria na vida espiritual, quem sustinha, quem consolava os justos do Antigo Testamento nos seus trabalhos e adversidades; ou elles descessem ao Egypto, impellidos da fome e esterilidade;

ou fossem conduzidos á Chaldéa em captiveiro pelos reis d'Assyria; ou vissem assentado no solio de David um Idumeu, senhor do sceptro de Judá.

A fé é quem adoçava o ferro dos seus grilhões, quem enxugava as lagrimas dos seus desterros, quem os sustinha no meio de provas tão rudes. Ella é quem os separava dessa massa geral da corrupção que dominava então sobre a face da terra, quem os distinguia das nações incircumcisas, que curvavam o joelho e queimavam incenso ás obras de suas mãos, quem os fazia um povo á parte, uma crença á parte, em uma palavra, um povo santo, deposito da fé das promessas divinas. A esperança de um reparador que havia de sahir desta nação privilegiada, era uma tradição inalteravel, que no seio da familia se perpetuava de paes a filhos, de geração em geração e de seculo em seculo; e que na ordem da graça fazia vegetar esta porção escolhida da humanidade. Na fé, pois, destas promessas e destas verdades occultas ao resto das nações, tem um lugar bem distincto a illustre santa, vossa protectora, a quem tributamos os presentes cultos. Sim, senhores, foi pela fé que Anna achou no campo mystico da Synagoga o thesouro precioso que a elevou no céu da nova igreja evangelica a tão alto gráu de celebridade. *Vendit universa quœ habet ct emit agrum illum.* Por esta virtude, emfim, ella mereceu ser a mãe de Maria e avó de Jesus Christo. Debaixo deste ponto de vista eu venho tecer o seu elogio, mostrando promiscuamente seus trabalhos e suas recompensas, seus combates e seus triumphos.

Digne-se a S. Virgem, sua filha, de alcançar-me do seu esposo o Espirito-Santo, as luzes necessarias para desempenhar tão grande objecto. Ave, Maria!

Fr. SAMPAIO

RIO DE JANEIRO—1778—1830

Fr. Francisco de S. Thereza de Jesus Sampaio pertenceu á ordem franciscana e foi notavel pregador brasileiro, de grande fama e nomeada. Obteve o diploma de lente de theologia e professor de eloquencia, merecendo a honra de ser nomeado pregador regio por D. João VI. O seu estylo era grandiloquo e magestoso.

Fr. Sampaio foi membro da Academia de Bellas Letras de Munich e deixou innumeras orações funebres e sermões, podendo, entre as primeiras, lembrar as que recitou por occasião da morte de D. Fernando José, de Portugal, por occasião da morte da Archiduqueza d'Austria, etc.; entre os sermões, lembraremos o de N. S. da Lapa, o de S. Francisco, o da primeira dominga do advento, etc. etc.

O Dr. Ramiz Galvão considera Sampaio superior a S. Carlos.

DIES IRÆ

Oh céus! Oh Deus! quem poderá descrever o apparato de vossa igreja nesse dia? Vinde em meu soccorro, illustres Padres da Igreja, discipulos da Sabedoria increada, dizei vós mesmos o que pensastes sobre este dia. Eu tremo, diz S. Anselmo, quando me apresento deante deste tribunal, vendo de uma parte os peccados accusando-me dos deleites que eu gozava, d'outra a justiça impondo-me silencio, ou regeitando minhas escusas; debaixo dos meus pés a garganta do abysmo aberta para me engolir; de cima, um Juiz que não se dobra nem a lagrimas, nem a supplicas; no meu interior, a consciencia atassalhando-me; fóra, o mundo em chammas. Eu tremo, diz S. Bernardo, contemplando na face deste Deus irado, sentindo os effeitos da sua cólera, os signaes do seu furôr; ouvindo a voz do Ar-

chanjo que reanima as cinzas de todos os mortos, desde o Oriente até o Occidente; vendo estes leões famintos que aguçam na terra as unhas para estrangularem mais depressa suas victimas; eu me horroriso, quando considero neste insecto que se nutrirá nas entranhas do peccador sem nunca morrer. Será nesse dia, continua o mesmo Padre, que tudo quanto agora nos parece ouro, se converterá em espuma; que conheceremos a impureza de nossas acções; será alli que os idolos do nosso coração, rebellando-se contra nós, aggravarão ainda mais o peso das nossas desgraças.

Ah! se eu tivesse mil fontes de lagrimas, ainda seriam poucas para prevenir estas lagrimas eternas. Eu tremo, diz S. Gregorio Nanziazeno, quando se me representa o dia em que Jesus-Christo entrará commigo em juizo, convencendo-me de crimes que eu julgava perdoados, apresentando-me em face os meus peccados como accusadores, oppondo contra as minhas iniquidades os beneficios que recebi delle; pedindo-me contas da formosura de sua imagem impressa sobre mim e desfigurada pelas nodoas mais vergonhosas; obrigando-me, em fim, a pronunciar a sentença contra mim mesmo, para que eu não possa queixar-me de que soffro injustamente.

Quem me servirá de advogado diante deste Juiz?

Com que pretextos, com que falsas escusas, com que artificiosas côres, com que invenções subtis, poderei disfarçar a verdade na presença deste soberano tribunal, onde tudo será contra mim e nada em meu favor? Ah! pronunciada a sentença, á vista da balança em que forem pesadas minhas acções, eu não terei outro juizo para onde appellar, não terei meios de destruir por nova conducta o mal que fiz; expirou o tempo; cahiu um véu de chammas sobre a scena onde eu representava; eis ahi a porta da eternidade! Que nova perspectiva!

Sermão pregado em 1811.

Fr. Francisco de Monte Alverne

RIO DE JANEIRO — 1784 — 1858

Monte Alverne, Francisco José de Carvalho, antes de professar, era frade franciscano. Na cadeira sagrada, não foi, entre nós, excedido, tendo egualado aos mais notaveis pregadores de Portugal. Foi emerito professor de philosophia, deixando discipulos da estatura do Visconde de Araguaya e do Barão de S. Feliz.

Victima de atroz cegueira, o grande sermonista, recolhido a sua cella, esteve mudo e silencioso por espaço de dezoito annos, até que, a convite do Imperador, de novo subiu ao pulpito no dia 19 de Outubro de 1854, festa de S. Pedro de Alcantara ; então obteve completo e explendido triumpho oratorio : esse memoravel sermão foi o canto do cysne.

Se é verdade indiscutivel que Monte Alverne abusava do ornato e nem sempre foi correcto na linguagem, não é menos certo que elle encantava e prendia os seus ouvintes, pelo poetico dos seus discursos, pela magia do seu estylo imaginoso e rhetorico.

Monte Alverne era, alem de tudo, um patriota e foi sempre com *transportes e enlevos que elle* realçou as festas da religião e da patria.

A CAUSA DAS REVOLUÇÕES

E' uma injustiça reconhecer nas revoluções politicas dos povos a influencia exclusiva das paixões e dos crimes individuaes. E' um absurdo pretender que as nações se deixem arrastar por uma cega fatalidade sobre abysmos onde vão perder sua grandeza e sua gloria. Folheando os annaes dos povos, consultando os monumentos que attestam a passagem destas lavas que tem engolido as monarchias e as mais florentes republicas, a philosophia assignala com segurança a causa destas commoções violentas, que tem sacudido as gerações e tantas vezes ameaçado a existencia do genero humano. Ha um sentimento de felicidade que levanta o

seu grito poderoso no seio dos povos, como domina imperiosamente no coração de cada homem. Esta expressão de magnanimidade, estas inspirações do heroismo, esta necessidade de gloria, que lançam nos mais soberbos theatros estes genios, destinados a marcar uma época nos fastos do universo, pulsam na arena as differentes fracções do genero humano, que por um instincto da razão, por um sentimento da dignidade nacional, precipitam-se após esta liberdade, sem a qual são perdidas sua consideração e grandeza.

Por abuso mais escandaloso, roubou-se ás nações este florão da sua gloria. Por a mais iniqua de todas as injustiças, o homem apparece no seio do universo como uma besta feroz, dilacerando os seus semelhantes, quebrando os monumentos da civilisação, destruindo na sua raiva os trophéos consagrados pelas artes e levantado sobre as ruinas, como um genio da morte, de destruição e carnagem.

Todavia, a despeito de todas estas sombras melancolicas, logo que os prejuizos não influem mais sobre a razão, desde que as paixões cessam de empregar suas côres facticias, é facil de entrever nessas reacções espantosas e formidaveis a luta sublime da razão contra os abusos de um poder que, fazendo-se tyrannico e oppressor, tenha cessado de encher seus fins importantes e sublimes : não é difficil de reconhecer a nobre expressão de vingança, com que os povos, cansados de supportar o seu aviltamento, fazem em pedaços esses thronos, esses sceptros, essas machadinhas, essas cadeiras de marfim, que, manchando-se no sangue dos povos que os haviam creado para a sua felicidade, eram um titulo de oppressão e um monumento de opprobrio, de escravidão e de vingança.

O sabio tinha já dicto que as revoluções dos povos eram causadas por — a perfidia, os ultrages, as violencias e injustiça que se lhes faziam soffrer. Elle tinha visto as cadeiras dos orgulhosos da terra engolidas no meio desses terremotos politicos, que seus excessos tinham provocado. E' nessas barreiras formidaveis que

se despedaçam todos esses oppressores, que fundam a sua grandeza e sua gloria nas lagrimas, nos gemidos e na miseria dos povos.

Sermão de 25 de Março de 1831

Antonio Carlos

—

S. PAULO — SANTOS — 1773 — 1845

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, de quem Macedo diz que foi o typo da eloquencia parlamentar no Brasil, cognominando-o o Mirabeau brasileiro, foi sempre companheiro do immortal José Bonifacio, no movimento de que proveio a independencia de nossa patria. Antonio Carlos era formado por Coimbra e foi deputado ás côrtes portuguezas. Tomou parte na constituinte, onde sempre defendeu, com calor e patriotismo, a causa nacional. Foi depois deputado em successivas legislaturas, e, quando morreu, era senador. Foi ministro de Estado, tendo feito parte do primeiro ministerio organisado por Pedro I.

Tendo entrado no movimento revolucionario de 1817, em Pernambuco, Antonio Carlos foi preso e processado. Acenado com o perdão, elle recusou, dizendo que só pedia justiça. Em 1831 a regencia o nomeou nosso ministro em Londres; Antonio Carlos, porém, recusou a honrosa commissão. Exilado, desterrado para a França, onde esteve mais de quatro annos, em 1828 foi-lhe permittido voltar ao Brasil. De novo foi a Europa, voltando em 1835.

No anno de 1845, em que morreu, foi eleito senador, cargo que exerceu por poucos mezes.

—

ULTIMA SESSÃO DA CONSTITUINTE

SOBRE A LIBERDADE DE IMPRENSA

Sr. Presidente: Em verdade não compete á Assembléa conhecer se houve ou não abuso nesses periodicos (*) que se apontam; é negocio inteiramente do poder judiciario, a quem toca declarar se os seus autores são ou não culpados. O que é, na verdade, celebre é que o governo accuse só aquelles dois periodicos, quando ha outros ainda peiores; mas como nelles se fallava do

(*) Tamoyo e Sentinella da Praia Grande.

ministerio, desagradaram; eu não posso descobrir outro motivo.

A commissão teve a delicadeza de desprezar, como devia, insinuações escandalosas e odiosas e sem fundamento algum; porém é do meu dever declarar que o ministerio avançou uma falsidade, a mais vergonhosa possivel. Eu nunca tive influencia em semelhantes papeis, referidos no officio do ministro; por consequencia o ministerio mentiu, quando tomou semelhante pretexto para fazer accusação tão falsa e tão indigna.

Se acaso ha abuso de liberdade de imprensa nesses papeis, faça o governo a sua obrigação, chame a jurados os autores d'elles.

Todavia sempre agradeço ao governo escolher-me para alvo de seus tiros (honra que eu não esperava), como fez a outros meus collegas, iguaes a mim em sentimentos de liberdade, pois em todos considero a aversão devida á escravidão.

Sei que posso desagradar, que me comprometto, que não tenho segurança, apezar do titulo de deputado; mas em minha consciencia devo fallar com imparcialidade; e então digo: Que liberdade temos nós? Que somos nós aqui? Quanto ao caracter de deputado, diz-se que sou perturbador, apontam-me como assassino e autor de bernardas e pede-se a minha cabeça e as de outros deputados! E porque serão os nossos nomes escolhidos? E' porque se deseja que não tenhamos assento aqui, porque somos contra abusos e contra a escravidão!

....

Julgo, pois, Sr. Presidente, o parecer manco, e, como deputado desta assembléa, digo francamente que não temos segurança, que a assembléa está coacta e que não podemos deliberar assim, porque nunca se delibera debaixo de punhaes de assassinos; por consequencia quero que se accrescente e se diga ao governo que, não havendo motivo que justifique os movimentos da tropa, exponha o fim verdadeiro delles e que proponha quaes são as medidas que quer postas em pratica; e que diga a razão porque apontou que se desejava que a assem-

bléa expulsasse do seio os ditos deputados, e o motivo porque os designou. Mostre-se-lhe que ainda que somos obrigados a morrer pelo povo brasileiro, isto se entende quando esta morte fôr util, quando servir para aniquillar a escravidão; e que, estando a assembléa nesta côrte rodeada da força armada, está coacta e não póde continuar a deliberar. Faça-se, emfim, saber ao governo que não ha senão as baionetas que perturbam o socego publico; e que *apoiados* do povo nunca se podem considerar como provas de inquietação; e que até é ridiculo, e induz a crer que o governo não tem a que se apegar, o querer persuadir que a inquietação de toda a capital procede de *apoiados* das galerias e que este desassocego exige medidas extraordinarias. A commissão lembra-se de restricções á liberdade de imprensa; mas é necessario não esquecer que uma lei sobre este objecto ha de fazer-se como ontra qualquer, nem as que ha são mancas a respeito de escriptos incendiarios.

Em uma palavra: se ha abuso, ao governo pertence tomar medidas contra elle, fazendo chamar a jurados os infractores; o governo tem na sua mão tudo que é necessario, não se precisam novas restricções e nisso me opponho inteiramente ao parecer da commissão. O que eu desejava é que ella fallasse com mais clareza; que dissesse que o que nos faltava na capital era o socego e nada mais. E como o haverá, vendo-se todo a tropa reunida ao chefe da nação, sem se saber para que fim!? O governo, pois, é que póde evitar este desassocego; o remedio está na sua mão; mande para longe essa tropa que com tanta energia chama subordinada. Não se crimine o povo brasileiro pelo que aconteceu ante-hontem: elle é muito manso, ninguem executa melhor o Evangelho do que elle.

Não admitto, pois, restricções á liberdade de imprensa; o que quero é que se diga ao governo que a falta de tranquillidade procede da tropa e não do povo; e que a assembléa não se acha em plena liberdade, como é indispensavel, para deliberar, o que só poderá conseguir-se, removendo-se a tropa para maior distancia.

JOSÉ DA SILVA LISBOA

VISCONDE DE CAYRU'

BAHIA — 1756 — 1835

Foi um benemerito esse nobre brasileiro, cuja memoria imperecivel é digna do maior culto e veneração de todos os patriotas.

Formado em direito canonico e philosophia pela universidade de Coimbra, tendo tirado em 1778, no collegio das Artes, da mesma cidade, as cadeiras de grego e de hebraico, regressou á patria, e na Bahia leccionou philosophia e grego.

Foi o notavel Brasileiro quem aconselhou, em 1808, ao passar D. João VI pela Bahia, que abrisse as portas do Brasil ao commercio das nações.

Professor, magistrado, deputado da junta do commercio, director da imprensa nacional, senador do imperio, prestou sempre os mais relevantes serviços, pelos seus actos e pelas doutrinas que pregava. Elle escreveu, entre outras, as seguintes obras : *Principios de direito mercantil, Estudos do bem commum e economia politica, O conciliador do reino unido, Bem da ordem, A causa do Brasil no juizo dos governos e estadistas da Europa*, etc.

Cayrú é ainda auctor da *Historia dos principaes successos politicos do imperio do Brasil.* Fez parte da Constituinte, onde se notabilisou pela sua moderação, pelo seu criterio e elevação de vistas.

A CRISE DE 1823 NA CONSTITUINTE

....Sr. Presidente: Para que se figura a retirada dos corpos militares e a sua attitude actual em S. Christovão, em ponto de vista odioso e como em bloqueio desta capital? O povo está e tem estado tranquillo; hontem bem se viu que esteve nas galerias desta assembléa, sem que entrasse na sala, como no dia antecedente, não havendo aliás ordem alguma em contrario e só porque foram certificados que o regimento lhe desig-

nava o logar somente nas mesmas galerias e se manifestaram opiniões dos deputados contra a licença concedida na sessão de 10. Isto prova ser o povo fluminense um povo de ordem. Sinto que um dos Srs. deputados então me arguisse, dizendo que eu temia o povo generoso do Brasil e não temia a tropa.

Eu, não obstante os cabellos brancos da mirrada cabeça, não sei o que é temor, quando encho o que é dever; mas sei tambem qual é o perigo de ajuntamentos populares, que podem degenerar em tumultos; preso-me de ser cauteloso, sem phantasiar de ser *capoeira;* e perdôe-me esta augusta assembléa o ter-me escapado este nome do vulgo, improprio ao logar e objecto. Não é racional o pôr em contraste, e menos em conflicto, o corpo do povo com o corpo militar, que aliás faz parte, e mui importante parte, do mesmo povo por ter a especial attribuição da defeza nacional; o que constitue a sua profissão mui honorifica, vivendo os que a ella se dedicam de heroicos sacrificios da propria vida pela segurança dos seus concidadãos e gloria do Estado.

Ouvi fallar com enthusiasmo sobre os objectos desta sessão permanente, até invocando-se os manes dos brasileiros e hydras da fabula.

Eu tambem sei chamar as almas dos mortos e apostrophar aos montes, valles e rios, com as mais artes do estylo declamatorio.

Mas prescindo destes expedientes, porque só interessa ao imperio tratar taes assumptos com serenidade para se prevenirem os males da patria. Não é compativel com o systema constitucional erigir-se o poder legislativo, na competencia do poder executivo, que tem a confiança nacional para providenciar á segurança publica.

....

....

A tropa é essencialmente uma força armada; estar ou não actualmente debaixo das armas e com munições de guerra, evidentemente se mostra ser medida de precaução para prevenir desordens pelos boatos, que

a malignidade de paixões particulares tem espalhado, por occasião dos delictos nocturnos, sobre que se tem discutido nesta assembléa com grande agitação, pelo tumultuario concurso do povo no dia 10, dentro e fóra da assembléa, de que poderiam resultar effervescencias populares. Examinar-se com severo escrutinio agora pela assembléa que corpos militares primeiro se moveram, com ordem ou sem ella, de seus aquartelamentos, não pode ter effeito util.

A historia mostra exemplos semelhantes em convulsões dos estados ou dissenções de autoridades: as irregularidades muitas vezes são momentaneas e sem consequencia, quando o governo é respeitado e firme, que põe tudo em ordem pela disciplina do exercito. Se os corpos militares confluem para o seu legal centro de movimento e cessam os conflictos de poderes antagonistas, não ha máu resultado; do contrario, apparece o phenomeno politico, semelhante ao phenomeno physico, quando pequenas nuvens concorrem, por attracção electrica, a se approximarem a alguma maior, até que, englobando, fazem explosão.

Ouvi com pasmo a um Sr. deputado propôr que esta assembléa nada delibere antes de que o governo assegure a tranquillidade publica, fazendo repôr a tropa nos seus aquartelamentos; e, do contrario, estabeleça as suas sessões em outro logar. Em que logar? Estamos no mundo da lua? Andaremos de capa em collo, em busca de pouso! A quem daremos ordens? Quem as executará? Sem duvida então se verificaria o que disse o politico Tacito, — que em perigos imminentes todos mandam e ninguem obedece — *quod in rebus trepidis fit, omnes jubere, neminem exequi*.

JOSÉ BONIFACIO, o moço

—

BORDÉOS — 1827 — 1886

José Bonifacio de Andrada e Silva, sobrinho do patriarcha da independencia, estudou mathematica na escola militar e depois direito em S. Paulo.

A brilhante carreira parlamentar de José Bonifacio foi iniciada em 1860, em que foi eleito deputado provincial na terra dos Andradas; chegou a senador do Imperio, foi duas vezes ministro, e, chamado a organisar gabinete, recusou a honrosa incumbencia.

Notavel orador, que se salientou pela vivacidade de sua palavra e brilho da phrase e ainda pelas arrojadas imagens que bordavam os seus discursos arrebatadores, José Bonifacio apresentava estas mesmas qualidades nos seus versos, cuja nota dominante era o lyrismo.

Os discursos do conselheiro José Bonifacio foram reunidos em volume, o que infelizmente ainda não houve quem fizesse com as suas poesias, que dão, excluida uma ou outra, um bellissimo e odorante ramilhete.

—

UMA PERORAÇÃO

Vou terminar; mas, antes, quero dirigir um appello aos nobres ministros. E' a invocação do patriotismo aos depositarios do poder publico.

Se podem elles dar corpo a todas as suas reminiscencias; se é possivel resuscitar o que lá se foi, erguendo-se aos olhos do governo; se cada um dos ministros póde ainda ouvir voz mysteriosa, que lhe recorde o cumprimento de sagrados deveres; imagino que desfila pela frente da bancada ministerial mais de um vulto phantastico, a reavivar-lhes honrosas lembranças de outro tempo, que lhes falla ao ouvido, cada um por sua vez.

Ao nobre presidente do conselho dirige-se o primeiro:

— Aqui estou eu: sou o passado com toda sua herança; carrego sessenta e oito annos de serviços feitos á patria; defendi e amei a liberdade do meu paiz, amei-o loucamente na mocidade, subi pelos degraus da constituição, quero respeital-a; pois bem, não me arranqueis a memoria, para que eu possa ao menos ter ainda saudades!

Ao nobre ministro da guerra: — Eu sou a gloria, venho do Paraguay; pousei um instante no campo da batalha de 24 de Maio; atravessei os banhados; dormi na barranca em que primeiro cravastes a vossa gloriosa lança; sentei-me, sonhando ao vosso lado sobre os muros de Humaytá; ainda hoje julguei descobrir-vos por entre os nevoeiros que desciam do cabeço dos montes e ouvir a vossa voz nas ventanias que atravessavam o rio; já não achei flôres na solidão da morte para tecer-vos uma corôa; trago-vos um rosario de lagrimas; guardae-o para enfeitar a vossa espada; porém, olhae — a banda que vos cinge não é cadeia de escravos, é flammula de homens livres.

Ao nobre ministro da fazenda: — Eu sou a tribuna, ou antes — o povo.— Foi nos meus braços, pelos vossos proprios esforços, que subistes ás altas posições do Estado. Ministro, deputado, senador, eu ainda quero ter mãos para bater-vos palmas ruidosas, ainda quero saudar-vos no caminho triumphal. Mas lembrae-vos: a purpura do poder não tem mais preço do que os gloriosos padrões da vossa vida; não me roubeis o direito de acompanhar-vos, repetindo o que já deveis ter lido: o reconhecimento é a memoria do coração!

Ao nobre ministro da justiça: — Eu sou a democracia; no tempo em que, trabalhador pertinaz e talentoso, vos occultaveis no modesto gabinete de advogado, eu estava comvosco; quando infatigavelmente defendieis na imprensa os altos principios de liberdade, eu era ainda a inseparavel companheira do jornalista. Fostes para as alturas e eu fiquei: Não vos accuso;

não vos fiz um crime da ascenção ao poder; toda a idéa antes de ser acção é um apostolado, e neste paiz ha logar para todos! Pois bem, deixae tambem logar para mim!

Ao nobre ministro do imperio: — Eu sou a imprensa, combatemos juntos; segui vossos passos; cobri de flôres vosso caminho; solicita ajudei-vos em vosso vôo rapido do meu berço ás alturas do ministerio. Pois bem, guardae as vossas idéas, porque eu guardo o vosso programma. Se as esquecesseis, a quem poderia restituir o legado que me deixastes?

Ao nobre ministro da marinha: — Depois da patria, eu sou quasi vossa segunda mãe; criei-vos em meus peitos, embalei-vos em meus braços; eu sou a heroina herculea de seios titanicos, essa que trazia do exilio as sombras dos desterrados para coroal-as de luz; os arminhos da fortuna não valem as verdes relvas onde brincastes creança.

Lá vos espero de mãos postas para curvar-me em nome da patria; lá, de joelhos, onde tantos bravos morreram não me esqueçaes, eu sou a Bahia!

Senhores, reuni todas as recordações que vos são caras. E' a soberania nacional que vos supplica; é a democracia que se dirige a uma camara de liberaes. O amor da liberdade deve ser, na phrase biblica, invencivel como é a morte; deve, como o apostolo, ter a sêde do infinito; deve ser grande como o universo que o contem. Em nosso paiz, na pedra isolada do valle, na arvore gigante da montanha, no pincaro agreste da serrania, na terra, no céu e nas aguas, por toda a parte, Deus estampou o verbo eterno da liberdade creadora na face da natureza, antes de graval-a na consciencia do homem.

Tobias Barreto

—

SERGIPE — 1839 — 1889

Tobias Barreto de Menezes foi poeta e philosopho. Era um erudito e um sabio. Formado em direito, foi lente na escola do Recife. Os seus livros de direito, considerados e justamente apreciados entre nós e fóra do paiz, são, entre outros: *Menores e loucos*, *Questões vigentes*, *Commentario theorico e critico ao Codigo Criminal brasileiro*, *O mandato criminal*, etc., etc. Como poeta, Tobias foi um lyrico de grande expontaneidade, graça e doçura. Os seus versos foram reunidos sob o titulo de *Dias e Noites* por Sylvio Romero, e editados pelos benemeritos Srs. Laemmert & C. Conhecendo a fundo o allemão, Tobias familiarisou-se com as doutrinas então correntes na Allemanha, e foi quem as introduziu entre nós; elle escreveu em allemão e se correspondeu com philosophos allemães, pelos quaes era grandemente reputado e apreciado.

Como critico, Tobias Barreto escreveu, entre outros, os livros: *Traços de litteratura comparada*, *Ensaios e estudos*, além de inumeros artigos pelos jornaes e revistas, sôbre literatura, direito, philosophia, critica, etc.

—

A PROPOSITO DA CAPITULAÇÃO DE MOTEVIDÉO

Meus senhores. — E' inutil preambular. Um pensamento fraterno, radiante, supremo, fluctúa sobre as nossas cabeças, de parelha com o estandarte da gloria. Accesa em nossas almas a idéa de engrandecimento, sentimo-nos grandes—queremos lutar. E' neste momento que, afundando-nos na abundancia de uma existencia de moços, esperançosa e vivida, achamos, tocamos alguma cousa de mais; — e essa demasia, senhores, é que somos brasileiros, essa demasia é que, ao livro desse povo épico e generoso, ajunta-se a estrophe montanhosa e sublime de um de seus grandes feitos.

O Brasil agita-se — a mocidade o rodeia, o Bra-

sil triumpha — a mocidade ajoelha-se com elle para contemplar nos patrios céus o vôo de suas victorias. E na face de tudo que tem um pouca de alma, para sentir, um pouco de sangue para derramar, um pouco de vida para morrer — lavra a claridade de um sentimento, que absorve todo o viver positivo e ordinario: paixão nobilitante, purificadora, que o coração de um homem mal póde conter com os seus impetos, que tendem ao passado, que tendem ao futuro, — com todas as suas avançadas para a morte e para a vida, para o céu, para a gloria, para a luz, para Deus...

E esse sentimento, senhores, é o patriotismo. Póde haver quem diga: tempo virá em que o grito dos alarmas, o lampejar das espadas nada signifiquem; sim; — mas, lá mesmo adeante, aonde nos promettem levar os pontifices do progresso, quando o gladio tiver sido substituido pela palavra, a força pela idéa, o raio que fulmina, pelo raio que esclarece, lá mesmo o homem deixar-se-a vibrar dessa paixão, que, será sempre no seu peito o stremecimento enorme das selvas, dos campos, das solidões da patria.

O Brasil era o colosso da paz; o Brasil, esse pedaço do globo, cuja sombra bastará para eclipsar qualquer sol que se lhe puzesse deante, tolerou por muito tempo os insultos de ridiculas pequenezas. Dizem que as aguias, só depois de muito soffrer, determinam-se a punir com a morte as avesinhas insignificantes, cujos pios as incommodam. Tal aconteceu. O gigante principia a vingar-se, o pantheon da historia principia a renovar-se de grandes vultos, os campos de grandes mortos, os céus de grandes astros.

A morte que se conquista pela patria, não é uma destas mortes lugubres choradas, mysteriosas, communs, — não; morrer assim, ao fumegar das batalhas, é desembaraçar-se de um dos enigmas do nosso destino; é resolver o problema da grandeza humana; morrer assim é engrandecer-se!

Ruy Barbosa

—

BAHIA — 1849

Ruy Barbosa, reputado, dentro e fóra do paiz, uma das mais pujantes mentalidades da America hodierna, é, sem contestação, o *primus inter pares* no nosso mundo intellectual.

Pensador profundo, dispondo de uma erudição fóra do commum, robusto talento e espirito eminentemente culto, senhor da lingua, que, obediente á sua penna, torna-se de uma maleabilidade digna de nota, submettida ao seu estylo original e proprio, Ruy Barbosa tem influido poderosamente nos destinos da patria e da Republica, para cujo advento extraordinariamente concorreu a sua penna de publicista emerito e jornalista eximio.

As obras de Ruy Barbosa mais notaveis, são, entre muitas outras não menos dignas de menção: *Licções de cousas*, de Calkins, traduzida e adaptada ao nosso meio, na qual ha muita cousa original do traductor, além do trabalho magistral da adaptação; *O Papa e o Concilio*, traduzido de Janus, cujo prefacio, por elle feito, é tres vezes maior que a obra; *O estado de sitio*, *Actos inconstitucionaes*, *Amnistia inversa*, *O jury*, pareceres, questões forenses, arrazoados, alem dos notaveis pareceres apresentados á camara dos deputados, ainda no tempo da monarchia, sobre a instrucção publica.

Ruy Barbosa escreveu ainda um notavel estudo sobre Swift para a traducção do *Gulliver*, publicada pela casa Laemmert.

Ha ainda do grande escriptor as *Cartas da Inglaterra*, publicadas no Jornal do Commercio e depois reunidas em volume, a ultima das suas publicações em livro.

Como jornalista, dirige hoje a *Imprensa*, cujos magistraes artigos tanto influem e repercutem no seio da nossa sociedade.

Senador hoje da Republica, Ruy Barbosa foi deputado a varias legislaturas da monarchia e foi ministro da fazenda no governo provisorio

Pertence á Academia Brasileira de Letras.

—

INVOCAÇÃO

Se o appello dos que pensam no futuro e crêem nas leis eternas que governam o mundo moral cahir

no espirito dos que dirigem o mundo politico como sementes na areia, si os responsaveis pela solução do problema contemporaneo do Brasil continuarem a se paralysar nessa timidez quasi criminosa, deixando perder os poderosos elementos de reacção vital, que se lhes offerecem nas boas qualidades nativas da nossa raça, ainda não estragadas de todo pelas propagandas perversas, pelos exemplos atrozes e pelas irresponsabilidades funestas, então áquelles, como eu, que a experiencia politica reconciliou intimamente com as crenças religiosas, só resta esse recurso sobre todos solemne, bemfazejo sobre todos, que os povos mais livres e maiores do mundo não esquecem nas horas mais gratas, como nas horas mais tristes da sua vida, e que nós, por influencias de um scepticismo, em que a nação não participa, excluimos dos nossos usos; só resta voltar os olhos para o céu e buscar o remedio no seio do Todo poderoso: implorar com fervor o Deus, que protege as viuvas e os orphãos, os innocentes e as crianças.

« Senhor! Quando se immola a vida de um martyr sobre a victoria de uma causa justa, o coração dos que sobrevivem sente dentro em si a doçura de vosso contacto, a benção de vossa mão, que consola, tranquilliza e fortalece.

Lincoln, sacrificado sobre o tumulo do captiveiro, tinge do seu sangue o alvorecer da regeneração americana. A nação nunca se sentiu mais forte que depois desse holocausto, em que o mal exterminado estampava no horror universal a sua lembrança sob a mais odiosa das imagens. Mas o martyr estupidamente victimado agora, entre nós, pela cobardia do assassinio politico, martyr da generosidade e do dever, da lealdade e da honra, cahiu no meio da calamidade e da noite, essa profunda noite moral que pesa sobre a nossa patria. E' atravez dessa escuridão sem estrellas, desse longo eclypse das nossas esperanças, por entre o qual parecemos fazer, caminho do desconhecido, a romaria da desgraça, que se ouve a voz de onze orphãos, a sagrada agonia de uma viuva e o luto das nossas casas,

viuvas e orphãs do civismo, guarda protector do direito das nações livres.

Senhor, estendei sobre a nossa amarga miseria um raio da vossa misericordia, agitae em nossas almas o sopro de vossa força. Não nos confundaes com as paixões adventicias, que nos barbarisam, com os fanatismos de importação, que nos embrutecem. Sondae até ao fundo, onde só os vossos olhos penetram, a indole deste povo, e nelle encontrareis os principios bemdictos da abnegação e da fé, da piedade e da justiça.

A cumplicidade apparente da sua inercia deante dos attentados que o enxovalham, são os residuos nefastos do crime nacional da escravidão, em que os filhos espiam a imprevidencia dos paes, e que baniu do nosso progresso a corrente divina da vossa presença.

Cessou, Senhor, a hora da politica humana e principiou a da vossa: escutae-nos, Senhor!

E' a voz deste paiz, que forceja para chegar aos vossos ouvidos nesta prece levantada da humildade desta tribuna, no parlamento de uma nação crente, ao amigo dos mansos e dos justos, ao pae commum de todos os homens, por um d'aquelles que mais profunda tem a consciencia das suas culpas e o sentimento do seu nada. Senhor, os nossos irmãos da America do Norte puzeram as suas instituições sobre a vossa protecção, e nos momentos mais graves de sua existencia nacional, quando vão dar as suas batalhas, celebrar as suas victorias, fazer as suas leis, escolher os seus candidatos, inaugurar as suas constituições, á frente dos exercitos, no recinto dos tribuuaes e dos congressos, se eleva a voz do sacerdote de Christo, e os seus homens publicos, os seus chefes de Estado, os seus generaes invocam humildemente a vossa graça.

Vendo florescer na America do Norte a liberdade politica sob as azas da liberdade religiosa, o que nós quizemos, Senhor, separando a Egreja do Estado, foi approximar de vós a sociedade e a egreja, substituir a religião politica pela religião viva. Vós, que desceis até ao intimo dos pensamentos mais occultos, bem sabeis

que outro não foi o d'aquelles, que, como eu, fizeram essa reforma, o do heróe e crente, que m'a incumbiu; e o calor que ella derramou na adoração do vosso nome, a concurrencia, que trouxe aos vossos templos veiu mostrar que não nos enganavamos. Mas uma philosophia árida e morta de oppressão e crueldade, usurpando a vossa conquista, organisou o poder em seita, e emprehendeu substituir no animo do estadista, do povo e do soldado o culto da cruz, que abonança as paixões e harmonisa os exercitos, pelo culto da intolerancia, da dictadura e da força.

De modo que, justamente quando sobre a ruina das nossas illusões liberaes, se estabelecia o aspero despotismo da espada, a tropa, emancipando-se do freio humano na disciplina militar, perdia, com o esquecimento de Deus, o freio divino, que preserva da selvageria os homens endurecidos no habito das armas, as multidões organisadas para a morte. Bem vêdes, Senhor, que contra essa omnipotencia, esquecida de vós, somos obrigados a appellar para a vossa; e si este desafogo da minha amargura, que é a de uma nação inteira, sob a fórma de uma supplica ao Creador, me entrego á zombaria da incredulidade, cujas assolações o Brasil experimenta, eu encaro com indifferença a expiação do ridiculo, arrosto com desprezo a contingencia de passar como ridiculo...

O Sr. Coelho Campos.— Não ha de passar nunca.

O Sr. Ruy Barbosa. — ... a troco de ser neste momento, mais do que nunca, o verdadeiro representante do meu paiz, de honrar as grandes tradições da liberdade americana, filha da lei christã e da moral christã, semeando nas praxes da Republica Brasileira o exemplo americano de procurar em vós a suprema inspiração dos legisladores.

Restitui-lhes, Senhor, o senso das necessidades nacionaes, dae ao governo brasileiro a coragem heroica da lei, incuti ao povo brasileiro o sentimento indomito do direito, livrae o soldado brasileiro da vertigem do sangue, ensinae-o a amar a obediencia e a paz, a huma-

nidade e a paciencia, a pobreza e o sacrificio, que são as verdadeiras fontes da bravura, o grande manancial das virtudes da guerra, a sementeira das victorias sem mancha. Fazei-nos viris e capazes da liberdade, Senhor; libertae-nos da ambição politica, em cujas garras esta nação cahiu como presa indefensa; permitti que a Republica Brasileira não tenha *por columnas o jacobinismo e o terrorismo*, mas o sentimento liberal e o sentimento religioso. »

HISTORIA E TRADIÇÃO

Sebastião da Rocha Pitta

BAHIA — 1660 — 1738

Sebastião da Rocha Pitta, patriota e amante do seu paiz, era formado em canones pela universidade de Coimbra, e, tendo-se dedicado ao estudo de muitas linguas estrangeiras, passou a sua vida honesta e laboriosa, entre os seus trabalhos agricolas, a que se dedicava com amor, e o cultivo das letras, a que dava os seus cuidados durante as horas que lhe sobejavam.

A sua *Historia da America Portugueza*, escripta em linguagem empolada e em estylo gongorico, e publicada em 1730, é baseada em documentos, encontrados, depois de laboriosas pesquizas, nos archivos de Lisboa. Tem, além do tom patriotico, que se nota da primeira a ultima pagina, esse grande e incontestavel merecimento.

O BRASIL

Do novo mundo, tantos seculos escondido, e de tantos sabios calumniado, onde não chegaram Hannon com as suas navegações, Hercules Lybico com as suas columnas, nem Hercules Thebano, com as suas emprezas, é a melhor porção o Brasil: vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando os seus campos o mais ultil alimento, as suas minas, o mais fino ouro, os seus troncos, o mais suave balsamo e os seus mares o ambar mais selecto; admiravel paiz, a todas as luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza se desentranha nas ferteis producções, que em opulencia da monarchia e beneficio do mundo, apura a arte, brotando as suas cannas exprimido nectar e dando as suas fructas sazonada ambrosia, de que foram mentida sombra o licor e a vianda que aos seus falsos deuses attribuia a

culta gentilidade. Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madruga mais bella a aurora; o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios mais dourados, nem os reflexos nocturnos mais brilhantes; as estrellas são as mais benignas e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras: é, emfim, o Brasil terreal paraiso descoberto, onde têm nascimento e curso os maiores rios; domina salutifero clima; influem benignos astros e respiram auras suavissimas, o que fazem fertil e povoado de innumeraveis habitadores, posto que, por ficar debaixo da torrida zona, o desacreditassem e dessem por inhabitavel Aristoteles, Cicero e Plinio, e com gentios os padres da egreja, S. Agostinho e Beda, que a terem experiencia deste feliz orbe, seria famoso assumpto das suas elevadas pennas, onde a minha receia voar, posto que o amor da patria me dê as azas e a sua grandeza me dilate a esphera.

Jaz o opulento imperio do Brasil no hemispherio antartico, debaixo da zona torrida, correndo do meio della (em que começa) para a parte austral ao tropico de Capricornio, d'onde entra na zona temperada meridional grandissimo espaço. E' de forma triangular: principia pela banda do Norte no immenso rio das Amazonas e termina pela do Sul, no dilatadissimo rio da Prata; para o Levante o banham as aguas do oceano Atlantico; para o occidente lhe ficam os reinos do Congo e Angola, e tem por antipodas os habitadores da Aurea Chersoneso, onde está o reino de Malaca.

Na sua longitude grandissima contam os cosmographos mil e cincoenta leguas de costa, a mais formosa que cursam os navegantes; pois em toda ella e em qualquer tempo, estão as suas elevadas montanhas e altos arvoredos cobertos e vestidos de roupas e tapeçarias verdes, por onde correm innumeraveis caudalosos rios, que em copiosas e diaphanas correntes precipitam crystaes nas suas ribeiras ou levam tributo aos

seus mares, em que ha grandes enseadas, muitos e continuados portos capacissimos dos maiores baixeis e das mais numerosas armadas.

A sua latitude pelo interior da terra é larguissima; mais de quatrocentas leguas se acham já cultivadas com as nossas povoações, sendo muitas as que estão por descobrir. Este famoso continente é tão digno das suspensões humanas, pelas distancias que comprehende e pelas riquezas que contém, como pelas perspectivas que mostra; porque até em algumas partes, em que por aspero parece impenetravel, aquella mesma rudeza, que o representa horrivel, o faz admiravel.

A formosa variedade de suas fórmas na desacertada proporção dos montes, na conforme desunião das praias, compõem uma tão igual harmonia de objectos, que não sabem os olhos onde melhor possam empregar a vista. Com inventos notaveis sahiu a natureza na composição do Brasil; já em altas e continuadas serranias, já em successivos dilatados valles; as maiores proporções fez delle fertilissimas, algumas inuteis; umas, de arvoredos núas, expoz ás luzes do sol, outras cobertas de espessas mattas, occultou aos seus raios; umas creou com disposições, em que as influencias dos astros acham qualidades proporcionadas á composição dos mixtos. outras deixou menos capazes dos beneficios das estrellas. Formou dilatadissimos campos: uns partidos brandamente por arroios pequenos, outros utilmente tyramnisados por caudalosos rios.

Fez portentosas lagôas, umas doces e outras salgadas, navegaveis a embarcações e abundantes de peixes; estupendas grutas, asperos domicilios de féras; densos bosques, confusas congregações de caças, sendo tambem deste genero abundantissimo esse terreno, no qual a natureza por varias partes depositou os seus maiores thesouros de finos metaes e pedras preciosas, e deixou em todo elle o retrato mais vivo e o mais constante testemunho daquella estupenda e agradavel variedade, que o faz mais bella.

Historia da America Portugueza.

João Manoel Pereira da Silva

ESTADO DO RIO — IGUASSÚ — 1818 — 1897

Cabe logar de honra na nossa literatura historica a este nobre ancião, incançavel e trabalhador, que enriqueceu a bibliographia brasileira com tantas e tão notaveis obras.

Politico no imperio, tendo chegado a senador, Pereira da Silva nem por isso deixou de se entregar ás letras, escrevendo e publicando, entre outras muitas, as obras: *Historia da Fundação do Imperio*, em cinco volumes, *Curso de Hist. dos diff. Estados da America*, *Nacionalidade, Lingua* e *Historia de Portugal e Brasil*, *Varões Illustres do Brasil*, *Na Historia e na Legenda*, cinco volumes, e as chronicas *Jeronymo Corte Real*, *Manoel de Moraes* e *D. João de Noronha*, e mais *Felinto Elysio e a sua época*, *Aspaia*, romance e em francez *Litterature portugaise* e *Situation politique*.

Destas obras, a mais reputada é a *Historia da Fundação do Imperio*, esrripta á luz dos documentos e das chronicas respigadas ás bibliothecas.

Foi do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e pertenceu á Academia Brasileira de Letras, alem de fazer parte de outras muitas associações nacionaes e estrangeiras.

O NOME DE «BRASIL»

Cumpre aproveitar a occasião para explicar as razões por que se trocou o nome da terra descoberta, ou melhormente, achada por Cabral, e a qual elle intitulava Vera-Cruz, nome trocado ao depois pelo de Santa Cruz, e por fim desapparecido deante do de Brasil, que lhe ficou, máu grado dos portuguezes conquistadores. A prioridade do descobrimento effectuado por Pinzon, mezes antes de Cabral, considerou o governo hespanhol acaso e declarou que, sendo em terra que devia pertencer a Portugal, a esta nação cedia quaesquer direitos que lhe coubessem.

Não se suscitaram, pois, duvidas nem conflictos, apezar de ser o Brasil avistado e empossado antes por Pinzon, em nome da Hespanha.

Desenvolvendo desde logo os francezes mais ou menos regular navegação pelas costas e formando o seu melhor commercio a madeira que lhes proporcionava e aos portuguezes maiores vantagens, e que apellidavam *brasil*, por causa de ser vermelha como brasas de fogo e de produzir uma tinta encarnada de precioso valor, madeira que anteriormente a Europa recebia das Indias, por via do Egypto e da Syria, persistiam, no entanto, em chamar ao paiz *Brasil*, e em cartas geographicas, que espalhavam, por este titulo faziam conhecer a terra.

Que importava aos europeus que o dono chamasse á sua propriedade differentemente? Desde o principio do seculo corriam mappas geographicos fabricados em França e Allemanha, desenhando o paiz como uma ilha e sustentando-lhe a denominação de *Brasil*.

Não se sabia ainda na Europa que a America formava um continente proprio, separado da Asia, correndo do pólo sul ao do norte.

Eram por todos os povos reputadas Indias Occidentaes as terras que os hespanhóes, portuguezes e inglezes haviam descoberto ao occidente do oceano atlantico, e que os francezes e até os hollandezes trataram logo egualmente de visitar, em procura de riquezas e aventuras. Não se conjecturavam todos os descobrimentos anteriores na America, ilhas separadas da Asia, e derramadas por suas costas em maiores ou menores distancias?

Bem que em seu tempo ainda os governos, os povos e os escriptores portuguezes porfiassem em chamar sua conquista de Santa Cruz; apezar de que o famoso historiador João de Barros, infeliz donatario de uma das capitanias doadas por D. João III, estigmatizasse com a sua voz poderosa os ignorantes e teimosos, que o appellidavam *Brasil*, vingou esta denominação dos navegan-

tes francezes, desenvolvida a propaganda pelas cartas geographicas.

Foi, por fim Portugal compellido a acompanhar o titulo de chrisma e a deixar em olvido o do baptismo com que o mimosearam.

Não succedeu o mesmo á America, a preciosa colonia descoberta por Colombo em 1492?

Na Historia e na Legenda.

Antonio Gonçalves Dias

—

MARANHÃO — CAXIAS — 1823 — 1864

E' o nosso primeiro poeta lyrico. Na literatura nacional, elle representa na poesia o mesmo papel importante que Alencar no romance: a elle cabe logar saliente entre os que mais se esforçaram por libertar do velho carunchoso classicismo as letras brasileiras. Tendo se bacharelado em direito na universidade de Coimbra, em 1845 voltou ao Brasil, publicando em seguida e successivamente os seus *Primeiros*, *Segundos* e *Ultimos cantos* e mais o poema dos *Tymbiras*. Suas obras posthumas, memorias historicas, publicadas na *Revista* do Instituto Historico, poesias originaes e traducções do allemão, do francez, do castelhano, etc., dramas, artigos e correspondencias, foram reunidas em muitos e volumosos tomos pelo seu amigo Antonio Henrique Leal, que as precedeu de um estudo completo sobre o poeta.

E' o poeta nacional por excellencia, e, no que diz respeito ao *indianismo*, aos costumes e habitos do incola brasileiro, nenhum outro soube tão bem aproveital-os como o vate maranhense, a quem devemos, neste particular, as mais bellas paginas poeticas que possuimos. Doente, de volta da sua segunda viagem á Europa, Gonçalves Dias morreu victima do naufragio do *Ville de Boulogne*, em que vinha, o qual abriu agua nos baixos dos Atins, proximo ao pharol de Itacolomi.

—

O INDIGENA DO BRASIL NA EPOCHA DO DESCOBRIMENTO

Approximava-se o tempo em que o novo mundo, por tantos seculos ignorado, ia como surgir do meio das ondas e apparecer rico de toda a juventude da natureza em suas louçanias aos olhos dos mortaes assombrados. Colombo accrescentaria um mundo novo ao mundo antigo e Pedro Alvares, affastado da sua derrota, e impellido pelas grandes correntes do Oceano, vinha aportar ás terras de Santa Cruz, e com a sua descoberta

provar á humanidade vaidosa de suas anteriores conquistas, com esta que não é de todas a somenos, que o acaso, o destino, a fatalidade valem mais muitas vezes, do que as forças todas da intelligencia, combinada com os esforços da coragem, da perseverança e da magnanimidade.

No emtanto a linha maritima formada pelos invasores *tupys* estendia-se por todo o littoral: a invasão tinha chegado ao seu termo, e todavia o movimento communicado a essas massas de tribus divididas continuava na mesma direcção, como para provar de que ponto haviam partido. Pará, Maranhão, Ceará só mais tarde foram visitados dos europeus. Do Rio-Grande dos *Tapuyas* para o Sul ficavam os *Potiguares*, demorando os limites das suas terras entre este Rio e a Bahia da Trahição na Parahyba, por elles chamada *Acajutibiro* (*); mas suas correrias passavam Itamaracá e chegavam até Pernambuco. « Povoado este rio (da Parahyba), escreveu o autor d'*A Noticia do Brasil*, ficam seguros os engenhos da capitania de Itamaracá e alguns da de Pernambuco, que não lavram com temor dos Pitaguares. »

« Faziam guerra, não só aos Tabajáras — accrescenta Jaboatão — mas tambem aos Caetês, que tiveram de ceder-lhe o campo na Parahyba », até que foram ambos lançados de Goyana e Itamaracá, e depois tambem de Olinda e Pernambuco, e « nisto (diz o autor) mostrava ser guerreiro atrevido e ambicioso.

Os Caetês, porém, batidos pelos Potiguares na Parahyba. continham os Tabajaras em Pernambuco, chegavam até o rio de S. Francisco, cuja margem esquerda lhes pertencia; obedecendo ao mesmo impulso, faziam guerra aos Tupinambás, que ficavam da outra banda do rio. Em canôas de peri-peri, atadas com timbós, que não tinham capacidade para conter mais de dez ou doze pessoas, atravessavam o rio e vinham ao longo da costa assaltar os Tupinambás. Destes, diz Jaboatão que traziam guerra com os Caetês, mas só quan-

(*) *Acajú*, fructo; *tiba*, abundancia; *r'y*, rio. — N. do autor.

do procurados por elles. E supposto se jactassem de ser os primeiros povoadores da costa, o mesmo autor oppõe-lhes igual pretenção da parte dos Tabajáras, pretenção que reputa mais bem fundada.

Os Tupin-ikins demoravam além dos Tupinambás para o Sul, começando o seu territorio em Cananéa e acabando em Porto Seguro. Se os não vemos apertados pelos Tupinambás, é porque já os *Aymorés* haviam descido de suas serras e os tinham em continuo alarme: no entretanto, para prova de que tambem elles caminhavam na direcção Norte-Sul, Laet nos refere que os Tupin-ikins, estabelecidos alli havia muitos annos, tinham sido expulsos de Pernambuco.

Entre os Tupin-ikins e os Tamoyos e entre estes ultimos e os Carijós, ha como uma solução de continuidade: as tribus que mais os hostilisavam vinham do interior e tomavam, portanto, direcção differente: caminhavam do occaso para o oriente e, chegando ao litoral, tomavam indifferentemente um ou outro rumo, para o Norte ou para o Sul.

Os Tupin-ikins ligaram-se com os portuguezes contra os Tamoyos do Rio e Cabo-Frio. Os Papanazes, que ficavam entre Porto Seguro e Espirito-Santo, retiraram-se deante delles, até confinarem com os Goiatacazes, que se estendiam desde Rerygtiga (quinze leguas ao Sul do Espirito-Santo) até a Parahyba do Sul. Da Parahyba até Angra estavam os Tamoyos e depois delles vinham os Goyanazes, que confinavam por um lado com os Carijós e por outro tinham guerra com os Tamoyos, *mas só quando provocados*.

Os Carijós, no entanto, continuando na sua emigração, faziam pelo lado do Prata uma corrente contraria á que pouco tempo depois se observou no Amazonas. Emquanto os Tupinambaranas desciam este rio e se estabeleciam no Madeira, fugindo, segundo se escreveu, (*) á recordação do insulto que um dos seus tinha recebido dos hespanhóes, sendo açoitado pelo

(*) Gomberville, *Relation de la rivière des Amazones.*

furto de uma vacca. — os Guaranys, sob a denominação de Chiriguanos, chegavam até os Andes, cuja desmarcada altura não era obstaculo seguir ás suas correrias e depredações.

Se a pressão dos indigenas do norte para o sul —pressão que ainda podemos observar, bem que a sociedade Tupy já tivesse tido um começo de desmoronamento, se isto, digo, não é por si só prova bastante da direcção que em sua marcha deverão ter levado os conquistadores Tupys, serve ao menos de auxiliar e, porque assim o digamos, de completar as outras provas que em outros logares apresentamos.

Tal era, approximadamente, a distribuição dos grupos indigenas do Brasil, quando o acaso dilatou, de um modo tão inesperado, os dominios já tão extensos do felicissimo rei de Portugal.

Obras posthumas, Vol. VI.

Fr. VICENTE DO SALVADOR

—

BAHIA — MATUIM — 1564 — (Fallecido entre 1636 e 1639)

Formado em Coimbra e ordenado na Bahia, Fr. Vicente do Salvador é o autor das obras: *Chronica da Custodia do Brasil,* que se pensa perdida, e de uma *Historia do Brasil,* que, se não se póde considerar rica de informações bebidas nos archivos, é, entretanto, digno do maior apreço pelo tom familiar e despreoccupado de atavios como foi escripta.

Fr. Vicente professou na ordem franciscana e exerceu a catechese nas capitanias do norte.

Foi um dos fundadores do convento de Sto Antonio, do Rio de Janeiro.

Uma vez, em 1624, ao penetrar a barra da cidade da Bahia, ficou prisioneiro de uma esquadra hollandeza, a bordo da qual foi guardado dois dias.

—

FUNDAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Posto que o governador Mem de Sá não estava ocioso na Bahia, não deixava de estar com o pensamento nas cousas do Rio de Janeiro, e assim, sacudindo-se de todas as mais, aprestou uma armada, e com o bispo D. Pedro Leitão, que ia visitar as capitanias do Sul, que todas em aquelle tempo eram da sua diocese e jurisdicção, e com toda a mais luzida que poude levar desta cidade, se embarcou e chegou brevemente ao Rio, onde em dia de S. Sebastião, vinte de Janeiro do anno de mil quinhentos e sessenta e sete, acabou de lançar os inimigos de toda a enseada, e os seguiu dentro de suas terras, sujeitando-os a seu poder e arrasando dois logares em que se haviam fortificado os Francezes, posto que em um delles, que foi na aldeia de um indio principal chamado *Iburuguassú mirim*, que quer dizer « pau grande pequeno, » lhe feriram

seu sobrinho Estacio de Sá de uma mortifera frechada, de que depois morreu.

Socegadas as cousas da guerra, escolheu o governador sitio accommodado ao edificio de uma nova cidade, a qual mandou fortalecer com quatro castellos, e a barra ou entrada do Rio com dois; chamou a cidade de S. Sebastião, não só por ser nome de seu rei, senão por agradecimento dos beneficios recebidos do Santo, pois a victoria passada se ganhou dia de S. Sebastião; e em este dia, dois annos antes, partiu Estacio de Sá de S. Vicente para o Rio de Janeiro, e começou a guerra invocando o seu favor, o qual reconheceram bem os Portuguezes, assim em a batalha naval das canôas, como em outras occasiões de perigo. Pelo que ainda em memoria da victoria das canôas se faz todos os annos em aquella bahia, defronte da cidade, no dia do glorioso S. Sebastião, uma escaramuça de canôas com grande grita dos Indios, que as remam e se combatem, cousa muito para ver.

O sitio em que Mem de Sá fundou a cidade de S. Sebastião foi o cume de um monte, donde facilmente se podiam defender dos inimigos, mas depois, estando a terra de paz, se estendeu pelo val ao longo do mar, de sorte que a praia lhe serve de rua principal, e assim, sendo lá capitão-mór Affonso de Albuquerque, se achou uma manhã defronte da porta do covento do Carmo. que ali está, uma balêa morta, que de noite havia dado á costa; e as canôas que vêm das roças ou granjas dos moradores, alli ficam desembarcando, cada um á sua porta ou perto della, com o que trazem, sem lhe custar trabalho de carretos, como custa pela ladeira acima.

Nem elles proprios lá subiram em todo o anno, e menos as mulheres, se não fôra estar lá a egreja matriz, e a dos padres da Companhia, pela qual causa mora ainda lá alguma gente.

Fundada, pois, a cidade pelo governador Mem de Sá em o dito outeiro, ordenou logo que houvesse officiaes e ministros da milicia, justiça e fazenda; e por-

que haviam ido na armada mercadores, que entre outras mercadorias levaram algumas pipas de vinho, mandou-lhes o governador que o vendessem atavernado; e pedindo elles que lhes puzesse a canada por um preço excessivo, tirou elle o capacete da cabeça com colera, e disse que sim, mas que aquelle havia de ser o quartilho, e assim foi, e é ainda hoje, por onde se afilam as medidas, donde vem serem tão grandes, que a maior peroleira não leva mais de cinco quartilhos.

Historia do Brasil, Livro III Cap. 12.)

Mello Moraes, pae

ALAGOAS — 1816—1882

O Dr. Alexandre José de Mello Moraes foi escriptor de grande valor, historiador consciencioso e medico laborioso e benemerito.

Como medico, fez-se homeopatha, escrevendo, como tal, obras de propaganda das suas theorias e processos curativos.

Fazendo-se á custa dos proprios esforços, aos dezesete annos já leccionava elle em dois collegios, e, assim, trabalhando e luctando sempre, conseguiu formar-se em medicina, defendendo these sobre *Considerações physiologicas sobre o homem e sobre as paixões e affectos em geral; do interesse, amor, amisade e saudade, em particular.*

Tendo grande amor ao estudo da historia patria, a elle se didicou sempre, conseguindo reunir documentos de alta valia e importancia. Mello Moraes representou a sua provincia na camara temporaria na legislatura de 1869—1872.

Foi por sua iniciativa que se fundou a bibliotheca publica da Bahia, á qual fez importante donativo de livros.

Foi jornalista e redigiu *O medico do povo*, *O Guarany*, jornal literario e politico e outros.

Entre as suas muitas obras, citaremos: *Ensaio chorographico do Imperio do Brasil*, *Elementos de literatura*, *Chorographia historica*, *Doutrina social de Bonin*, traducção, *Propaganda homeopathica*, *Diccionario de medicina e therapeutica*, etc., etc.

—

DESCOBRIMENTO DO RIO DE JANEIRO

Escrevo os annaes da mais rica e poderosa provincia do Brasil, que, tendo começado pelos portuguezes ao pé do Pão de Assucar, no logar chamado Villa Velha, e depois seguido ao pé da Misericordia por um pequeno numero de povos, a quem, a uns a gloria, a virtude, a obediencia, as disposições do soberano de Portugal, seu valor e fidalguia, a outros a novidade da conquista, o desejo e natural ambição das riquezas, os

animou com o seu general a serem os paes e fundadores de uma grande cidade, a capital do vice-reinado do Brasil; e finalmente outros, que a desgraça dos seus crimes os elevou a tamanha ventura, para serem cooperadores da mesma gloria e conseguirem as mais extraordinarias vantagens do seu degredo.

Martim Affonso de Souza, primogenito de Lopo de Souza, alcaide-mór de Bragança, senhor do Prado, parece ser o primeiro que no 1° de Janeiro de 1532, descobriu, entre o promontorio, hoje assignalado nas cartas geographicas por *Cabo Frio*, e aquella paragem de terra, que corresponde ao tropico austral, chamada a *Ilha Grande*, esta mais preciosa porção da America, *onde a natureza parece empenhava* todas as suas forças para a constituir mui celebrada e, pela sua importancia, a mais cobiçada, pois no meio daquelles dois extremos, na altura de 22°54' 12" e na longitude da Ilha do Ferro de 334°51' 15", formou o mais fertil terreno, o mais rico e ao mesmo tempo, o mais inexpugnavel a inimigas gentes, o mais seguro e o mais proprio para sustentar um immenso commercio e elevar a agricultura e as artes ao cumulo da opulencia ganhada aos interesses do soberano e dos povos.

A esquadra daquelle famoso capitão, surgindo fora da barra, fundeou ao pé do Pão de Assucar, donde desembarcou em uma praia que por muito tempo conservou o nome de porto de *Martim Affonso*, e, passando a explorar o terreno, o achou povoado de innumeraveis indios, bellicosos e desconfiados, e entendendo os não podia sujeitar sem lhe ser forçoso verter-lhes o sangue, para então se poder estabelecer em terras daquella nação; e por outra parte, concebendo que a força que traziam não era tanta que, alem da victoria, segurasse a sua conservação, não querendo por isso expôr-se a uma guerra perigosa, deixou tão importante logar, e seguiu correndo a costa na sua viagem de Lisboa para o Brasil; e depois de navegar pelo caminho de oeste quatro leguas, descobriu a barra da Tijuca, que despresou por não receber nem ainda pequenas em-

barcações; pela mesma causa, em outra egual distancia, a barra de Guaratiba, e costeando a ilha, a restinga de Marambaia, avistou logo adiante a ilha, a que deu o nome de Ilha Grande dos Magos, para a differençar das immensas outras pequenas, que formoseavam o seu contorno, e por ser descoberta a 6 de Janeiro, dos Reis Magos, e foi seguindo até a Ilha de S. Vicente e d'ahi a demandar os conhecimentos do rio da Prata.

JOÃO FRANCISCO LISBOA

MARANHÃO — 1812 — 1863

Escriptor correcto, classico no estylo, conhecedor da lingua, que manejou com desembaraço, como senhor que era de todos os seus segredos, João Francisco Lisboa foi jornalista brilhante, redigindo diversas folhas, desde 1832 até 1836, em que teve de interromper as suas lides de imprensa, para pouco depois recomeçar. No anno de 1852 encetou Lisboa a publicação do seu interessante *Jornal de Timon*, no qual teve occasião de publicar desenvolvida historia civil, economica e administrativa da provincia do Maranhão. Tendo partido para Lisboa, incumbido pelo governo, de colligir documentos historicos, alli morreu, com 51 annos de idade.

A sua obra posthuma *A vida do padre Antonio Vieira* é escripta n'uma linguagem castiça e fluente, concorrendo certamente para affirmal-o como escriptor e como cultor consciencioso da lingua de nossos avós.

SUBLEVAÇÃO POPULAR NO MARANHÃO

Como a tormenta parecia mais imminente em S. Luiz, partiu o P. Superior de Belém para aqui, mas já na bahia de Cumã, e apenas em distancia de um dia de viagem, soube que moradores do Maranhão o tinham prevenido, havendo rebentado de 15 a 17 de Maio a commoção, em resultado da qual foram os jesuitas expulsos do seu collegio, e o respectivo superior, Ricardo Cacere, obrigado a assignar perante a Camara um auto de desistencia da administração temporal dos indios. Uma carta que o governador D. Pedro de Mello escreveu a Antonio Vieira e que Berredo tambem nos conservou, refere alguns curiosos pormenores deste movimento popular. Serviram de pretexto para elle as famosas cartas dirigidas ao bispo do Japão. A multidão affluia á praça que ficava em frente ao Senado da Ca-

mara, onde se tinha de eleger um juiz do povo, que provesse ao extraordinario das circumstancias, e onde se procedia a um inquerito sobre o conteúdo das mesmas cartas, no qual tinham de ser interrogados os padres da Companhia, accusados como calumniadores do povo. Nisto, ou aventurado por mero acaso, como em taes crises frequentemente succede, ou derramado muito deproposito, correu o boato de que os indios de S. José, com um dos padres a sua frente, se haviam sublevado, e dispunham de instrumentos de supplicio para castigo dos moradores. Então o furor da multidão já amotinada não conheceu mais limites, e correndo todos em turba, violaram o collegio dos padres e os expulsaram ignominiosamente.

O governador chamou ás armas as duas companhias de infanteria da praça; mas os soldados declararam que as não tomariam contra os moradores que os alimentavam e a favor dos padres, que eram a causa da geral ruina.

Neste desamparo, correu o governador ao senado e ora das escadas da casa, ora das janellas, arengava a multidão, em sentido favoravel ás paixões desta, com o intuito somente de applacal-as, (assim o diz, desculpando-se, na carta que escreveu ao padre), pois sendo o tumulto de mais de seiscentas pessoas, não tinha ao redor de si mais do que cinco ou seis, em quem pudesse confiar. As mesmas cartas que escrevia, referindo ao padre o succedido, e aconselhando-o a retroceder, receiava D. Pedro de Mello que fossem interceptadas e abertas. Diziam-lhe que estavam todos juramentados, para, se acaso fosse preso um só dos amotinados, levantarem-se em massa, investirem e pôrem tudo a ferro e fogo; havendo, outrosim, entre elles resolução formada de recambiarem para o reino, só com a aguada indispensavel, a qualquer syndicante ou governador que viesse de Lisboa com animo hostil. « Em resolução, (conclue D. Pedro no seu estylo inculto e extravagante) está esta gente tão rebellada, que não póde ser mais; e o coitado do patife (fallava de si) ou-

vindo tudo isto, mordendo-se, sem poder morder, mas, mas, mas, etc. »

Não se perturbou o Pᵉ. Antonio Vieira com estas noticias; retrocedeu immediatamente para o Gurupy, e encontrando na camara, do capitão-mór todo o favor e ajuda que poderia desejar, seguiu para o Pará, escoltado de tres canoas armadas em guerra, e alli chegou a 21 de Junho, antes de propagada a noticia dos successos do Maranhão.

A extensa carta que vamos substanciar e que elle no mesmo dia dirigiu ao senado de Belem, mostra o ardor bellicoso de que o missionario se achava possuido, e como estava resoluto a combater a todo transe.

Depois de enumerar os seus titulos bem como os poderes de que se achava revestido, refere o padre a rebellião do Maranhão, e accrescenta que se ella não fosse devidamente rebatida, perder-se-ia todo o fructo do trabalho das missões, tão recommendadas e amparadas de sua magestade.

Descreve essas missões pelas entradas, descimentos e pazes feitas (de tudo o que ja temos inteirado o leitor) e pergunta quem havia de ter mão em todas essas nações pacificadas e reduzidas á fé, ou inclinadas a sel-o, quando vissem as promessas e as leis quebrantadas? O modo de pregar dos padres era com o Evangelho em uma mão, e com as leis de sua magestade em outra; porque mostrava a experiencia que só na confiança do bom tratamento que nas ditas leis se lhes promettia e na fé e credito que davam aos religiosos da companhia, se atreviam as dictas nações a sahir dos matos, onde geralmente as trazia retiradas a lembrança, e temor das passadas oppressões; mas como agora vissem que nem as leis, nem os padres defendiam a si, como haveriam de crer que os defendessem a elles? Pelo que e por todos os damnos que se podiam seguir, da parte de Deus e do sangue de Jesus Chirsto, derramado por aquellas almas. e da parte de S. M., cuja consciencia estava obrigada á conservação dellas; da par-

te dos dictos indios, gentios christãos, como procurador e curador que era de todos, da parte, emfim, da mesma republica e de todo o estado, requeria elle, Pe. Antonio Vieira e mais religiosos a SS. Mercês que, com os olhos postos somente em Deus e em seu serviço, e na conta estreitissima que lhe haviam de dar muito cedo e com os corações muito limpos de qualquer respeito particular, considerassem todas e cada uma das cousas que naquelle papel se lhes apresentavam e acudissem logo ao remedio de tantos e tão irreparaveis damnos, como era bem facil, visto não estar ainda divulgado o caso. E porque era certo que os moradores do Maranhão haviam de procurar fazer cumplices do mesmo delicto aos do Pará, mandando a esse effeito emissarios que occultamente os corrompessem e persuadissem, importava muito que, emquanto durasse o perigo, mandasse a camara impedir com toda a vigilancia a communicação e passagem daquella para esta capitania, assim como se usa com os logares empestados, para que o contagio se não propague. Aliás, por parte de Deus e de sua magestade protestavam por todos os damnos e ruinas irreparaveis temporaes e espirituaes, que do contrario se seguissem.

A camara respondeu-lhe dentro de dois dias, protestando a sua adhesão á religião e a el-rei e assegurando que empregaria todos os seus esforços para manter a ordem na capitania; e terminou declarando que em representação já por ella dirigida a sua magestade, se por um lado se dava por satisfeita com a doutrina espiritual dos padres, por outro se havia queixado do procedimento com que Sua Paternidade e todos os seus subditos se haviam no governo temporal dos indios, com jurisdicção tão violenta, que tinha posto toda a capitania no estado mais miseravel, por maneira que os moradores e povoadores della não eram senhores de resgatar um só escravo.

Vida do Padre Antonio Vieira.

VISCONDE DE PORTO SEGURO

—

S. PAULO — S. JOÃO DE IPANEMA — 1817 — 1878

O visconde de Porto Seguro, Francisco Adolpho de Warnhagen, filho de um official allemão que viéra ao Brasil para dirigir a fabrica de ferro de Ipanema, naturalisou-se em 1841 cidadão brasileiro, iniciando em seguida a sua carreira diplomatica em Madrid, Chile, Perú e Equador.

Quando falleceu, era nosso enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto á côrte da Austria Hungria. Foi segundo tenente de artilheria em Portugal, posto que lhe foi dado por D. Pedro IV, tendo tomado parte na guerra de 1834.

Foi socio da Academia de Sciencias de Lisboa.

Escreveu muitas e varias memorias sobre diversos assumptos, algumas das quaes se encontram da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.*

Warnhagen escreveu uma *Historia Geral do Brasil,* onde recolheu muitos e importantes documentos, mas em estylo duro, com quanto em linguagem correcta, o que não torna, de certo, attrahente a sua leitura.

—

A INSURREIÇÃO PERNAMBUCANA

E ANDRE' VIDAL DE NEGREIROS

Com a partida de Nassau para a Europa, ficaram as redeas do Brasil hollandez confiadas a tres negociantes tão obscuros, Hamel, Van Boolestrate e Bas, que de um delles se disse haver sido carpinteiro, logista outro e ourives em Harlem o terceiro. Terra demasiado aristocratica era a de Pernambuco, para prestar sem repugnancia obediencia a estrangeiros de tão baixa relé, cuja vaidade, cobiça e intolerancia faziam, ainda para mais, notavel contraste com a lhaneza, desprendimento e generosidade do principe de Orange. Ora os esforços

espontaneos dos Maranhenses e Cearenses acabavam de ser coroados de triumphantes resultados, quando nenhum exito haviam produzido, nem as tropas e navios do conde da Torre, nem as diplomacias de Montalvão.

Não era, pois, de admirar que muitos Brasileiros, residentes quer na extensão que decorre do Rio Grande do Norte até o Rio Real, quer no territorio fóra do dominio hollandez, o amor da patria indicasse que lhes cumpria tentar esforços semelhantes para de todo sacudir de seu paiz o jugo estranho.

Pensamentos taes, que estão no coração de todos, não têm autor determinado.

Necessitam só uma alma grande que delles se apodere e lhes dê impulso. Tinha-a André Vidal de Negreiros, filho da Parahyba, e que já em secções precedentes deixámos conhecido por notaveis feitos de guerra, em consequencia dos quaes foi successivamente promovido por distincção até o posto de tenente de mestre de campo, que podemos dizer de tenente-coronel, pois que ainda que a alguns postos da milicia se davam nomes differentes dos de hoje, eram elles já quasi os mesmos, e se haviam de todo introduzido no Brasil durante esta guerra. E bem que não faltassem escriptores que, contradizendo ás vezes sua affirmativa, com os proprios factos que narravam, quizessem, em parte por disfarce politico, outorgar toda a gloria a João Fernandes Vieira, chamando-lhe já Valeroso Lucideno, já Castrioto Lusitano, nós appellamos unicamente para os factos comprovados, e, ao examinal-os, o leitor julgará se, dando a palma a André Vidal, no mais minimo sentenciamos com paixão. Lisongeiro nos é, sem duvida, ter de exaltar a memoria de um illustre patricio ; mas no caso actual, em que, para enaltecer a um heróe, ha que deixar um tanto deprimido outro, até agora injustamente exaltado em demasia, não o executaramos, se a consciencia guiada pela justiça, nos não alentara a ponto de conhecer que nos não cega a grande sympathia que temos pelas virtudes do heróe parahybano,

que não hesitamos apresentar como digno até de figurar em uma epopéa nacional.

Na historia da civilisação das nações em particular, como na da humanidade em geral, ha sempre grandes caracteres ou grandes intelligencias, que são como os precursores ou verdadeiros creadores do pensamento de novas eras; e ao historiador cumpre descortinal-os.

Muitas vezes contemporaneamente essas grandes capacidades, esses grandes homens viveram confundidos com as turbas ou foram por estas ou pelos poderosos da terra perseguidos ou desprezados, se tiveram bastante coragem e dignidade para não adular estes nem aquellas; mas a verdade triumpha por fim, e o galardão posthumo é tanto maior, quanto mais clamorosa foi a injustiça dos antepassados.

O martyrio tambem dá a palma da gloria. Pela nossa parte, que começamos por tributar a Raymundo Lullio, a Colombo e Diogo de Gouveia o louvor devido ao talento, ás vezes a uma só idéa fecunda, não poderiamos aqui deixar de reivindicar a gloria que cabe, em nosso entender, ao modesto parahybano André Vidal, que mais de uma vez derramou seu sangue pela patria.

Em presença dos factos, taes como são contados pelos proprios apologistas de Fernandes Vieira, nos convenceremos de que, se houve naquelle mesmo seculo, por motivos politicos e razões de estado, necessidade de proclamar os seus serviços como superiores aos de Vidal, hoje ha que tributar a este a justiça devida e concordar que, abstrahindo da protecção do governo, exercida desfarçadamente pelo governador Antonio Telles, a elle principalmente foi, pela maior parte, devido o exito da Insurreição de Pernambuco.

Historia Geral do Brasil, 1857. Tomo II.

FERNANDES PINHEIRO

RIO DE JANEIRO — 1825 — 1876

O conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro prestou relevantes serviços ás letras patrias e ao ensino, deixando innumeras e uteis obras didacticas, de historia e literatura geral e nacional.

Fernandes Pinheiro ensinava rethorica no Collegio Pedro II, assim como no seminario de S. José, foi secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e serviu como secretario particular do conde de Irajá, bispo do Rio de Janeiro. E' autor de um *Curso de literatura portugueza*, de um *Curso de literatura geral*, *Factos da historia patria*, etc.

Redigiu o jornal *Guanabara* e exerceu os cargos de capellão e vice-director do Instituto dos Cégos. O conego Fernandes Pinheiro doutorou-se em theologia na Europa.

ROBERIO DIAS OU AS MINAS DE PRATA

Pelos fins do seculo XVI vivia na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos um abastado fazendeiro, chamado Roberio Dias, que no numero dos seus avós contava a formosa Paraguassú. Proverbial era a sua opulencia e a voz publica apregoava que de finissima prata era a sua baixela, assim como todo o serviço das capellas que tinha em suas fazendas, e em uma das quaes encontrára elle o precioso metal.

Receiando ser constrangido pela autoridade a designar o sitio onde reconditos existiam tão prodigiosos thesouros, resolveu Roberio ser elle o proprio quem o revelasse.

Neste designio tomou passagem em um navio que estava a partir para Lisboa, e, ahi chegando, apressou-se em trilhar a estrada de Madrid, esplendida côrte

de D. Philippe II, que reinava então sobre Portugal e o Brasil.

Benignamente acolhido pelo ambicioso filho de Carlos V, expoz-lhe o fim de sua viagem, promettendo-lhe, em troca do titulo de Marquez das Minas, mostrar um sitio mais abundante em prata do que a Biscaya em ferro.

Folgou el-rei catholico em semelhante noticia; não julgando, porém, conveniente conferir a Roberio o elevado titulo que ambicionava, nomeou-o apenas administrador das minas, como additamento de algumas graças realisaveis depois de prestado o serviço a que se propunha.

Talvez que com isso contente regressasse a seus lares o neto de Paraguassù, se não lhe houvesse D. Philippe II ferido os brios, promettendo a D. Francisco de Souza, que na côrte se achava, provido no emprego de governador geral do Brasil, a posse do titulo que lhe recusára.

Dissimulou Roberio e em companhia do novo governador, voltou á Bahia, onde aportando, pediu venia para visitar suas terras e dispôr tudo para a cubiçada empreza. Nenhum embaraço oppoz D. Francisco a semelhante desejo, que summamente justo pareceu-lhe.

Com arte aproveitando-se do pouco tempo de que ainda podia dispôr, empregou o astuto fazendeiro em apagar todos os vestigios que poderiam servir de guia ao seu poderoso rival.

Por impervias veredas e alcantilados montes transitou o governador e a sua comitiva sem que o menor indicio pudesse descobrir das almejadas minas, até que, exhausta a paciencia, tornou á Capital jurando vingar-se do audacioso Brasileiro. Para que, porém, lhe não pudesse escapar a victima, buscou occultar o seu resentimento, emquanto informava a el-rei da decepção porque ambos haviam passado.

Eram nesta epocha difficeis e longas as communições entre o Brasil e a metropole: e a esta circumstancia deveu Roberio Dias o subtrahir-se ao castigo

que o esperava; porquanto, antes que chegasse a fatal ordem régia, falleceu elle levando ao tumulo o seu segredo, que tão bem guardado fôra, que nem a propria familia nutria a tal respeito a menor suspeita.

A vaidade, meus meninos, perturbou o animo deste vosso compatriota, cujos dias se poderiam deslizar felizes e tranquillos se menos luxo ostentasse e melhor uso fizesse de seus cabedaes. Com que satisfação não vos citaria eu o seu nome, se o visse ligado a obras de beneficencia ou de publica utilidade?!!

Dr. João Severiano da Fonseca

—

ALAGOAS — 1836—1897

O general Dr. João Severiano da Fonseca, que pertenceu a essa familia de bravos, de que faziam parte, na guerra do Paraguay, Deodoro, Hermes da Fonseca, Eduardo da Fonseca, é autor de uma interessante obra— *Viagem ao redor do Brasil,* apreciada e recebida com applausos e elogios por toda a imprensa, recommendada por Carlos de Laet e outros escriptores.

Senhor de grande illustração, o Dr. João Severiano prestou á patria grandes serviços, quer no exercito, de que era um dos luminares, quer no parlamento republicano, de que fez parte como representante da Capital da Republica na Constituinte e na primeira legislatura ordinaria no Senado Federal.

—

A AMAZONIA

FRANCISCO CALDEIRA CASTELLO-BRANCO

Até 1615 era a região amazonica desconhecida completamente para Portugal, que contentava-se com saber que ahi existia o rio Amazonas, e que esse territorio era seu. Somente em 1615, quando Alexandre de Moura expulsou os francezes do Maranhão, mandou o capitão Francisco Caldeira Castello Branco subir a bocca do Amazonas e fundar um estabelecimento que assegurasse o direito de posse do territorio.

Castello Branco, nomeado capitão mór, partiu em meiado de Novembro daquelle anno com tres caravellas e uns duzentos homens de força.

Em fins do mez entrava pelo rio Pará, formado pela reunião das aguas do Mojú e Guajará nas do Tocantins, o qual então era supposto ser o proprio Amazonas; e em 2 de Dezembro fundeava em uma vasta ba

hia, abrigada por extensa linha de ilhas, e a umas setenta e cinco milhas do mar. Perto lhe ficava uma aldeia de Tupinambás, que o viram chegar sem descontentamento e permittiram-lhe desembarcar. e fortificar-se, emquanto officiaes e soldados, ajudados daquelles indios, erguiam as suas palhoças, dando começo assim ao forte do castello, ainda hoje existente, e á cidade de Belém.

Dias depois, despachou por terra communições a seu collega Jeronymo de Albuquerque do seu estabelecimento, e pedido de soccorros. Este auxilio veio-lhe por mar, chegando mui a proposito, quando já os indios manifestavam indicios de hostilidade e na foz do rio surgia um navio hollandez, a commerciar com os selvagens.

O capitão-mór mandou dois officiaes e tropa atacar esse navio, o qual, depois de sanguinolento combate, foi envolvido pelas chammas do fogo, que lhe atiravam os portuguezes e afundou-se, com toda a guarnição.

Castello Branco distinguiu-se como administrador prudente e habil nos dois annos que governou. Deu rapido desenvolvimento á colonia; conteve na obediencia e respeito os indios visinhos, tratando-os com benevolencia, domou e subjugou pelas armas os das tabas de Cayú e Mortigura, que se insurgiam e ousavam atacar a nascente colonia; e ao mesmo tempo procedia com energia contra os colonos, que maltratavam os naturaes do paiz.

Foi, porém, deposto e preso pelos seus commandados e remettido, á ferros, para Lisbôa, por uma grave injustiça e abuso de autoridade que commetteu: um seu sobrinho assassinou um dos seus companheiros; os outros officiaes exigiram que o assassino fosse preso e castigado; e o Capitão-mór, que a principio fizera-se alheio ao facto, recusou-se ás exigencias, ameaçando ainda castigar aquelles que mais livremente exigiam justiça.

Houve uma conspiração dirigida pelo capitão Jeronymo Fragoso de Albuquerque; e, quando menos

esperava, era Castello Branco preso e deposto, tomando Jeronymo o governo.

O que disso resultou foi em puro prejuizo do estabelecimento. Os indios, que temiam e respeitavam o Capitão-mór, ergueram-se em massa e vieram atacar a colonia, que não se salvou dessa inesperada aggressão, senão pelo admiravel comportamento com que todos, militares e colonos, souberam resistir, obrigando os atacantes á retirada.

Essa aggressão trouxe represalias, pelo medo de repetições; e foi fatal aos indios. A datar della, começou essa guerra de exterminio, movida pela luta de predominio entre a raça barbara, que era a senhora do paiz e defendia os seus direitos, e a raça civilisada que o deparára por um acaso, nelle se estabelecera e o chamára seu, escudando-se—falsamente—nos beneficios da civilisação e da religião.

Essa luta renhida, que se estendeu do Pará ao Maranhão, veio a terminar-se com a longa e terrivel carnificina que nessas hordas selvagens fizeram os homens cultos e apostolos da civilisação e philantropismo, Bento Maciel Parente (*), o homem que mais sangue humano fez derramar no solo brasileiro, seu filho e sobrinhos, Vital e Pedro Maciel Parente, João Velho do Valle e Jeronymo Fragoso: os Pisarros e Almagros do Brasil.

Esses miseraveis não destoaram da regra geral; valentes com os fracos, que ainda viam nas armas de fogo raios do céu, que não podiam combater, eram cobardes com os fortes: Bento Maciel e Pedro Maciel entregavam mais tarde aos hollandezes, aquelle, o Maranhão e este, o Pará.

Viagem ao redor do Brasil, 1881.

(*) O rei, em recompensa de seus serviços, concedeu-lhe que elle e seus descendentes usassem desse sobrenome de *Parente*. (N. do autor.)

Joaquim Norberto de Souza e Silva

RIO DE JANEIRO — 1820 — 1891

Joaquim Norberto de Souza e Silva, operoso escriptor brasileiro, é dos que mais têm escripto, sendo a sua opulenta obra variadissima nas especies e nos assumptos.

A historia, a poesia, o romance, o conto, o theatro, tudo cultivou o notavel escriptor.

Publicou Joaquim Norberto: *Romances e Novellas*, *O martyrio de Tiradentes*, os cinco volumes de versos *Modulações poeticas*, *Dircêu e Marilia*, *O livro dos meus amores*, *Cantos épicos* e *Flôres entre espinhos*, *Ballatas*, a tragedia *Clytemnestra* e o drama *Amador Bueno*.

Como historiador e critico — e não foi nesta manifestação do seu saber e erudição que menos brilhou — Joaquim Norberto produziu: *Historia da conjuração mineira*, *Memoria historica e documentada das aldeias dos indios da provincia do Rio de Janeiro*, *As brasileiras celebres*, *Estudo sobre o descobrimento do Brasil*, etc., etc.

Como historiador, Norberto è claro na exposição, correcto no dizer e verdadeiro no que conta, baseando-se em documentos, que cita com sinceridade.

Norberto escreveu interessantes introducções ás obras de Alvarenga Peixoto e outros (edição Garnier), dignas de menção, pelas muitas informações historicas documentadas que trazem.

A EXECUÇÃO DE TIRADENTES

Soavam onze horas, quando chegou o padecente ao campo e entrou com as pessoas, que acompanhavam o prestito, o recinto do triangulo, que figuravam os tres regimentos. Subiu ligeiramente os degráus do throno que a escarnecedora sorte lhe destinara, como seu desprotegido. Sem levantar os olhos, que tinha pregados na imagem do Divino Martyr, sem estremecimento algum que lhe trahise a coragem, deu logar ao algoz

para o fatal preparo, pedindo unicamente por todo o favor que abreviasse a execução, no que ainda insistiu por duas vezes. Era essa a ultima graça que solicitava, e nem assim lhe foi concedida. Subindo alguns dos degráus do patibulo, improvisou Fr. José de Jesus Maria do Desterro, guardião do convento de Santo Antonio, uma practica, prolongando assim, em nome da religião, as angustias do triste padeçente.

Rezou depois o mesmo religioso o credo dos apostolos. No meio do mais sepulchral silencio ouvia-se a voz de Tiradentes, que já vinha da eternidade, repetindo uma por uma as palavras da oração. Descia o frade os degráus, á proporção que ia terminando, até que sumiu-se a sua voz. Então impelliu o algoz a sua victima, que cahiu despenhando-se no espaço... Retida pelo baraço, girou vertiginosamente e estorceu-se em convulsões por um momento, até ser cavalgada pelo executor...

Viu-se por algum tempo o homem-machina e o homem-cadaver nessa luta ignominiosa do complemento do assassinato judiciario.

Um grito immenso, ou antes, um gemido surdo, rouquenho e prolongado, irrompeu da multidão, e foi abafado pelo ruio dos tambores...

Morrera o Tiradentes, não como um grande patriota, com os olhos cravados no povo, tendo nos labios os sagrados nomes da patria e da liberdade, e na alma o orgulho com que o homem politico encara a morte como um triumpho, convertendo a ignominia em apotheose, mas como um christão, preparado ha muito pelos sacerdotes, com a coragem do contricto e a convicção de ter offendido os direitos da realeza, e quando muito consolado com a esperança da salvação eterna.

Evaristo Ferreira da Veiga

—

RIO DE JANEIRO—1799—1837

Evaristo da Veiga, que representou importantissimo papel na politica do primeiro imperio, exerceu incontestavel influencia no seu tempo. Como jornalista, a sua opinião pesou sempre na balança politica e os seus artigos, cheios de bom senso e repassados de patriotismo, eram lidos com enthusiasmo: muitas vezes Evaristo encaminhou a opinião publica e dirigiu os acontecimentos.

Foi um dos fundadores da sociedade defensora da liberdade e da independencia nacional. Representou Minas na Camara em tres legislaturas consecutivas, de 1830 a 1837, sendo na ultima eleito tambem pelo Rio de Janeiro. Era socio do instituto historico de França e da Academia Romana. Redigiu a *Aurora Fluminense*, a folha a que mais deve a causa da independencia nacional. Escreveu ainda *O homem e a America*, traduziu a *Historia do Brasil* (desde a chegada da familia real até 1831), por João Armitage, escripta em inglez. Ha quem diga que esta historia é pela maior parte escripta por Evaristo. Escreveu ainda uma *Ode á Grecia* e *Hymnos Patrioticos*, entre elles o *Hymno da Independencia*. *Despedidas*, foi a ultima das suas composições poeticas.

Evaristo, o grande patriota, é digno da veneração e da estima de todos os brasileiros.

—

MILICIA ESTRANGEIRA

Eis para que serve essa tropa heterogenea, afastada dos nossos costumes, avessa ás nossas instituições, que com tamanho empenho fizeram vir de todas as partes do mundo, como se não confiassem na fidelidade brasileira!

Desgraçado o povo que soffre o jugo do estrangeiro! Os seus mesmos beneficios são amargos e pagam-se a peso de ouro; e os seus insultos, quem os tolerará?

Quanto sangue derramado! quantas vidas sacrificadas ao desleixo, ao capricho e ao espirito de par-

tido! Que se dirá agora da tropa estrangeira? Ainda veremos batalhões allemães e irlandezes pizarem o solo que ensoparam do nosso sangue?

Nós não abominamos os forasteiros, não temos em odio nem irlandezes, nem allemães. O que abominamos é o despotismo, o terror e os seus instrumentos, detestamos essas opiniões que levam alguns homens a menosprezar, a ter-se em guarda contra tudo o que é do Brasil; e desejariamos que essa severa lição lhes aproveitasse, para os fazer conhecer os brasileiros, o seu caracter real e o que traz comsigo tropa mercenaria, recrutada d'entre facinorosos e transportada a um paiz, a que nenhum sentimento de sympathia e de affeição os prende.

O monarcha, cujo throno repousa no coração de subditos fieis, que governa pela lei e é firme defensor della, não necessita de bayonetas de *tudescos* para sustentar a sua autoridade.

Aurora Fluminense — 1828.

JUSTINIANO JOSE' DA ROCHA

—

RIO DE JANEIRO — 1812 — 1862

Notavel jornalista, redigiu com proficiencia *O Brasil*, folha que exerceu grande influencia na politica do paiz, como faz notar Innocencio da Silva.

Formou-se na academia de S. Paulo, 1833, tendo começado a sua educação literaria no collegio Henrique IV, de França.

Justamente encetou a sua carreira no jornalismo politico e literario no anno de 1836.

Critico austero e analysta consciencioso, o Dr. Justiniano José da Rocha era ao mesmo tempo um escriptor correcto, podendo dizer-se delle que foi uma das mais bellas organisações jornalisticas que temos tido.

—

DEPOIS DA ABDICAÇÃO

Na manhã de 7 de Abril de 1831 a nação brasileira achou-se em perfeita anarchia: o imperador, a bordo de uma náu ingleza, havia abandonado a sua joven familia á magnanimidade da nação; o ministerio não podia governar, pois contra elle fôra dirigida a revolução; as camaras representativas ausentes, pois o movimento se fizera no intervallo das sessões; ao pé do throno, em torno do poder, ninguem, nem um principe, nem um cidadão que tivesse alguma popularidade, que sobre si pudesse assumir a responsabilidade da governança.

O exercito, que tomara parte activa no pronunciamento, entregue ás mil direcções da insubordinação, nem sequer tinha a unidade necessaria para poder dar uma autoridade á revolução vencedora. Os corpos policiaes, ainda mais eivados do principio de insurreição do que os corpos de linha, nem ao menos offereciam o

ponto de apoio material necessario á mantença da ordem publica.

Nem uma milicia cidadã, nem uma guarda nacional, nem uma autoridade municipal, nada que, comprehendendo a gravidade da posição politica, désse um centro qualquer á administração. Até mesmo entre os chefes populares, que mais ardentes tinham provocado o movimento, não havia uma ambição grande e nobre, uma só coragem que se fizesse usurpadora.

A inspiração de D. Pedro I, que o levára a abdicar o throno, como que havia tomado de surpresa os insurgentes, que a não tinham previsto, que não estavam preparados para essa eventualidade e que, pasmos da facil victoria que lhes entregava o poder, não sabiam que destino dar-lhe.

O povo estava no campo; dois sentimentos o dominavam, os dois sentimentos que haviam alimentado a luta contra o governo imperial; eram elles: primeiro, a susceptibilidade nacional, eivada de aversão contra os nascidos em Portugal; segundo, a ardente aspiração para a republica, apresentada francamente nos ultimos dias do reinado, sob o véu transparente da federação e que, na politica activa e de combate, se havia substituido ao pensamento liberal.

Dado esse cahos de elementos, que politico não diria « d'aqui só pode sahir a subversão, d'aqui só uma conflagração geral que não se extinga nem nas ondas de sangue derramado pelos odios? » Pois enganar-se-iam as sinistras previsões do politico: a ordem se fez no cahos; nem o punhal da vingança particular, nem o cutello da vindicta publica se tingiram de sangue. O nobre instincto do coração brasileiro bradou: « Perdão para os illudidos! A causa de todos os nossos males não está entre nós! » Calumnia generosa, que ás paixões vencedoras offerecia, como victima expiatoria, o principe que abandonara o throno. E as paixões acceitaram essa victima; a calumnia teve os fóros de verdades e serviu de escudo para todos os vencidos.

Aos famintos da nacionalidade, dizia-se: « Para

que vinganças? não nos occupemos do passado, senão para evitar a sua reproducção; no throno está um principe nascido no Brasil, que hade, como nós, amar a sua patria e a sua gente. »

Aos famintos da Republica, dizia-se: Para que precipitações? o throno é um berço; temos, pois, todo o tempo de preparar o paiz para esse governo republicano, tanto mais nobre, tanto mais excellente, quanto se assenta em illustrações e em virtudes, que o povo brasileiro irá adquirindo nos longos dias da menoridade.

Sylvio Romero

SERGIPE — 1851

Discipulo de Tobias Barreto, Sylvio Romero tem logar saliente nas letras brasileiras, como philosopho, historiador, investigador das nossas tradições — e neste particular os seus serviços são inestimaveis — estudando a poesia popular brasileira, os contos populares, o *folk-lore* nacional. Sylvio Romero tem collaborado em quasi todos os jornaes do Rio de Janeiro e tem escripto grande numero de trabalhos de historia e literatura, philosophia, polemica, politica, etc. São suas, entre outras, as obras: ***Historia da literatura brasileira*, *Historia do Brasil*, *ensinada pelas biographias dos seus herôes*, *Cantos populares do Brasil*, *Contos populares do Brasil*, *Philosophia do direito*, *Historia do direito nacional*, *Doutrina contra doutrina***, etc.

E' lente das escolas livres de direito e do Gymnasio Nacional. Pertence á Academia Brasileira de Letras, escolhendo para patrono de sua cadeira a Hypolito José da Costa.

Na actual legislatura (1899 — 1902) representa a sua provincia natal na camara federal.

A POESIA POPULAR NO BRASIL

Indicar no corpo das tradições, contos, cantigas, costumes e linguagem do actual povo brasileiro, formado do concurso de tres raças, que, ha quatro seculos, se relacionam, indicar o que pertence a cada um dos factores, quando muitos phenomenos já se acham baralhados, confundidos, amalgamados; quando a assimillação de uns por outros é completa aqui e imcompleta alli, não é cousa tão insignificante, como a primeira vista póde parecer. Comecemos pela poesia.

Quaes são ahi os agentes criadores e quaes os transformadores? O agente transformador por excellencia tem sido entre nós o mestiço, que por sua vez, já

é uma transformação; elle, porém, tem por esse lado actuado tambem como auctor.

Os criadores são directos e indirectos, e são as tres raças distinctas e o mestiço. Mas será verdade que os selvagens e os africanos possuissem uma poesia, que haja passado ás nossas populações actuaes? Nós o crêmos; mas eis ahi a grande difficuldade. Falla-se muito de uma decantada poesia dos indios dos tres primeiros seculos da conquista; poucos são os fragmentos colligidos. Ainda peior é o que se tem dado com os africanos. Demais, os hymnos lyricos e épicos, cantados pelo povo brasileiro, são vasados nos moldes da lingua portugueza pura e extrema. Como marcar o reino negro e vermelho em canções que affectam uma só fórma? As difficuldades abundam. Incontestavelmente o portuguez é o agente mais robusto de nossa vida espiritual. Devemos-lhe as crenças religiosas, as instituições civis e politicas, a lingua e o contacto com a civilisação européa. Na poesia popular, a sua superioridade, como contribuinte, é, portanto, incontestavel. Pertence-lhe, entre nós, todos os romances cavalheirescos, como: *D. Infanta*, *Noiva roubada*, *Bernal Francez*, *D. Duarte e Donzilha*, *D. Maria e D. Arico*, e outros que se encontram em nossos *Cantos Populares do Brasil*, e que têm seus correspondentes nas collecções européas.

São ainda obra sua a mór parte das canções soltas em quadrinhas, que em Sergipe têm o significativo nome de versos geraes. As relações da raça superior com as duas inferiores tiveram dois aspectos principaes: *a)* relações méramente externas, em que os portuguezes não poderiam, como civilisados, modificar sua vida intellectual que tendia a prevalecer, e só poderiam contrahir um ou outro habito, a empregar um ou outro utensilio na vida ordinaria; *b)* relações de sangue, tendentes a modificar as tres raças e a formar o mestiço.

No primeiro caso, comprehende-se de prompto que a acção dos indios e dos negros sobre o europeu não era muito profunda e radical, no segundo a *trans-*

formação physiologica produziu um typo novo, que, se não eclypsava o europeu, offuscava as duas raças inferiores.

Na poesia popular, portanto, depois do portuguez, é o mestiço o principal factor. Aos selvagens e africanos, que não são autores directos, coube ahi mesmo, porém, uma acção mais ou menos efficaz.

Nos romances de vaqueiros ha influxo mediano, e nos versos de reinados ou reizados, cheganças, congos, tanjeiras, influencia africana.

Os auctores directos, repitamos, que cantavam na lingua como sua, foram os portuguezes e os mestiços. Quanto aos indios e negros, verdadeiros estrangeiros, e forçados ao uso de uma lingua imposta, a sua acção foi indirecta, ainda que real.

Na formação da psychologia do mestiço, a que iam transmittindo suas tendencias intellectuaes com todas as suas crenças, abusões, lendas e phantasias, é que se nota o seu influxo. A acção physiologica dos sangues negro e indigena no genuino brasileiro explica-lhe a força da imaginação e o ardor do sentimento. Não ha aqui, pois, em rigor, vencidos e vencedores; o mestiço congraçou as raças e a victoria é assim de todos tres. Pela lei de adaptação ellas tendem a modificar-se nelle, que, por sua vez, pela lei da consciencia vital, tendeu e tende ainda a integrar-se á parte, formando um typo novo, em que predominará a acção do branco. Pertencem-lhe directamente em nossa poesia popular todas as cantigas que não encontram correspondentes nas collecções portuguezas, como todos os romances sertanejos, muitas xacaras e versos geraes de um sabor especial.

Nestas creações, que chamaremos mixtas, dá-se cumulativamente a acção das tres raças, e ao mestiço pertencem, como proprios, o languor lascivo e os calidos anhelitos da paixão.

Contos populares do Brasil.

Couto de Magalhães

—

MINAS—DIAMANTINA—1837—1898

O general José Vieira Couto de Magalhães um dos mais operosos brasileiros de que ha noticia, sabio, linguista indianologo, explorador dos nossos sertões inhospitos, é notabilissimo pela multiplicidade das manifestações do seu grandioso talento e de suas extraordinarias aptisdões.

Tendo administrado Goyaz, Pará, Matto-Grosso e S. Paulo, Couto de Magalhães mostrou-se excellente gestor dos negocios publicos, com exacta comprehensão da seriedade, importancia e responsabilidade que lhe pesavam sobre os hombros.

Como militar, os seus serviços á causa nacional na presidencia de Matto Grosso e no commando das armas, no tempo da guerra contra Lopez, são relevantissimos.

Como industrial, de iniciativa propria e actividade e energia incomparaveis, elle é digno de imitação; d'ahi veio a sua consideravel fortuna, conseguida pelo trabalho honrado, esforço e dedicação.

Além de infinitas outras faces da sua capacidade, Couto de Magalhães foi ainda escriptor digno de mensão, sendo a mais notavel de suas obras: *O selvagem,* excellente trabalho de folego sobre a lingua, costumes, religião, etc, do Selvagem; *Viagem ao Araguaya, A revolta de Philippe dos Santos em 1720, Os Guayanazes ou a fundação de S. Paulo*, romance e ainda outros.

Era do Instituto Historico e pertencia a muitas outras associações scientificas e literarias nacionaes e estrangeiras.

—

A LINGUA TUPY

O estudo das grandes linguas indigenas do Brasil é assumpto de consideravel interesse, não só debaixo do ponto de vista pratico, como debaixo do ponto de vista scientifico.

Quanto ao seu interesse scientifico, eu transcreverei aqui as palavras que vêm na introducção da obra *Alphabeto Phonetico*, de um dos mais notaveis linguis-

tas dos tempos modernos, o Sr. R. L. Lepsius, de Berlim; diz elle:

Um dos maiores anhelos da sciencia moderna e ao qual só ultimamente se achou em circumstancias de attender, é o conhecimento acurado de todas as linguas da terra. O conhecimento das linguas é o mais seguro guia para a comprehensão intima das nações, não só porque a lingua é o meio de toda a communicação intellectual, como tambem porque é a mais copiosa, rica e fiel expressão do deposito intellectual de uma nacionalidade.

Nenhuma lingua primitiva do mundo, nem mesmo o sanskrito, occupou tão grande extensão geographica como o tupy e os seus dialectos; com effeito, desde o Amapá até o Rio da Prata, pela costa oriental da America meriodional, em uma extensão de mais de mil leguas, rumo de norte a sul; desde o cabo de S. Roque até a parte mais occidental de nossa fronteira com o Perú no Javary, em uma extensão de mais de oitocentas leguas, estão, nos nomes dos logares, das plantas, dos rios e das tribus indigenas, que ainda erram por muitas destas regiões, os imperecedores vestigios dessa lingua.

Confrontando-se as regiões occupadas pelas grandes linguas antigas, antes que ellas fossem linguas sabias e literarias, nenhuma encontramos no velho mundo, Asia, Africa ou Europa, que tivesse occupado uma região egual á da area occupada pela lingua tupy. De modo que ella póde ser classificada, em relação á região geographica em que dominam, como uma das maiores linguas da terra, senão a maior.

Pelo lado da perfeição ella é admiravel; suas formas grammaticaes, embora em mais de um ponto embryonarias, são, comtudo, tão engenhosas que, na opinião de quantos a estudaram, póde ser comparada ás mais celebres. Esta proposição parecerá estranha a muita gente, mas o curso que começo agora a publicar e que, com o favor de Deus, espero levar ao cabo de um modo completo, o deixará demonstrado. Muitas questões hoje obscuras em philologia e linguistica encon-

trarão no estudo desta, que constitue uma nova familia, a sua decifração.

Estas duas palavras *tupy e guarany* não significavam entre os selvagens que dellas usavam senão tribus ou familias que assim se denominavam. Estas duas expressões: lingua tupy ou lingua guarany, seriam como se nós dissessemos: a lingua dos mineiros ou a lingua dos paulistas.

Se no Paraguay qualquer disser: guarany *nhenhen*, para traduzir a expressão —lingua guarany, ninguem o entenderá, porque, para elles, o nome da lingua é: *ava nhenhen*, literal: lingua de gente.

Desde que o homem falle duas linguas, comprehende que aquelles que não fallam a sua se possam exprimir tão bem, quanto elle o faz na propria. Mas entre povos primitivos, que não tinham a arte de escrever, e para quem as linguas estrangeiras eram tão innintelligiveis como o canto dos passaros, ou os gritos dos animaes, muito natural era que elles só considerassem como lingua de gente a sua propria. A expressão *ava nhenhen*, para exprimir a lingua fallada por elles, mostram-nos que a idéa que tinham das outras é que ellas não eram lingua de gente.

Observa o Sr. Max Muller, com muita verdade, que nós, os homens do seculo XIX difficilmente podemos comprehender toda influencia que excerceu sobre sociedades barbaras este admiravel instrumento chamado lingua.

Para o selvagem, aquelle que falla a sua lingua, é um seu parente, portanto seu amigo, e é natural.

Elle não tem idéa alguma da arte de escrever; não comprehende nenhum methodo de aprender uma lingua, senão aquelle pelo qual adquiriu a propria, isto é: pelo ensino materno; por isso, quando um branco falla a sua lingua, elle julga que esse branco é seu parente e que entre a gente da sua tribu e na infancia é que tal branco aprendeu a fallar.

Em uma das vezes em que os *Gradahús* appareceram á margem do Paraguay, eu acompanhei-os so-

sinho em uma longa excursão, levado pela curiosidade de observar grandes aldeamentos inteiramente selvagens; esses gradahús achavam-se em numero superior a mil, eram avidos por ferozes, e meus companheiros julgavam temeridade visital-os.

Eu, porem, o fiz, sem coragem alguma, porque fallando um pouco da lingua delles, tinha plena e absoluta certeza não só de que minha vida não corria o menor risco, como que elles me pracurariam obsequiar por todos os modos, e assim succedeu.

Assim como para o selvagem, aquelle que falla a sua lingua, elle reputa de seu sangue, e, como tal, seu amigo, assim tambem julga que é inimigo aquelle que a não falla.

O citado Sr. Max Muller nota: que entre todos os povos europeus a palavra que traduz a idéa de inimigo significava primitivamente *aquelle que não falla a nossa lingua*; que muito é que o mesmo se desse entre os nossos selvagens?

Foi partindo deste importante facto que os jesuitas, em menos de cincoenta annos, tinham amansado quasi todos os selvagens da costa do Brasil.

Seu segredo unico foi assentar a sua catechese na base do interprete, base esquecida pelos catechistas modernos, que por isso tão pouco hão conseguido.

Assim, pois, diziamos que a palavra guarany não é o nome de uma lingua e que a lingua que nós designamos por esta expressão, elles designam com a de—lingua de gente ou *ava nhenhen*. O mesmo diremos a proposito da lingua tupy.

Tupy era o nome de uma tribu que, ao tempo da descoberta, dominava grande parte da costa.

Se dissermos a qualquer indio civilisado do Amazonas: falle em lingua tupy, elle não entende o que lhe queremos dizer; para que elle entenda que queremos que elle se expresse na sua propria lingua, mister é dizer-lhe: *Renhenhen nhehengatú rupi*, literal; *falle lingua boa pela*, isto é, *falle pela lingua boa.*

Estes factos fizeram-me adoptar os vocabulos *ava nhenhen* e *nhehengatú*, para exprimir, o primeiro, a lingua guarany, o segundo a lingua tupy.

O Selvagem

Contos Populares

—

O VEADO E A ONÇA

O veado disse: eu estou passando muito trabalho e por isso vou ver um logar para fazer minha casa.

Foi pela beira do rio, achou um logar bom e disse: é aqui.

A onça tambem disse: eu estou passando muito trabalho, e por isso vou procurar logar para fazer minha casa.

Sahiu, e, chegando ao mesmo logar que o veado havia escolhido, disse: Que bom logar; aqui vou fazer minha casa.

No dia seguinte veio o veado, capinou e roçou o logar.

No outro dia veio a onça e disse: Tupã está me ajudando. Afincou as forquilhas, armou a casa...

No outro dia veio o veado e disse: Tupã me está ajudando. Cobriu a casa e fez dois commodos: um para si, outro para Tupã.

No outro dia, a onça, achando a casa prompta, mudou-se para ahi, occupou um commodo e poz-se a dormir.

No outro dia, veio o veado e occupou o outro commodo.

No outro dia, se acordaram, e quando se avistaram, a onça disse ao veado: Era você que estava me ajudando? O veado respondeu: Era eu mesmo.

A onça disse: Pois bem, agora vamos morar juntos. O veado disse: Vamos.

No outro dia, a onça disse: Eu vou caçar. Você

limpe os tocos, veja agua, lenha, que eu hei de chegar com fome.

Foi caçar, matou um veado muito grande, trouxe para casa e disse ao seu companheiro: Aprompta para nós jantarmos.

O veado apromptou, mas estava triste, não quiz comer, e de noite não dormiu, com medo de que a onça o pegasse.

No outro dia, o veado foi caçar, encontrou-se com outra onça grande e depois com um tamanduá; disse ao tamanduá: Onça está ali falando mal de você.

O tamanduá veio, achou a onça arranhando um páu, chegou por detraz de vagar, deu-lhe um abraço, metteu-lhe a unha, a onça morreu.

O veado a levou para casa, e disse á sua companheira: Aqui está, aprompta para nós jantarmos.

A onça apromptou, mas não jantou, e estava triste.

Quando chegou a noite, os dois não dormiram, a onça espiando o veado, o veado espiando a onça.

A' meia noite elles estavam com muito somno; a cabeça do veado esbarrou no giráu e fez: tá! A onça pensou que era o veado que já a ia matar, deu um pulo.

O veado assustou-se tambem e ambos fugiram, um correndo para um lado, outro correndo para o outro.

D'*O Selvagem*, Couto de Magalhães.

A MOCHILA DE OURO

CONTO POPULAR

Havia dois homens, um rico e outro pobre, que gostavam de fazer peças um ao outro. Foi o compadre pobre á casa do rico pedir um pedaço de terra para fazer uma roça. O rico, para fazer peça ao outro, lhe deu a peior terra que tinha. Logo que o pobre teve o *sim*, foi para casa dizer a mulher, e foram ambos vêr o terreno. Chegando lá nas mattas, o marido viu uma mochila de ouro, e como era em terras do compadre rico, o pobre

não a quiz levar para casa, e foi dizer ao outro que em suas mattas havia aquella riqueza. O rico ficou logo todo agitado, e não quiz que o compadre trabalhasse mais nas suas terras. Quando o pobre se retirou, o outro largou-se com sua mulher para as mattas a ver a grande riqueza. Chegando lá, o que achou foi uma grande casa de marimbondos; metteu-a num sacco e tomou o caminho da casinha do pobre, e logo que o avistou, foi gritando:

« O' compadre, fecha as portas e deixa sómente uma banda da janella aberta. » O compadre assim fez, e o rico, chegando perto da janella, atirou a casa de marimbondos dentro da casa do amigo, e gritou: « Fecha a janella, compadre! » Mas os marimbondos bateram no chão, transformaram-se em moedas de ouro, e o pobre chamou a mulher e os filhos para as ajuntar. O ricaço gritou então: « O' compadre, abre a porta! » Ao que o outro respondia: « Deixa-me, que os marimbondos estão me matando! » E assim ficou o pobre rico e o rico ridiculo.

O MACACO E O COELHO

O macaco e o coelho fizeram um contracto para o macaco matar as borboletas e o coelho as cobras. Estando o coelho dormindo, veio o macaco e puxou-lhe pelas orelhas, julgando que eram borboletas.

Zangado por esta brincadeira, o coelho jurou vingar-se.

Estando o macaco descuidado, assentado numa pedra, veio o coelho devagarinho e arrumou-lhe uma paulada no rabo, e o macaco espantado gritou e subiu para uma arvore acima a guinchar.

Então o coelho ficou com medo e disse:

« Por via das duvidas,
Quero me acautelar;
Por baixo das folhas
Tenho de morar. »

Contos populares do Brasil, Sylvio Romero.

MELLO MORAES FILHO

BAHIA — 1844

O Dr. Alexandre José de Mello Moraes Filho é uma das mais importantes figuras da literatura nacional hodierna.

Como tradicionalista e como poeta lyrico—e o seu lyrismo é o genuino lyrismo brasileiro,—é que, sobretudo, se torna notavel o escriptor bahiano.

A natureza americana sob os seus varios aspectos, os typos nacionaes, as festas e tradições populares, as crendices e as crenças religiosas do indigena, do negro e do caboclo mestiço—o meio, os homens e os costumes—tudo tem sido analysado, estudado, exposto e discutido pelo erudito homem de letras.

Os *Contos do Equador*, poesias, as *Festas e tradições*, o *Cancioneiro dos ciganos*, *Curso de literatura brasileira*, *Patria selvagem*, são, entre muitas outras de não menor merecimento, as suas obras que me occorrem á mente no momento.

Mello Moraes tem collaborado em quasi todos os orgãos da imprensa da Capital e redige actualmente a *Revista* do *Archivo Publico Municipal*, de que é director.

S. SEBASTIÃO

FUNDAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

E' das solidões das chronicas que o pensamento das gerações mortas resurge, envolvido no manto luminoso de suas azas.

E para o poeta e o erudito, o philosopho e o artista, nenhuma outra fonte se lhes depara de concepções mais grandiosas do que aquelles santuarios silenciosos, de onde os povos passam aos espaldares de bronze da historia.

Remontando-nos aos nossos monumentos historicos, encontramol-os encimados por tantos nevoeiros

fabulosos, que, sem a lenda, fôra incorrecto o desenho dos caracteres, e de lineamentos confusos a embryogenia das grandes emprezas e das luctas sobrehumanas, a que se lançaram os primitivos colonizadores deste paiz.

O dia de S. Sebastião, que relembra o da fundação da cidade do Rio de Janeiro, nos leva direito á pesquiza de factos reaes, embora desabrochados sob a influencia do maravilhoso e rescendentes de odores mysticos.

Era no anno de 1563. A rainha D. Catharina, de Portugal, Anchieta e Nobrega fazem chegar noticias de pazes celebradas com os Tamoyos, indios canibaes e guerreiros, que dominavam a costa do Brasil desde Cabo Frio até á provincia de S. Paulo. Previnindo sublevações futuras, apressou-se aquella soberana em fazer expedir para este posto Estacio de Sá, sobrinho do governador Mem de Sá, que foi ter á Bahia, com duas galeras armadas, devendo ahi receber ordens de seu tio e partir sem delongas a senhorear o Rio. Mem de Sá, de posse de instrucções escriptas, não vacilla, fal-o acompanhar por uma frota com guarnição de terra e mar, seguindo elle viagem para este porto.

Consolidar as pazes com os Tamoyos e rechaçar os francezes era o ideal do governador e de Estacio de Sá, que, ao entrar da barra, em 1565, alterou este plano á vista das revelações que lhe fizeram em terra— de que os mesmos indios haviam violado o pacto e accomettido os aldêamentos portuguezes.

A esquadra, á mingua de embarcações pequenas, conservava-se fóra da barra; não obstante algumas sortidas, frustradas pela disciplina dos francezes e seus alliados Tamoyos, Estacio de Sá resolve-se, antes de atacal-os, ir a S. Vicente, que se achava em guerra, calculando que disso resultaria prover-se de mantimentos, que lhe faltavam. e de canôas armadas, que dessem desembarque á sua gente.

Sem recursos para corresponder ás represalias do inimigo, que lhe apresionara alguns bateis, flechando-

lhe soldados, fez-se de vela e foi largar ancora no porto de Santos. Os guerreiros gentios, entesando o arco no semicirculo das praias, escureciam com a sombra a transparencia azulada das aguas.....

Nas montanhas estrugiam os buzios e buzinas de guerra, emquanto que o mar, á semelhança da pelle mosqueada das onças, era marchetado de canôas balouçantes.

A' noite, as fogueiras accendiam-se fumantes, os *pagés* consultavam os oraculos; e as feiticeiras, evocando os genios de suas cabanas, espumavam epilepticas nas suas dansas diabolicas.

Apezar de manterem-se relações amistosas com os Tamoyos de Ipery, missionados por Anchieta e Nobrega, frequentes sobresaltos aquebrantavam o animo esforçado de Estacio de Sá, visto como, por circumstancias de seria gravidade, considerava a guerra que devera declarar aos exercitos confederados, uma lucta na qual, com probabilidades irrecusaveis, seria vencido.

Nobrega e Anchieta, porém, amparando-lhe o espirito abatido, vaticináram-lhe exito feliz, entendendo Anchieta que *era servido o céu que desta vez se fundasse a cidade real do Rio de Janeiro*. E o jesuita das Canarias que, a julgarmos pela phrase citada de Simão de Vasconcellos, representa o principal papel neste acontecimento, incorpora-se á frota de Estacio de Sá, e a 20 de Janeiro, dia de S. Sebastião, a quem tomam por padroeiro da empreza, parte para S. Vicente, arriando ferros no Rio de Janeiro, no mez de Março, ao açoute das vagas empoladas e ventos contrarios.

Chegados que foram, a infanteria desembarc formando trincheiras, cavam-se fossos estrategicos em Villa Velha, junto ao Pão de Assucar.

Fitando a immensidade, o olhar penetrante de Anchieta destaca nas serras e nas praias os Tamoyos emplumados e aguerridos; nos mares que o circumdam, as conoas innumeras dos adversarios, que subiam a tona d'agua, como o vomito negro do inferno sobre aquella

superficie que vozeava nos gritos selvagens dos incolas ferocissimos.

Elle fallava em nome de Deus aos soldados e flecheiros barbaros, accendendo-lhes o valor, relembrando-lhes as glorias de seus paes e as tradições de sua terra.

O sibilo das settas de parte a parte, a troca de projectis de arcabuzaria, a abordagem dos navios e o aprisionamento das canôas entretinham indecisa a sorte da guerra, a decisão da contenda.

Entretanto das pelejas, os inimigos deixavam os mares coalhados de cadaveres e as fileiras victoriosas dos portuguezes opulentas de captivos. Anchieta, porém, reclamado pelo superior da Bahia, teve de separar-se da acção e obedecer.

Nessa viagem, tocando ao Espirito Santo, levou palavras de consolação áquellas aldeias, assistiu ao enterramento do padre Diogo Jacome e providenciou com referencia ás forças militares existentes, preoccupado com os successos do momento.

Aportando á Bahia, sem perda de tempo, conferenciou com o governador Mem de Sá, narrou-lhe os heroicos feitos de Estacio de Sá e dos seus soldados, ponderando-lhe que, para tornar-se definitiva a victoria dos portuguezes e construir as fortificações maritimas, formavam-se imprescindiveis mais reforços de embarcações e tropas.

O governador, depois de ouvil-o, dispôz-se a vir pessoalmente commandar a esquadra em evoluções, para o que determinou que apparelhassem os melhores navios, bem tripolados e artilhados.

Por essa epocha o bispo D. Pedro Leitão confere ordens sacras a Anchieta, que, ao lado de Mem de Sá, vinha compartilhar de suas privações, perseguindo egualmente o seu objectivo—a fundação da cidade.

Emquanto a frota navegava e dramas ignorados desenrolavam-se no seio das náos e brigues veleiros, luctas titanicas e episodios lendarios enscenavam-se na deslumbrante e colossal bahia do Rio de Janeiro. Aos

tiroteios sem treguas, ás canôas mettidas a pique, aos gemidos dos selvagens acollados aos troncos das arvores pelas flechas que os traspassavam, a fé antiga ia colher no milagre as promessas da victoria.

S. Sebastião, que escudara com o dia de seu nome a inscripção da guerra, manifesta-se propicio nas apparições tangiveis e nas invocações irrevocaveis....

São as trevas illuminadas que toucam as chronicas.

Franklin Tavora

—

CEARÁ — 1842 — 1888

Critico e romancista. João Franklin da Silveira Tavora, dispondo de variada illustração, espirito culto, exerceu importante papel nas letras patrias.

Foi romancista e escriptor de costumes, e como tal escreveu o *Matuto*, o *Cabelleira*, *Lendas do Norte*, etc.

Como critico, o que ha de sua lavra que merece especial referencia é a introducção do *Diario de Lazaro*, de Varella e *Cartas de Cincinato* a Semfronio, sobre o *Gaucho e Iracema*, de Alencar.

Destes estudos criticos de Tavora disse A. Herculano: « è um livro onde se revelam grandes dotes de escriptor em geral e de critico em particular. » Franklin Tavora produziu alguns dramas, como, por exemplo, *Tres lagrimas*, *Antonio*, *Um mysterio de familia*.

Franklin Tavora exerceu cargos politicos e cargos de administração, tendo sido deputado provincial, director geral de instrucção publica, curador geral de orphãos em Pernambuco, secretario da presidencia do Pará, etc.

Fundador da associação dos homens de letras, Franklin Tavora pertenceu ao Instituto Historico, ao Instituto Geographico e Archeologico de Pernambuco e a outras associações.

—

A CRUZ DO PATRÃO

O Beberibe é o Rheno de Pernambuco. Sem ser veloz como é o Rhodano, largo como é o Loire, verde como o Somma, tortuoso como é o Senna, é historico como o Tibre, mysterioso como o Nilo, coberto de fabulas e phantasmas como são os rios da Asia. Seus brazões procedem, não de feitos de paz, mas de encarniçadas e sanguinolentas pelejas. Na historia da provincia é apontado como theatro de proezas anciãs, de cujo lustre são testemunhas eloquentes as fortalezas que ainda se vêem em suas margens, onde com superior

galhardia mediu o gentio pernambucano as suas forças invenciveis com as da briosa gente de Hollanda.

Assim como a época maravilhosa do Rheno data da destruição dos barbaros, assim tambem a época maravilhosa do Beberibe data da expulsão dos hollandezes. Alli figurou, como triumphador, Carlos Magno, aqui Henrique Dias, Vieira, Camarão, e Negreiros, quatro nomes que brilham como astros, na historia pernambucana. O S. Francisco, que, por sua grandeza, pode fecundar o maior dos imperios, e o Amazonas, que, por sua immensidade, pode inundar o maior dos mundos conhecidos, não têm, com serem rios oceanicos, o renome e a gloria do Beberibe. Combates, desbaratos, victorias, feitos immensos foram praticados em suas aguas e margens, em nome de duas patrias hostis. Muito sangue generoso avermelhou as suas aguas, ao presente limpidas e saudosas. Infinitos e esforçados varões exhalaram a vida, combatendo, quaes titães, por entre as ilhas pittorescas, que mantêm graciosa verdura na superficie do rio de immortal memoria.

O tempo, voraz consumidor, sepultou no esquecimento tradições e lendas que, durante muitos annos depois da restauração, deveriam ter feito do Beberibe um como lago de maravilhas e encantamentos. A poesia dos selvagens, espavorida pelos estampidos dos mosquetes, ao clangor dos clarins, correu a refugiar-se nas selvas interiores, onde dia por dia se foi extinguindo, até que de todo desappareceu com o ultimo da ultima horda.

As lendas, que resistindo á acção destruidora do tempo, poderam chegar aos nossos dias, ligam-se em sua maioria com o periodo da dominação bátava. E pois esse periodo foi todo de guerras, levantes e agitações continuas, os objectos dessas lendas não passam de thesouros occultos, apparições de victimas politicas, desgraças publicas, saques, homicidios, tendo por assento fortalezas derruidas, pontes rotas, templos profanados, sepulturas perdidas nas mattas virgens, nos caminhos e valles desertos.

A poesia do lar não teve meios de manifestar-se.

De presente ella mostra-se languida, amorosa e terna desde o littoral até o sertão da provincia. Nesses tempos, porém, de geral desordem, que abafavam por toda parte os sonhos namorados, a musa do norte não teve cantos que não fossem de guerra, os quaes se casavam com a voz dos trabucos e arcabuzes, o som dos clarins, o retintim dos terçados e adagas dos conquistadores e conquistados, dignos uns dos outros.

O Beberibe é a mais rica e bella pagina da historia do dominio hollandez nas provincias do norte do Brasil. Cada uma das suas ilhas representa um capitulo da homerica epopéa, que por muito tempo trouxe assombrado o velho mundo no seculo XVII. A Cruz do Patrão, posto que não houvesse figurado nesses tempos heroicos, veio a ser depois vulto importante das muitas tradições do valle do Beberibe.

A Cruz do Patrão está situada no isthmo—gigantesco traço de união—posto pela natureza entre o Recife e Olinda. E' uma cruz de pedra; está collocada no cimo de elevada columna e serve para indicar aos navegantes o poço onde surgem os navios, entre o isthmo e o recife natural que borda a provincia. Tem, ao norte, o Forte do Buraco e ao sul a Fortaleza do Brum, ahi plantados pelo genio batavo.

Por muito tempo foi crença que todo aquelle que passasse de noite por perto della, ouviria gemidos angustiosos, veria almas penadas ou seria perseguido por infernaes espiritos. Circumstancias accidentaes davam autoridade a estas crenças de remotas eras. Mais de um viandante, passando por alli em horas mortas, encontrara o termo de seus dias. O sitio é de seu natural deserto e como proprio para se commetterem violencias e atrocidades. De um lado corre o rio, profundo nas marés vivas; do outro, raiva bramando e espadanando ondas, o oceano, tumulo insondavel e medonho; o isthmo é estreito, longo e ermo. Facil sepultura pode abrir na areia frouxa, nas aguas mansas do Beberibe, ou nas ondas cruzadas do Atlantico, a mão amestrada a occultar as victimas do punhal, que ella brande.

Um dia appareceu um estudante morto junto da Cruz do Patrão. As suspeitas da justiça cahiram sobre certo soldado de uma das fortalezas vizinhas do logar do delicto. Nas velhas roupas do indiciado depararam-se nodoas que á justiça pareceu serem de sangue, mas que elle affirmou ser ferrugem.

Julgou-se escusado, pela evidencia do facto, o exame da sciencia para completo esclarecimento da verdade; e o infeliz condemnado a galés, foi cumprir na ilha de Fernando o seu degredo perpetuo. Passados alguns annos, um enfermo confessou ser elle, e não o soldado, o autor do homicidio. Ordens foram expedidas para que voltasse a metter-se de posse de sua liberdade aquelle que fôra injustamente privado della. Estas ordens não tiveram resultado, porque, durante o longo somno da justiça da terra, havia entregado a alma ao Creador a victima innocente.

Annos depois foi espingardeado junto da Cruz do Patrão outro soldado, por haver erguido a arma contra seu superior. Se bem me recordo, foi esta a ultima execução capital que testemunhou Pernambuco.

Era presidente dessa provincia Honorio Hermeto Carneiro Leão, nomeado tempos depois Marquez do Paraná. Por esses factos de proxima data e por outros semelhantes de data remota, a Cruz do Patrão foi até certo tempo fonte de superstições populares. Antes de se haver feito a nova estrada que por S. Amaro põe o Recife em communicação com Olinda, ninguem se animava a passar desacompanhado, de noite, pelo isthmo. Os matutos que tinham de vir desta ou voltar daquella cidade, aguardavam para o fazer a maré-secca, que lhes permittia beirar o rio, em certos pontos por entre mangues, deixando a alguns passos a cruz fatidica. Os canoeiros tinham o cuidado de navegar por dentro, afim de escusar a sua vista.

Porém, o que mais particularisou a Cruz do Patrão foram tradições de espiritos infernaes, bruxarias e outras quejandas. Dizia-se que os feiticeiros iam celebrar alli os seus sortilegios em noite de S. João, que

elles escolhiam para iniciar nos asquerosos mysterios os neophytos. Apparecia o diabo e fazia cousas de arripiar o cabello. Foi por uma dessas occasiões que teve existencia a presente lenda. Estava celebrando a sua sessão annual o congresso dos negros feiticeiros do Recife. Cada um delles tinha na mão um cacho de flores de arruda. O povo diz que em noite de S. João esta planta dá flores, as quaes são logo arrebatadas pelos feiticeiros para as suas bruxarias. A' meia noite começou a choréa dos mandingueiros.

Tripudiavam estes á roda da Cruz, rezando orações de tenebrosa virtude. O rei das trevas não se fez esperar por muito tempo. Tinha a forma de um animal desconhecido. Era preto como carvão. Os olhos accesos despediam chispas azues. Brasas vivas cahiam-lhe da bocca escancarada e ameaçadora. Pela garganta se lhe viam as entranhas, onde o fogo fervia. A visão horripilante a todos metteu horror.

Entre os que tinham ido tomar *mandinga*, achava-se uma negra de grosso toutiço e largas ancas, que lhe davam a fórma de *tanojura*. Foi a primeira vez que passou pelas duras provas.

O animal informe atirou-se a ella por entre uma chuva de faiscas abrasadoras: ella, porém, deitou a correr pelo isthmo a fora, como se tivesse perdido a razão. Quando pensava que havia escapado á provação cruel, tomou-lhe a deanteira o animal, cada vez mais ameaçador e terrivel. Levada pelo desespero pelo que via e sentia em derredor de si, a negra correu ao mar para atirar-se nas aguas gemedoras. O mar mostrava-se mais medonho que o demonio solto e suas vozes puzeram no coração della mais pavor, do que as dos feiticeiros, que tripudiavam á roda da Cruz, em sua infernal choréa. Retrocedeu mais horrorisada que antes. Tendo dado de rosto com o inimigo pela vigesima vez, correu ao rio que volvia as aguas tão de manso, que parecia adormecido.

Metteu-se por ellas a dentro, para escapar da terrivel perseguição.

Enganado pela vista dos mangues, o demonio atirou-se após a fugitiva, julgando entrar em uma floresta. Assim, porém, que o seu corpo igneo se poz em contacto com as aguas frias, subita explosão destruiu a furiosa alimaria. O estampido ribombou como descarga electrica. Nuvem de fumo espesso que tresandou a enxofre, cobriu a face do Beberibe.

No outro dia, na baixa-mar, appareceu no logar onde a negra se tinha afundado, não o seu corpo, mas a Corôa-preta; que indicou d'ahi por deante aos feiticeiros a vingança do espirito das trevas.

Ha bem poucos annos via-se ainda, na altura da Cruz do Patrão, quando a maré deixava de fóra o formoso archipelago que a natureza situou no leito do Beberibe, a Corôa-preta, assim conhecida entre canoeiros pela côr dos detrictos que alli se haviam accumulado, contrastava, por sua nudez, com as ilhas circumstantes.

Nestas a natureza sorria com gentil e variavel amenidade; naquella dominava a aridez e o deserto. Nenhum mangue fôra beber em seu seio maldicto o humus que as florestas de mangues sugam nos seios boleados das ilhas de continuo refrigeradas pelas aguas lustraes do Beberibe. As ilhas, vestidas de viçosos e alegres arvoredos, podiam offerecer residencia a fadas amigas e bonançosos genios; a corôa escalvada só poderia servir, pela sua feição tumular e triste, de morada a algum peregrino espirito, precursor de tempestades e enchentes destruidoras.

Dizia o povo que, quando tivesse desapparecido de todo a Corôa-preta, teria cessado tambem o encanto da Cruz do Patrão. O que é certo é que hoje não se falla na Corôa, nem na Cruz; aquella foi de todo comida pelas aguas do rio, emquanto esta a ninguem mais mette medo, porque já ninguem passa pelo isthmo, excepto os soldados que guarnecem as fortalezas.

O Recife e Olinda communicam-se assidua e diariamente pela estrada de S. Amaro, por onde as locomotivas correm, de espaço a espaço, enchendo a

margem direita do Beberibe de fumos e ruido que indicam o percurso da civilisação por aquellas solidões pittorescas.

O isthmo ha de desapparecer tambem de todo, como desappareceu a Corôa e cessou o encanto da Cruz.

A' proporção que Olinda augmenta ao sul e o Recife ao norte, encurta nas extremidades a lingua de areia que ainda os separa. D'aqui a algumas dezenas de annos sobre sua face, ora rasa e nua, ter-se-á levantado entre as aguas azues do oceano e as aguas claras do rio um quarteirão de casas gentis, de quasi meia legua de comprido.

O Recife poderá então dizer á sua esposa de cara memoria esta letra de um dos seus immortaes poetas:

Não nos separa
Momento algum;
De dois que fomos,
Somos só um.

HENRIQUE CESAR MUZZIO

RIO DE JANEIRO — 1831 — 1874

Formado em medicina, exerceu varios cargos de nomeação do governo, tendo preenchido o cargo de secretario do governo provincial de Minas.

E' escriptor de merito, e o seu interessante trabalho, publicado na *Bibliotheca Brasileira*, sob o titulo, *Typos nacionaes*, e do qual extractámos o trecho aqui publicado, é muito apreciado.

Escreveu em varios jornaes e revistas, tendo sido um dos redactores da *Semana Illustrada*. Sobre a *Noite no Castello*, do immortal Carlos Gomes, escreveu interessante folhetim de critica no *Diario do Rio*.

Foi ainda poeta inspirado.

IGNACIO CORRÊA

O CAÇADOR DE ONÇAS

(TYPO NACIONAL)

Os filhos não degeneram dos paes. Na provincia de S. Paulo conserva-se latente o talento e a bravura do passado.

A historia contemporanea o diz em eloquentes phrases. Ignacio Corrêa, o caçador de Pirapóra, é um desses homens corajosos que, á força de serem simples, passam desapercebidos. Vive elle e sua familia, naquella affastada povoação, de um pequeno commercio.

Nos dias de descanso, quando o telonio da obrigação diaria não o condemna á reclusão na sua loja, sáe acompanhado de um cão, modesto companheiro de sua gloria, e váe, a leguas de distancia, caçar onças.

A sua unica arma é uma espingarda de carregação, legitima de Braga. O projectil que emprega é o chumbo grosso, chamado perdigoto. Nessas excursões

arriscadas, mas cujas emoções são supremas para os homens talhados para as heroides, já matou elle quarenta e seis onças, a maior parte das quaes pintadas e algumas pretas.

Os maiores tigres de que fallam os naturalistas têm de oito a nove pés, mas em geral não passam de cinco e meio, segundo elles mesmos affirmam. Sem razão julga Buffon que o tigre do Brasil é inferior ao da Asia e da Africa. Affirma Azara que os ha de seis pés e os sertanejos provam existirem de nove palmos.

Entre os gloriosos trophéos de Ignacio Corrêa existe uma pelle deste ultimo tamanho.

Devia ser um animal admiravel na agreste elegancia de sua feroz independencia.

O tiro certeiro do valente caçador fez delle um magnifico tapete para ser acariciado por um pé de mulher andaluz ou brasileiro.

Ignacio Corrêa é um homem lhano e agradavel, simples na linguagem e nos modos, modesto na sua força e sem consciencia do que vale. Tem apenas quarenta e dois annos de idade; é de uma estatura mediana, mas de robustez e agilidade pouco communs. As suas feições são regulares e sua tez morena está requeimada pelo sol. Os olhos são verdes, perscrutadores e magneticos, como os do terrivel adversario com quem costuma medir-se. E' a unica parte viva daquelle rosto, que parece moldado em bronze, tão calma é a sua expressão, tão immoveis os seus musculos.

Só quem ignora o enorme tributo que pagam annualmente os creadores de gado aos tigres esfomeados, poderá menosprezar a coragem de taes homens. E cumpre lembrar que a féra sempre escolhe a presa e que nunca faz pasto senão das melhores cabeças do rebanho.

Destruir, anniquilar mesmo esta familia damninha de animaes, que vive em guerra eterna com a familia humana, é prestar um serviço relevante.

Dizemos anniquilar, porque a sciencia autorisa tal dicto.

Geoffroy Saint Hilaire e mais recentemente Marcel de Serres provaram que houve especies inteiras de animaes que se perderam desde a apparição do homem e raças que desde essa época desappareceram dos logares que primitivamente habitavam.

Bibliotheca Brasileira 1863.

FRANÇA JUNIOR

(Dados biographicos á pagina 108.)

—

JANTARES

Se eu fôra um desses entes felizes, para os quaes a vida é uma continua digestão, modernos Vitellios, que fazem consistir o paraiso deste mundo em satisfazer todos os caprichos do estomago, por mais extravagantes que sejam, estaria hoje, como vulgarmente se diz—nas minhas sete quintas.

Não pensem, porém, os leitores que pertenço ao numero daquelles que consideram a mesa como o ultimo dos prazeres.

Entre Lucullo e Diogenes ha um abysmo, e neste estou eu.

Um jantar! Quem ha por ahi que não tenha recebido este amavel convite?

« Amigo F.... Amanhã faço annos; vem comer commigo um perú. Não faltes.

« Teu do coração—*N*.... »

Pois bem, por minha vez digo tambem ao leitor:

— Venha comer commigo um perú em casa de pessoas que nos são intimas.

Não ha necessidade de envergar a casaca.

Lá não ha pomposo *menu doré sur tranche* ao lado de cada convidado; não se bebe o louro vinho do Rheno depois do peixe, e o ponche entre o primeiro serviço e os assados é um mytho.

E' a burguezia fluminense em todo o seu purita-

nismo; que ainda não conhece as subtilezas da cosinha franceza e os estylos alambicados da velha Europa.

Venha commigo e verá.

Antes, porém, de tomarmos parte na festa, convém que saiba o que se passa de vespera na casa da pessoa que nos convida.

O movimento que alli reina tem por theatros a cosinha e a sala de jantar.

Nesta vê-se em cima dos aparadores extensa fila de compoteiras com doces de diversas qualidades, vidros de conservas e garrafas de todos os tamanhos e feitios a um de fundo.

Com os cabellos em desalinho, mólhos de chaves á cintura e envolvida em vetusto chale, a dona da casa anda de um lado para outro a dar ordens, e exclamando a todos os momentos:

— Já arearam o tacho?

— Onde está a Felicidade?

— Sophia?

— Laura?

— Onde se metteu aquelle moleque?

— Não sei onde tenho esta cabeça! Que inferno! Noutra não caio eu.

A filha mais velha tira a louça do armario.

As outras occupam-se em contar os talheres e recortar papeis para enfeites de doces, ao passo que em pé em cima da mesa, por entre pilhas de pratos e terrinas, uma negrinha lava os globos e pingentes do lustre de gaz.

A cosinha é uma confusão indescriptivel de cascas d'ovos, pennas, hortaliças, frigideiras, caçarolas e fogareiros!

No meio de uma nuvem de fumo o perú exala o ultimo suspiro, agitando convulsivamente as azas, e o leitão competentemente pellado, a sorrir como um martyr, jaz sobre a mesa com grande rombo no ventre.

O dono da casa sahe com encommendas e entra com embrulhos.

Sua mulher tem sempre recriminações a fazer-lhe:

— Esqueceste-te das nozes, das passas e das azeitonas, que tanto te recommendei!

— E' verdade, esta só a mim acontece.

— E o presunto, papae?

— Oh! com os diabos! Mas ainda tenho tempo de encommendal-o. Vou num pulo ao Pelicano.

— Mamãe, acode uma das filhas, os talheres que aqui ha não chegam para tanta gente.

— Manda pedir uns aqui ao pé ao visinho.

No dia seguinte, logo pela manhã, estão todos a postos, inclusive o chefe de familia, que ajunta á mesa elastica mais cinco taboas, e põe palitos no paliteiro.

Logo depois do almoço começam a chegar os convidados.

Entremos tambem nós.

Esses estylos de comparecer um quarto antes da hora, marcada pelo convite, são para os jantares de primeira ordem, e aqui cada convidado apresenta-se á hora que lhe apraz.

Que tribu é esta que invade a sala de jantar?

E' uma familia do Pedregulho.

Compõe-se de quinze pessoas.

Neste numero não se inclue um moleque, que foi trazido para ajudar o serviço da mesa, uma creoula com uma grande lata, dentro da qual ha muda de roupa para dous dias, e uma negra de cara riscada, trazendo ás costas, preso por uma tanga, um protegido da lei de 28 de Setembro, e a qual veio expressamente para fazer o vatapá.

O encontro desta gente com as filhas do dono da casa é saudado com triplice bateria de beijos, seguindo-se uma serie interminavel de perguntas e respostas, recriminações e desabafos, pouco mais ou menos assim:

— Onde está a Biloca?

— Gentes, como você está gorda, Ritinha!

— Ha um anno que você não me vê; aquella casa está excommungada!

— Tenho muito que te contar, Zizinha.

— Ora voce não sabe o que nos aconteceu? Mamãe queria sahir muito cedo, porém primeiro que se vestisse esta gente toda, foi um Deus nos acuda! Quando *entremos* no bond, eu disse a papae: Vamos ver se *cheguemos* a tempo, senão não *encontremos* mais almoço...

— Pois ainda não almoçaram?!

E a dona da casa vae dar as ordens para o almoço, exclamando sempre:

— Que inferno! Noutra não caio eu.

— O amphytrião é todo amabilidade; recommenda-nos que estejamos a gosto e intima-nos a mudar de paletots.

Vista o leitor o rodaque de riscadinho côr de rosa, que elle lhe offerece, emquanto que eu vou aboletar-me nesta gondola branca engomada a capricho, e que dá-me o grotesco aspecto de um barbeiro de fogo de artificio.

Se quereis calçar um par de chinellos, como vosso visinho, podeis reclamal-os.

São tres horas.

Está posta a mesa.

O movimento da sala e da cosinha recrudesce a ponto de já quasi ninguem se entender.

Ouve-se a dona da casa em todos os diapasões:

— O' diabo?!

— Este perú já foi para a padaria?

— Jà foram buscar o leitão?

— Olha esta *frigideira* que não se queime!

— Esta negra é os meus peccados!

— Que inferno, não caio noutra!

Uma hora depois apparece um crioulo na sala:

— A *janta* está na mesa.

Eis-nos na sala do banquete.

Ninguem ousa sentar-se, porque incontestavelmente ha mais convidados que logares.

O dono da casa não pensou sequer nesta hypothese e grita com ar jovial:

— Sentem-se, meus senhores, sentem-se.

Um arrasta a cadeira indeciso, outro executa o mesmo movimento, este chama uma senhora, aquelle vê se ha alguma cadeira vaga...

E afinal, depois de muitas instancias, sentam-se quasi todos, conservando-se alguns de pé, por não haver logares.

O dono da casa salva a situação, dirigindo-se áquelles e dizendo-lhes:

— Nós cá ficamos para a segunda mesa; melhor, porque comeremos mais á vontade.

Felizmente nem eu nem o leitor fazemos parte desses assignantes da serie B.

Já estamos sentados.

Todas as iguarias estão sobre a mesa e cada qual mais succulenta.

Dois moleques, encadernados em alvos paletots, empunhando cada um viçoso galho de pitangueira, limitam-se apenas a enxotar as moscas com a serena imperturbabilidade de estatuas de ferro fundido.

Serve-se a sopa.

O convidado que está á cabeceira vae passando os pratos que giram de mão em mão, como especie de jogo do anel.

Agora o leitor ha de ter a bondade de servir o peixe.

E a sua missão não pára ahi.

Ha de servir tambem o perú, o leitão, a torta...

— Tudo quanto está em cima da mesa, emfim?

— Sim, senhor; porque para isso é que foi convidado.

— E o que fazem aqui estes dois moleques, como Morpheu agitando seu ramo de dormideiras!

— Estão ahi só para abanar.

— Mas no fim de contas eu vim para comer e ainda não comi nada!

E o leitor lança as suas vistas para uma torta, disposto a saboreal-a, como um bom gastronomo que é.

Neste momento um sujeito ergue-se e grita:

— Meus senhores: em pé. Vou fazer uma saùde obrigatoria.

— Levantemo-nos todos.

— A' saude do homem eminentemente honrado, do amigo zeloso e dedicado, do pae de familia extremoso, desse bello caracter, em summa, que...

Entre este *que*, pronunciado com emphase gutural, e o que se vae seguir ha sempre uma pausa, martyrio de todos, inclusive do orador.

— .... não poupando sacrificios de qualidade alguma, sabe obsequiar os amigos e dar-lhes momentos de ineffavel prazer. A' saude do recem-nascido, o nosso idolatrado F... (o dono da casa). Up! Up! Up! Hurrah! Hurrah!

Ouve-se em seguida:

— Sr. F...

— Sr. F...

— A' mesma, Sr. F...

— A' razão da mesma.

— Sentemo-nos.

— Ora graças a Deus, vamos ver que tal está a torta.

Levanta-se um velho e bate palmas:

— Em pé, meus senhores.

— Levantemo-nos.

— Eu peço um additamento. A' saude de sua digna consorte, modelo de virtudes, a Sra. D. N...

— Apoiado!

— Muito bem.

O leitor senta-se com o resto da sociedade, e já não encontra o prato que havia preparado.

Dispõe-se a comer arroz, unica iguaria que tem em frente.

Outra saude e desta vez cantada:

« Aos amigos
« Um brinde feito;
« Reina a alegria
« Em nosso peito.

E o leitor entra no côro com o estomago vasio.

Senta-se.

O prato do arroz já desappareceu, como a torta.

Estamos á sobremesa.

Outro brinde:

— A' saude daquelles que, longe de nós, de nós se lembram.

A dona da casa, que é a amabilidade em pessoa, passa-lhe uma compoteira especial, para que prove daquelle doce, e diga de que é.

Esta advinhação é um requinte de bom tom nos jantares da boa burguezia.

— E' abobora, diz este.

— E' maracujá, grita aquelle.

— E' manga.

— Pois não é: é ananaz.

— Não vê, é jaca.

— Qual jaca, é carambola.

— Ah! Ah! Ah! ninguem advinhou — é melancia!

As saudes continuam; e no meio de grande algazarra, arrastando as cadeiras, levantam-se todos.

A segunda mesa é a imagem viva do *pandemonium*, de que nos falla o poeta.

Os taes assignantes da serie B são endiabrados, e nunca deixam pedra sobre pedra.

Agora um conselho ao leitor:

Dispa o rodaque de riscadinho côr de rosa, ensaie um riso jovial, despeça-se do dono da casa, e repita commigo:

— Não ha nada como jantar fóra!

Urbano Duarte

—

BAHIA — LENÇOES — 1855

Continuador de França Junior, cujos processos literarios adoptou, fazendo-se critico humoristico dos costumes, habitos e sestros da nossa sociedade, Urbano Duarte é um observador intelligente e um narrador de inexcedivel graça, só comparavel ao mestre, de quem é sincero admirador e apreciador.

E' o auctor dos *Humorismos*, interessante volume de chistosas chronicas, narradas com graça, em estylo original e natural, duas qualidades que raramente se encontram juntas.

Urbano Duarte tem escripto em quasi todos os jornaes da Capital da Republica, entre elles, *O Paiz*, onde publicou a maior parte dos seus *Humorismos*, e o *Jornal do Commercio*, onde ainda escreve as bellas chronicas do domingo, *Sem Rumo*.

E' collaborador de muitos jornaes do interior, como, por exemplo, o *Estado de S. Paulo*, e escreveu assiduamente n'*A Semana*, a melhor folha literaria que se tem publicado no Brasil.

Urbano Duarte occupa na Academia Brasileira de Letras a cadeira *França Junior*.

Como auctor dramatico, Urbano tem escripto *Anjo da Vingança* e *Escravocrata*, dramas.

—

O MATUTO MINEIRO

Neste mundo ha muita gente finoria, sagaz e manhosa: porém não creio que ninguem leve vantagem neste ponto ao camponio dos sertões de Minas. O tabaréu mineiro, com os seus ares simplorios e ingenuos, é uma creatura capaz de *engazopar* até o Figaro de Beaumarchais.

Elle, porém, é *inimbrulhavel*, invencivel em finura, e, quem se metter a embahil-o com ardis e ciladas, pode contar com o arrependimento.

Note-se que o matuto de Minas é homem honra-

do e cumpridor da sua palavra, quando trata com gente que faz o mesmo. Porém, desde que desconfie do *christão*, ai, meu Deus! Quebra o corpo manhosamente e põe-se em guarda, como quem diz aos seus botões: *Então vosmecê está cóidando que eu sou algum pateta?*

O seu semblante nada demonstra; continua a sorrir com ares innocentes, pitando o seu cigarro. E a cada léria ou ballela que outro pretende impingir-lhe, o matuto responde com gesto de hypocrita credulidade:

— *Apois hein? Ora veja vosmecê!*

Quando se pensa que o roceiro está *cantado*, elle sahe-se com uma refinada astucia, lenta e maduramente combinada, que nos deixa de orelha em pé e queixo cahido.

Lembro-me de uma partida que se deu com um caipira lá para as bandas do Paracatú.

Como todo o mineiro da gemma, este não era lá muito amigo dos progressos e não gostava da estrada de ferro.

Tendo-se construido uma ferro-via na sua provincia, o homem torceu-lhe o nariz e protestou jamais embarcar em semelhante *trapizonga*. E durante muitos annos continuou a viajar no seu burrico, pelas suas estradinhas, fazendo o meio dia para comer á beira d'agua o seu *tutú com torresmos*, armando a rede em dois pés de arvores, *qüentando* fogo e contando anecdotas do tempo de *quórenta* e dois.

O agente de uma estação ferrea procurava seduzil-o e catechisal-o, demonstrando-lhe em como uma viagem pelo trem era mais rapida, barata e commoda.

Porém, o matuto não se convencia.

Um dia, comtudo, tem urgencia de chegar a certa cidade e vê que a cavallo não a poderia fazer. Vae á estação e pergunta quanto custa o bilhete. O agente regosija-se:

— Ora até que afinal convenceu-se, hein?

— Não, senhor. Eu quero saber quanto custa o bilhete para um burro.....

— Para um burro?!

— Sim, seu compadre.

O agente consulta a tabella e diz:

— Trese mil e tresentos.

— Então dê-me um.

Vendido o bilhete, o muar foi mettido dentro do vagón proprio, e o dono tambem entrou, na occasião em que o comboio se punha em movimento.

— Então—grita o agente—o senhor não salta?

— Não, senhor, eu tambem vou.

— Como assim? Não comprou bilhete!

O matuto metteu o pé no estribo, montou no animal e gritou muito ancho, quando o carro já sahia fóra da estação:

— Eu vou a cavallo!

Humorismos, Imprensa Nacional 1894.

SEGUNDA PARTE
POESIA

POESIA LYRICA

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

—

MINAS — MARIANA — 1729—1789

O notavel poeta-magistrado, cultor primoroso do verso, era formado em Coimbra e, voltando para o Brasil, estabeleceu banca de advogado em Villa-Rica, onde logo conquistou tão notavel fama, que foi chamado para segundo secretario do governo da Capitania, cargo que resignou com a subida do V. de Barbacena ao poder.

Tomou parte activissima na conjuração mineira, de que foi chefe o martyr Tiradentes. Arrastado á prisão, com sessenta annos de idade, velho, alquebrado, ahi appareceu morto poucos dias depois, sem que se possa affirmar se o mataram, si se suicidara.

Suas obras são, além de varios estudos e traducções scientificas, o poema *Villa-Rica*, o poemeto *Ribeirão do Carmo*, e varias poesias lyricas, publicadas em 1768.

Reputado emulo de Bocage no soneto, o grande poeta foi considerado classico pela Academia de Sciencias de Lisbôa.

Pertenceu á Arcadia Romana, onde figurou com o appellido de Glauceste Saturnio.

Claudio escreveu tambem em italiano.

Pereira da Silva, Wolf, Macedo e outros dizem ter o poeta viajado pela Italia, o que é contestado por Joaquim Norberto.

—

TERNOS QUEIXUMES

Quando cheios de gosto e de alegria,
Estes campos diviso florescentes,
Então me vêm as lagrimas ardentes
Com mais ancia, mais dor, mais agonia.

Aquelle mesmo objecto, que desvia
Do humano peito as maguas inclementes,
Esse mesmo em imagens differentes
Toda a minha tristeza desafia.

Se das flôres a bella contextura
Esmalta o campo na melhor fragrancia,
Para dar uma idéa da ventura,

Como, ó Céus! para as vêr terei constancia,
Se cada flôr me lembra a formosura
Da bella causadora de minha ancia?

—

O FELIZ PASTOR

Se sou pobre pastor, se não governo
Reinos, nações, provincias, mundo e gentes,
Se em frio, calma e chuvas inclementes
Passo o verão, outono, estio, inverno;

Nem por isso trocára o abrigo terno
Desta choça em que vivo co'as enchentes;
Dessa grande fortuna, assaz presentes
Tenho as paixões desse tormento eterno.

Adorar as traições, amar o engano,
Ouvir dos lastimosos o gemido,
Passar afflicto o dia, o mez, o anno,

Seja, embora prazer, que a meu ouvido
Sóa melhor a voz do desengano
Que da torpe lisonja o infame ruido.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA

—

PORTO — 1744 — 1807

Dirceu, o cantor de Marilia, o Petrarca da Laura brasileira, na phrase de Macedo, foi sempre incluido no numero dos poetas lyricos nacionaes; e é justamente assim reputado, pelo seu lyrismo apaixonado e tambem por ter passado entre nós a sua infancia e grande parte do resto de sua vida, além de ser filho de paes brasileiros. Martyr das liberdades patrias, Gonzaga é brasileiro pelas idéas, pela vida, pelo destino.

Formado em Coimbra, Gonzaga foi ouvidor geral na comarca de

Villa Rica (Ouro Preto), Minas, cargo que ainda exercia, quando, envolvendo-se na conjuração mineira, foi preso e degredado para Moçambique na Africa, onde quinze annos depois falleceu.

As suas lyras, de uma delicadeza e uma suavidade que encantam, se celebrisaram ainda pelo tom apaixonado, pelo sentimento com que foram escriptas, pelo que são consideradas como a mais mimosa collecção de lyras que jámais se escreveram em portuguez.

A *Marilia de Dirceu* era D. Maria Dorothéa de Seixas Brandão, de rara formosura e maravilhosa belleza.

—

LYRA

A estas horas
Eu procurava
Os meus amores;
Tinham-me inveja
Os mais pastores.

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos bellos,
Sem flôr, nem fita
Nos seus cabellos.

Ah! que assim mesmo,
Sem compostura,
E' mais formosa
Que a estrella d'alva,
Que a fresca rosa.

No collo a punha;
Então brincando,
A mim a unia;
Mil cousas ternas
Aqui dizia.

Marilia vendo
Que eu só com ella
E' que fallava;
Ria-se a furto,
E disfarçava.

Mal eu a via,
Um ar mais leve
(Que doce effeito!)
Já respirava
Meu terno peito.

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio e fonte,
No prado e selva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.

Da mesma sorte
Que a sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho:

Na quente sésta,
D'ella defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ah! quantas vezes,
No chão sentada,
Eu lhe lavrava
As finas rocas
Em que fiava!

Assim vivia!...
Hoje em suspiros
O canto mudo!
Assim, Marilia,
Se acaba tudo!

Dirceu te deixa, ó bella,
De padecer cançado;
Frio suor já banha
Seu rosto descorado;
O sangue já não gyra pela veia;
Seus pulsos já não batem,

E a clara luz dos olhos se baceia;
A lagrima sentida já lhe corre,
Já pára a convulsão, suspira e morre.

—

LYRA XXVIII

Alexandre, Marilia, qual o rio
Que engrossando no inverno tudo arraza,
Na frente das cohortes
Cerca, vence, abraza
As cidades mais fortes;
Foi na gloria das armas o primeiro;
Morreu na flôr dos annos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não ha poder algum que não abata,
Foi, Marilia, sómente
Um ditoso pirata,
Um salteador valente;
Se não tem uma fama baixa e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vôa,
A' sua mesma patria a fé quebranta,
Na mão a espada toma,
Opprime-lhe a garganta,
Dá senhores a Roma.

Consegue ser heróe por um delicto;
Se acaso não vencesse, então seria
Um vil traidor proscripto.

O ser heróe, Marilia, não consiste
Em queimar os imperios: move a guerra,
Espalha o sangue humano
E despovoa a terra
Tambem o máu tyranno;
Consiste o ser heróe em viver justo;
E tanto póde ser heróe o pobre
Como o maior Augusto.

(*Marilia de Dirceu*, ed. Garnier pag. 102—103).

Alvarenga Peixoto

RIO DE JANEIRO — 1744 — 1793

Ignacio José de Alvarenga Peixoto é um dos poetas magistrados que floresceram em Minas, por occasião da conjuração de 1789, chefiada por Tiradentes.

Era formado por Coimbra, cursando os primeiros estudos com os jesuitas.

Conjurado, com Claudio, Gonzaga, Silva Alvarenga e outros, elle teve parte activa nos planos da revolução, tendo sido elle quem propoz o *libertas quæ sera tamen* da bandeira republicana.

Preso e transportado para o Rio de Janeiro, esteve encerrado nas masmorras da ilha das Cobras.

Como poeta, Alvarenga Peixoto foi dos mais notaveis lyricos que temos possuido; o seu verso é bem acabado e os seus sonetos são dos melhores da lingua portugueza. Poucos escriptos ha colligidos de Alvarenga Peixoto.

Algumas composições do poeta foram reunidas em volume por Joaquim Norberto, que as precedeu de um bem elaborado trabalho historico-critico.

A Alvarenga attribuem a auctoria das celebres *Cartas chilenas*.

A IPHIGENIA

NO DIA EM QUE FEZ 12 ANNOS

Amada filha, é já chegado o dia,
Em que a luz da razão, qual tocha accesa,
Vem conduzir a simples natureza :
— E' hoje que o teu mundo principia.

A mão que te gerou teus passos guia;
Despreza offertas de uma vã belleza,
E sacrifica as honras e a riqueza
A's santas leis do Filho de Maria.

Estampa na tu'alma a Caridade,
Que amar a Deus, amar aos semelhantes
São eternos preceitos da verdade ;

Tudo o mais são idéas delirantes ;
Procura ser feliz na eternidade,
Que o mundo são brevissimos instantes.

SILVA ALVARENGA

—

MINAS — VILLA-RICA — 1749 — 1814

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, o suavissimo cantor de *Glaura*, poeta mimoso e delicado, era, no seu doce lyrismo, comparavel a Gonzaga, o vate inspirado de Marilia.

Era formado em canones, por Coimbra, onde teve por campanheiro e amigo a Basilio da Gama.

Formado, voltou em 1777 ao Brasil, estabelecendo banca de advogado no Rio de Janeiro; por esse tempo foi nomeado por Luiz de Vasconcellos e Souza professor de rhetorica. Na *Arcadia Ultramarina* foi *Alcindo Palmireno*. Silva Alvarenga, com outros, esteve preso por suspeita de conspiração, em carcere privado, por espaço de tres annos. Falleceu a 1º de Novembro de 1814.

Silva Alvarenga foi poeta satyrico de talento, brilhando mais, entretanto, como lyrico, face do seu talento em que é justamente apreciado.

As suas obras poeticas foram colleccionadas pelo seu biographo, Joaquim Norberto.

GLAURA DORMINDO

Voae, zephiros mimosos,
Vagarosos, com cautella;
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

Mais me elevam sobro o feno
Suas faces encarnadas,
Do que as rosas orvalhadas
Ao pequeno beija-flôr.
O descanço, a paz contente
Só respiram nestes montes:
Sombras, penhas, troncos, fontes,
Tudo sente um puro ardor.

Voae, zephiros mimosos,
Vagarosos com cautela;
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

O silencio, que nem ousa
Bocejar e só me escuta,
Mal se move nesta gruta
E repousa sem rumor.
Leve somno por piedade,
Ah! derrama em tuas flores,
O pezar, a magoa, as dores
E as saudades do pastor!

Voae, zephiros mimosos,
Vagarosos com cautela;
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

Se nos mares apparece
Venus terna e melindrosa,
Glaura, Glaura mais formosa
Lhe escurece o seu valor.

No vestido azul e nobre
E' sem ouro e sem diamante,
Qual a filha de Thaumante
Que se cobre de esplendor.

Voae, zephiros mimosos,
Vagarosos com cautella;
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

E' suave o seu agrado
A meus olhos nunca enxutos,
Como são os doces fructos
Ao cançado lavrador.
Mas bem longe da ventura
A's mudanças vivo affeito,
Encontrando no seu peito
Já brandura e já rigor.

Voae, zephiros mimosos,
Vagarosos, com cautella;
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

Padre SOUZA CALDAS

—

RIO DE JANEIRO — 1762 — 1814

O Padre Antonio Pereira de Souza Caldas, o mais notavel poeta sacro que tem tido a lingua portugueza, era formado em direito, na Universidade de Coimbra.

Tendo tomado ordens sacras, regressou á patria em 1808, e ahi falleceu no anno de 1814.

O Padre Caldas deixou ineditas todas as suas obras — formosas *odes* religiosas e philosophicas, uma correctissima traducção dos psalmos e um poemeto didactico, *As Aves*, as quaes só em 1820 foram editadas por um seu sobrinho, sendo proficientemente annotadas por Garção Stockler.

O seu estylo é classico, e como tal tem sido sempre considerado pelos competentes.

—

PSALMO

Feliz aquelle que os ouvidos cerra
  A malvados conselhos,
E não caminha pela estrada iniqua
  Do peccador infame,
Nem se encosta orgulhoso na cadeira
  Pelo vicio empestada;
Mas, na lei do *Senhor* fictando os olhos,
  A revolve e a medita
Na tenebrosa noite e claro dia.
  A fortuna e a desgraça,
Tudo parece ao seu saber moldar-se:
  Elle é qual tenro arbusto,
Plantado á margem de um ribeiro ameno,
  Que de virentes folhas
A erguida frente bem depressa ornando,
  Na sasão opportuna,
De fructos curva os succulentos ramos.
  Não sois assim, oh impios!
Mas qual o leve pó, que o vento assopra,
  Aos ares alevanta,
E bate e espalha e com furor dissipa:
  Por isso vos espera
O dia da vingança; e o frio sangue
  Vos coalhará de susto!
Nem surgireis. de gloria revestidos,
  Na assembléa dos justos.
O *Senhor* da virtude é firme esteio;
  Emquanto o impio corre,
De horrisonas procellas combatido,
  A naufragar sem tino.

DOMINGOS BORGES DE BARROS

(VISCONDE DA PEDRA BRANCA)

—

BAHIA — 1779 — 1855

Formado em direito, por Coimbra, Borges de Barros privou com

Felinto Elysio, Bocage e Macedo (José Agostinho de) e outros poetas notaveis de Portugal no fim do seculo XVIII.

Foi deputado ás côrtes de Lisboa e, quando morreu, era senador do imperio.

As suas obras constam de duas collecções de *poesias offerecidas ás senhoras brasileiras por um bahiano* e do poemeto *Os tumulos.*

Era superior, como poeta, ao Marquez de Paranaguá. Foi poeta didactico, satyrico e lyrico, sobresahindo como lyrico.

Ainda hoje muitas das suas composições poeticas são lembradas e recitadas com prazer.

Pertence á épocha classica.

—

A VIRTUDE

Pôe na virtude,
Filha querida,
De tua vida
Todo o primor.

Não dês á sorte,
Que tanto illude,
Sem a virtude
Algum valor.

Tudo perece;
Murcha a belleza,
Foge a riqueza,
Esfria amor.

Mas a virtude
Zomba da sorte,
E até da morte
Disfarça o horror.

Brilha a virtude
Na vida pura,
Qual na espessura
Do lyrio a côr.

Cultiva attenta,
Filha mimosa,
Sempre viçosa
Tão linda flor.

José da Natividade Saldanha

—

PERNAMBUCO—1796—1830

Reputado um dos melhores poetas nossos do primeiro quartel do seculo XIX, Saldanha formou-se em Coimbra, e, em Pernambuco tomou parte no movimento que proclamou a *Republica do Equador*, servindo como secretario de Paes de Andrade. Tomada Recife, Saldanha retirou-se para a Inglaterra, passando-se depois para a França, Estados-Unidos e Venezuela, onde falleceu, em Caracas, 1830.

As notas dominantes do grande talento de Saldanha são lyrismo patriotico e enthusiasmo pelas cousas nacionaes e pelos homens da patria.

Corroboram a nossa asserção os seus sonetos e as suas odes, dedicadas todas aos vultos proeminentes da historia pernambucana: Henrique Dias, Camarão, Vidal de Negreiros, etc.

Era mestiço.

—

AOS REVOLUCIONARIOS DE 1817

Filhos da patria, jovens Brasileiros,
Que as bandeiras seguis do marcio nume,
Lembrem-vos Guararapes e esse cume,
Onde brilharam Dias e Negreiros!

Lembrem-vos esses golpes tão certeiros,
Que ás mais cultas nações deram ciume;
Seu exemplo segui, segui seu lume,
Filhos da patria, jovens Brasileiros!

Esses, que alvejam campos, niveos ossos,
Dando a vida por nós constante e forte,
Inda se prezam de chamar-se nossos;

Ao fiel cidadão prospéra a sorte;
Sejam iguaes aos seus os feitos vossos:
— Imitáe vossos paes até na morte! —

Manoel Odorico Mendes

—

MARANHÃO — 1799 — 1864

Homem politico, jornalista, poeta, Odorico Mendes era notavel pela sua erudição classica.

Como jornalista, o illustre patriota exerceu influencia incontestavel na solução das questões politicas, concorrendo para o advento do 7 de Abril.

Como poeta, ficaram-nos do digno maranhense algumas composições avulsas, e as traducções da *Merope* e do *Tancredo* de Voltaire,

das *Bucolicas*, *Georgicas* e *Eneida*, de Virgilio, de *Iliada* e *Odysséa*, de Homero.

Foi deputado á Constituinte do imperio e a varias legislaturas ordinarias, onde esteve sempre ao lado dos liberaes progressistas.

Na tribuna parlamentar, ou no verso, a sua linguagem é sempre correcta e castiça. As suas traducções de Homero e Virgilio são reputadas primorosas.

Morreu em Londres, em viagem de estrada de ferro.

—

SONETO

Sempre a teu mando prompto obedecendo,
Hei com meu sangue minha fé sellado;
Arrostei firme, ouvi desassombrado
Da marcial trovoada o ruido horrendo.

Hoje, que á triste campa vou descendo,
Queres me ver, ó patria, deshonrado?
Dás-me esse premio, quando nobre e ousado,
O ultimo bocejar te voto e rendo?

Ah! bem que estou no inverno tenebroso,
A minha espada é cortadora e forte,
O braço duro, o coração brioso.

Mas nem se me permitte—indigna sorte!—
Que após meu filho intrepido, ditoso
Alcance ao menos uma illustre morte.

MACIEL MONTEIRO

BARÃO DE ITAMARACÁ

—

PERNAMBUCO — 1804 — 1868

Antonio Peregrino Maciel Monteiro, orador politico de grande talento e diplomata, era principalmente poeta.

Lyrico-romantico, Maciel Monteiro agrada pelo sentimento e pela delicadeza que resumbram das suas composições poeticas.

Como orador era fluente e facil: a sua fama ainda perdura.

Quer como cultor das musas, quer como tribuno politico, Maciel Monteiro era correcto na phrase,arrojado muitas vezes na metaphora, mas sempre apaixonado e imaginoso.

Representou a sua provincia natal na camara dos deputados.

—

SONETO

Formosa, qual pincel em tela fina
Jamais debuxar poude ou nunca ousara;
Formosa, qual jámais desabrochara
Em primavera, rosa purpurina;

Formosa, qual se a propria mão divina
Lhe alinhára o contorno e a forma rara;
Formosa, qual jámais no céu brilhára
Astro gentil, estrella peregrina;

Formosa, qual se a natureza e a arte,
Dando as mãos em seus dons, em seus lavores
Jámais poude imitar no todo ou parte;

Mulher celeste, oh! anjo de primores!
Quem póde ver-te sem querer amar-te,
Quem póde amar-te sem morrer de amores!

Candido José de Araujo Vianna

MARQUEZ DE SAPUCAHY

—

MINAS —1793—1875

Foi magistrado, homem politico e poeta de merito.

Pouco deixou Araujo Vianna; mas o que ha delle em verso é o bastante para dar-lhe, como tal, justo renome, pela expontaneidade do seu estro, pela delicadeza commovente de seu lyrismo singelo e simples.

Como politico, chegou a ministro e senador.

Em prosa, ha do Marquez de Sapucahy celebre artigo inserto no *Correio Official* de 28 de Setembro de 1833, em que contestava os serviços do velho Andrada á causa da independencia.

—

VIOLETAS

Da planta que mais prezavas,
Que era, filha, os teus amores,
Venho de pranto orvalhadas
Trazer-te as primeiras flores...

Em vez de afagar-te o seio,
De enfeitar-te as lindas tranças,
Perfumarão esta louza
Do jazigo em que descanças.

Já lhes falta aquelle viço,
Que o teu desvello lhes dava...
Gelou-se a mão protectora
Que tão fagueira as regava...

Degraçadas violetas,
A fim prematuro correm...
Pobres flores!... tambem sentem!
Tambem de saudade morrem!

Francisco Moniz Barretto

—

BAHIA — 1804—1868

E' o repentista e improvisador bahiano. Como tal, só tem um emulo: Laurindo Rabello, ao qual, entretanto, esteve sempre superior.

Foi dezoito annos soldado voluntario da guerra da independencia, tendo feito tambem a campanha da Cisplatina.

Alguns annos residiu no Rio de Janeiro (até 1838), passando o resto de sua vida na Bahia.

Era assombrosa a facilidade e a expontaneidade como, dado um mote qualquer, Moniz Barretto *incontinenti* o glosava!

Em 1855 publicou-se, em dois volumes, a sua obra poetica, que elle chamou *Classicos e Romanticos.*

As melhores composições poeticas de Francisco Moniz Barretto são as produzidas de improviso, onde se encontram, alem da belleza intrinseca do verso, correcção e sentimento lyrico, enthusiasmo e vida: os seus versos sahiam *correntes e limpidos como se foram decorados.*

—

CHRISTO NO GOLGOTHA

Ao martyrio da Cruz. de bens fecundo,
De Deus caminha o placido Cordeiro;
Em denso véu de trevas o luzeiro
Do dia se retrahe com dó profundo!

Ao vozear do bando furibundo
Treme do Golgotha o sagrado outeiro;
Dos rebatidos cravos do madeiro
Brotam faiscas qae dão luz ao mundo!

Ali, de sangue lagrimas vertendo,
Das Virgens a suprema Magestade,
Ao supplicio do filho assiste, horrendo!

Cumpre-se a pharisaica atrocidade:
Aos seus algozes o perdão dizendo,
Morre o Christo e... renasce a humanidade!

José Maria do Amaral

—

RIO DE JANEIRO—1812—1885

Diplomata no começo de sua carreira publica, Amaral foi depois republicano extremado, escrevendo então formosos artigos na imprensa diaria, ainda hoje lembrados.

Colaborou no *Correio Mercantil, no Correio Nacional, Opinião Liberal, Jornal da Tarde, Globo etc.*

Como poeta, o seu logar nas letras patrias é de honra.

Intelligencia culta e espirito esclarecido, Amaral é correcto e melodioso como Garrett, com quem tem sido por vezes comparado.

Lyrico-romantico, as poesias de Amaral são o reflexo da situação angustiosa de sua alma, attribulada de desgostos domesticos, ferida de morte no intimo do seu coração amantissimo.

A doce melancolia dos seus sonetos commove até ás lagrimas.

« Sua figura, diz Silvio Romero, tende a tornar-se cada vez mais accentuada, e desde hoje podemos definitivamente affirmar que o poeta, occupa um logar de honra em nossa historia literaria. »

—

AVE, MARIA !

Desmaia a tarde placida e formosa,
E a luz, que a côr dourada vae perdendo,
De roxo tenues sombras vem tecendo,
Hora de sonhos pallida e mimosa.

A voz das auras ouço suspirosa,
Que em saudades do dia vão gemendo ;
Erma estrella nos céos vem florescendo.
Flor de mysterios, pura e luminosa.

Da mãe de Christo a hora o bronze santo
Na saudação angelica annuncia,
Da fé christã singelo e doce canto.

Cada peito christão aos céos envia
De esperança e de fé, que podem tanto,
Tocante adoração—Ave, Maria !

—

MANHÃ EM PETROPOLIS

Que dourada manhã ! Que luz mimosa
Envernisa dos campos a verdura !
Que aura cheirosa e cheia de brandura !
Será—quem sabe ?— o respirar da rosa...

Doura-se em luz a serra magestosa,
Das flores leva a Deus a essencia pura,
Dos passaros nos sons com que doçura
Canta a floresta antiphona maviosa !

Da alma em ternura a ti sobem louvores,
Bemdicto Creador da natureza !
Quem vê sem te adorar tantos primores !

Que humano ser em si tem tal belleza ?
De qual belleza nascem mais amores ?
E quaes amores tem tanta grandeza?

Domingos J. G. de Magalhães

(V. not. bio-bibliographica na primeira parte, á pagina 139)

—

HYMNO DOS BRAVOS

Brasileiros, ás armas corramos,
Que hoje a Patria affrontada nos chama;
Não ouvis esses echos terriveis?
E' a voz do canhão que rebrama!
Impia gente, de sangue sedenta,
Contra nós arrogante se ostenta!

Eia, ás armas, e á Patria juremos
Que o inimigo feroz venceremos.

Defendendo este solo sagrado,
Aggredido por hordas de escravos,
Corajosos á lucta corramos,
Que homens somos, e livres, e bravos.
Tremam elles ao ver-nos unidos,
A vencer ou morrer decididos.

Eia, ás armas, e á Patria juremos
Que o inimigo feroz venceremos.

Nossos paes, nossas mães, nossa Patria
'Stão vingança, vingança bradando;
Que salvemos a honra ultrajada,
Do inimigo a insolencia domando.
Pois que louco chamou-nos á guerra,
Com seu sangue lavemos a terra.

Eia, ás armas, e á Patria juremos
Que o inimigo feroz venceremos.

Um só grito, que atroa espantoso,
Pelo immenso Brasil se dilata;
E da terra se elevam guerreiros,
Do longinquo Amazonas ao Prata.
Todos querem, correndo á victoria
Colher louros no campo da gloria

Eia, ás armas e á patria juremos
Que o inimigo feroz venceremos.

A. Gonçalves Dias

V. biog. na—Primeira parte—pag. 225.

—

O CANTO DO GUERREIRO

I

Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não geram escravos.
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar;
— Ouvi me, guerreiros,
— Ouvi meu cantar!

II

Valente na guerra
Quem ha como eu sou?
Quem vibra o tacape
Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fataes, como eu dou?
— Guerreiros, ouvi-me:
— Quem ha como eu sou?

III

Quem guia nos ares
A flecha emplumada,
Ferindo uma presa
Com tanta certeza,
Na altura arrojada
Onde eu a mandar?
— Guerreiros, ouvi me,
— Ouvi meu cantar!

IV

Quem tantos imigos
Em guerras preou?
Quem canta seus feitos
Com mais energia?
Quem golpes daria
Fataes, como eu dou?
— Guerreiros, ouvi-me:
— Quem ha como eu sou?

V

Na caça ou na lide,
Quem ha que me affronte?
A onça raivosa
Meus passos conhece,
O imigo estremece,
E a ave medrosa
Se esconde no céu.
—Quem ha mais valente,
—Mais dextro do que eu?

VI

Se as mattas estrujo
Co'os sons do boré.
Mil arcos se encurvam,
Mil settas lá voam,
Mil gritos reboam,
Mil homens de pé,
Eis surgem, respondem
Aos sons do boré!
— Quem é mais valente,
— Mais forte quem é?

VII

Lá vão pelas mattas,
Não fazem ruido,
O vento gemendo,
E as mattas tremendo
E o triste carpido
De uma ave a cantar,
São elles—guerreiros,
Que faço avançar.

VIII

E o piaga se ruge
No seu maracá,
A morte lá paira
Nos ares flechados;
Os campos juncados
De mortos são já:
Mil homens viveram,
Mil homens são lá.

IX

E então, se de novo
Eu toco o boré;
Qual fonte que salta
De rocha empinada,
Que vai marulhosa,
Tremente e queixosa
Que a ira apagada
De todo não é;
Tal elles se escoam
Aos sons do boré,
— Guerreiros, dizei-me:
— Tão forte quem é?

Fagundes Varella

—

ESTADO DO RIO — RIO CLARO — 1841 — 1875

Luiz Nicolau Fagundes Varella, sem contestação um dos mais inspirados poetas brasileiros, é uma figura proeminente das letras patrias notavel como lyrico e como cantor da vida da roça e da natureza sertaneja.

Varella tinha a nostalgia da solidão, adquirida depois que perdeu sua primeira mulher e um filhinho, que lhe inspirou formosos versos.

Fagundes Varella, que escrevia quasi de improviso, não teve tempo de corrigir as suas composições, muitas das quaes peccam pela incorrecção da forma e descuidos de metrica.

Admirador de Gonçalves Dias, de quem era discipulo, não raras vezes deixou-se influenciar pelo cantor dos *Tymbiras*.

As obras completas do mavioso poeta fluminense foram reu-

nidas em tres volumes e se compõem de: *Vozes da America, Cantos Religiosos, Cantos Meridionaes, Cantos do Ermo e da Cidade, Anchieta ou O Evangelho nas selvas* e *Diario de Lazaro*, obra posthuma, brilhantemente prefaciada por Franklin Tavora.

Editou-as os benemeritos Srs. Garnier & C.ª.

—

AO BRASIL

Bella estrella de luz, diamante fulgido
Da coroa de Deus, perola fina
Dos mares do Occidente !
Oh ! como altiva, sobre nuvens de ouro
A fronte elevas, afogando em chammas
O velho continente !

A Italia meiga, que resomna languida
Nos coxins de velludo adormecida,
Como a escrava indolente ;
A França altiva, que sacóde as vestes,
Entre o brilho das armas e as legendas
De um passado fulgente ;

A Russia fria—Mastodonte eterno,
Cuja cabeça sobre os gelos dorme
E os pés ardem nas fraguas;
A Bretanha insolente, que expellida
De seus planos estereis, se arremessa,
Mordendo-se nas aguas ;

A Hespanha turbida ; a Germania em brumas ;
A Grecia desolada ; a Hollanda, exposta
Das ondas ao furor...
Uma inveja teu céu, outra teu genio ;
Esta—a riqueza, a robustez—aquella,
E todas—o valor !

Oh ! terra de meu berço ! Oh patria amada !
Ergue a fronte gentil, ungida em glorias
De uma grande nação !
Quando soffre o Brasil, os Brasileiros
Lavam as manchas, ou debaixo morrem
Do santo pavilhão !...

FIRMINO RODRIGUES SILVA

ESTADO DO RIO—NICTHEROY — 1816 — 1879

Bacharel em direito por S. Paulo, exerceu no Rio de Janeiro a sua profissão e foi jornalista politico. Juiz de Direito em Minas, ahi exerceu ainda o cargo de chefe de policia, tendo sido mais tarde eleito deputado e depois escolhido senador do imperio por aquella então provincia.

Como poeta, deixou a formosa *Nenia á morte*, de Francisco Bernardino Ribeiro, no genero, uma das mais bellas e perfeitas composições, escriptas na nossa lingua.

Redigiu o notavel jornalista *O Chronista*, *O Constitucional*. Ha publicados, discursos e alguns opusculos politicos de Rodrigues Silva.

Esparsos pelos jornaes do seu tempo encontram-se muitas composições do inspirado poeta fluminense, como as odes: *As lagrimas*, e *A Saudade*, esta dedicada a José Maria do Amaral, e *A coroação*.

Tinha varias condecorações e foi do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

NENIA

A F. Bernardino Ribeiro

Nictheroy, Nictheroy! que é do sorriso
Donoso da ventura, que teus labios
Outr'ora enfeitiçava?—Côr de jambo,
Pelo sol destes céus enrubecido,
Já não são tuas faces, nem teus olhos
Lampejam de alegria. Que é da c'roa
De madresilva, de cecens e rosas,
Que a fronte engrinaldava? Eil-a de rojo,
Trespassada de pranto, e a flores murchas
Mirradas pelo sopro do infortunio...
Uns ais tão doloridos, tão maguados,
Quaes só podem gemer dores maternas,
Deshumanas pungindo os seios d'alma,
Franzem-te os labios co'o sorrir de angustias.
De teus formosos olhos se desatam
Dois arroios de lagrimas: tu choras,
Desventurada mãe, a perda infausta

Do filho teu amado ; e que outro filho
Mais sincero chorar ha merecido?
Da noite o furacão prostrou tremendo
Audaz jequitibá, que inda na infancia
Co'a cima excelsa devassava as nuvens !
Eu o vi pelos raios matutinos
Do sol apenas nada auri-tingido,
Inda sepulta em trevas a floresta !
Eu o vi e asylou-me a sua sombra...
Honra do valle, inveja das montanhas,
Para que no Eden fosses transplantado,
Cubiçosos os anjos te roubaram;
Que no valle das lagrimas não vinga
Planta que é do céu. Foi em teu seio
Que tambem, Nictheroy, meus olhos viram
Pela primeira vez a cor dos bosques,
E o azul dos céus e o verde-mar das aguas ;
Tambem sou filho teu, oh! minha patria,
E o melhor dos amigos hei perdido,
Da minha guarda o anjo... eia, deixemos
Amargurado pranto deslisar-se
Por faces onde o riso só folgára.
Que elle mitigue dor que não tem cura !
Eu disse: e magestosa e bella ergueu-se
A princeza do valle... eil-a que os olhos
Crava nos céus e aos céus as mãos levanta ;
De tanta desventura enternecida
A viração da tarde parecia
Com ella suspirar, gemer-lhe em torno,
As luzidas tranças espargindo-lhe
Pelo moreno collo tão formoso ;
O sol já descambava p'ra o Occidente,
E em cima das montanhas, semelhando
Um cirio acceso pela mão dos seculos,
A fronte illuminava-lhe ; dirieis
Que da maternidade o genio augusto,
Ante do Eterno as aras magestosas,
Que a natureza por si mesma erguera,
Sobrepondo a montanhas altos serros,
Lenitivo a seus males implorava.
— Oh ! que mais lhe restava no infortunio,
Senão volver p'ra o céu olhos maternos,
Para o céu, derradeiro, unico abrigo,

Onde a esperança de vel-o se acoitava!
Mais infeliz que Agar pelo deserto,
Nem ao menos podia consolal-a
Um magico lampejo de esperança,
Nem ao menos dizer entre suspiros,
Lagrimas: Não verei morrer meu filho...
Ralado o peito de amarguras cento,
Ouvi que ella dizia:—Oh! meu filho,
Entre milhares, filho mais prezado,
Oh! meu anjo, porque me abandonaste?
Ainda hontem pendente do meu seio,
Com sorrisos aos beijos respondias
Que amor de mãe nos labios te arrojava.
De mil aromas perfumada a brisa
Embalava teu berço na palmeira,
E as rosas das campinas desfolhavam-se
Porque teu vimeo leito amaciassem;
Oh! de meus filhos, filho mais prezado,
Oh! meu anjo, porque me abandonaste?!
Ao donoso raiar da juventude
Vi-o mais bello do que o sol de Julho,
Que, desfeita a neblina, alto resplende!
De loiro mel os labios borrifou-lhe
Mimoso jatahy; branca açucena
Mais candida não era que seu peito,
Puro como os desejos da innocencia!
Ingenua sympathia lhe esparzira
Um não sei que de amavel no semblante,
Que vel-o era prezal-o; a fronte augusta
Trahia o genio que a alma lhe incendia...
Oh! de meus filhos ufania e gloria,
Oh! meu anjo, porque me abandonaste?!
Nunca mais o verei?... meu Deus, a morte
Pode dos braços arrancar maternos
O filho amado?... nunca: mas que é delle,
Mas que é feito do condor que o vôo ardido
Arrojava por cima destes Andes?
Dos céus nas sendas transviou-se acaso?
.... Ai! quão triste,
Quão sosinha deixou-me na floresta,
Gemendo de saudades?!... Vem, meu filho,
Consolo de meus males, minha esp'rança;
Oh! meu anjo, porque me abandonaste?!

Tal como o rouco som das rotas vagas,
Que contra as penedias bramam furias,
Confuso borborinho ao longe echoa
De gente que approxima: Eil-os meus filhos,
Seus semblantes são pallidos, o genio
Lampeja nos seus olhos scintillantes.
— Marchae avante, prole de esperança,
A' gloria, á gloria, que o futuro é nosso...
Mas que é delle? não vae na vossa frente...
Oh! que é feito do rei da mocidade,
Tupá, Tupá, ó numen de meus paes?
Qual magestoso Chimboraso esbelto,
Alcantilado collo dentre os picos
Dos desvairados Andes, oh! meu filho,
Em meio dessas turmas avultavas!
Inda altaneiro affronta o rei dos montes
Da tempestade as furias, que eu embalde
Por deshumanos valles, bosques, grutas,
Desp'rançada te busco, e só responde
Rouca voz do deserto aos meus clamores,
Que vae echos no valle reboando...
O' sol brilhante, ó numen de meus paes,
O' Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito?
Não guiarei a turma das donzellas,
Quando chorêas rapidas tecendo
Por princeza dos jogos me acclamarem,
— Minhas irmãs, eu lhes direi, deixae-me
Na soidão lamentar minhas desgraças.
Sem dó, nem compaixão, roubou-me a morte
Do meu cocar a penna mais mimosa,
A joia peregrina do meu cinto,
O lyrio mais formoso das campinas,
O lume de meus olhos! Oh! meu filho,
Inda canta a araponga e o rio volve
Na ruiva areia a lobrega corrente,
Inda retouca a laranjeira a coma
Verde-negra de flores alvejantes,
E tu já não existes! —Sol brilhante,
Numen de meus paes, que é do meu filho?
O' Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito?
Primeiro volverão sec'los e seculos
Que outra palmeira tão gentil se ostente
Nestas florestas altas, gigantescas!

A tempestade se erguerá bramindo
Nessa dos Orgãos serrania immensa,
E, ai de mim! não terei onde asylar-me!.
Nas brenhas silvarão mosqueadas serpes,
E, ai de mim! não terei quem me defenda!...
... Como estalaram tantas esperanças
Em um momento de dor? Eia, dizei-m'o,
Erguidas serras, broncas penedias...
O' numen de meus paes, ó sol brilhante,
O' Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito?
Não poude mais dizer... por d'entre as mattas,
Como um sonho, ligeira, a vi sumir-se.
E o oco som das vagas nos cachopos,
E o sibillo dos ventos nas florestas,
E o echo destes valles, das montanhas,
A modo que em um côro magestoso
Inda as ultimas queixas repetiam:
O' numen de meus paes, ó sol brilhante.
O' Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito?

FRANCISCO OCTAVIANO

—

RIO DE JANEIRO —1825 —1889

Francisco Octaviano de Almeida Rosa, formado pela escola juridica de S. Paulo e politico liberal sob o imperio, exerceu cargos de importancia e, na carreira politica, chegou a senador.

Octaviano foi o representante diplomatico brasileiro no Prata que assignou o tratado da triplice alliança contra o dictador Lopez, do Paraguay.

Recusou mais de uma vez a pasta ministerial.

Foi jornalista emerito; no *Correio Mercantil* foi que elle firmou o seu nome de periodista e dos mais brilhantes que temos possuido.

Os trabalhos literarios de Octaviano não acharam ainda mão caridosa que os reunisse; seria presentear as letras patrias com formosissimo escrinio de joias de valor inestimavel dal-as á estampa.

E' lyrico delicado e mavioso.

Alem de poesias originaes, tem Francisco Octaviano numerosas traducções de Byron. Shakespeare, Th. Hood etc. que todas primam pela correcção como foram feitas.

—

FLOR DO VALLE

Ouviste um dia os canticos do anjo ?
Viste em seu rosto da belleza as côres ?
E na manhã de doce primavera,
Flôr do valle brilhando entre as mais flôres?

Então puro era o céu, e verde o campo,
E a vida alegremente lhe corria ;
Folgava em seu primor de mocidade,
E nos braços de Deus adormecia.

E tão bella e tão casta ! Descuidosa
Do futuro em presente tão risonho,
Apenas em su'alma, e quasi a furto,
Vaga imagem de amor sorria em sonho.

Tanto mancebo esbelto que a cercava
Com olhares de candidos amores !
Porém ella, mais pura e mais formosa,
Flor do valle brilhava entre as mais flores.

A brisa da manhã lhe ouvia os cantos
E o echo da campina os repetia !
A' tarde, sobre a relva perfumada,
Cantando novamente adormecia.

E cantava e sorria !— E veio o inverno,
E trouxe suas nevoas, seus rigores ;
E acharam-na sem vida e descorada.
Flôr do valle morrendo entre as mais flores !

Quando voltou depois a primavera,
As florinhas e o campo vicejaram ;
O valle fez-se verde e o céu sereno,
Mas os cantos do anjo não voltaram !

Eu lhe escutei a voz harmoniosa,
Eu vi a flor do valle em seus verdores ;
Hoje só ouço o murmurar do vento...
A flor do valle abandonou as flores.

Junqueira Freire

BAHIA — 1832 — 1855

Luiz José Junqueira Freire, o poeta das *Inspirações do Claustro* e das *Contradicções poeticas*, professou na ordem benedictina, na Bahia, em 1851; mas, não se sentindo com a menor vocação para a vida claustral, pediu e conseguiu um breve de secularisação, e por esse meio deixou o mosteiro, em 1854.

No anno seguinte, victima da minaz enfermidade que, desde a infancia, o acompanhava, falleceu na mesma cidade do seu nascimento.

A nota dominante nos versos de Junqueira Freire é a lucta constante entre o sentimento religioso, o brado da consciencia e os sonhos da vida mundana, as aspirações de uma alma sedenta de goso e dos prazeres do mundo exterior.

O monge-poeta é um genuino representante do lyrismo brasileiro.

A ORPHÃ NA COSTURA

Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era todo o meu amor;
Seu cabello era tão louro,
Que nem uma fita de ouro
Tinha tamanho esplendor.

Suas madeixas luzidas
Lhe cahiam tão compridas,
Que vinham-lhe os pés beijar;
Quando ouvia as minhas queixas.
Em sua aureas madeixas
Ella vinha me embrulhar.

Tambem quando toda fria
A minha alma estremecia,
Quando ausente estava o sol,
Os seus cabellos compridos,
Como fios aquecidos,
Serviam-me de lençol.

Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era todo o meu amor ;
Seus olhos eram suaves,
Como o gorgeio das aves,
Sobre a choça do pastor.

Minha mãe era mui bella,
— Eu me lembro tanto della,
De tudo quanto era seu !
Tenho em meu peito guardadas
Suas palavras sagradas,
Co'os risos que ella me deu.

Os meus passos vacillantes
Foram por largos instantes,
Ensinados pelos seus.
Os meus labios mudos, quedos,
Abertos pelos seus dedos,
Pronunciaram-me :— Deus!

Mais tarde, quando acordava,
Quando a aurora despontava,
Erguia-me sua mão,
Fallando pela voz della,
Eu repetia singela
Uma formosa oração.

Minha mãe era mui bella,
— Eu me lembro tanto della,
De tudo quanto era seu !
Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

Estes pontos que eu imprimo,
Estas quadrinhas que eu rimo,
Foi ella quem me ensinou ;
As vozes que eu pronuncio,
Os cantos que eu balbucio,
Foi ella quem m'os formou.

Minha mãe! —diz-me esta vida,
Diz me tambem esta lida,
Este retroz, esta lã ;

Minha mãe! — diz-me este canto.
Minha mãe! — diz-me este pranto,
Tudo me diz: — Minha mãe!

Minha mãe era mui bella,
— Eu me lembro tanto della,
De tudo quanto era seu!
Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

Casimiro de Abreu

—

ESTADO DO RIO—BARRA DE S. JOÃO—1837—1860

Casimiro José Marques de Abreu, mavioso vate das saudades da patria, contrariado na sua vocação decidida pelas letras por seu pae, que o destinava para a vida commercial, partiu para Lisbôa, onde esteve quatro annos, voltando á patria, quando, minado o fragil organismo pela molestia pertinaz que o devia levar ao tumulo dentro em pouco, reconheceu que quasi nada lhe restava de vida; e quiz descansar á sombra da palmeira onde canta o sabiá.

A tisica pulmonar arrebatou-o aos 23 annos de idade.

As suas *Primaveras* se publicaram em primeira edição quando o poeta tinha apenas 22 annos,

Casimiro de Abreu era poeta de merito: o seu lyrismo simples e sincero fala ao coração: mas o poeta não teve tempo de aperfeiçoar-se e de corrigir-se de defeitos, que, entretanto, no seu tempo eram desculpados.

—

JURITY

Na minha terra, no bolir do matto
    A jurity suspira;
E como o arrulho dos gentis amores,
São os meus cantos de secretas dores
    No chorar da lyra.

De tarde a pomba vem gemer sentida
    A' beira do caminho;

Talvez perdida na floresta ingente,
A triste geme nessa voz plangente
Saudades do seu ninho.

Sou como a pomba e como as vozes della
E' triste o meu cantar;
Flor dos tropicos—cá na Europa fria
Eu definho chorando noite e dia
Saudades do meu lar.

A jurity suspira sobre as folhas seccas
Seu canto de saudade:
Hymno de angustia, férvido lamento,
Um poema de amor e sentimento,
Um grito de orphandade!

Depois... o caçador chega cantando,
A' pomba faz o tiro...
A bala acerta e ella cahe de bruços,
E a voz lhe morre nos gentis soluços,
No final suspiro.

E como o caçador, a morte em breve
Levar-me-á comsigo:
E descuidado, no sorrir da vida,
Irei sosinho, a voz desfallecida,
Dormir no meu jazigo.

E—morta a pomba nunca mais suspira
A' beira do caminho;—
E como a jurity, longe dos lares,
Nunca mais chorarei nos meus cantares
Saudades do meu ninho!

Primaveras

—

FRAGMENTO

....
O mundo é uma mentira, a gloria— fumo.
A morte—um beijo,— e esta vida—um sonho,
Pesado ou doce, que se esvae na campa!
O homem nasce, cresce, alegre e crente,
Entra no mundo co'o sorrir nos labios,

Traz os perfumes que lhe déra o berço
Veste-se bello de illusões douradas,
Canta, suspira, crê, sente esperanças,
E um dia o vendaval do desengano
Varre-lhe as flores do jardim da vida
E, nú das vestes que lhe déra o berço,
Treme de frio ao vento do infortunio!
Depois—louco sublime—elle se engana,
Tenta enganar-se p'ra curar as maguas,
Cria phantasmas na cabeça em fogo,
De novo atira o seu batel nas ondas,
Trabalha, lucta e se afadiga embalde,
Até que a morte lhe desmancha os sonhos!
Pobre insensato—quer achar por força
Perola fina em lodaçal immundo!
—Menino louro que se cança e mata
Atraz da borboleta, que travessa
Nas moitas do mangal vôa e se perde!...
....

Primaveras.

Teixeira de Mello

—

ESTADO DO RIO—CAMPOS—1833

Poeta mimoso, dispondo de escolhida cultura, o Dr. José Alexandre Teixeira de Mello é um lyrico de real merecimento. Contemporaneo de Casimiro de Abreu, os seus versos são mais fluentes e mais correctos do que os do seu patricio e confrade

Collaborou, na *Luz*, na *Revista Popular*, na *Gazeta Literaria*, na *Alvorada Campista* etc. Para a *Gazeta de Noticias* escreveu as notaveis *Ephemerides Nacionaes*, depois editadas em volume.

Alem do seu estimavel livro de versos, *Sombras e Sonhos*, publicou ainda uma descripção historica de *Campos dos Goytacazes*, e outros trabalhos que não nos occorrem.

E' o actual director da Bibliotheca Nacional, onde tem prestado relevantes serviços; é membro de varias associações literarias e scientificas.

Faz parte da Academia Brasileira de Letras.

—

IGNOTÆ DEÆ

Quando eu dormir á sombra do salgueiro
Que em minha cova arrebentar por si,
Tu, que nem sabes por meus frios cantos
O que sou, o que fui e o que soffri;

Sobre o meu nome, pobre grão de areia
Que uma creança arremessou no mar,
Deixa uma gotta, a unica de pranto,
Sobre o meu nome lenta escorregar;

Como uma per'la que gentil princeza
Dos seus cabellos desprendesse rindo,
E aos pés lançasse de voraz mendigo,
Que em seu caminho adormeceu pedindo.

Ai! tu não sabes como o leito é gelido
Aos que no seio as illusões seccaram!
Ai! tu não sabes como é quente o tumulo
Aos que entre os vivos como um som passaram!

Eu, que por flores suspirei da terra,
Que não dormi por tanta flor do céu,
Que descorei por tanto olhar de fogo,
Coado a furto de zeloso véu:

Que mergulhei em tanto mar de amores,
E me enxuguei a tanto sól de outomno,
Que vejo o mundo ao pé de mim e durmo...
Despertarei do meu pesado somno.

E quando o mar por alta noite estenda
Lençóes de espuma em que se deite a lua,
Aérolithe que incendeia o espaço,
Virei banhar de luz a fronte tua.

E quando um dia a tempestade as azas
Por sobre o azul de teu viver abrir,
Eu, da tormenta asserenando o grito,
Virei ao pé do teu dormir—dormir!

Sombras e sonhos.

Bernardo Guimarães

V. biog. na—Primeira Parte—pag. 27

—

DESALENTO

Nestes mares sem bonança,
Boiando sem esperança,
Meu baixel em vão se cança
Por ganhar amigo porto ;
Em sinistro negro véu
Minha estrella se escondeu,
Não vejo luzir no céu
Nenhum lume de conforto.

A tormenta desvairou-me,
Mastro e vela escalavrou-me
E sem alento deixou-me
Sobre o elemento infiel ;
Ouço já o bramir tredo
Das vagas contra o penedo,
Onde irá, talvez bem cedo,
Sossobrar o meu batel.

No horizonte não lobrigo
Nem praia, nem lenho amigo
Que me salve do perigo,
Nem phanal que me esclareça ;
Só vejo as vagas rolando,
Pelas rochas soluçando,
E mil coriscos sulcando
A medonha treva espessa.

Vaga, baixel sem ventura,
Pela turbida planura,
Atravez da sombra escura,
Vaga, sem lume e sem norte ;
Sem velas, fendido o mastro,
Nas vagas lançando o lastro
E sem ver nos céus um astro,
Ai ! que só te resta a morte !

Nada mais ambiciono.
As vagas eu te abandono,
Como cavallo sem dono,
Pelos campos a vagar;
Voga nesse pégo insano,
Que nos roncos do oceano,
Ouço a voz do desengano
Pavorosa a ribombar!

Voga, baixel foragido,
Voga, sem rumo, perdido,
Pelas tormentas batido,
Sobre o elemento infiel;
Para ti não ha bonança,
A' toa, sem leme, avança;
Neste mar sem esperauça,
Voga, voga, meu baixel!

Laurindo Rabello

RIO DE JANEIRO — 1826 — 1864

Medico, professor, auctor didactico e poeta. Exerceu a profissão medica como cirurgião do exercito e foi professor de portuguez, geographia e historia na escola militar. Escreveu uma grammatica.

Lutando contra os revezes da sorte, chegou a conhecer de perto a miseria. A perda de sua irmã, que estremecia, e que foi a musa inspiradora de não poucas das suas formosas estrophes, amargurou-lhe a vida até a hora em que *a mão da morte veiu tomar-lhe o leme do batel da vida.*

Coma poeta satyrico, Laurindo Rabello era justamente temido e respeitado: esta feição do seu talento valeu-lhe grandes desgostos, chegando a ser, como Gregorio de Mattos, por causa della, perseguido.

Laurindo era repentista.

Glosava com a mesma facilidade que Moniz Barreto.

Os seus versos, *Trovas,* foram editados, em publicação posthuma, pelos seus amigos.

—

LEANDRO E HERO

O facho do Helesponto apaga o dia,
Sem que aos olhos de Hero o somno traga,
Que dentro de sua alma não se apaga
O fogo com que o facho se accendia.

Afflicta o seu Leandro ao mar pedia,
Que, abrandado por ella, a prece afaga,
E traz-lhe o morto amante numa vaga,
— Talvez vaga de amor, inda que fria.

Ao vel-o pasma e clama num transporte:
— « Leandro !... és morto?!... Que destino infando
» Te conduz aos meus braços desta sorte?!

« Morreste !... mas...—e, ás ondas se arrojando,
Assim termina, já sorvendo a morte—:
— Hei-de, martyr de amor, morrer-te amando! »

Alvares de Azevedo

S. PAULO — 1831 — 1852

Manoel Antonio Alvares de Azevedo, bacharel em letras pelo antigo collegio Pedro II, estudava direito em S. Paulo, quando, antes de completar vinte e um annos, foi cruelmente arrebatado pela morte impiedosa.

O que mais é de admirar-se no poeta paulista é a sua precocidade, o seu genial talento, já produzindo tanto e tão admiravelmente em tão tenros annos!

A sua erudição era espantosa e o seu cultivo literario de assombrar, em tão verde idade.

As suas obras estão, pela maior parte, colligidas e reunidas em livro.

Alem dos seus versos, em que ha notas de uma doçura lamartineana, ao lado de vibrantes accordes hugoanos, elle deixou o drama *Macario*, as *Noites na taverna*, *Discursos*, etc.

SE EU MORRESSE AMANHÃ

Se eu morresse ámanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria,
Se eu morresse ámanhã!

Quanta gloria presinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdêra chorando essas corôas,
Se eu morresse ámanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito,
Se eu morresse ámanhã!

Mas essa dôr da vida que devora,
A ancia de gloria, o dolorido afan...
A dôr no peito emmudecera ao menos,
Se eu morresse ámanhã!...

CASTRO ALVES

BAHIA — 1841 — 1871

Antonio de Castro Alves, poeta lyrico, filiado á chamada escola *condoreira*, estudou direito em Pernambuco, vindo terminar o curso em S. Paulo.

Foi talvez dos nossos poetas aquelle em quem mais influiu o genio extraordinario que se chamou Victor Hugo. Talento robusto, moço e enthusiasta de todas as idéas nobres e alevantadas, elle foi um dos mais apaixonados propagadores da abolição, nos seus poemas dos *Escravos*, entre os quaes figuram a *Cachoeira de Paulo Affonso*, cujas bellezas são incontestaveis, as *Vozes d'Africa*, uma das poesias mais perfeitas do poeta bahiano, o *Navio Negreiro* e a *Tragedia no lar*.

Os formosos versos de Castro Alves foram reunidos sob a denominação de *Espumas fluctuantes*, titulo que em prefacio o poeta justifica cabalmente.

Nas composições lyricas, em que Castro Alves se afasta do gongorismo notado em muitas peças do seu livro, elle se revelou um poeta dos mais mimosos que o Brasil tem tido.

Pelas suas idéas, pelo arrojo do seu estro poetico, Castro Alves exerceu enorme influencia entre a mocidade do seu tempo.

AS DUAS FLORES

São duas flores unidas,
São duas flores nascidas
Talvez no mesmo arrebol,
Vivendo no mesmo galho,
Da mesma gotta de orvalho,
Do mesmo raio de sol.

Unidas, bem como as pennas
Das duas azas pequenas
De um passarinho do céu...
Como um casal de rolinhas,
Como a tribu de andorinhas
Da tarde no frouxo véu.

Unidas, bem como os prantos,
Que em parelha descem tantos,
Das profundezas do olhar...
Como o suspiro e o desgosto,
Como as covinhas do rosto,
Como as estrellas do mar.

Unidas... Ai! quem pudera
Numa eterna primavéra
Viver, qual vive esta flor:
Juntar as rosas da vida
Na rama verde e florida,
Na verde rama do amor!

GENTIL HOMEM

—

MARANHÃO — 1834— 1876

Gentil Homem de Almeida Braga, o *Flavio Reimar* de Clara Verbena, é um dos primeiros poetas do Maranhão, pela correcção, pela naturalidade, pelo cuidado meticuloso com que tratava e burilava o verso.

Foi ainda jornalista eximio, e assim o considera Joaquim Serra,

nos seus *Vinte annos de jornalismo*. Primou como folhetinista, tendo publicado em volume os seus folhetins intitulados *Entre o céu e a terra*.

O seu poema humoristico—*Clara Verbena* é um primor no genero.

Como traductor—e o foi de raro merecimento—entre outras, ha a sua formosa traducção da *Eloá*, de Alfredo de Vigny.

Gentil Homem redigiu, na sua terra natal, a *Ordem e Progresso*, a *Coalição*, e collaborou no *Publicador Maranhense*, no *Semanario Maranhense*, no *Liberal* etc.

O ORVALHO

Nas flores mimosas, nas folhas virentes
Da planta, do arbusto que surge do chão,
Reunem-se as gottas do orvalho, nitentes,
Tombadas á noite, da aèria soidão.

Provindas dos ares, dos astros cahidas
Em globos argenteos de um puro brilhar,
Descançam nas flores, ás folhas dão vida,
Remontam-se aos astros, erguendo-se ao ar.

A luz das estrellas, do vidro mais fino
O tremulo, incerto, brilhante luzir,
Não têm mor belleza, fulgor mais divino,
Nem pode mais claro, mais bello fulgir.

E o sol, que rutilla no manto dourado,
Feitura sublime das nuvens do céu,
Beijando estas gottas co'um beijo inflammado,
Desfaz taes prodigios nos beijos que deu.

Quem foi que as vertera, quem foi que as chorára,
Quem, limpido orvalho, do céu vos lançou?
Quem pôz sobre a terra belleza tão rara,
Quem foi que nos ares o orvalho formou?

Dos anjos que outr'ora baixaram da esphera,
Morada longinqua dos anjos de Deus,
São prantos o orvalho, que amor os vertera,
Depois que perdidos volveram-se aos céus.

Baixados á terra, sedentos de amores,
Gozaram delicias de um breve durar,
Depois em lembrança dos tempos melhores,
Os anjos á noite costumam chorar.

E o pranto saudoso dos olhos vertido
Converte-se em chuva de fino crystal;
Procura das flores o calix querido,
Recahe sobre as plantas do monte ou do val.

E os anjos sosinhos vagueam no espaço,
Buscando as imagens que o céu lhes roubou,
Seguidos das nuvens, do lucido traço,
Que o brilho das azas traz elles deixou.

E a voz que dos labios lhes sahe suspirante,
Semelha um queixume pungente de dor;
E o ar, que circula girando incessante,
Repete os suspiros só filhos do amor.

Em vão taes suspiros, tão tristes endeixas,
Pezares tão fundos são todos em vão;
Ninguem os escuta carpidos ou queixas
Vae tudo sumindo na etherea soidão.

E os anjos que outr'ora viveram de amores,
Gozaram delicias de extremos sem par,
Saudosos relembram seus tempos melhores
E têm por consolo seu triste chorar.

E o pranto saudoso dos olhos vertido
Converte-se em chuva de fino crystal;
Procura das flores o calix querido,
Recahe sobre as plantas do monte ou do val.

Machado de Assis

V. biog. na—Primeira Parte—pag. 5

—

MORTE DE A. GONÇALVES DIAS

» Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da matta, suspirae commigo!

« A grande a agua o levou como invejosa.
Nenhum pé trilhará seu derradeiro

Funebre leito ; elle repousa eterno
Em sitio onde nem olhos de valentes,
Nem mãos de virgens poderão tocar-lhe
Os frios restos. Sabiá da patria
De longe o chamará saudoso e meigo,
Sem que elle venha repetir-lhe o canto.
Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros !
Virgens da matta, suspirae commigo !

Elle houvera do Ybarke o dom supremo
De modular nas vozes a ternura,
A cholera, o valor, tristeza e magua,
E repetir aos namorados echos
Quanto vive e reluz no pensamento.
Sobre a margem das aguas escondidas,
Virgem nenhuma suspirou mais terna,
Nem mais válida a voz ergueu na taba,
Suas nobres acções cantando aos ventos,
O guerreiro tamoyo. Doce e forte,
Brotava-lhe do peito a alma divina.
Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros !
Virgens da matta, suspirae commigo !

Coema, a doce amada de Itajuba,
Coema não morreu ; a folha agreste
Póde em ramas ornar-lhe a sepultura,
E triste o vento suspirar lhe em torno :

Ella perdura, a virgem dos Tymbiras.
Ella vive entre nós. Airosa e linda,
Sua nobre figura adorna as festas
E enflora os sonhos dos valentes. Elle,
O famoso cantor quebrou da morte
O eterno jugo ; e a filha da floresta
Ha de a historia guardar das velhas tabas
Inda depois das ultimas ruinas.
Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros ;
Virgens da matta, suspirae commigo !

O piaga, que foge a estranhos olhos,
E vive e morre na floresta escura,
Repita o nome do cantor ; nas aguas
Que o rio leva ao mar, mande-lhe ao menos
Uma sentida lagrima, arrancada

Do coração que elle tocára outr'ora,
Quando o ouvio palpitar sereno e puro,
E na voz celebrou de eternos carmes,
Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da mata, suspirae commigo!

Luiz Guimarães

V. biog. na—Primeira parte—pag. 174

—

FÓRA DA BARRA

Já vamos longe... Os morros bemfazejos
Mettem na bruma os cimos alterosos...
Ventos da tarde, ventos lacrimosos,
Vós sois da patria os derradeiros beijos!

As alvas plagas, os profundos brejos
Ficam além, além! Adeus, gostosos
Tormentos do passado! Adeus, oh gozos!
Adeus, oh velhos e infantis desejos.

Na fugitiva luz do sol poente
Vae-se apagando, ao longe, tristemente,
Do Corcovado a magestosa serra.

O mar parece todo um só gemido...
E eu mal sustenho o coração partido,
Oh terra de meus paes! Oh minha terra!

OLAVO BILAC

Noticia bio-bibliographica na—Primeira parte—pag. 43

—

A GONÇALVES DIAS

Celebraste o dominio soberano
Das grandes tribus, o tropel fremente
Da guerra bruta, o entrechocar insano
Dos tacapes vibrados rijamente;

O maracá e as flechas, o estridente
Troar da inubia, e o kanitar indiano
E, eternisando o povo americano,
Vives eterno em seu poema ingente.

Estes revoltos, largos rios, estas
Zonas fecundas, estas seculares
Verdejantes e amplissimas florestas

Guardam teu nome: e a lyra que pulsaste
Inda se escuta, a derramar nos ares
O estridor das batalhas que contaste.

—

OUVIR ESTRELLAS

— Ora (direis) ouvir estrellas! Certo
Perdeste o senso!—E, eu vos direi, no emtanto,
Que, para ouvil-as, muita vez desperto
E abro as janellas, pallido de espanto...

E conversamos toda a noite, emquanto
A via lactea, como um pallio aberto,
Scintilla. E, ao vir o sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora:—Tresloucado amigo!
Que conversas com ellas? Que sentido,
Tem o que dizem, quando estão comtigo?

E eu vos direi:—Amae para entendêl-as,
Pois só quem ama póde ter ouvido,
Capaz de ouvir e de entender estrellas.

—

A' MINHA MÃE

Sei que um dia não ha (e isso é bastante
A esta saudade, mãe!) em que a teu lado
Sentir não julgues minha sombra errante,
Passo a passo a seguir teu vulto amado.

— Minha mãe! minha mãe!—a cada instante
Ouves. Tornas, em lagrimas banhado
O rosto, conhecendo soluçante
Minha voz e meu passo costumado.

E sentes alta noite no teu leito
Minh'alma na tua alma repousando,
Repousando meu peito no teu peito...

E encho os teus sonhos, em teus sonhos brilho,
E abres os braços, tremulos, chorando,
Para nos braços apertar teu filho.

ADELINA LOPES VIEIRA

—

LISBOA — 1850

Filha do nosso meio literario, em que sempre tem vivido, ligada á nossa terra pelos laços mais caros, Adelina Lopes Vieira tem jus de ser contemplada em nossa *Anthologia Brasileira.*

O seu primeiro livro de versos, *Margaritas*, prefaciado por Thomaz Ribeiro, foi uma auspicio estréa. Alem dos *Contos Infantis*, livro para crianças de collóboração com sua irmã Julia, publicou mais a distincta poetisa os contos *Destinos*, edição da casa Laemmert.

A notavel escriptora, que é tambem educadora e preceptora da mocidade, apesar do arduo trabalho de ensinar crianças, a que se dedica com amor e carinho e que lhe toma o maior do tempo, ainda encontra occasião para se dedicar ás letras.

Adelina tem em preparação um livro de sonetos. ***Anoitece,*** titulo do soneto inicial, o mesmo que publicamos; ***Agora e Sempre,*** livro de contos, ***A virgem de Murillo,*** drama em verso; livro de leitura da ***Serie Materna, As duas dores,*** drama e a ***Grève dos Ferreiros,*** traduzido de François Coppée.

—

ANOITECE

Véu de tristeza terra e céus invade,
De espaço a espaço, ave agoirenta pia!
O orvalho chora e, em lenta suavidade,
Badalla o sino ao longe—Ave Maria!

Ave Maria! essa hora em que à saudade
Da luz, se junta o horror da treva fria,
Tão cheia de mysterios e anciedade,
Tão repassada de melancolia!

Cheguei tambem da vida a essa hora triste,
Crepusculo em que o sol já não existe,
Em que a luz da illusão desapparece...

Horas ardentes em que o sol fulgura,
Horas de amor, de gloria, de ventura,
Dia, porque me foges? Anoitece...

Narcisa Amalia

—

ESTADO DO RIO — S. JOÃO DA BARRA

Inspirada poetisa fluminense, Narcisa Amalia publicou um livro de versos, ***Nebulosas,*** recebido com palmas pelos centros literarios do nosso paiz.

As ***Nebulosas*** trazem um prefacio encomiastico de Pessanha Povoas, que considera a poetisa como um dos mais formosos talentos entre as cultoras do verso no Brasil.

—

SADNESS

Meu anjo inspirador não tem nas faces
A tintas coralinas da manhã ;
Nem tem nos labios as canções vivaces
Da cabocla pagã !

Não lhe peza na fronte deslumbrante
Coroa de explendor e maravilhas,
Nem rouba ao nevoeiro fluctuante
As nitidas mantilhas.

Meu anjo inspirador é frio e triste
Como o sol que enrubece o céu polar !
Trahe-lhe o semblante pallido—do anthiste
O acerbo meditar !

Traz na cabeça estemma de saudades,
Tem no languido olhar a morbideza ;
Veste a clamyde eril das tempestades,
E chama-se :—Tristeza!

Adelino Fontoura

MARANHÃO

Um dos mais delicados cultores do verso que temos possuido, lyrico em toda a extensão da palavra, Adelino, filho da Athenas brasileira, destinado á carreira commercial, deixou o negocio para se fazer actor, e veio para o Rio de Janeiro, onde, como nos diz Arthur Azevedo, *não foi nunca outra cousa senão jornalista.*

Trabalhou com Arthur Azevedo na *Gazetinha*, teve parte na redacção de varios jornaes cariocas e, por fim, foi mandado para Paris por José do Patrocinio como correspondente da *Gazeta da Tarde.*

Adelino Fontoura, quando regressava ao Rio de Janeiro, morreu em Lisboa, num quarto particular do hospital de S. José, tendo sido sepultado no cemiterio dos Prazeres.

Os seus explendidos sonetos, publicados na imprensa do Rio de 1878 a 1881, consta-nos, vão ser editados pelo seu conterraneo, confrade e amigo, Arthur Azevedo.

CELESTE

E' tão divina a angelica apparencia
E a graça que illumina o rosto della,
Que eu concebera o typo da innocencia
Nessa criança immaculada e bella.

Peregrina do céu, pallida estrella,
Exilada da etherea transparencia,
Sua origem não póde ser aquella
Da nossa triste e misera existencia.

Tem a celeste e ingenua formosura
E a luminosa aureola sacrosanta
De uma visão do céu, candida e pura;

E, quando os olhos para o céu levanta,
Inundados de mystica doçura,
Nem parece mulher, —parece santa.

CASTRO LOPES

—

RIO DE JANEIRO — 1837

O Dr. Antonio de Castro Lopes, erudito professor, poeta e philologo, é formado em medicina pela faculdade do Rio de Janeiro e exerceu o magisterio, com proveito para a mocidade, no collegio Pedro II.

E' notavel latinista.

Foi funccionario publico e representante do povo fluminense na assemblèa provincial. Como medico, segue a homeopathia.

E' escriptor emerito, conhecendo profundamente a lingua vernacula, a cujo estudo se tem dedicado sempre desde que se dedicou ao magisterio. E' poeta correcto : os seus versos têm sentimento.

Tem publicado, alem de outras, as obras : *Abamaocara*, tragedia: *Zig-Zags*, artigos humoristicos no *Jornal do Commercio*, *Episodio de Ignez de Castro*, de Camões, traduzido em versos hexametros latinos e tambem das *quatro primeiras oitavas do canto primeiro dos Luziadas*: *Novo systema de estudar a lingua latina*; tres volumes de theatro: *Musa latina*, versão de algumas lyras de Gonzaga; *Ressurreições*, versos: *Memoria sobre a possibilidade e conveniencia da suppressão dos annos bisextos* : *Um sonho astronomico* : *Diccionario classico latino portuguez*: *Neologismos* : etc. etc.

—

AVE, AURORA! (*)

Salve, Aurora! eia, refulge!
Eia, anima valles, montes!
Hymnos, canta, ó Philomela,
Hymnos, vós, aves insontes!

Quam pura, quam pudibunda,
Es tu, aura formosa!
Diffunde odores suaves,
Divina, purpurea rosa!

Eia, surge, vivifica
Pendentes ramos, aurora!
Aureos fulgores emitte,
Pallidas messes colora!

Matutina aura, mitiga
Solares, nimios ardores;
Inspira gratos Favonios,
Euros, Zephyros protectores.

Eóa, Tithonia Diva,
Fecundos campos decora,
Canoras aves excita,
O' serena, bella aurora!

Protege placidos somnos,
Inquietas mentes tempera,
Duras procellas dissipa,
Terras, flores refrigera.

Extingue umbrosos vapores,
O' sol, ó divina flamma!
Lucidas portas expande,
Tristes animos inflamma!

Salve, aurora! eia, refulge!
Eia, anima valles, montes!
Hymnos canta, ó Philomela,
Hymnos, vós, aves insontes!

(*) Esta poesia lê-se ao mesmo tempo em portuguez e em latim. Foi feita para mostrar o quanto se approxima o idioma vernaculo da lingua—mãe.

Rozendo Moniz

BAHIA—1845—1897

Rozendo Moniz Barreto, formado em medicina, serviu no Paraguay durante a guerra, voltando em 1868.

As composições de Rozendo Moniz têm verdadeiro sentimento poetico; nellas vibra uma alma cheia de nobres e puros ideaes.

Elle publicou, alem de outros, os livros: *Cantos da Aurora*, versos; *Vôos Icarios*, idem; *Favos e Travos*, romance; *Preito a Camões* (verso e prosa), *José Maria da Silva Paranhos*, Visconde do Rio Branco, *esboço biographico de Moniz Barreto, o repentista*, estudo biographico e literario sobre o improvisador bahiano, seu progenitor.

Ha varias theses de concurso, escriptas para obter a cadeira de philosophia do antigo collegio Pedro II, de onde Rozendo Moniz foi afinal lente.

O estudo sobre o repentista bahiano, pelas muitas informações que traz, pelos subsidios que colleccionou, pelo seu valor intrinseco mesmo, é uma formosa obra, a melhor e a que mais gloria traz ao esclarecido espirito que se chamou Rozendo Moniz.

—

TESTAMENTO

A fugir da velhice ao jugo, mais me apego
A' idéa de que em breve a morte a horror tão lento
Me arrancará. Portanto, avío o testamento :
— Deixo o meu corpo á terra ; a Deus minh'alma entrego.

Aos grandes deste mundo o exiguo espaço lego
Que occupo, e donde agora os não avisto. Ao vento
Deixo quanto escrevi sem arte e pensamento,
Para satisfazer o orgulho—pobre cego !

Aos devedores máus, deixo o perdão de offensas.
Do que devo á mulher (que dividas immensas !)
Deixo em paga illusões a que hei vivido preso.

Não tenho que legar á patria minha amada;
Deixo aos vates noveis, o exemplo do meu nada;
Aos detractores deixo intermino despreso.

Mucio Teixeira

—

RIO GRANDE DO SUL—PORTO ALEGRE—1858

Poeta que se revelou na puericia, Mucio Scœvola Lopes Teixeire publicou aos quinze annos o seu primeiro livro de versos, *Voses tremulas;* de então para cá tem publicado mais vinte duas obras literarias, muitas das quaes têm tido as edições esgotadas totalmente.

Entre outros muitos, lembramo-nos dos seus livros: ***Fausto e Margarida***, poema, ***Cerebro e Coração; Fausto, O gaúcho***; ***Os inconfidentes, O filho do banqueiro***, drama; ***Novos ideaes***, versos, etc.

Tem collaborado em quasi todos os orgãos da imprensa carioca e em outros provincianos e foi o fundador d'***O Novo Mundo***, que manteve por muito tempo.

Serviu como secretario do governo da então provincia do Espirito Santo, tendo sido nomeado em 1888 consul geral em Venezuela.

Mucio Teixeira, que é condecorado com a gran-cruz da ordem do ***Libertador Bolivar*** e com a commenda de Isabel, a Catholica de Hespanha, é membro de varias instituições literarias e scientificas de França e da Hespanha.

—

AS MÃES

O' Mães! da Mãe de Deus vós despertaes lembranças,
Nessa augusta missão, tão cheia de poesia;
Quando embalaes ao collo as timidas creanças,
Eu penso ver Jesus nos braços de Maria!

Vós sois uns anjos bons! de amor e de piedade
Tendes um ninho em flor nos seios virtuosos;
Nos filhos reflectis a vossa f'licidade,
Como um limpido espelho—os corpos luminosos.

Vós sois a inspiração primeira dos poetas,
Vós sois o pensamento extremo dos doentes...
Quem antes osculou a fronte dos prophetas,
Vindo a cerrar mais tarde os olhos dos videntes?

O' Mães! de minha Mãe vós me trazeis lembranças...
Encheis-me de saudade!... Eu amo-vos por isto...
Quando embalaes, cantando, aos seios as creanças,
Eu sonho ver Maria acalentando o Christo!...

Meu Deus ! não sei dizer o que ha de mais ungido
De balsamo do céu... se ha mais sublime cousa
Que a Mãe que embala ao berço o filho adormecido,
Ou se o filho que reza ante á materna lousa!

Dos *Novos Ideaes*.

LUIZ MURAT

ESTADO DO RIO—ITAGUAHY—1861

Bacharel em direito. Poeta e jornalista, tem redigido muitos jornaes e collaborado assiduamente em outros.

Como poeta, é dos mais estimados. O seu livro, publicado em duas partes, *Ondas*, foi bem recebido pelos criticos : a sua apparição foi um acontecimento literario.

Foi secretario do governo do Estado do Rio na administração Portella e fez parte da Constituinte brasileira, como representante do mesmo Estado.

Tomou parte na revolta de 6 de Setembro; reconhecidos, depois os intuitos monarchistas do movimento, entregou-se ao governo, e, sendo preso na ilha das Enxadas, foi depois mandado para o Paraná, onde, tendo respondido ao jury, em Curitiba, foi unanimimente absolvido, em 20 de Fevereiro de 1895.

JUNTO A UMA FLOR

Esses sonhos de amor que a alma entontecem
Como se fossem taças de champagne,
Porque dos corações desapparecem
Antes que o sol as serranias banhe ?

Porque a esperança, com as flores, cresce
Para morrer logo que morre o dia ?
Ah ! se a flôr que colhemos escrevesse,
Que cousas bellas não escreveria ?

Se o beija-flôr—o unico ser que falla
A linguagem das flores—nos fallasse,
Se a dor que o nosso coração exhala,
O coração do passaro exhalasse ;

Quanta poesia aos olhos das estrellas!
Quantas chimeras fugitivas, quantas!
E a gente, como rosas, a colhel-as
No coração—das aves e das plantas—

Ondas, 1890.

Guimarães Passos

ALAGOAS, MACEIÓ—1867

Sebástião de Guimarães Passos é o auctor dos *Versos de um Simples*, uma das mais mimosas collecções de versos que se têm publicado entre nós.

Começou muito cedo a terçar armas no campo das letras; na provincia, com 18 annos, já collaborava nos jornaes. Na Capital da Republica, onde se acha desde 1886, tem escripto em quasi todos os orgãos de publicidade e é, ha muitos annos, collaborador effectivo da *Gazeta de Noticias*, o jornal mais bem escripto que possuimos.

Tendo tomado parte na revolta de 6 de Setembro, teve de exilar-se em Buenos-Ayres, para não ser preso.

E' um formoso talento.

Pertence á Academia Brasileira de Letras.

TEU LENÇO

Esse teu lenço que possuo e aperto
De encontro ao peito quando durmo, creio
Que hei de mandar-t'o um dia, pois roubei-o,
E foi meu crime em breve descoberto.

Lucto, porém, a procurar quem certo
Póde servir-me nisto de correio;
Tu nem sabes que grande é o meu receio!
Se em caminho te fosse o lenço aberto...

Porêm, ó minha vivida chimera,
Fita as bandas que eu moro, fita e espera,
Que emfim verás, em tremulos adejos,

Em cada ponta um beija-flor pegando,
Ir pelo espaço o lenço teu voando
Pando, enfunado, concavo de beijos.

OSORIO DUQUE-ESTRADA

—

ESTADO DO RIO—PATY DO ALFERES—1870

Cultor consciencioso da lingua, que trata com amor, Osorio-Duque-Estrada é poéta de merecimento—Bacharelou-se em letras no Collegio Pedro II, começou o curso de direito, que abandonou em 1892, quando foi nomeado secretario da Legação Brasileira no Paraguay, onde chegou a ficar como encarregado de negocios.

Tem escripto em quasi todos jornaes fluminenses e collaborou no *Diario Popular,* de S. Paulo.

E' Inspector Geral de Ensino no Estado do Rio.

Tem publicado as seguintes obras: *Alveolos*, versos dos 16 annos, prefaciados por Sylvio Romero, edição esgotada; *Questões de Portuguez* e *Noções Elementares de Grammatica Portugueza.*

As letras tem muito a esperar das aptidões e talentos de Osorio-Duque-Estrada.

—

AS CREANÇAS

(INEDITO)

Com a candura e a meiguice
Nas finas faces rosadas,
São flores da meninice
Apenas desabrochadas.

O mundo e a vida povoando
Com os seus gorgeios suaves,
Chilreiam tontos e em bando
Com a garrulice das aves.

O enthusiasmo as levanta
Como um turbilhão de palmas,
E a esperança nellas canta
Como canta em nossas almas.

Canto, aroma, luz e amores!
Por isso, adoro as creanças
Como se adoram as flores
As aves e as esperanças!

B. LOPES

ESTADO DO RIO — RIO BONITO—1859

Bernardino da Costa Lopes, inspirado poeta, lyrico mavioso, é no genero descriptivo, em que prima, um dos mais distinctos cultores do verso da actualidade, no Brasil.

Não tendo podido cursar mais do que as aulas primarias da escola publica da então villa do seu nascimento, B. Lopes conseguio, entretanto, a posição de 1º Official do Correio Geral, devido isso á sua tenacidade e esforços.

O vate-fluminense tem publicado, entre outros, os seguintes livros de deliciosos versos: *Chromos*, *Pizzicatos*, *D. Carmen*, *Brazões*, *D. Flor*, etc. que todos se tornam notaveis pela delicadeza e ainda pela viveza e verdade dos quadros que desenham.

A critica competente assignalou ao distincto poeta um logar de honra entre os seus pares.

VAS HONORABILIS

Urna de castidade, arca de alliança
Das almas limpas, para o bem voltadas,
Mensageira da paz, de azas nevadas,
Trazendo ao bico o ramo da esperança;

Virgem de olhos ceruleos de criança
—Oh! minhas duas ambulas sagradas!—
Desce da Gloria as sideraes escadas,
Minha Nossa Senhora da Bonança!

Entrem pelos mais pobres dos casebres
As doces, brancas, pequeninas lebres
De teus pés—mimo do Divino Artista:

Tem só bençãos na mão e o collo cheio
De indulto e graças, a que traz no seio
O cordeirinho de S. João Baptista!

Magalhães de Azeredo

RIO DE JANEIRO—1871

Poeta inspirado, que delicia e encanta pela suave delicadeza do seu verso correcto e mavioso, Magalhães de Azeredo é ainda prosador de igual merecimento. Os seus contos, colleccionados sob o titulo de *Alma primitiva*, são productos de fina observação, bem cuidados, quer no que diz respeito á lingua, quer na parte propriamente literaria.

A sobriedade e elegancia de estylo são qualidades dos contos de Magalhães de Azeredo.

O seu livro de versos, *Procellarias*, foi recebido entre nós e em Portugal no meio dos mais ruidosos applausos.

Magalhães de Azeredo tem collaborado na imprensa da Capital Federal e tem sido assiduo collaborador da *Revista Brasileira*, onde publicou o bellissimo conto *Natal de Fr. Guido*, um primor de concepção, de estylo e de forma.

Magalhães de Azeredo pertence á Academia Brasileira de Letras.

DUAS DADIVAS

Da tua planta querida,
Do teu jasmineiro agreste,
Que hoje novas galas veste,
Deste-me a primeira flor.

Do teu coração, que á vida
Se abre em plena primavéra,
Noiva que a minha alma espera,
Deste-me o primeiro amor.

A flor do teu jasmineiro,
Ao ar e ao sol fenecendo,
Por mais que a zelo e defendo,
Vae morrer, morrendo está.

Mas o teu amor primeiro,
Que de todo o mal me abriga,
Dize, minha doce amiga,
Que esse nunca morrerá!

NARRAÇÕES E ALLEGORIAS

A. Gonçalves Dias

V. biog na—Primeira parte—pag. 225.

—

A CONCHA E A VIRGEM

Linda concha que passava,
Boiando por sobre o mar,
Junto a uma rocha onde estava
Triste donzella a pensar,

Perguntou-lhe: — « Virgem bella,
Que fazes no teu scismar? »
— « E tu, pergunta a donzella,
Que fazes no teu vagar? »

Responde a concha: — « Formada
Por estas aguas do mar,
Sou pelas aguas levada,
Nem sei onde vou parar! »

Responde a virgem sentida,
Que estava triste a pensar;
— « Eu tambem vago na vida,
Como tu vagas no mar! »

« Vaes de uma a outra das vagas,
Eu de um a outro scismar;
Tu, indolente, divagas,
Eu soffro triste a cantar. »

Vaes onde te leva a sorte,
Eu, onde me leva Deus;
Buscas a vida, eu a morte;
Buscas a terra, eu os céus!

Castro Alves

Noticia bio-bibliographica á pag. 329.

VOZES d'AFRICA

Deus ! ó Deus ! onde estás, que não respondes ?
Em que mundo, em que estrella tu te escondes,
Embuçado nos céus ?
Ha dois mil annos te mandei meu grito,
Que em balde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus ?

Qual Prometheu, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
Infinito galé !...
Por abutre—me deste o sol ardente !
E a terra de Suez foi a corrente
Que me ligaste ao pé...

O cavallo estafado do Beduino
Sob a vergasta tomba resupino,
E morre no areal !
Minha garupa sangra—a dôr poreja,
Quando o chicote do *simoun* dardeja
O teu braço eternal !

Minhas irmãs são bellas, são ditosas...
Dorme a Asia nas sombras voluptuosas
Dos *harens* do Sultão...
Ou no dorso dos brancos elephantes
Embala-se, coberta de brilhantes
Nas plagas do Indostão !

Por tenda—tem os cimos do Himalaya...
O Ganges amoroso beija a praia,
Coberta de coraes...
A brisa de Misora o céu inflamma ;
E ella dorme nos templos do deus Brahma,
— Pagodes colossaes...

Europa—é sempre Europa, a gloriosa!...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
Rainha e cortezan!
Artista—corta o marmor de Carrara;
Poetisa—tange os hymnos de Ferrara,
No glorioso afan!...

....

Mas eu, senhor!... Eu triste, abandonada,
Em meio dos desertos, esgarrada,
Perdida, marcho em vão!
Se choro... bebe o pranto a areia ardente!
Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente,
Não descubras no chão!

E nem tenho uma sombra na floresta
Para cobrir-me, nem um templo resta
No solo abrasador...
Quando subo ás pyramides do Egypto,
Em balde aos quatro céus, chorando, grito:
« Abriga-me, Senhor! »

Como o propheta em cinza a fronte envolve,
Velo a cabeça no areal que volve
O siroco feroz...
Quando eu passo no Sahara amortalhada,
Ai! dizem: « La vae Africa embuçada
No seu branco albornoz... »

Nem vêem que o deserto é meu sudario,
Que o silencio campeia solitario
Por sobre o peito meu!
Lá, no solo onde o cardo apenas medra,
Boceja a Sphinge collossal de pedra,
Fitando o morno céu...

De Thebas nas columnas derrocadas,
As cegonhas espiam, debruçadas,
O horizonte sem fim...
Onde branqueja a caravana errante
E o camello monotono, arquejante,
Que desce do Ephraim...

Não basta inda de dôr, ó Deus terrivel ?!...
E', pois, teu peito eterno, inexhaurivel
De vingança e rancor ?
E o que é que fiz, Senhor ?! que torvo crime
Eu commetti jamais, que assim me opprime
Teu gladio vingador ?!

Foi depois do diluvio... Um viandante,
Negro, sombrio, pallido, arquejante,
Descia do Ararat...
E eu disse ao peregrino fulminado :
« Chan, serás meu esposo bem amado,
Serei tua Eloá...

Desde esse dia o vento da desgraça
Por meus cabellos ululando passa
O anathema cruel ;
As tribus erram do areal nas vagas
E o nomada faminto corta as plagas,
No rapido corcel.

Vi a sciencia desertar do Egypto...
Vi meu povo seguir—Judeu maldito—
Trilho de perdição...
Depois vi minha prole desgraçada
Pelas garras d'Europa—arrebatada,
— Amestrado falcão !...

Christo ! embalde morreste sobre o monte...
Teu sangue não lavou da minha fronte
A mancha original !
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos—alimaria do Universo...
Eu—pasto universal !

Hoje em meu sangue a America se nutre :
— Condor que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão !
Ella juntou-se ás mais... irmã trahidora !
Qual de José os vis irmãos, outr'ora,
Venderam seu irmão !...

Basta, Senhor! De teu potente braço
Role atravez dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus!
Ha dois mil annos eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá do infinito,
Meu Deus! Senhor, meu Deus!...

JOAQUIM NORBERTO

V. not. bio-bibliographica na—Primeira parte—á pag. 248.

—

O PRISIONEIRO

....Em guerra tanta,
Com os seus Carijós o Belga espanta
Fr. Sta. Rita Durão— *O Caramurú.*

Da batalha era o dia; no Oriente
A aurora reluziu;
Da Carijó e da Tapuya gente
O campo se cobriu.

A fera inubia nas de Hybiapaba
Montanhas echoou,
E o pleito em que o valor se ufana e gaba
Asinha se travou.

E arcos mil se curvam, flechas voam
Gemendo pelo ar;
Soam ais de pavor, de morte soam,
O horror a realçar.

E o valor dos Tapuyas indomados
Consegue repellir
Os doceis Carijós, que derrotados,
Começam de fugir.

Exultamos Tapuyas, que a victoria
Por fim se declarou;
E um prisioneiro só por tanta gloria!
Após elle marchou.

E o triste prisioneiro encadeiado
Em horrida prisão,
Inteiros annos passa contristado,
Chorando a condição.

« — Porque, Tupá, eu não morri guerreiro,
Já farto a batalhar?
Fui vencido na guerra, e prisioneiro
Aqui devo acabar.

« Que me importa com essa companheira,
Que vive junto a mim,
Se o filho que me deu terna e fagueira,
Terá commigo fim?

« Atado á *mussurana*, do *tacápe*
Aos golpes cahirei,
E ensanguentado, sem que o filho escape
Com elle morrerei!

« Porque, Tupá, eu não morri guerreiro
Já farto a batalhar?
Fui vencido na guerra, e prisioneiro
Aqui devo acabar! — »

Calou-se, e ao filho prodigando abraços,
Tristonho suspirou;
E na rede co'o tenro filho em braços
Ligeiro se lançou.

E' noite! A lua envolta em negra manta,
Transmitte a tudo horror,
E nas tábas tapuyas se levanta
Um brado de clamor.

« — Alerta! Alerta! — Sus! que o prisioneiro
Já lá fugindo sae! — »
Porém baldio esforço! Incendio arteiro
Lavrando em tudo vae!

E um bello dia os Bátavos armados
Goyana vem cercar,
E o imbecil povo despiedosos brados
Começa de chorar.

Pernambucana gente eis vem com brilho
Se oppôr ao invasor;
Guia-o do prisioneiro o excelso filho,
Valente lidador.

Vomitam morte em chuvas de metralha
Os bronzicos canhões,
E o pallido terror por terra espalha
Contrarios batalhões.

— « Victoria! E' vencedor! Rufae, tambores!
Trombetas, retini!
Abatei-vos, bayonetas de invasores!
Pendões, cahi, cahi! »

Curvae-vos ante o heroe victoroso,
O' Bátava nação!
Saudae do prisioneiro o filho honroso,
O invicto Camarão!

Fagundes Varella

V. biographia á pag. 312

—

LAZARO

. . . .
Trinta dias passaram-se. Minh'alma,
Como a lagôa estagnada, impura,
Se repouso fruia, era o repouso
Da podridão, da lama; era o socego
Do que não pode se agitar, e existe
Porque o Nada é impossivel; e na Morte
A propria vida occulta-se sophistica,
E silente se incuba. Cada dia
Um escravo depunha-me o alimento
Do meu negro covil á exigua porta,
E mudo se afastava. Meus vestidos,
Os trastes de meu uso eram puxados

Com asco e nojo á ponta de uma vara ;
Se novos me traziam, necessario
Me era buscal-os pelo chão, de rasto,
Como um velho rafeiro. Nem um gesto,
Uma palavra ao menos me diziam
Os meus austeros guardas,—E Lucilia?
E seu pae?— O silencio dos sepulchros
Era a resposta unica que eu tinha !
Eu dormitava um dia escuro somno
Pesado, bestial, quando o contacto
De frio e aspero corpo, acompanhado
De uma indizivel sensação de nojo,
Acordou-me de subito. Sentei-me,
Levei a mão á perna, onde sentira
O toque repulsivo e entre os meus dedos
Senti correr a cauda grossa e lisa
De volumosa cobra. Dei um salto,
Tomei um pau. Sereno, voluptuoso
Mollemente ondeando, o monstro enorme
Atravessava o chão, ledo dobrando
As lustrosas escamas auri-verdes,
Como dois raios pela noite escura,
A memoria surgiu e a intelligencia
Nesta pobre cabeça, onde morava
A morna estupidez. Deixei de novo
O bastão que tomára e palpitante
De alegria feroz, arremessei-me
De um salto ao reptil! Oh! sê bemdicto!
Tu, que appareces como a vella amiga
Ao naufrago infeliz! —bradei, tentando
Retel-o pelo collo, e no emtanto
Elle esquivou-se, sacudiu-se rapido,
E o canto procurando, introduziu-se
Em funda, escura fresta. Ah! tu me foges!
Tu tambem, murmurei, e um negro plano
Passou-me pelo cerebro: — São rijos,
Fortes estes portaes, disse commigo,
E os ossos de meu craneo debeis, frageis;
Vejamos... e passando as mãos ardentes
Na fronte suarenta, contemplava
Cobiçoso os portaes, quando uma sombra
Entre elles projectou-se. Dei um passo
Ligeiro para traz. Uma figura

A meus olhos mostrou-se:—era Lucilia!
Era Lucilia, e quão mudada estava!
Soltas as tranças, descorado o rosto,
Os bellos olhos humidos de prantos,
Cercados dessas orlas violaceas,
Que as vigilias denotam, me diziam
Quanto haviam soffrido! De joelhos
Arrojei-me a seus pés — Anjo, perdoa-me!
Murmurei entre lagrimas ardentes.
Ella estendeu-me tristemente os braços,
E disse suspirando: — Eu perdoar-te?
O que me has feito, dize? Antes perdoa-me
Tu, que eu abandonei na desventura,
Tu, que eu devera acompanhar nos transes
Os mais negros da vida!—Ah! pobre martyr!
Exclamei, tambem soffres as dores
De um cruciato horrendo! Tambem gemes!
Banhas tambem de sangue a infausta senda!
Onde sorriam tão gentis outr'ora
As rosas sem iguaes da mocidade!
Perdoa-me! perdoa-me!—Não sabes,
Ella continuou, que de martyrios
Eu tenho padecido! oh! quantas vezes
Não tentei vir fallar te! quantas supplicas
Não empreguei para alcançar ao menos
A graça de te ver! Agora mesmo...
— Basta! bradei.—Escuta: neste instante,
Agora que aqui estamos:—Basta! basta!
Eu sei de tudo!—Bem! meu pae me veda,
Prohibe-me de ver-te e de fallar-te,
De te vir procurar! Sahi a furto.
Enganei-lhe o cuidado, a vigilancia.
— Não prosigas, lhe eu disse, quando a sorte
Colmou-me de favores e venturas,
Quando a gloria, a saude me cercavam,
Quanta dedicação! Quantos protestos
Da parte de teu pae! Hoje, que pesa
Sobre minha cabeça a mão do Eterno,
Deixa-me!... parte tu tambem; não quero
Sacrificios forçados! Poucos dias
Me restam de existencia; és moça e bella;
Quando eu tiver morrido, pressuroso
Teu pae procurará quem mais te adore,

Quem mais... Ella atirou-se ao meu pescoço,
Reclinou em meu seio a fronte branca,
E disse soluçando:—Eu não mereço
Que me falles assim, não! Tu bem sabes
Quão fundo é o meu affecto! Volve os olhos
A dez annos passados, a dez annos
De constancia, de amor e de firmeza!
Volve os olhos aos tempos inditosos,
Em que nossa união seria um crime
Aos olhos de meu pae! Ai! dize, dize,
Por ventura enganei-te? Por ventura
Não era eu livre? não podia ao menos
Teus votos regeitar? —Estas palavras
Foram como o sereno da alvorada
Sobre um deserto ardente. A luz divina
Illuminou-me o cerebro, uma idéa
Grande, sublime, appareceu-me n'alma,
E eu fallei a Lucilia:—Anjo celeste,
O tempo da illusão passou-se; agora
Só temos a verdade, fria, nua,
Sem atavios e brilhantes pompas.
Nossa estrella apagou-se; o laço estreito,
Que nesta vida nos prendia, é rôto;
Nada mais tenho neste mundo, nada!
Ai! a não serem as vividas lembranças,
A dorida saudade desses dias
Tão bellos que passámos! Ah! Lucilia,
Como era lindo o campo e o céu sereno,
Como cada florinha nos sorria!
E nossas almas ebrias de ventura
Como identificavam-se brilhantes
Com tudo o que era bello! e tudo é findo!
E esse mundo sublime aniquilou-se
Como a ilha formosa. que o oceano
No meio da tormenta avido engole!
De tanta maravilha, só tu restas,
Oh! estatua formosa, como a deusa
Erguida no deserto, onde soberbo.
Marmoreo templo levantou-se outr'ora!
Meu plano está traçado; um outro mundo
Começa para mim, mundo de sombras,
De poeira e de lodo!... Ai! eu não quero
Arrastar-te commigo!... Assim fallando,

Eu soluçava amargamente... Meiga,
Terna como nos tempos tão chorados
De nossos dias, ella me apertava
No seio palpitante. De repente
Eu senti tremer uma voz rude!
Chamava por seu nome.—Adeus! me disse;
Adeus! meu pae me chama! E num momento
De meus olhos sumiu-se,— Adeus! A aurora
Que amanhã despertar neste recinto
Não mais me encontrará! Adeus p'ra sempre!

Aureliano Lessa

—

MINAS — DIAMANTINA—1828—1861

Aureliano José Lessa, o companheiro e amigo, em S. Paulo, de Alvares de Azevedo e Bernardo Guimarães, formou-se alli, na academia de direito, volvendo logo depois á sua cidade natal, onde ainda conviveu com as musas. Falleceu com trinta e tres annos.

Foi poeta delicadissimo e dos mais maviosos que tem produzido a terra mineira, tão fertil em cantores lyricos, desde Claudio e Gonzaga, até Guimarães e Lessa.

Esparsas pelos jornaes do seu tempo as melodiosas composições do poeta diamantinense foram reunidas e publicadas depois de sua morte sob o titulo de *Poesias Posthumas do Dr. Aureliano José Lessa*.

—

O ECHO

Quando eu era pequenino,
Subia alegre e traquino
Da montanha ao alto pino
Para os echos escutar;
Suppondo ser uma fada
Que me falava occultada
Para ouvir sua toada
Gritava a tôa no ar.

Contava-lhe os meus amores
Meus segredo. minhas dores,
E os desejos matadores
Que eu tinha no coração;
Eu tinha amores suaves,
Meus segredos eram graves:
Sentia não ser ás aves
Que no ar voando estão.

Eu amava a nuvem lisa
Que pelo ar se deslisa,
Amava o sopro da brisa
Que beija o calix da flor.
Amava a lua encantada
Com sua cor prateada,
Ora inteira, ora cortada,
Sempre triste e sem calor.

Ouvir do echo eu queria
Todo o nome que dizia,
Mas o echo repetia
Só das palavras o fim;
De certo, o mesmo fallando,
Estava o mesmo pensando,
E o echo me confirmando,
Eu ia dizendo assim:

Se o teu amiguinho
Fiel não te enfada,
Fada,
Vem já responder-me
Com tua voz linda
Inda,
Se as cousas bonitas
Que alguns me disseram
Eram
Verdade ou mentira.
Meu peito esta tarde
Arde
Por saber se as fadas
Um bello condão
Dão

Que faz crear azas,
Que se vae volvendo,
Vendo
Jardins de outras terras,
Cheio de cheirosas
Rosas,
Ao pé de uma fonte...
Oh! isto é assim ?
Sim.
Pois, dá-me umas azas,
Quero ir á corrente,
Rente,
Ver a mãe das aguas,
Que está no profundo
Fundo,
E ver perto a nuvem
Que no céu deslisa,
Lisa:
E ver se as estrellas
São frias, ou quentes
Entes :
Se ha anjos na lua,
Se o sol tem cabellos
Bellos...
Tu, que és uma fada,
Depressa responde
Onde
Acharei taes azas ?
Eu hei de atroar
O ar,
Bemdizendo as fadas
Que o mago condão
Dão.
Oh! Tu juras dar-me
Um condão assim ?
Sim.
Adeus, boa fada,
Que o dia se esváe...
Vae.
Amanhã, as azas.
Oh! não é assim ?
Sim.

Tobias Barretto de Menezes

V. biog. na—Primeira parte— á pag. 209.

—

PARTIDA DE VOLUNTARIOS

São elles que partem... Nos olhos vermelhos
Que accende a coragem, que inflamma o valor,
São raios do Norte. Lopez, de joelhos!
'Stão quentes ainda das mãos do Senhor!

A patria chamára-os. O espectro da morte
Lançou-se adiante: puzeram-se a rir...
Chamára-os de novo: pancada mais forte
Soou-lhes no peito—quizeram partir...

Sentiram-se presos. De um impeto os laços
Rebentam-se todos dos seus corações:
Int'resses, affectos, caprichos, abraços...
— Cadeias de palha não prendem leões!

—

O JUIZO FINAL

Lança os seres ao ludibrio
De universal turbilhão,
Corta as azas do equilibrio,
E os astros tombando vão.
Sombras e sombras se agitam,
As campas mortas vomitam
Para o *Juizo Final*...
E, olhando o quadro assombroso,
Miguel Angelo orgulhoso,
Ri-se e murmura: « tal qual! »

Dias e Noites.

Pedro Luiz

ESTADO DO RIO — 1839 — 1884

Pedro Luiz Pereira de Souza foi poeta, jornalista, politico activo e orador parlamentar. Como poeta, entre outras, deixou quatro poesias celebres: *Terribilis Dea*, a *Sombra de Tiradentes*, *Voluntarios da Morte* e *Nunes Machado.*

Como politico, foi jornalista partidario, deputado, tendo chegado a ministro de Estado.

Foi da redacção do *Correio Mercantil*, em 1861; em 1862, com Lafayette e Farnese, redigiu a *Actualidade.*

Quando academico, escreveu no *Ensaio Philosophico Paulistano*, onde publicou versos, folhetins e discursos. Então a nota do enthusiasmo patriotico e civico ainda não brilhava nas suas composições, docemente lyricas.

Pedro Luiz é ainda auctor de um interessante estudo sobre as *Primaveras* do seu contemporaneo e patricio Casimiro de Abreu, trabalho que se acha appenso ao volume das obras do vate da saudade.

Formou-se em direito aos vinte e um annos.

TERRIBILIS DEA

Quando ella appareceu no escuro do horizonte,
O cabello revolto... a pallidez na fronte...
Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão,
Resplendente de sol, de sangue fumegante,
O raio illuminou a terra... nesse instante
Frenetica e viril ergueu-se uma nação!

Quem era? De onde vinha aquella grande imagem
Que turbara do céu a limpida miragem,
E de luto cobrira a senda do porvir?
De que abysmo sahiu?... Do tumulo?... do inferno?...
Póde o anjo do mal desafiar o Eterno,
Da fria sepultura o espectro resurgir?

Deixae que se levante a grande divindade!...
Seu templo é a terra e o mar; seu culto—a mortandade;
Enche-lhe o peito largo o sopro das paixões.

E' a mulher phantasma! Uma visão do Dante...
Dos campos de batalha a horrida bacchante,
Que mergulha no sangue e ri das maldições!

A deusa do sepulchro! A pallida rainha!
A morte é sua vida. Impavida caminha,
Ora grande, ora vil, nas trevas ou na luz:
A côrte que a rodeia é lugubre cohorte;
Tem gala e traja luto: é o sequito da morte,
A miseria que chora, a gloria que seduz.

Desde que o sol nasceu—nasceu aquelle espectro
De raios coroou se! Ao peso de seu sceptro
A terra tem arfado em transes infernaes!...
Do mundo as gerações tem visto em toda edade,
Sinistra—apparecer aquella divindade,
Celebrando no sangue as grandes saturnaes!

No seu olhar de fogo ha raios de loucura....
Tem cantos de prazer!... Tem risos de amargura!...
Muda sempre de céu, de rumo de pharol!
Aqui—pede ao direito a voz forte e serena;
Alli—ruge feroz, feroz como uma hyena....
Assassina na treva ou mata á luz do sol!

Levanta o gladio nú em nome da verdade,
Acorda em furia accesa á voz da liberdade...
E no punho viril derrete-se o grilhão!
Como é bella!... Depois.... sem, fé, sem heroismo,
Despedaça a justiça e atira com cynismo
A virgem liberdade aos braços da oppressão!

E' uma deusa fatal! Quer sangue e atira flores!
Abraça, prende, esmaga os seus adoradores,
Embriaga-os de gloria e os cerca de esplendor,
E estes loucos, depois de feitos de gigantes,
A tunica lhe beijam ardentes, delirantes,
E morrem a seus pés na febre desse amor!

Quando Attila—o monstro, o tigre-cavalleiro,
Espumando a correr calcava o mundo inteiro,
A Deusa o acompanhava e .... ria-se, a cruel!
Tinha a face vermelha, ardia de coragem,
Dava beijos de amor na fronte do selvagem,
Enterrando o aguilhão nos flancos do corcel!

Era ella que em Roma erguia-se funesta
O idolo do povo em sempiterna festa!
O amor de Scipião, de Cesar, de Pompeu.
Vergava com seu braço o braço do destino,
Prendeu nações e reis ao monte Palatino,
E em doida bacchanal depois desfalleceu.

Foi de Carlos, o grande a excelsa companheira;
Deu-lhe o throno de bronze, a espada aventureira,
E o globo imperial... e glorias... e trophéos;
Quando, no escuro val, Rolando moribundo
Embocava a trombeta a despertar o mundo,
Erguia o collo a deusa além dos Pyrinêos!...

Seguiu Napoleão da França até o Egypto,
Nos mares, no deserto, em busca do infinito,
Das terras do Evangelho ás terras do Koran...
Dos delirios da Europa aos sonhos do Oriente...
Teve medo afinal daquella febre ardente...
Lá no meio do mar prendeu esse Titan.

Ella estava a sorrir, serena e triumphante,
Ao pé de Farragut, o intrepido almirante,
Lá no tope do mastro, emquanto o monitor,
Em doidas convulsões, das timidas entranhas
Vomitava metralha a derribar montanhas...
E do mundo arrancava um grito de terror...

Ella estava tambem—espectro pavoroso—
Do *Amazonas* a bordo, ao lado de Barroso,
De polvora cercada, em pé sobre o convéz...
Quando, á voz do valente, o monstro foi bufando,
Calados os canhões, navios esmagando,
A deusa varonil de amor cahiu-lhe aos pés!...

Salve da guerra deusa, archanjo da batalha!
Que vôas no vapor, que ruges na metralha!
Que cantas do combate aos infernaes clarões!
Quando arrancas do bronze os canticos malditos,
O céu é fogo e aço, o ar—polvora e gritos.....
E ferve e corre o sangue em quentes borbotões!

Salve tu! que nos deste o sonho da vingança!
O gladio da justiça, o raio da esperança!
E da gloria cruenta o magico esplendor!

E' para te saudar que brame a artilharia
E que repete ao longe a voz da ventania
Das trombetas da morte o horrido clangor!...

....
....

Quando ella appareceu no escuro do horizonte,
O cabello revolto... a pallidez na fronte....
Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão,
Resplendente de sol, de sangue fumegante,
O raio illuminou a terra.... nesse instante
Frenetica e viril ergueu-se uma nação!

JOSÉ BONIFACIO (o moço)

V. noticia bio-bibliographica na — Primeira parte — pag. 200

—

O REDIVIVO

Dorme a batalhador!... porque choral-o?
Armas em funeral! Silencio, o'! bravos!
        Que a dor o não desperte!
Tão só! tão grande! sobre a terra inerte!...
A patria além... partido o coração...
Saudade immensa... immensa solidão!...

Não o despertem!—elle dorme agora,
Embalado nos braços da metralha,
        Ao troar da artilharia;
Por lençol—a bandeira; em terra fria
Tem por leito—os trophéos; por travesseiro
Tem o canhão no somno derradeiro!

Sorrindo adormeceu—a espada em punho!
A imaginar, sonhando, ouvir no espaço
        O clarim da investida!
A' cabeceira—a morte agradecida;
Aos pés—a gloria; e ao lado ajoelhada
— A patria, pobre mãe desventurada!

Segura as redeas do corcel sem dono
Formosura sinistra — olhar infindo !—
E' a deusa da guerra !
Mede os espaços, os confins da terra...
Quer despertal-o... treme!.. o passo é incerto...
Estende a mão e aponta p'ra o deserto !

Quando elle adormeceu, na mente insana
Homericas visões lhe appareceram !
Olhou fito o seu norte...
Eu sou a eternidade—disse á morte ;
Do meu ginete o pé a terra abala ;
Quando eu caminho—a viração nem falla!

E que eternas visões !—na marcha ousada,
Para saudal-o os mortos levantavam-se.
Tocavam as cornetas,
As peças disparavam nas carretas,
E, ao cabo do caminho, a doce paz
Lhe suspendia os arcos triumphaes !

Elle via, qual mar tempestuoso,
Ondas revoltas, umas após outras,
Da audaz cavallaria
As cargas, que a victoria presidia ;
E, salvando a galope a immensidade,
Dizia á morte :—eu sou a eternidade !

As montanhas se abatem, quando eu passo;
O rio inclina o dorso e me saúda,
Se me apeio em caminho !
O meu cavallo é aguia, o céu é ninho ;
A fome, a peste, a chuva, em veus de fumo,
São meus soldados, guiam-me no rumo !

E que eternas visões—em valle immenso,
A narina incendida, o peito arfando,
O ginete parava !
Eis a voragem !... Lá no fundo a lava
Que entornam os vulcões da artilharia,
E um exercito de mortos, que se erguia !

Depois nuvem de fogo... uns sons tremendos,
Um estalar de ossos... ais... mil pragas...
Uma orchestra infernal !

N'um mar de sangue o sol como fanal!
Os tambores rufando... armas quebradas...
Bandeiras rotas... retintim de espadas!

Um trovejar sem fim... um largo incendio...
Mas elle á frente, no corcel fitando
O infinito—seu norte,
Dizia á eternidade:—eu sou a morte,
Meu cavallo é o destino, o céu mortalha,
Meu braço é raio, o coração muralha!

Ao ver-me, tremulante as palmas dobra
A palmeira; estreitam-se os banhados,
O arroio nem transborda,
No firmamento azul o sol acorda!
Quem é, pergunta a noite á ventania,
Esse archanjo de luz e poesia?

E' da floresta o rei—exclama o vento;
E' o espectro do sol—affirma a estrella;
Das aguas o senhor,
Murmura o rio em cantico de amor;
E a tempestade diz: meu cavalleiro,
Tens por corcel as azas do pampeiro!

E corre, e corre... ao cabo da carreira,
Immenso boqueirão... fosso sem bordas...
Tranca-lhe o espaço—a cruz!
Em baixo, a densa treva... o cimo é luz!
Basta! —lhe brada a voz da immensidade,
A morte foi teu guia á eternidade!

Armas em continencia! E' um morto vivo!
Eil-o que passa agora erguido ao alto,
No esquife da victoria!
O Brasil o sauda! e tu, Historia,
Um poema de luz de novo escreves!
Soldados, cortejae Andrade Neves!

Machado de Assis

V. estudo biographico por Araripe Junior, na — Primeira parte—á pag. 167.

—

CIRCULO VICIOSO

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:
« Quem me déra que fosse aquella loura estrella,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela! »
Mas a estrella, fitando a lua, com ciume:

« Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
Que, da grega columna á gothica janella,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella...».
Mas a lua fitando o sol com azedume:

« Misera! Tivesse eu aquella enorme, aquella
Claridade immortal, que toda a luz resume! »
Mas o sol, inclinando a rútila capella:

« Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfara-me esta azul e desmedida umbella...
Por que não nasci eu um simples vagalume? »

Luiz Guimarães Junior

Noticia bio-bibliographica na—Primeira parte á pag. 174.

—

DO DESERTO

Quando a virgem, fugindo á lança dos sicarios
Unia ao casto seio o Redemptor bemdicto,
A noite os sorprendeu nos plainos solitarios,
Onde Memnon eleva o tronco de granito.

Nem um astro se quer da cupula divina
No profundo docel, nem um vislumbre apenas ;
Era a hora em que o vento arqueja entre a ruina,
Aos gritos do chacal e aos uivos das hyenas.

A José, cujos pés em chagas latejavam,
Sobre a areia cruel, disse a Virgem Maria:
—« Repousemos aqui » Seus braços vacillavam.
— « Seguiremos depois, quando romper o dia. »

Tacteando na sombra espessa e luctuosa,
José o roto manto ao longo desdobrava ;
E a Virgem Mãe de leve, e pallida, e medrosa,
Sobre o manto deitou Jesus, que resomnava.

—« Dorme »—disse ao esposo a Virgem brandamente;
—« Por nós o doce Pae attento está velando .»
Elle triste inclinou a fronte humildemente,
Ella aos pés de Jesus adormeceu chorando.

E sonhou.... O futuro horrifico e sangrento
Do seu loiro Senhor, do seu divino filho,
Drama de pranto e luz—veio nesse momento
Encher-lhe o coração de um pavoroso brilho.

Viu o crescer tranquillo o puro, abençoando
As negras multidões, torvas de anciedade,
Ouviu-lhe a grande voz, como um clarim lançando
Ao mundo espavorido os sons da Liberdade.

Viu-o por entre o povo inhospito e implacavel,
Forte como os heroes e—debil como as flores,
Colhendo em seu regaço, eternamente affavel,
As creanças gentis e os rudes pescadores.

Viu o sereno e nobre e firme, interpretando
Os mysterios da vida ephemera e terrena ;
E a multidão pasmada o ia acompanhando,
E sagrava-o de amor o olhar de Magdalena.

Viu-o chorar então as lagrimas primeiras,
Elle—o augusto ideal do Bem e da Ternura,
No sombrio jardim das tristes oliveiras,
Bebendo, gotta a gotta, o calix da amargura.

Viu-o depois sorrir ao beijo tenebroso
Que Judas lhe imprimiu na immaculada fronte,
Como sorri o oceano ao lenho aventuroso,
E como acolhe o raio o alcantilado monte.

Por fim o viu convulso e esqualido, arrastando
O proprio cadafalso e o lugubre sudario...
Viu-o amarrado á Cruz, viu o morrer penando,
Entre infames ladrões, no cimo do Calvario.

E Maria, a gemer, extenuada, exangue,
Despertou num soluço, e olhou: Jesus dormia;
A aurora lhe formava um nimbo cor de sangue,
E o divino Cordeiro, extatico, sorria...

FRANCO DE SÁ

—

MARANHÃO — 1836 — 1856

Antonio Joaquim Franco de Sá, poeta mavioso, morto aos vinte annos, deixou um volume de versos, publicado depois de sua morte, por seu irmão: por esse documento, vê-se que o poeta é um lyrico melodioso, deixando-se attrahir, não raras vezes, pela inspiração patriotica: então o enthusiasmo o empolgava. Não é rara a nota humoristica no seu livro.

O seu estylo é correcto, facil e simples.

—

AO DIA 7 DE SETEMBRO

Ao sopro dos ventos, ao som das cascatas,
Em leito pomposo, formado por Deus,
Um indio gigante, nascido nas mattas,
Dormia, cercado de mil pigmeus.

De zonas ardentes e frigidas zonas
O vasto colosso se estende atravez;
Reponsa-lhe a fronte no immenso Amazonas,
E as aguas do Prata murmuram-lhe aos pés.

Soffria ha tres sec'los cruel pesadelo,
E a turba de insectos, pairada ao redor,
Lançara-lhe ferros, sorrindo-se ao vel-o
Co'os olhos fechados e o corpo em suor.

E as aves que gemem, as féras que rugem,
Os ventos que zunem, os proprios fuzis,
Não quebram-lhe o somno. Crearam ferrugem
Nos pulsos tão nobres cadeias tão vis!

Sorriam-se elles!... Sem verem que o somno
Somente o retinha no mesmo logar,
Bem como o menino reputa-se dono
Da onça dormida, que o póde tragar.

Sorriam-se elles!... Sem verem que aos poucos
Nas veias o sangue fervia afinal;
No orgulho embuçados, não viam—que loucos!
Que a hora batia solemne e fatal!

Mas eis de repente surgiu no horizonte,
Qual surge nas trevas brilhante pharol,
Um dia de glorias—os valles e o monte
Enchendo de vida, banhando de sol!

Oh! hoje que raia tão limpida e calma,
Nós, filhos do Indio, saudemol-a nós.
Com rosas na fronte, com jubilo n'alma,
E o riso nos labios e o canto na voz!

Saudemol-a todos! taes dias são arcos
Na senda que ao templo da gloria conduz;
Nas eras passadas são fulgidos marcos,
Que as trevas separam de enchentes de luz!

Por ella animados, com força dobrada
A' liça da patria voemos tambem;
Se espinho e poeira tivermos na estrada,
Mais de uma coróa teremos além!

Corramos, luctemos, cingindo de louros
A fronte que bate de ardor juvenil!
Um nome leguemos aos nossos vindouros,
Cubramos de glorias o nosso Brasil!

Unidos reguemos de nossas suores
A planta—legado de avós e de paes;
Seus pomos dourados, no gosto melhores
Os ramos vergados carregue' inda mais!

E como o guerreiro, depois da victoria,
No ganho estandarte repousa por fim,
Depois das fadigas, envoltos na gloria,
Soldados da patria—durmamos assim!

Virão nossos filhos, colhendo esses pomos,
Que tornem maduros beneficos sóes,
Depôr-nos corôas, bem como as depomos
Na imagem querida dos nossos heróes.

E após venha a historia, que os feitos estampa,
Os nossos narrando com traços fiéis,
E honroso epitaphio nos grave na campa,
Cercando-a de flores e novos laureis.

Romperam mil cantos, cessaram queixumes,
Do trino das aves encheu-se o vergel,
E o prado de flores, e a flor de perfumes,
E os ramos de fructos e os fructos de mel!

Do lago e do rio, do tigre e da pomba,
Dos ventos nos troncos, da brisa na flor,
Da terra, dos ares, do mar, que ribomba,
Um hymno de bençam se eleva ao Senhor!

Aos férvidos raios do sol fulgurante,
Do hymno ineffavel ao magico som,
Do longo lethargo desperta o gigante,
Que excelso destino tivera por dom.

Desperta... e dos membros sacóde as cadeias,
Qual rija borrasca das nuvens o véu,
Qual aguia das azas sacode as areias,
Abrindo-as velozes nos campos do céu.

E á turba insensata, que ao vel-o se assombra,
Atira dos labios sorriso de dó,
Em vez de vingança, prestando-lhe sombra,
Que o sol desse dia tornára-os em pó.

Desde esse momento, sahindo da selva,
As terras demanda, que um dia verá;
Se acaso o caminho nem sempre é de relva,
Que importa—diz elle—se avanço p'ra lá?

Se ás vezes duvida, se treme, se cança,
Ao sol de setembro renasce outra vez
Nos membros a força. no peito a esperança,
E a marcha prosegue com mais rapidez.

E vendo esse dia, que tanto memóra,
Por sobre o horizonte de novo surgir,
Co'um brado espontaneo saudamos-lhe a aurora,
Honrando o passado, com fé no porvir!

Franklin Doria

—

BAHIA—1836

Franklin Americo de Menezes Doria, Barão de Loreto, politico durante o imperio (chegou a ministro de Estado) e poeta, é formado em direito por Pernambuco, e escreveu e publicou os; *Enlevos*, versos lyricos; uma traducção do poema *Evangeline*, de Longfellow; *Discursos; Estudo sobre Junqueira Freire; Questão juridica*, etc

E' escriptor correcto. As suas descripções têm vigor e vida.

Como orador, o Barão de Loreto, nas vezes que como deputado teve de fallar na camara, no antigo regimen, manifestou-se um tribuno correcto, mas sem impetos de enthusiasmo: bôa dicção e palavra facil e correntia.

O Dr. Franklin Doria pertence á Academia Brasileira de Letras.

—

APPARIÇÃO DE BEATRIZ

Qual, ao nascer do dia, o sol, no roseo oriente,
Obumbrado scintilla, atravez de vapores,
Tal. no Eden. Beatriz. numa nuvem de flores,
Entre anjos, assomou, velada, resplendente.

A' sombra da floresta excelsa, frondescente
Que primavera eterna orna de mil primores,
Dante, junto a Virgilio , após tantos terrores
A sua Beatriz torna a ver finalmente.

Estupefacto, exangue e tremulo, procura
Dizer ao fiel guia a singular ventura
Que lhe provem da bella e santa apparição.

Por effluvio subtil, que lhe transmitte a dama,
Elle reconheceu signaes da antiga flamma,
Sentiu o antigo amor lhe arder no coração.

Florença—1890.

Da *Revista Brasileira*, Março, 1899.

Bruno Seabra

—

PARÁ, 1837—1876

Bruno Henrique de Almeida Seabra, o apreciado auctor das *Flores e Fructos*, escreveu sempre sobre assumptos nacionaes, analysando costumes do povo, cuja face comica elle soube aproveitar maravilhosamente para, sobre elles, bordar suas mimosas canções lyricas, inspiradas nas scenas populares, nos quadros da natureza.

Bruno Seabra escreveu romances, varias comedias e folhetins e foi funccionario publico na então capital do imperio, no Maranhão, Paraná e Bahia, onde falleceu.

—

CANTO EXTREMO DE UM CEGO

Eu tinha um unico amigo,
Tinha só um e não mais ;
Vivia sempre commigo
No exilio da desventura ;
Por mais feliz creatura
Não me deixava jamais.

Na minha infancia primeira,
Meus debeis passos guiou ;
Na pobreza, na cegueira,
Meu condão amenisava ;
E quando a esmola faltava,
Elle nunca me faltou.

Era o meu unico affecto,
Na cegueira o meu bordão;
Debaixo do humilde tecto,
Quando a febre me prostrava,
Quem dos meus males cuidava
Era só elle—o meu cão.

Todo o dia hontem chamei-o,
Não latiu, não respondeu !
Já, como dantes, não veiu !
Quem sabe se anda perdido,
Ou de algum ferro transido
Quem sabe se não morreu?

Ou quem sabe se a velhice
Do cégo o amedrontou ?
Talvez, o ingrato... o que disse?...
Chamei-te de ingrato, amigo,
Perdão! não sei o que digo!
Que nem já sei o que sou!

Ingrato,—não! Tu não tinhas,
No pêllo involto de cão,
Uma irmã dessas mesquinhas
Affeições vis dos traidores,
Que vão sorrir aos senhores,
Nos regios palacios, não!

Ai ! de mim, tão desgraçado,
Que nunca mais te hei de ter !
Quem hoje ao cégo acurvado
Ao peso de tantos annos,
Quem virá, dentre os humanos,
Piedosa mão lhe estender? !

Quem lhe ha de guiar os passos,
Mendigando o escasso pão?
Ou quem lhe ha de abrir os braços,

Quando, á mingua de alimento,
Ficar na rua, ao relento?
Ninguem, ninguem... nem um cão!

Quem me vir o meu *pardinho*,
Por piedade, pelos céus!
Tenha dó do coitadinho,
Que talvez definhe á fome.
E dê-lhe do pão que come
Uma migalha, por Deus!

Mas, se o topar moribundo,
Pelo amor que a Mãe lhe tem!...
Diga-lhe que neste mundo,
O cégo que elle guiou,
Quando o seu cão lhe faltou,
Morreu de fome tambem!

LUIZ DELFINO

—

S. CATHARINA—1834

O Dr. Luiz Delfino, medico e poeta, tem publicado milhares de sonetos e outras composições poeticas, muitas das quaes são peças de alto valor literario.

Tem collaborado na "*Revista Popular*", *Jornal das Familias*, *A Estação* e em quasi todos os orgãos da imprensa diaria da Capital da Republica.

O Dr. Luiz Delfino dos Santos, tendo publicado peças para muitos volumes, ainda não editou, entretanto, em livro as suas composições.

—

A CIDADE DA LUZ

A ESCOLA

Vós, que buscaes a senda da esperança,
Entrae: aqui ha mundos luminosos
Num céu, que a mão, por mais pequena, alcança.

A alma aqui se refaz de ethereos gosos;
Vindes para o paiz da primavera,
Vós, que deixaes os mundos tenebrosos.

Tanta luz aqui dentro vos espera,
Que sahireis estrellas redivivas,
Como as que brilham na azulada esphera.

Almas das trevas lugubres captivas,
Abri as vossas azas rutilantes,
Entrae, bando de pombas fugitivas.

Nas curvas destes porticos gigantes
Haveis de ler uma inscripção que alente
Os vossos vôos inda vacillantes.

E' aqui o paiz do amor ardente:
Quem entra leva um pezo aos pés atado,
Como o mergulhador do mar do Oriente,

Que sóbe á tona leve e festejado
E vem de tantas perolas coberto,
Que nem se lembra do labor passado.

Para encravar um Eden no deserto,
Fazer um sol de um monte de granito,
E para ver melhor o céu de perto,

Encostar uma escada no infinito,
Entrar pela estellifera voragem,
Ser razão e phanal, verdade e mytho,

E armado de tenaz, feroz coragem,
Arrazando os enigmas da vida,
Cavar nas trevas lucida passagem...

A isto esta cidade vos convida:
Entrae: por mais que a noite em vós se note,
Tereis um astro á fronte na sahida.

Da cidade moderna é luz o mote
Que na porta da entrada arde e flammeja.
Entrae: a escola é cathedral, egreja ;
Hostia, a sciencia; o mestre, sacerdote.

Velho da Silva

RIO DE JANEIRO—1811

O Dr. José Maria Velho da Silva, notavel professor e literato, foi, a um tempo, poeta harmonioso e prosador de merito. E' o auctor do romance *Gabriela* e de muitas outras obras em prosa e verso.

Velho da Silva foi professor de rhetorica e poetica no antigo collegio Pedro II, onde sempre foi considerado pelos seus creditos literarios e pelos seus dotes peregrinos de espirito.

Como cultor das letras, bem merece dos seus concidadãos o meritissimo ancião.

A CAMÕES

Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

Que se dirá dos feitos sublimados
Do lusitano assombro da epopêa,
Que eternisou na indica Odysséa
« As armas e os barões assignalados » ?

Poeta—rei de versos afamados,
Phidias da phrase, principe da idéa;
Heróe, levando as quinas de Ulysséa,
« Por mares nunca d'antes navegados. »

Cantor que as tempestades adormece ;
E, ouvindo o Camões fallar do Gama,
O proprio Adamastor inda estremece.

Ignez, a triste Ignez, seu vate o acclama;
Por elle a desditosa a magua esquece ;
Só ella basta a eternisar-lhe a fama.

Lucindo Filho

—

MINAS — DIAMANTINA — 1847 — 1896

O Dr. Lucindo Pereira dos Passos Filho foi emerito cultor das letras patrias.

Jornalista, poeta, professor, medico humanitario, o Dr. Lucindo era um erudito e um mestre. Principalmente como latinista é que mais conhecido se tornou, tendo traduzido magistralmente Virgilio e Horacio.

Publicou: *Virgilianas*, *Novas Virgilianas*, *Quatro poemetos de Longfellow*, traducções; *Estudos da Lingua Portugueza*, *O Visconde de Araxá*, biographia; *Flores Exoticas*, publicação posthuma.

Traduziu auctores latinos, francezes, inglezes, hespanhoes, italianos, chinezes e turcos, etc.

Era conhecedor profundo da nossa lingua.

O Dr. Lucindo redigiu o *Vassourense*, o jornal mais bem feito que teve a antiga provincia do Rio de Janeiro.

—

O CORVO MARINHO

(Sou—Tong—Po)

Immovel, de apartado rio á beira,
O corvo, triste e só, pensa e medita;
E com os olhos redondos segue e fita
Das aguas a monotona carreira.

Mas, se acaso, de subito presente
Que alguem se vem da praia approximando,
Vae-se o corvo afastando lentamente,
Lentamente a cabeça balançando.

E por traz do silvedo ávido espreita
A partida do incommodo viandante;
Pois nada aspira mais, só se deleita
Em ver do rio o circulo ondulante.

E quando a lua, sob o céu suspensa,
Espadana os seus raios prateados,
Sobre o rio,—os pés n'agua mergulhados,
O corvo, triste e só, medita e pensa.

Assim é o homem, se um amor violento
Prende-o nos élos de fatal cadeia,
Segue sempre inconsciente a mesma idéa,
Ondulações de um mesmo pensamento.

—

A UMA SANTA

Tu me accusas de vario,
Ter muitas crenças e nenhuma ter;
E ironica desfias-me o rosario
De quantas podes, filha, conceber.

Quando mesmo assim fosse, que importàra,
Se contricto implorasse-te o perdão,
Deslumbrado ante a luz que hoje me aclara?
Bem vês, não tens razão.

Dizer-te, em compuncção tamanha e tanta,
Que minha religião és tu somente;
Dizer-te que te adoro, minha santa,

Que ao teu altar me curvo reverente.
E' dizer-te o que sabes.—Vem, levanta
A quem se te confessa penitente!

Raymundo Correia

—

MARANHÃO—1860

Raymundo da Motta Azevedo Correia, nascido a bordo do vapor *S. Luiz*, na bahia de Moguncia, nas costas do Maranhão, a 13 de Maio de 1860, é formado em direito pela faculdade de S. Paulo, onde redigiu varias revistas e jornaes.

E' primoroso poeta, de reputação feita no Brasil inteiro e em Portugal. Os seus versos são admiraveis de inspiração, correctos e burilados com amor, no que, pensamos, está a razão de ser Raymundo Correia tão querido e tão justamente apreciado.

Tem exercido importantes cargos, politicos, juridicos e de ad-

ministração nos Estados do Rio e de Minas, sahindo-se sempre galhardamente, devido, sem duvida, ao seu caracter e ao seu proceder correcto.

Exerce actualmente o cargo de director do Gymnasio Fluminense, onde tem prestado ao Estado do Rio e ao paiz relevantes serviços como educador e preceptor da mocidade.

Pertence á Academia Brasileira de Letras.

—

HERO

Descamba a noite; rispido farfalha,
Crebro, o tufão; ferve o Hellesponto irado,
E o céu da Grecia, torvo e carregado,
Rapido o raio rutillo retalha...

A fria, undosa, liquida mortalha
Rasga co'o peito o nadador ousado;
Sorri-lhe ao longe o porto desejado,
Onde o amor brilha e a placidez se espalha;

O louco amor que o impelle inebriante
Ao mar, do mar, trahidor, o não socorre,
E as vagas cospem-n'o hirto, agonisante.

E Hero, livida e afflicta, á praia corre,
E sobre o corpo inanime do amante
Cáe sem força, ullulando, e arqueja e morre...

Alberto de Oliveira

—

ESTADO DO RIO—SAQUAREMA—1859

Antonio Mariano Alberto de Oliveira, um dos mais estimados poetas nacionaes, cultor aprimorado da forma, desde os primeiros annos da puericia mostrou gosto decidido pelas letras.

Consagrado pela critica dos competentes, o poeta fluminense é, entre nós, o mais completo representante do parnasianismo.

O seu lyrismo é mavioso e terno, tocando não raro ao enthusiasmo.

Correcto na linguagem e na forma, como os que mais o forem, o seu verso é facil, elegante, terso e melodioso.

Como pintor da natureza, os seus quadros têm verdade, vida e originalidade.

Tem publicado: *Canções Romanticas, Meridionaes, Sonetos e Poemas, Versos e Rimas, Por amor de uma lagrima e Livro de Ema.*

Em edição definitiva, com estudos criticos de Machado de Assis, Araripe Junior e Affonso Celso, os seus livros foram reunidos em um só volume, dado a lume pelo livreiro editor H. Garnier.

E' da Academia Brasileira de Letras.

—

A VINGANÇA DA PORTA

Era um habito antigo que elle tinha:
Entrar dando com a porta nos batentes;
— « Que te fez esta porta?» A mulher vinha
E interrogava. Elle, cerrando os dentes:

— « Nada! Traze o jantar. » Mas á noitinha
Calmava-se. Feliz, os innocentes
Olhos revê da filha, e a cabecinha
Lhe affaga, a rir, com ambas as mãos trementes.

Uma vez, ao tornar á casa, quando
Erguia a aldraba, o coração lhe falla:
— « Entra, mas devagar...» Pára, hesitando...

Nisto nos gonzos range a velha porta:
Ri-se, escancara-se. E elle vê na sala
A mulher como doida e a filha morta!

Lucio de Mendonça

—

PIRAHY — ESTADO DO RIO — 1854

Poeta, prosador, jurista, magistrado e jornalista. Republicano historico, tomou parte na propaganda. Em politica, é extremado. Como polemista, é temido e é temivel. Na imprensa provinciana (S. Paulo, Rio e Minas) e na federal, Lucio de Mendonça tem collaborado, quer como poli-

tico, quer como literato; assiduamente escreveu n'*A Semana*, de Valentim Magalhães.

Alem de trabalhos juridicos, dos quaes occupa importante logar uma traducção das *Lições de direito* de Lastarria, Lucio tem publicado *Nevoas matutinas*, *Alvoradas*, *Vergastas*, *No Outomno* e *Horas do Bom Tempo*, contos, formosas collecções poeticas, nas quaes, como observa judiciosamente um critico, fallando da obra de Lucio de Mendonça, *a idéa sobrepuja a forma, o pensador predomina sobre o artista.*

Tem occupado cargos de administração e hoje é ministro do Supremo tribunal federal de justiça.

E' um dos membros mais proeminentes da Academia Brasileira de Letras, de que foi um dos fundadores.

O PELICANO

Sacia todo o ardor de tua sêde
No melhor do meu sangue ; bebe! esgota
O coração,—a rubra taça!... Embota
A garra, dos meus musculos na rêde...

Qual mergulha nas ondas a gaivota,
Embebe-te em meu seio amargo... Quêde
Teu impeto feroz ante a parede
Que meu peito lhe oppõe...—Mas eis que brota

A recalcada lagrima insistente,
Que já nos olhos, tremula, me brilha.
E pela face rola-me fervente.

Ah!... ninguem viu!... e esta alma não se humilha!
— Acaba-me sem dó, mas mudamente,
O' minha dôr, o' minha nobre filha!

THEOPHILO DIAS

MARANHÃO—CAXIAS —1857—1889

Theophilo Dias de Mesquita, sobrinho do cantor dos Tymbiras, formou-se em S. Paulo em 1881.

Na capital academica collaborou em quasi todos os jornaes li-

terarios da epocha, escrevendo ainda na *Gazeta Liberal* e na *Provincia de S. Paulo*, a folha de Rangel Pestana.

Foi professor de portuguez na escola normal de S. Paulo, que dirigiu por algum tempo.

Foi fiscal do Banco Credito Real até 1886 e representou o 5.º districto na Assembléa Provincial. Redigiu com Martim Francisco Filho, seu cunhado, o *Provinciano*, onde começou a publicar a *Comedia dos Deuses.*

Salientou-se como orador, polemista, professor, advogado, funccionario publico, escreve Affonso Celso, *mas só distacou-se realmente como poeta.*

Escreveu e publicou: *Lyra dos verdes annos, Cantos tropicaes, Fanfarras, Comedia dos Deuses.*

Affonso Celso, amigo e collega do poeta, em excellente estudo publicado no *Almanack Popular Brasileiro* (1899) pensa que o livro das *Fanfarras é o mais celebre de Theophilo.* E accrescenta: *Seria impossivel accumular em tão pequeno espaço maior numero de preciosidades.*

Theophilo Dias tem um logar de honra entre os melhores poetas nacionaes.

—

PROCELLARIAS

Rasgando a flor de um mar sem rumor, largo e plano,
Um sulco de ouro e luz—teso o concavo panno,
Ao galerno fugaz, que as velas arredonda,
O navio veloz resvala de onda em onda.

E' transparente o céu; liso o mar; calmo o espaço
E do vento e da vaga ao rythmo, ao compasso
Que faz rolar sobre um—outro bordo—a pupilla
Do gageiro prescruta a vastidão tranquilla,
Cravado no horizonte o olhar profundo e agudo.

Tudo é limpido, azul; é paz, bonança tudo.

Mas eis que de improviso umas aves estranhas,
Que parecem o vôo arrancar das entranhas
Do horizonte longinquo ainda ha pouco vasio,
Em nuvens sobrevêm, demandando o navio.
Mosqueadas de negro, audazes, agoureiras,
Contornam o maçame e as vergas altaneiras,
Sinistras pipilando entre as velas redondas,
Rasgando a superficie intermina das ondas.

São ellas que lá vêm, as *procellarias*!—Logo,
Phosphorecendo, o mar vibra sulphur e fogo;

Torna-se escuro o ar, negro o céu ; e a tormenta,
De subito cahindo, horrisona rebenta;
Pesa no espaço a treva ; esfusiam os ventos ;
Cortam a escuridão relampagos sangrentos,
A voz do temporal desfeito sobrepuja
A grita de terror, que levanta a maruja,
Ao tenebroso céu, tranzida de agonia.

Mas, renascendo a calma e repontando o dia,
Na deserta amplidão das vagas solitarias,
Té onde alcança o olhar, já não ha *procellarias*.
Assim vêm, assim vão as bravas avesinhas,
Affrontando o furor das tormentas marinhas ;
Desdenhosas da paz, fugindo á calmaria,
Libradas nos tufões.—A lucta as inebria.

Os genios são assim : como as filhas do oceano,
Pairam sobre os bulcões do pensamento humano,
Arrostando do mal a infrene tempestade,
— Procursores do bem, e nuncios da verdade :
O torpor lhes repugna : o combate os convida ;
Só a lucta os attrae—porque a lucta é a vida.

Affonso Celso

Noticia bio-bibliographica á pag. 71.

—

A FELICIDADE

No carro, ao vir da egreja...
Em intima expansão,
Do noivo a noiva ao pé, nas d'-elle presa a mão,
Ia scismando assim :
« Inolvidavel dia !
Meu sonho eil-o afinal completo ! Que alegria !
Sobre a terra quem hoje é mais feliz do que eu ? ! »

N'isto o carro parou e o prestito cedeu
O passo, respeitoso, a um outro.
Na janella

A moça desbruçou-se e virginal capella,
Irmã da sua, o olhar feriu-lhe.
Era, porém,

No singelo caixão de um funerario trem.

—

EM FAMILIA

São horas de jantar...
A indocil meninada
De tudo quer provar,
Mas eil-a socegada:
A mãe a cada qual já deu o seu quinhão,
E, sentando-se emfim, diz, com satisfação:
«Prompto! posso comer; todos estão servidos;
Ninguem falta...»
Entretanto, alguem pelos vestidos
Põe-se a puxal-a.
Então, erguendo-se outra vez,
Novo prato ella faz com toda a placidez,
E entrega sob a mesa as carnes que tempera
A um pequenino cão que gravemente espera.

Fontoura Xavier

—

RIO GRANDE DO SUL—1858

Antonio Fontoura Xavier, que tem servido o cargo consular na Europa e na America desde 1885, em que entrou para a carreira, é poeta de valor e reputação firmada. Tendo collaborado em muitos jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras, elle teve parte activa nas redacções da celebre «Gazetinha» e da «A Semana», inolvidaveis folhas literarias da Capital do Brasil.

Ha publicadas duas obras de Fontoura Xavier: o *Regio Saltimbanco*, poema e *Opalas*, collecção de versos.

—

PARAPHRASES

Sondae a terra... no seu ventre afflicto
Revolvei-lhe o recondito thesouro ;
E, envolto nas agruras do granito,
Encontrareis o Ouro.

Sondae o mar... no seu profundo arcano
Agita-se a gemer a vaga querula ;
E fundo, bem no fundo do oceano,
Encontrareis a Perola.

Sondae o céu... a noite o sobreleva
De treva espessa, que não ha rompel-a ;
E fundo, bem no fundo dessa treva,
Encontrareis a Estrella.

Sondae o coração... no paroxismo
Ou no transporte entrae, mergulhador !
E à tona ou bem no fundo desse abysmo
Encontrareis a Dor.

VALENTIM MAGALHÃES

—

RIO DE JANEIRO 1859

Antonio Valentim da Costa Magalhães, operoso escriptor, é auctor de numerosos volumes, escriptos alguns de collaboração com outros escriptores.

Como redactor-director d'*A Semana*, a folha literaria mais bem feita que temos possuido, os serviços de Valentim ás letras brasileiras são reaes e incontestaveis

Tem escripto : *Cantos e Luctas*, *Vinte Contos*, *Quadros e Contos*, *Bric-à-Brac*, *Flor de Sangue*, *Rimario* (livro de versos, o ultimo) etc., alem dos dramas, traduzidos e feitos de collaboração e parodias escriptas de parceria com seu irmão Henrique.

Fez em Portugal conferencias de propaganda sobre os nossos homens de letras, reunindo-as depois em volume.

E' da Academia Brasileira de Letras

—

VINGANÇA DE CAMÕES

Como um leão sedento e mal ferido,
Atravessando um areal ardente,
Dos temporaes saharicos zurzido,
Devorado do sol encandescente ;

Num torvo desespero enraivecido,
Acceita á natureza o prelio ingente,
E vae tombar por fim desfallecido
Num oasis sombrio e sorridente ;

Assi Camões outr'ora. Honrado e forte,
Da desventura ao rijo temporal,
A's vis perseguições da imiga sorte,

A vida foi pedir-te, oh Portugal!
Oh patria que elle amou! Déste-lhe a morte!
Elle vingou-se assim : fez-te immortal!

PEDRO RABELLO

—

RIO DE JANEIRO (CAPITAL FEDERAL)—1868

Pedro Rabello é poeta de merito e prosador digno de nota. E' com a maior justiça reputado um dos mais formosos talentos da hodierna geração literaria brasileira. É jornalista; estreou na imprensa em 1887.

Publicou dois livros : "*Opera lyrica*", maviosos versos inspirados e "*Alma Alheia*", collecção de contos, onde se descobre a poderosa influencia de Machado de Assis, o mestre querido das "*Varias Historias*.

Como poeta, Pedro Rabello tem estro proprio e inspiração propria e original, podendo ser classificado entre os mais notaveis lyricos que hoje ainda celebram em verso o bello e o sublime.

Tem escripto em innumeros jornaes; é collaborador effectivo da *Gazeta de Noticias*.

Pedro Rabello é da "*Academia Brasileira de Letras*".

—

MORTE DE HALZA

Fóra ha um brusco rumor. Ergo-me e digo:
—"Bemdicta Halza que em meu encontro acode!"
Abro. Ninguem.—"Que é que este ruido pode
Motivar ?—penso, em tenebras, commigo.

E de subito o tremulo postigo
Uma pancada, rapida, sacóde...
—"Quem é—pergunto—que em tal noite pode
Vir com ar inimigo a um lar amigo ?"

Abro. Ninguem. Deserta a rua, fora...
Dorme a casa entre as arvores. Distante,
Morre uma estrella solitaria e fria...

Ah! que o não possa eu ver senão agora!
Naquelle lúgubre e fatal instante,
Halza, distante, pallida, morria...

POESIA DESCRIPTIVA

José Basilio da Gama

—

MINAS—S. JOSÈ D'EL-REI—1740—1795

Discipulo dos Jesuitas, com os quaes fez os seus estudos no Rio de Janeiro, foi depois para Portugal, passando-se para Roma, onde leccionou num seminario. Ahi foi admittido na *Arcadia*, onde chamou-se *Termindo Sipilio.*

Conseguindo captar a sympathia de Pombal, foi nomeado official da secretaria do reino. Foi socio da Academia de Lisboa.

Tendo cahido Pombal, após a morte de D. José, Basilio da Gama voltou ao Rio de Janeiro, indo, afim, morrer em Lisboa.

Escreveu «Quitublia», «Declamação Tragica», algumas poesias lyricas e o celebre poema *Uruguay*, de incontestavel merecimento, onde ha primor de fórma e belleza de estylo, no que é, sem duvida, superior ao *Caramurú*, poema de S. Rita Durão.

—

LINDOYA

Um frio susto corre pelas veias
De Caitetú, que deixa os seus no campo,
E a irmã entre as sombras do arvoredo
Busca co'a vista e treme de encontral-a.
Entram, emfim, na mais remota e interna
Parte do antigo bosque, escuro e negro,
Onde, ao pé d'uma lapa cavernosa,
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins e rosas,
Este logar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a misera Lindoya.
Lá reclinada como que dormia
Na branda relva e nas mimosas flores.
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
D'um funebre cypreste, que espalhava

Melancolica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente e lhe passeia e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobresaltados
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chamal-a, e temem
Que desperte assustada e irrite o monstro,
E fuja e apresse no fugir a morte.
Porém o dextro Caitetú, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
Soltar o tiro, e vacillou tres vezes,
Entre a ira e o temor. Emfim sacode
O arco e faz voar a aguda setta,
Que toca o peito de Lindoya e fere
A serpente na testa, e a bocca e os dentes
Deixou cravados no visinho tronco.
Açouta o campo com a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos gyros
S' enrosca no cypreste, e verte envolto
Em negro sangue o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão, que ao despertal-a
Conhece (com que dor) no frio rosto
Os signaes de veneno, e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos em que o amor reinava um dia
Cheios de morte; e muda aquella lingua
Que ao surdo vento e aos echos tantas vezes
Contou a larga historia dos seus males.
Nos olhos Caitetú não soffre o pranto
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já tremula gravado
O alheio crime e voluntaria morte,
E por todas as partes repetido
O suspirado nome do Cacambo.
Inda conserva o pallido semblante
Um não sei que de maguado e triste,
Que os corações mais duros enternece
Tanto era bella no seu rosto a morte!

SANTA RITA DURÃO

—

MINAS—*Entre* 1718 *e* 1720—1784

Tendo se doutorado em Coimbra, Fr. José de S. Rita Durão professou na ordem de S. Agostinho, em 1758, começando então a sua nomeada como orador sagrado. Em viagem para a Hespanha, o frade brasileiro, por suspeita de espia, foi preso e encerrado no castello de Segovia, de onde só sahiu em 1763, quando houve a paz entre Portugal e Hespanha.

Sobre o valor literario do seu poema, o *Caramurú*, os criticos têm divergido; o que, entretanto, está fóra de contestação, é que no *Caramurú* ha bellissimas descripções da natureza virgem americana e scenas da vida indigena brasileira admiravelmente pintadas, cheias de colorido e vida...

Almeida Garrett diz que ***onde o poeta se contentou com a natureza ha oitavas bellissimas e ainda sublimes.***

O valor do *Caramurú*, como producto nacional, pensa Sylvio Romero, está em ser uma especie de resumo da vida historica do Brasil nos tres seculos em que fomos colonia.

—

MOEMA

Copiosa multidão da náu franceza
Corre a vêr o espectaculo assombrada,
E, ignorando a occasião da estranha empreza,
Pasma da turba feminil, que nada:
Uma, que as mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella, do que irada.
Era Moema, que de inveja geme,
E já visinha á náu se apega ao leme.

Barbaro (a bella diz) tigre, e não homem...
Porém o tigre por cruel que brame,
Acha forças, amor, que enfim o domem;
Só a ti não domou, por mais que te ame:
Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio e asco...
Ah que o corisco és tu...raio... penhasco.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me offenderas a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano,
Porém deixando o coração captivo.
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

Tão dura ingratidão menos sentira,
E esse fado cruel doce me fôra,
Se a meu despeito triumphar não vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora:
Por serva, por escrava te seguira;
Se não temera de chamar senhora
A vil Paraguassú, que sem que o creia.
Sobre ser me inferior, é nescia e feia.

Enfim tens coração de vêr-me afflicta,
Fluctuar moribunda entre estas ondas,
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai sómente, com que aos meus respondas:
Barbaro, se esta fé teu peito irrita,
(Disse, vendo o fugir) ah! não te escondas;
Dispara sobre mim teu cruel raio...
E indo a dizer o mais, cae n'um desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pallida a côr, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor voltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo;
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a apparecer desce o profundo;
Ah! Diogo cruel! disse com mágoa;
E, sem mais vista ser, sorveu-se n'agua.

Choraram da Bahia as nymphas bellas,
Que nadando a Moema acompanhavam;
E, vendo que sem dôr navegam dellas,
A' branca praia com furor tornavam;
Nem póde o claro herôe sem pena vel-as,
Com tantas provas que de amor lhe davam;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema.
Sem que o amante a chore, ou grato gema.

José Bonifacio de Andrada e Silva

V. biographia na —Primeira parte— á pag. 116.

—

A CREAÇÃO DO MUNDO

Lá sobre um alto do nascente mundo,
D'onde as aguas tremendo recuaram
Quando ouviram a voz do Deus do raio,
Poderosa energia discorrendo
Por entre a denegrida humida terra,
Que o abysmo a cabeça lenvantava,
Organisados, moveis entes cria,
Viçosas plantas, de que o globo pasma
Pelos ventos aromas mil espalham
Os verdejantes ramos seus diffusos,
Que do ar expansivo a vida tiram:
Os zephiros brincões dependurados,
Alegres batem as lascivas azas.
Já d'entre o firme verde labyrintho
Voam, cortando o ar, canoras aves:
Entoando canções em seus gorgeios
Ledas saúdam a menina aurora.
Então amor de prole em laço estreito
As une todas. Laços que natura
Forjou para os viventes, meigos laços,
Que em vão intenta ferreo fanatismo
Quebrar d'entre os humanos. Deus piedoso.
Eis pelo novo campo vem saltando
Animaes de cem fórmas, cem figuras!
Lá da noite do nada em que jaziam,
Deus lhes faz vêr a luz; a luz, que tinha
Do esteril cahos fecundado o seio.
Ah! de prazeres mil gosam contentes.
Que natureza liberal derrama;
Nem austera razão, injusta e fraca
Os atormenta com seus vãos remorsos.
Porque teu braço aqui não suspendeste,
O' sábia, compassiva divindade?
A criadora mão parar devera.

Pobres humanos ! ah ! porque os geraste ?
Leves momentos em prazer gastados,
Que crimes avenenam, sepultados
Jazer deviam no vasio nada!
Nos campos geniaes de Eden formoso,
Gentil morada que nos destinaras,
Ligeiro somno apenas encantaram
Nossos primeiros paes, a quem o fado,
Invejoso! segou em flôr os gosos.

Fr. Francisco de S. Carlos

V. not. bio-bibliographica na—Primeira parte—á pagina 193.

—

A CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A cidade que ali vedes traçada
E que a mente vos traz tão occupada
Será nobre colonia, rica e forte,
Fecunda em genios, que assim o quiz a sorte.
Será pelo seu porto desmarcado
A feira do ouro, o emporio frequentado,
Amplissimo ao commercio ; pois profundo
Póde as frotas conter de todo o mundo.
Será de um povo excelso germe airoso,
Lá da Lysia, o logar mais venturoso ;
Pois dos lusos-brasilicos um dia
O centro deve ser da monarchia.
Alçarão outras no porvir da idade
Os trophéos que tiverem por vaidade :
Umas nas artes levarão a palma
De aos marmores dar vida, aos bronzes—alma ;
Outras irão beber sua nobreza
Nos tratos mercantis ; tal, que se preza
De ver nas suas scenas e tribunas
Maior brazão, mais inclytas columnas ;
Aquella dos Timantes o extremoso

Pincel com estro imitará fogoso ;
Muitas serão mais destras no compasso,
Que as linhas mede do celeste espaço;
Mas cuidar de seu rei, ser sua côrte,
Dar ás outras a lei—eis desta a sorte.
Gravaram do rigor de impostos novos
Os dynastas crueis a terra e os povos
Egypcios, por alçar massas estranhas,
Que tu, transpondo o leito, ó Nilo, banhas.
Fosse superstição ou só vaidade
Da fama dilatar por longa idade ;
E' certo que o sentiu o povo santo,
Que tanto ali gemeu por tempo tanto.
Hoje busca o viajor o immenso lago
De Méris, e só topa um campo vago;
E se restam taes obras peregrinas,
São sobejos do tempo, e só ruinas.
Aqui, pelo contrario, pôz natura
Por brazões da primeva architectura,
Volumes colossaes, corpos enormes,
Cylindros de granito, desconformes
Massas, que não ergueram nunca humanos,
Mil braços a gastar, gastar mil annos.
Vêdes na fóz aquelle, que apparece
Ponteagudo e escarpado ?—Pois parece
Que deu-lhe a providente natureza
(Além das obras d'arte) por defesa
Na derrocada penha transformado
Nubigena membrudo, sempre armado
De face negra e tôrva; e mais se o c'rôa
Neve, trovões e raios, com que atrôa,
Que, co'a frente no Céu, no mar os rastros,
Atrevido ameaça o pégo e os astros.
Se os delirios da vã mythologia
Na terra inda vagassem, dir-se-hia :
Que era um d'esses Alóidas, gigante,
Que intentou escalar o Céu brilhante;
Que das deusas do Olympo namorado
Foi no mar por audaz precipitado;
E as deusas por acinte lá da altura
Lhe enxovalham de neve a catadura.
Do seio, pois, das nuvens, onde a fronte
Esconde, vendo o mar, té o horizonte,

Mal que espreita surgir lenho inimigo,
Prompto avisa, e previne-se o perigo.
Por uma e outra parte ao Céu subindo
Vão mil rochas e picos, que existindo
Desde o berço do mundo, e de então vendo
Os sec'los renascer, e irem morrendo;
Por tanta duração, tanta firmeza,
Deuses parecem ser da natureza;
Ossos da grande mãe, que ao ar sahiram
Na voz da creação; e mal que ouviram
Que deviam parar, logo pararam
Nas fòrmas e extensões, em que se acharam;
Que affiguram exercitos cerrados
De mil negros Tiphêos petrificados.
Ao resto, sobresahe co'a fronte erguida,
Dos Orgãos a montanha, abastecida
De grossas mattas, de sonoras fontes,
Que, despenhando-se de alpestres montes,
Vêm engrossar o Lago d'agua amára
Do grão Nictheroy, do Guanabára.
Tal a fabula diz, de Alfeo que o rio
Faz por baixo do mar longo desvio
Té Ortygia, em demanda de Arethusa,
Que abraçar-se com elle não recusa.

Domingos José Gonçalves de Magalhães

V. not. bio-bibliographica na—Primeira parte—á pag. 139.

—

MAGNIFICENCIA DA BAHIA DE NICTHEROY

Cerrado nevoeiro se estendia
Sobre a vasta extensão do espaço em torno,
E o topo da montanha sobranceiro
Parecia um penedo no oceano.
Mas o velario da cinzenta nevoa
Pouco a pouco se foi descondensando,
E rarefeito, emfim, em brancas nuvens,
Foi vagueando pelo azul celeste.

Que grandeza! Que immensa magestade!
Que espantoso prodigio se levanta!
Que quadro sem igual em todo o mundo!
Onde o sublime e bello em harmonia
O pensamento e a vista attrahe, enleva,
E faz que o coração extasiado
Se dilate, se expanda e bata e impilla
O sangue em borbotões pelas arterias!
Os olhos encantados exorbitam,
E lagrimas de amor nelles borbulham.
Como as vibradas cordas de uma lyra,
De almo prazer os nervos estremecem;
E o espirito pairando no infinito,
Do bello nos arcanos engolfado,
Parece alar-se das prisões do corpo.

Nictheroy! Nictheroy! como és formoso!
Eu me glorio de dever-te o berço!
Montanhas, varzeas, lagos, mares, ilhas,
Prolifica natura, céu ridente,
Leguas e leguas de prodigios tantos,
Num todo tão harmonico e sublime,
Onde os olhos verão longe deste Eden?
Não és tão bello assim, ceruleo golfo,
Onde a linda Parthénope se espelha,
Tão risonha e animada, como a noiva
No dia nupcial léda se arrêa
Para mais encantar do esposo os olhos!
Não és tão bello assim, quando torrentes
De purissima luz vão esmaltando
Tuas magicas ribas apinhadas
De garbosas cidades, de palacios
Entre bosquetes e odorosas tempes
E combros de ruinas gloriosas
Da romana grandeza, que inda chora-
Ou quando no teu céu voluptuoso,
Onde o ar perfumado amor inspira,
Entre os cirios da noite alveja a lua
No mar, mostrando ao longe a bella Cap
E a saudosa Sorrento, onde meus olhos
Cuidam ver inda infante o egregio Tasso,
Brincando á sombra de frondosos louros,
Ou mesmo, quando inopinado ás vezes,

O teu vulcaneo monte, contrastando
A brandura da doce Natureza,
Horrisono troando e estremecendo,
Das sulphureas entranhas arremessa
Pela bocca infernal, de fumo envolta,
Altos jorros de lavas inflammadas,
Como ardentes columnas crepitantes,
Que estalam no ar e rompem-se em chuveiros,
E umas sobre outras cahem em catadupas,
E torrentes de fogo, que lambendo
Vão o seu dorso, avermelhando as nuvens.

Meu patrio Nictheroy te excede em galas,
Na grandeza sem par muito te excede!

Porto Alegre

RIO GRANDE DO SUL — RIO PARDO — 1806 — 1879

Manoel de Araujo Porto Alegre, barão de S. Angelo, foi com Magalhães um dos fautores do movimento romantico no Brasil. Pintor e poeta, Porto Alegre tem um bello logar na nossa historia da arte; foi alumno da Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro, onde depois leccionou e, na Europa, onde foi estudar, foi discipulo de Gros. Conviveu no estrangeiro com S. Torres Homem e Magalhães, e ahi assistiram ao movimento romantico que se operou em Portugal, de que foi *magna pars* Almeida Garrett. Dirigiu depois a Escola de Bellas Artes. Nomeado consul para Berlim, quasi o resto de sua vida passou na Europa.

Escreveu para o theatro; mas o seu nome ficou como poeta, em que é notavel, pela correcção tersa da linguagem impeccavel. A sua obra prima é o poema *Colombo:* o poeta abusa dos termos quasi desconhecidos, assim como dos latinismos, parecendo querer fazer garbo de erudição; entretanto, o *Colombo* tem primorosos trechos e passagens de incontestavel belleza.

As suas poesias avulsas foram colleccionadas sob o titulo de *Brasilianas.*

DESCOBERTA DA AMERICA

Mais um'hora velou. Deu meia noite,
Rendeu-se o quarto no maior silencio.
Acalmada a emoção, e mais convicto,

Fez signal, e a esquadra poz á capa,
Sem que alguem da manobra visse a causa.
Sentado, e enfraquecido por vigilias,
Ainda olhava ; mas, cedendo ao corpo,
Ali mesmo dormiu, té que de um salto
Erguido ao trom de festival bombarda,
E da grita dos seus, que repetiam
Com Bermejo, na Pinta—Terra ! Terra !—
Sem olhar, convencido da verdade,
Por grato impulso, ajoelhou-se orando,
Antes que a terra lhe alegrasse a vista !
Vinha o dia rompendo, e descobrindo
Sobre a linha do mar a terra anciada !
Como ao empaste das fecundas tintas
A natura e a luz na tela fulgem,
Assim fulgia o ondulado aspecto
De frondente floresta, e pouco a pouco,
Ao sorriso das horas fugitivas,
No ar se abriram graciosas palmas,
Como guerreiros de emplumados elmos,
Vindos á plaga a festejar as naves.

Com o prumo na mão, sondando a costa,
Entrou n'uma abra que no fundo tinha
Surgidouro seguro. Manda o chefe
A manobra de paz ! e a um tempo viu-se
Cahir o panno, atravessar a frota,
Morder o ferro a desejada areia.
Os descrentes então se convenceram
De que um homem de Deus vê mais que os outros.
Baixam dos turcos o ligeiro esquife
E o real escaler apendoado.
O prazer, que remoça, agita o Nauta.
Larga o burel da devoção, e o peito
De lucida couraça veste ; cinge
A espada de almirante, e sobre os hombros
Traça um manto escarlate, mimo regio.
Protege a fronte co'um brilhante almafre,
De cujo cimo ponteagudo rompe,
Trifida palma de recurvas plumas.
Toma o pacto real, feito em Granada,
E o pendão de Isabel, o novo lábaro,
Que ha de em breve vencer mais que o de Roma.

Descem com elle os empregados regios,
E os Pinzões, a quem dera a honra e guarda
Do estandarte real. Acena ao mestre:
Alam as promptas vagas á ribeira;
Qual amplexo de amor, todos sentiram
O doce abalo do encontrão da praia.

De um salto juvenil pisa Colombo
A nova terra, e, com seguro braço,
A bandeira real no solo planta.
Beija a plaga almejada, ledo chora:
Foi geral a emoção! Disse o silencio
Na mudez respeitosa mais que a lingua.
Ao céu erguendo os lacrimosos olhos,
Na mão sustendo o Crucifixo, disse:
« Deus eterno, Senhor omnipotente,
A cujo verbo creador o espaço,
Fecundado soltou o firmamento,
O sol, e a terra, e os ventos do oceano,
Bemdito sejas, Santo, Santo, Santo!
Sempre bemdito em toda parte sejas.
Que se exalte tua alta magestade
Por haver concedido ao servo humilde
O teu nome louvar nestas distancias.
Permitte, ó meu Senhor, que agora mesmo,
Como primicias deste santo empenho,
A teu Filho Divino humilde off'reça
Esta terra, e que o mundo sempre a chame
Terra de Vera Cruz! E que assim seja. »
Ergue-se, e o laço do estandarte affrouxa:
Sopra o vento, desdobra-o, resplandecem
De um lado a imagem do Cordeiro, e do outro
As armas hespanholas. Como assenso
Da divina mansão, esparge a briza
Um chuveiro de flores sobre a imagem,
Flores não vistas da européa gente!

A. Gonçalves Dias

V. biog. na—Primeira parte— á pag. 209.

A AURORA

(Os Tymbiras — Canto III)

Era a hora em que a flor balança o calix
Aos doces beijos da serena brisa,
Quando a ema soberba alteia o collo,
Roçando apenas o matiz relvoso,
Quando o sol vem dourando os altos montes,
E as ledas aves á porfia trinam,
E a verde coma dos frondosos cedros
Move o perfume que embalsama os ares;
Quando a corrente meio occulta sôa
De sob o denso véu da parda névoa;
Quando nos pannos das mais brancas nuvens
Desenha a aurora melindrosos quadros
Gentis orlados com listrões de fogo;
Quando o vivo carmim de esbelto cactus
Refulge a medo abrilhantado esmalte,
Doce poeira de aljofradas gottas,
Ou pó subtil de perolas desfeitas.

Era a hora gentil, filha de amores,
Era o nascer do sol, libando as meigas,
Risonhas faces da luzente aurora!
Era o canto e o perfume, a luz e a vida,
Uma só cousa e muitas,—melhor face
Da sempre varia e bella natureza:
Um quadro antigo, que já vimos todos,
Que todos com prazer vemos de novo.

Ama o filho do bosque contemplar-te,
Risonha aurora,—ama acordar comtigo,
Ama espreitar nos céus a luz que nasce,
Ou rosea ou branca, já carmim, já fogo,
Já timidos reflexos, já torrentes
De luz, que fére obliqua os altos cimos.

Amavam contemplar-te os de Itajuba
Impavidos guerreiros, quando as tabas
Immensas, que Jaguar fundou primeiro,
Cresciam, como crescem gigantescos
Cedros nas matas, prolongando a sombra
Longe nos valles—e na copa excelsa
Do sol estivo os abrasados raios
Parando em vasto leito de esmeraldas.

Dutra e Mello

—

RIO DE JANEIRO — 1823—1846

Antonio Francisco Dutra e Mello, arrebatado com vinte e tres annos apenas de entre os vivos, era professor, e tornou-se notavel como poeta, pela delicadeza de suas formosissimas poesias, quasi todas no genero descriptivo.

Algumas das composições do poeta foram publicadas na *Minerva Brasileira* e em outros jornaes, por onde jazem exparsas.

A impressão das suas poesias, começada ha tempos, não nos consta que fosse afinal ao cabo.

Ha delle um *Curso de lingua ingleza* e um interessante e bem lançado juizo critico da *Moreninha*, de Macedo, que, como prefacio, vem appenso áquelle romance.

Existem ainda de Dutra e Mello dois volumesinhos de versos, que não são reputados os melhores do poeta.

Muito havia a esperar de tão joven engenho, tão cedo arrebatado ás letras patrias.

—

MADRUGADA NA ILHA DOS FERREIROS

Alva luz sobre o chão vem se espargindo,
Que o dia enfresta em descorados raios
Por aquellas vidraças ; mal tremúla
A frouxa lamparina, azul qual astro
Co'as trevas disputando;—já no occaso
Vae longe a noite, e o somno se esvaece.

Oh! corramos a ver tantas bellezas,
Vistas sempre e tão novas sempre á vista.
Que magica mudança!

Que oceano de vida! —Submergido
Qual atomo no espaço, ora me sinto
Abalar como um ramo sacudido
        Aos tufões do nordeste.
Oh! que frescura que electriza e anima!
A alma se expande, em sensações se abysma!
Bella rompe a manhã;—qual pudibunda
Arreceiosa noiva, se colora
De vermelho o oriente, e roxo um circ'lo
Abraçando o horizonte a côr vislumbra
D'uns labios em que a dor vem debuxar-se.
Não luceja inda Venus:—despenhada
Após o dia se perdeu na tarde.
Mas alta lá no céu divulgo a lua:
Pela manhã surpresa na carreira
Desmaiada se esvae.—Nos niveos braços
Nuvens a tomam;—semelhara a imagem
D'um guerreiro, nas ondas do combate,
Erguida a lança, ameaçando a morte,
Que a treda bala sibilando encontra:
Pende sobre o ginete, e inda no rosto
A ultima expressão paira, e na bocca
O suspiro e a palavra se enregelam.

Em vortices rolando pelos ares
Turbilhões de harmonia se diffundem.
Cada nota é soberba consonancia:
Cada leve cantar um instrumento;
Cada arvore uma orchestra, onde se exhala
Em suspiros, em arias, em gorgeios,
A musica da terra. Oh! que suavissimo
Concerto em que ondulando a melodia
Domina um todo que embriaga o ouvido!
Passada a aurora vae. Lá rompe as nuvens
Fulgido raio dardejando aos ares.
Estira-se no mar; escamas d'ouro
Luzem brilhando no oceano immenso.
Nova scena de pompa se afigura;
Cada montanha até nas aguas roça
Largo manto d'azul. C'rôas aurejam
Na fronte erguida; é cada qual monarcha,
E um cortejo de principes são todas
Ao monarcha da luz. Rapido estende

Seu tapete ceruleo o céu que o espera.
Meio disco já tem sobre o horizonte....
Oh! como é bella a apparatosa vista
Que a cidade apresenta!—esses reflexos
Das altas claraboias scintillando
Como ao longe um fanal de argenteas luzes;
Essas torres e casas que se englobam,
De pontos d'ouro errantes semeadas;
Esse quadro avultado pela cores
Que a atmosphera lhe offerece em fundo;
Essas collinas verdes, em que pousam
Alvos conventos, qual se assenta a pomba
Lá no cimo das copas da mangueira;
Essa floresta immensa de navios,
Cujos mastros semelham gradarias,
Que as praias cercam;—mais a um lado a mole
Que o Pão de Assucar sobranceiro eleva,
Como o rei desse valle de delicias,
Ou qual viva atalaia, que o defende.

Lá dobra magestosa a Candelaria
Nos seus longos e esguios campanarios;
E esses dobres longinquos, gemebundos,
Vir boiando parecem sobre as aguas.

Mas deixemos as galas do nascente;
O occaso espera as ovações do dia,
O occaso aqui nos guarda outras bellezas.

Como um frouxo suspiro em que do somno
        Desperta a natureza,
Diffunde-se o terral suave e fresco,
Mollemente nas aguas se debruça.
Que doce refrigerio n'alma infunde
        O seu bafo tão doce!
Não d'outra sorte as dores adormentam
Da minha terna mãe brandos cuidados;
A lagrima que rola-me nos olhos,
        Testemunha esta imagem!

Verde o mar como um campo ali se esbarra
Na arêa de crystal que a praia adorna
Da ponta do Cajù— Longa se estende
Uma fita elegante d'alvas casas,
Coroadas de floreos cajueiros.

Molhando n'agua os pés. Lá se assoberba
A quinta imperial, toda coberta
Por mil densas abobadas de folhas.
Mas que vejo?! No azul lá do oceano
(Quaes as gaivotas piadoras brilham)
Pontos de prata branquejando avultam,
Perdidos nesses rolos de saphyras,
Como estrellas no céu—como esperanças
N'um coração que a duvida lacéra.
Mil velas se desenham pouco a pouco;
Barcos ligeiros vão roçando as ondas,
Ferve a espuma, as esteiras se desdobram,
Fitos proejam da cidade em busca.
Cançada a vista languecendo inclina
Seus raios para o mar; fita contempla
O immenso de seu ambito.
No bulicio das aguas espelhando
Vagas do mundo, agitações d'um'alma.
A sós aqui commigo n'estas praias
Neste solo, degráo que unico hei tido
Para subir á natureza, e olhando
Gozar, sentir primores do universo,
Eu sinto aniquilar-me. Infima gotta,
Perco-me n'este oceano ;e em toda a parte
A idéa d'um Deus paira adejando,
Como ao nascer do mundo era levado
O esp'rito do Senhor por sobre as aguas.

Minha alma inda tão limpa e tão serena
Como este céu d'America. tão calma
Como este golfo languido amoroso,
Tão fresca e nova como a aurora d'hoje,
Apraz-se aqui na solidão, fugindo
Ao sorrir frio e cynico dos homens.
A natureza, Deus, ella :—eis seu mundo;
Que o outro só d'horrores se povôa.

Joaquim Serra

MARANHÃO—1838—1888

Joaquim Maria Serra Sobrinho, notabilissimo jornalista e bri-

lhante publicista, foi ainda grande poeta, expontaneo e simples, campesino e popular.

Como jornalista, redigiu, ainda no Maranhão, "*A Coalição*" e o "*Semanario Maranhense*", e, no Rio de Janeiro, foi redactor da *Reforma, Diario Official, Folha Nova e O Paiz*. Representou o Maranhão na Camara temporaria. Publicou, com o pseudonymo de *Ignotus,* o interessante e valioso opusculo *Sessenta annos de jornalismo* e os volumes de poesia: *Versos de Pietro de Castellamare,* (pseudonymo), "*Salto de Leucade*", *Um coração de mulher* e *Quadros.*

Era em politica liberal extremado e como prova do seu abolicionismo, ahi estão os *Topicos do dia,* serie de artigos diarios, escriptos nas columnas d'"*O Paiz*", em que incessantemente bateu a escravidão.

RASTO DE SANGUE

E' a hora do crepusculo :
Que viração tão grata !
Geme o riacho querulo ;
Nem um cantor na mata !

Desce a ladeira ingreme
Um touro de repente,
E vae nas frescas aguas
Fartar a sêde ardente.

Os juncos tremem ; subito
Sôa medonho ronco ;
E o jaguar precipite
Pula de traz de um tronco.

De balde o touro curva-se
Recua, dá um salto...
E' o jaguar mais flacido,
Sabe pular mais alto...

O touro parte célere,
Soltando um grito horrendo !
Sobre elle a fera escancha-se,
Tambem lá vae correndo !

Voam por esses paramos :
O touro em grandes brados.
Saltar querem das orbitas
Seus olhos inflammados !

Espuma, arqueja ! A lingua
Da bocca vae pendente !
Garras e dentes crava-lhe
A féra impaciente !

Largo rastilho rubido
Embebe-se na areia;
O sangue jorra calido
Da lacerada veia...

Contrahe-se a forte victima
Lutando com braveza !
Porém, o algoz impavido
Lá vae...não deixa a presa.

Correram mais! Que insania,
Que scena pavorosa,
Passada no silencio
Da selva escura e umbrosa!

Em fim, num precipicio
Os dois vão baquear...
Cahiram lá exanimes
O touro e o jaguar !

Quadros.

Mello Moraes Filho

V. noticia bio-bibliographica na — Primeira parte — pag. 266

—

TARDE TROPICAL

É a hora do dia em que das mattas
Desce a sombra da basta gamelleira,
E saltando das lapas as cascatas
Espadanam das aguas a poeira...
Em que a onça lambendo as ruivas patas,
Rente o peito com o chão da cordilheira,
Encurva o dorso e cerra, ao abandono,
Os olhos d'ouro, de fadiga e somno...

Em que o indio perdido na savana
Conta a Tupan seus barbaros segredos...
E a tarde,—bella moça americana,
Cóa a luz do crepusc'lo em bronzeos dedos!
Em que as flores vermelhas da liana,
Da ponte de cipós dos arvoredos
Cahindo ao sopro da macia aragem
S' estendem sob as redes do sebragem!...

Hora de amor, de prece, hora do encanto!...
Tu murmuras nos rios transparentes;
E tens por voz da guaraponga o canto
E o ronco das giboias nas vertentes!...
Quando tinges no occaso o claro manto,
E alem descambas desses céus ardentes,
Mão de mysterio por velar-te a urna
Ergue no espaço á lampada nocturna!

E' já quasi ao sol posto, quando a terra
Trescala de selvatica harmonia...
Que á cascavel que dorme pela serra
Espanta o silvo da cauan bravia!...
E se ruge o jaguar que o fogo aterra,
Acceso á porta da cabana esguia,
Retumbam echos nos rochedos fundos,
— Titans rolando do Equador nos mundos!...

Os cactus em flôr pela clareira,
S' illuminam de insectos scintillantes;
E a velha da tribu, a feiticeira.
Evoca os genios da floresta errantes!
E se os lumes sinistros da fogueira
Aos sortilegios lustram mais fumantes,
As corujas nos ares ululando
A' face do crescente vão voando!

Hora de amor, de adoração, de crença,
Ave-Maria!—Estrella dos palmares!
Tu mitigas do escravo a dor intensa,
A' santa uncção dos mysticos cantares!
Quando baixas do céu, a selva immensa
Manda esperar-te os largos nenuphares...
E o oceano, na vaga que fluctua,
Reflecte de teus pés a meia lua!

Nos braços do lethargo, á frouxa luz
Do sol que morre—dorme a natureza!
E as rolas pelas moitas dos bambús
Arrulam doces cantos de tristeza!
E o caboclo que leva os filhos nús,
Do Amazonas á rija correnteza,
Penetrando a floresta, em mudo assombro
A um tem pela mão,—traz outro ao hombro!...

Tardes de minha terra! ó prado! ó flores!
Bosques cheios de sombra e de harmonias!
Valles e serras, magicos vapores,
Ninho das garças nas lagôas frias!
Vós recordaes-me a tribu dos amores,
O colmo das deixadas phantasias,
Por onde essa illusão que a alma nos cança
Penduro as rêdes d'ouro da esperança!

Adeus, ó tarde, adeus! que os horisontes
Cobrem do dia morto o corpo algente...
Turva neblina rola pelos montes,
— Cinzas das azas desse sol poente!
Ave Maria! Ao céo quando remontes,
Da natureza eterna ao hymno ardente,
Que a ti subam dest'harpa os sons finaes
Aos enlevos das tardes tropicaes.

ALBERTO DE OLIVEIRA

Noticia bio-bibliographica á pag. 384.

A. TORRENTE

Da serra azul, onde a palmeira medra,
Onde paira a neblina, se deriva,
Entre abertos lisins de esconsa pedra,
Um fio d'agua viva;
Exiguo e frouxo, palmo a palmo, avança,
Pela escarpada ; a folha, de passagem,
Leva, rodeia os troncos, não descansa,
Não pára na viagem.
Ora entre os lichens verdes serpenteia,
Corre entre os fetos, geme na fragura,
Ora caminha aberto em livre areia
Acha,—avança, murmura;
Desce depois mais volumoso, arreda
Quanto encontra, e augmentado em cada fragua,
Recúa e salta, erguendo em cada queda
O seu pennacho d'agua ;
Com a chúva engrossa, rue no chão da gruta,
Cascata agora,—a penedia bronca,
Mina-a, em redor, desloca-a, immensa e bruta,
Leva-a, espumeja e ronca;
A tudo investe, abala, desimplanta
Destróe, derriba, na evulsão crescente,
E ruge das quebradas na garganta
A impetuosa torrente.
Negra socava, tetrica, soturna,
Treme e retumba; as aguas passam ;—tudo
Geme—os ninhos, a flor, o antro, a furna,
A'quelle embate rudo.
No valle, emfim, torcendo a crystallina
Juba, se atira, e em echos se propaga
A torrente caudal, e ora a campina
E as florestas alaga,
Em rio audaz que as fertiliza e banha,
Calma agora, volvendo as ondas fundas,
Pois, como a idéa, as aguas da montanha
Querem ser livres para ser fecundas.

Augusto de Lima

MINAS—VILLA NOVA DE LIMA—1860

Antonio Augusto de Lima, formado em direito pela Academia de S. Paulo, magistrado em seu estado natal, é um dos mais illustres cultores do verso no Brasil, salientando-se pela correcção requintada da forma e o fundo scientifico e philosophico de não pequeno numero das suas formosas peças poeticas. Cultiva ainda a musica.

Tem collaborado na imprensa carioca e nos jornaes do seu e do Estado de S. Paulo, então provincia, quando o poeta, com V. Magalhães, R. Correia e outros, redigia a *Revista de sciencias e letras.*

O illustre poeta das *Contemporaneas* tem jus de occupar um logar definitivo e saliente entre os melhores poetas nacionaes contemporaneos.

O segundo livro de versos do illustrado e culto escriptor mineiro é chamado *Symbolos* e appareceu em 1892.

Os versos ineditos e os exparsos por jornaes e revistas, deste notavel cultor da poesia dão para mais de um volume.

A ILHA DE CORAL

Rolam no mar do Tempo, annos, seculos, eras:
Extinguem-se os volcões, rompem novas crateras,
Que extinguem-se a seu turno; elevam-se cidades
Das ruinas, o altar das velhas divindades
E' derrocado e surge um novo culto; em summa,
A vida universal vae n'um batel de espuma,
Os seres levantando e os seres submergindo,
Mas no fundo do mar, n'um sonho eterno e infindo.
O paciente polypo, artifice fecundo,
Erige lentamente a construcção de um mundo,
E lá na solidão da submarina rocha,
Entre o salso juncal que o germen desabrocha
Da vida elementar sob a imperfeita forma;
Eis que aos poucos se estende, e aos poucos se transforma;
A principio é um arbusto e após arvore grande,
Mais tarde é uma floresta immensa que se expande,
Germina e reproduz outras tantas e destas
Irrompem triumphantes camadas de florestas.

E dos turvos pegões, rasgando a humida clamyde,
Vem subindo a vermelha e altissima pyramide,
Mais um seculo, e então converte-se em montanha,
Mais uma noite, e o sol o pincaro lhe banha;
E pela vez primeira ostenta a rica flóra
E recebe o baptismo explendido da aurora!

RODRIGO OCTAVIO

—

S. PAULO—CAMPINAS— 1866

Rodrigo Octavio de Langard Menezes, formado em direito, é poeta, historiador e jurista.

Como novelista, escreveu o romancete *Aristo*, verdadeiro poema em prosa.

E' de sua lavra a tragedia historica, em verso, *Sonhos funestos*, com a qual estreiou no genero: brilhante estreia.

Publicou duas mimosas collecções de versos, *Pampanos e Poemas e Idilios*, onde se revelou poeta de grande merecimento.

Rodrigo Octavio é ainda auctor do livro *Festas Nacionaes*, adoptado como livro de leitura nas escolas. e para o qual Raul Pompeia escreveu um brilhante prologo, em forma de carta ao auctor.

Alem dos "Commentarios á Constituição„ e de outros trabalhos juridicos de elevado merito, ha de Rodrigo Octavio o trabalho historico: *Felisberto Caldeira*, ultimamente publicado.

Tem occupado elevados cargos publicos; hoje advoga.

Rodrigo Octavio é membro do Instituto dos Advogados, onde obteve um premio por trabalho publicado, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, para onde entrou ultimamente, e da Academia Brasileira de Letras, de que é socio fundador.

—

NAS MARGENS DO PARAHYBA

Que esplendida paisagem! Somnolento
Deslisa o Parahyba tremulante;
Um manto azul sem fim, o firmamento,
A terra um grande valle deslumbrante!

Os passaros em bando a cada instante
Curveteiam; nas arvores o vento
Brinca, e tudo parece a triumphante
Incarnação de alegre pensamento.

E emquanto a natureza regorgita
Em festa e da aboboda infinita,
Como limpida fonte, jorra a luz,

Ao sol abrasador do meio dia
Vai descendo arquejante a serrania
A fila dos escravos semi-nus.

Medeiros e Albuquerque

—

PERNAMBUCO

Poeta e prosador, Medeiros e Albuquerque é uma das mais bellas organisações literarias da actual geração de escriptores brasileiros.

Como poeta, a sua reputação ficou firmada desde a publicação do seu primeiro livro, *Canções da Decadencia.*

Publicou depois os *Peccados,* sua segunda collecção de versos, que em nada desmerece da primeira e que veio consolidar a bella reputação de poeta.

Tem escripto primorosos contos, *Mãe Tapuia,* onde se revela um observador intelligente e um narrador de excepcional talento.

Medeiros e Albuquerque tem redigido varios jornaes e collaborado em muitos outros, como *O Tempo, O Figaro, A Noticia, O Paiz* etc.

Na *Revista Brasileira* tem publicado alguns trabalhos de merecimento, como os artigos *Federação e Republica, O Impossivel, Sete annos de Republica.*

Representou Pernambuco, seu estado natal, na Camara Federal.

E' da Academia Brasileira de Letras.

—

ANOITECENDO

E' quasi noite. Crepuscúla o dia,
Na mortalha da treva se enrolando.
Da aragem vespertina leve e fria,
Passa o queixume vaporoso e brando.

Traços d'azas no céu... Na serrania
Troncos mirrados erguem-se, estacando:
Os galhos nús semelham a sombria
Posição de quem clama deprecando...

Arma-se a eça funebre e suspensa
Do dia morto... A multidão immensa
Das estrellas recama o enorme espaço...

Sobem dos negros as canções magoadas...
Mal se distingue ao longe, nas boiadas,
Lentos, os lentos bois marchando a passo...

ALBERTO SILVA

—

ESTADO DO RIO—NICTHEROY—1863

E' poeta delicioso, que encanta pela doçura e meiguice dos seus versos formosos.

Alberto Silva, que tem collaborado em quasi toda a imprensa carioca, escreveu assiduamente n'*A Semana*, a conhecida folha literariá.

Duas são as obras publicadas de Alberto Silva : ***Matinaes***, o seu primeiro livro de versos, recebido com palmas e applausos, e um poemeto ***Naufragio da Barca Terceira***, em que narra o luctuoso acontecimento dado na bahia de Nictheroy.

Alberto Silva, que é tambem eximio pintor e discipulo querido de Antonio Parreiras, leccionou desenho no Gymnasio Fluminense e hoje exerce o cargo de director de grupo escolar, na sua cidade natal.

O mavioso vate fluminense tem muitas composições ineditas.

—

MANHÃ DE INVERNO

Adelgaça-se a frigida neblina,
E uma faixa de luz larga se escôa;
Fulge o crystal das aguas da lagôa
Sob o flanco virente da collina.

Daqui, dalli, de toda parte vôa,
Doudeja um bando de azas; pela crina
Do bambual, que murmuro se inclina,
Cantam as aves ; a floresta echôa.

O rouco, rude baque do machado
Brame longe, na serra, compassado.
De uns aromas subtis sopram lufadas...

Do rebanho o lençol branco se estende
Num alto, emquanto em baixo, tine, esplende
Tremula, ao sol, a fila das enchadas.

FABULAS E APOLOGOS

FRANCISCO VILELLA BARBOSA

MARQUEZ DE PARANAGUÁ

RIO DE JANEIRO—1769—1846

Formado em mathematica pela universidade de Coimbra, Vilella Barbosa foi professor, scientista, politico e poeta.

Como professor, exerceu o magisterio na Academia Real de Marinha e deixou um compendio de *Geometria* (Elementos). Na Academia de Sciencias, de que foi socio, recitou um *discurso historico,* depois publicado.

Foi deputado ás côrtes portuguezas.

Como poeta, não se lhe póde negar sentimento lyrico, linguagem correcta e correntia.

O RIO E O REGATO

Ao manso regato um dia
Soberbo rio dizia:
« Desgraçado, eu te lamento
« Em teu curso pobre e lento;
« Pois fazendo voltas tantas,
« Por entre rasteiras plantas
« Corres sem nome, escondido:
« Emtanto que eu conhecido
« Nas cidades mais famosas,
« Minhas ondas copiosas
« Metto, levando a abundancia
« A' mais remota distancia.
« Cem regatos orgulhosos
« De minha alliança anciosos
« Se vêm metter no meu seio
« Sem fazer um só rodeio.
« Demais, eu tenho coragem,

« E nada em minha passagem
« Encontro que eu não arrede,
« Pois tudo á meu valor cede. »
Disse; e ainda mais fallára,
Quer de sua origem rara,
Quer das suas qualidades,
Quando a taes fatuïdades
Mais sabio o pobre regato
Lhe responde e mui pacato:
« Que, amigo! da matriz
« Ou lago d'onde sahis,
« Não tenho eu tambem sahido?
« Logo depois de nascido
« Um e outro n'esta selva,
« Debaixo da mesma relva
« Nossas aguas não correram?
« D'onde é pois que vos vieram
« Tantos fumos de altivez?
« Só o acaso é que nos fez,
« Deixando o materno berço,
« Correr por logar diverso.
« Vós em terreno inclinado
« Caminhaes mais apressado,
« Absorvendo estes ribeiros,
« Que em vós se mettem ligeiros,
« Vossas aguas engrossando;
« Eu ao longo costeando
« Estas formosas collinas,
« Minhas aguas crystalinas
« Conduzo tranquillamente.
« Mas por isto, francamente,
« Julgaes ser mais, do que eu, nobre?
« E' verdade que mais pobre
« Eu sou d'agua, porem ella
« Não é clara pura e bella?
« Vós causaes o medo e espanto
« Por onde passaes, emtanto
« Que eu com murmurio sereno,
« Regando mais de um terreno,
« Fertiliso estas campinas,
« Sem causar essas ruinas,
« Que por vós causadas vejo,
« Antes sempre bemfazejo:

« Até que minha corrente
« Se confunda finalmente
« Nesse mar vasto e profundo,
« Onde um dia, sem segundo,
« Tocando os mesmos extremos,
« Ambos juntar-nos devemos.»

Bomsuccesso

RIO DE JANEIRO—1833—1899

O Dr. Anastacio Luiz do Bomsuccesso, poeta lyrico de merecimento, é o autor applaudido das *Fabulas*, collecção de apologos originaes, de sua lavra, por elle publicadas, obra recebida pela imprensa com elogiosos applausos e encomiasticas noticias.

Como medico, humanitario e bemfasejo, prestou á pobreza os maiores serviços: chamavam-no o *pae dos pobres*.

Socio fundador do Instituto dos bachareis em letras, presidiu as suas sessões durante muitos annos, e ainda dirigia os trabalhos da mirifica associação, quando a morte o arrebatou ás letras patrias.

Morreu pauperrimo.

O Dr. Bomsuccesso foi ainda socio da *Sociedade auxiliadora da industria nacional*, da *Sociedade propagadora das bellas artes*, da *Academia philosophica*, etc.

Publicou-se, sob a sua direcção, a *Bibliotheca do Instituto dos Bachareis em letras*, onde se encontram, alem da sua formosa poesia *Gloria*, interessantes estudos literarios e criticos.

A BORBOLETA

Em lindos vergeis correndo,
A borboleta vagava.
Numa flor adormecendo,
Em outra já repousava.

Por sobre cravos e rosas
Continuava adejando,
Boninas, dhalias formosas
Ia contente beijando.

Mas de repente estremece—
—Flor venenosa tocára—;
A borboleta fenece
Na mesma flor que beijara.

Quando queremos gozar
Mil prazeres nesta lida,
A morte vamos buscar,
Pensando buscar a vida.

—

O CYSNE

Em immundo paúl o cysne váe boiando,
E não mancha, siquer, as niveas, claras pennas,
Por entre as multidões, em vicios se engolfando,
—As almas dos heróes conservam-se serenas!

—

O VENTO E A POEIRA

O vento, sem ter medo,
Levanta em turbilhão
O pó que estava quedo
No seu canto dormindo em feio chão.

E lá pelas alturas
O pó julga-se um rei;
Fazendo diabruras,
Governa a todos com austera lei.

O vento, porém, cessa;
O pó na terra lisa
Cahiu muito depressa;
O rico, o pobre, tudo nelle pisa.

« Pensei ser grande cousa,
Diz elle tristemente;
Agora assim repousa
Quem nos ares andou garbosamente! »

Aquelle que se eleva
Sem merito real
Muitas horas não leva
Na bella posição que exerce mal ;

Pois logo que lhe falta
A protectora mão,
De posição bem alta
Vem, como deve, rastejar no chão!

João Cardoso de Menezes e Souza

BARÃO DE PARANAPIACABA

V. Biog. na—Primeira parte—á pagina 149

—

O CARVALHO E O CANIÇO

Dizia ao caniço robusto carvalho:
« Sou grande, sou forte;
E's debil e podes, com justos motivos,
Queixar-te da sorte!

«Inclinas-te ao peso de fragil carriço;
E a leve bafagem,
Que enruga das aguas a linha tranquilla
Te averga a folhagem.

« Mas minha cimeira tufões assoberba,
Com serras entesta;
Do sol aos fulgores barreiras oppondo,
Domino a floresta.

« Qual rija lufada, do zephyro o sôpro
Te sôa aos ouvidos,
E a mim se affiguram suaves favonios
Do Norte os bramidos.

« Se desta ramagem, que ensombra os contornos,
Ao abrigo nasceras,
Amparo eu te fôra de súes e procellas
E menos soffreras.

«Mas tens como berço brejaes e alagados
Que o vento devasta;
Confesso que sobram razões de accusares
A sorte madrasta. »

Responde o caniço :— « Das almas sensiveis
E' ter compaixão;
Mas crêde que os ventos, não menos que aos fracos,
Terriveis vos são.

Eu vergo e não quebro. Da lucta com o vento
Fazeis grande alarde;
Julgaes que heis de sempre zombar das borrascas?
Té ver não é tarde. »

Mal isto dizia, dispara com furia,
D'um céu carregado,
O mais formidavel dos filhos que o Norte
No seio ha gerado,

Erecto o carvalho, faz frente á refréga;
E o fragil arbusto,
Vergando flexivel, do vento aos arrancos,
Resiste sem custo.

Mas logo a nortada, dobrando de força,
O roble tombava,
Que ás nuvens se erguia e as fortes raizes
No chão profundava.

JOAQUIM JOSÉ TEIXEIRA

RIO DE JANEIRO—1820—1884

Poeta de merito, foi principalmente na fabula que se tornou notavel Joaquim José Teixeira.

No seu genero, no Brasil, Teixeira só teve um emulo e companheiro: Anastacio Luiz do Bomsuccesso.

—

OS CANHÕES

Deu á luz uma rainha
O nobre infante gentil;
Bronzeos canhões o seu berço
Salvaram com vozes mil.

Correndo o tempo, o menino
Rei tornou-se no logar;
Bronzeos canhões o seu throno
Foram com balas quebrar.

A mesma voz que dá vivas,
Tambem com morras atroa;
— Feliz de quem só procura
Nos corações a coroa —

Silva Ramos

—

PERNAMBUCO — RECIFE — 1853

Formado em Coimbra, onde teve occasião de conviver com as mais notaveis individualidades das letras portuguezas de então (João de Deus, Guerra Junqueira, Macedo Papança, Guilherme de Azevedo etc), o mavioso poeta, lyrico á brasileira, deixou-se, entretanto, influenciar pelo meio coimbrão, na feição e na construcção do verso, correctissimo aliás no metro e na linguagem.

Estreiou com os *Adejos*, versos, em 1871 e traduziu a comedia de Millaud *Peché veniel*, representada com successo na cidade universitaria.

Chronista n'*A Semana*, sob o pseudonymo de Julio Valmor, o Dr. José Julio da Silva Ramos publicou naquella e em outras folhas muitas das suas composições, pela maior parte, sonetos, formosos como os de Anthero do Quental e lyricos e doces como os de Camões.

E' professor e, como tal, rege uma cadeira no Gymnasio Fluminense, de que foi o primeiro director

E' da Academia Brasileira de Letras.

—

A TORRENTE E O RIO

Com ruido e com fragor,
Tombava da montanha uma torrente,
Espalhando o terror
Nos corações da campesina gente.
E nenhum caminhante
Se atrevia a passar
Barreira tão gigante.
Eis que um vê uns ladrões e, sem parar,
Mette de meio a onda susurrante.
Era bulha e mais nada; pelo custo,
O pobre do homem só tirava o susto.
Ganhando, então, coragem,
E os ladrões continuando a perseguil-o,
Encontra na passagem,
Um rio ameno, placido e tranquillo
Que, como um sonho, caricioso, ondeia
Por entre margens de luzente areia:
Procura atravessal-o,
Entra... mas o cavallo,
Livrando-o á caça dos ladrões, dirige-o
Da onda escura ao seio negrejante,
E ambos foram d'alli no mesmo instante
Beber ao lago Estygio.
No inferno tenebroso,
Por outros rios navegando vão.

O homem que não falla é perigoso;
Os outros, esses não.

RAYMUNDO CORREIA

Noticia bio-bibliographica á pagina 383.

A LEÕA E A URSA

Cahiu-lhe o filho na cilada,
Que o mendaz caçador lhe veio ao bosque armar;
E pelo bosque andava, irada;
A mãe leôa a urrar—a urrar, a urrar, a urrar...
E a noite toda e todo o dia
Soltou berros crueis, urros descommunaes;
E não só ella não dormia,
Mas nem dormir deixava os outros animaes.
Tamanho e tal berreiro a féra
Fazia, que fazia os bichos mais tremer;
Até que veio a ursa (que era
Comadre della) em prol dos mais interceder.
« Comadre, disse, os innocentes
Que famulente e crua estrangulando vae
A aguda serra dos teus dentes
Não têm elles tambem, acaso, mãe nem pae?
Têm. Entretanto, estes, pungidos,
Loucos por um desastre ao teu desastre igual,
Não vêm quebrar nossos ouvidos:
Não n'os quebres tu, pois, com algazarra tal! »
— « Eu, sem meu filho! Ai! que velhice!
Sem elle arrastarei com este fado atroz! »
Disse a leôa. E a ursa disse:
« Do teu fado, porém, que culpa temos nós?! »
— « E' o destino que me odeia!... »

E quem no mesmo caso o mesmo não dirá,
Se dessa phrase a bocca cheia
De todo o mundo (diz o La Fontaine) está?...

***

—

ABELHA E A FORMIGA

Na petala perfumada
De linda rosa vermelha,
Travaram prosa animada
Uma formiga e uma abelha!

Conversam. Diz a formiga:
" Como somos differentes!
Quão diversos são, amiga,
Os destinos dos viventes!

" Emquanto das estimadas
Abelhas se faz cultura,
As formigas maltratadas
São da humana creatura!

" Ao exterminio votadas,
Para nós outras —a morte!
E vós? vós sois procuradas.
Desigualdades da sorte!"

Responde a abelha zumbindo
As azas: " E' que viveis
Roças, campos destruindo:
Sem razão não vos queixeis!

" Não fazeis senão o mal!
Nós prestamos bom serviço
A' industria nacional...
Somos queridas por isso!

" Adejando pelos ramos,
Entre boninas e rosas,
O dôce mel fabricamos:
Somos uteis, proveitosas!"

E termina abelha assim,
Voando para a colmeia:
" *Cada um*—diz velho **annexim**—
Colhe conforme semeia."

João Ribeiro

—

SERGIPE—1860

Philologo, professor de historia e lingua vernacula, prosador e poeta.

Tem publicado excellentes obras didacticas: *Curso de grammatica portugueza* (*1º 2º e 3º annos*), *"Auctores contemporaneos"*, traducção e adaptação aos nossos programmas da primorosa *Historia geral de Weber*, e *Historia do Brasil:* João Ribeiro é lente do Gymnasio Nacional.

Como poeta, elle tem incontestavel merito, não só como cultor original das musas, mas ainda como traductor dos bardos allemães, o que tem feito com pericia reconhecida.

Publicou um volume de delicadas composições poeticas.

João Ribeiro tem escripto para a imprensa diaria da Capital da Republica e collabora assiduamente na *Revista Brasileira*, do operoso escriptor José Verissimo.

E' da Academia Brasileira de Letras.

—

O CALIFA

No outro tempo, em Bagdad, Almansor, o Califa,
Um palacio construiu: todo d'oiro, a alcatifa
De jaspe, a columnata em porphyro e o frontal
De toda a pedraria asiatica, oriental,
E ao redor desse asylo em piscinas de luxo
Chilrava o lacteo pó das fontes em repuxo.
Ora, alli perto havia em frente ao monumento
Uma choça mesquinha, esfarrapada ao vento,
Quasi a cahir, humilde e tristonha mansão
D'um velho pobre, velho e simples tecelão.
Essa misera casa, ao certo, transtornava
A sumptuosa impressão do palacio. Causava
Não sei que dor, talvez asco. Desagradavel,
Tanta riqueza ao pé de choça miseravel!
Convinha, pois, destruil-a. E ao velho tecelão
Offerecem dinheiro. E o velho disse:
—"Não!
Guardai vosso ouro todo; esta casa que habito
Nunca será vendida, antes seja eu maldito.

Arrasae-a, porquanto é-vos facil poder.
Nella morreu meu pae, e nella hei de eu morrer."
E á resposta do velho, o califa Almansor
Esteve a meditar. Um dos servos :—"Senhor !
Sois poderoso e rei, vós podeis sem vexame,
Essa casa arrasar, já e já, sem exame.
Pois vós ! retroceder diante d'um tecelão ! "—
Almansor, o califa, ergueu-se e disse :
—"Não !
Eu não quero destruir a mesquinha choupana,
Quero-a de pé, bem junto a mim, essa cabana,
Porquanto a geração dos meus filhos se expande,
E quero que cada um a reflectir, sem custo,
Vendo o palacio diga:—*Ave ! Almansor foi grande!*
E vendo a pobre choça :—*Elle foi mais. Foi justo.*

Filinto de Almeida

PORTO—1857

Portuguez de origem, Filinto de Almeida veiu muito novo para o Brasil e aqui formou-se o seu espirito e brasileiro é o seu lyrismo, destoando, entretanto, desse lyrismo callido e sensual tão commum aos nossos melhores poetas.

O seu livro de versos, *Lyrica*, é cheio de aspirações ideaes e idyllicas.

Filinto foi co-proprietario e co-director d'*A Semana*, o conhecido jornal de Valentim Magalhães, onde publicou as apreciadas chronicas semanaes de Filindal.

E' correctissimo na linguagem este poeta, um dos mais mimosos e melodiosos que possuimos.

E' da Academia Brasileira de Letras.

O VEADO ENFERMO

Em paiz só dos seus, cahiu doente um veado.
Incontinenti acha a seu lado
Camaradas que o vão visitar, soccorrer,
Ao menos consolar ; uma corja massante.

"Senhores, deixem-me morrer;
Deixem que a Parca neste instante
Me despache ao seu uso; e terminem as dores
E o pranto." Os seus consoladores
Tardando esse dever cumpriram, e só quando
Deus quiz, se foram retirando,
Não sem beber um bello trago,
Assim como quem cobra imposto de visita.
Soffreram do veado os campos grande estrago
E os tosou a valer a cambada maldicta.
Nada a dizer o doente achou:
De um mal num mal peior tombou,
E foi forçado—ó dor sem nome!—
A jejuar, morrer de fome!

Do corpo, ó medicos, e da alma!
Quem vos reclama perde a calma.
Bem alto eu grito, e não me illudo,
Int'resse! és quem dá leis a tudo!

THEATRO

Domingos J. G. de Magalhães

VISCONDE DE ARAGUAYA

—

V. Noticia bio-bibliographica na—Primeira parte—á pag. 139.

MONOLOGO DE ANTONIO JOSÉ

SCENA V

ANTONIO JOSE, *fazendo um esforço para levantar a cabeça, olha para todos os lados, e, firmando o cotovelo no cêpo que lhe serve de travesseiro, pousa a cabeça na mão e falla com voz debil:*

E' dia ou noite?... O sol talvez já brilhe
Fóra desta masmorra... A natureza
Talvez cheia de vida e de alegria
O hymno da manhã entoe agora!
Mas p'ra mim acabou-se o mundo e o dia...
Sim, p'ra o mundo morri... Minha existencia
Já não conto por dias—sim por dores!
Nesta perpetua noite sepultado,
E' meu unico sol esta candeia,
Pallida e triste, como a luz dos mortos,
Deante de meus olhos sempre accesa,
Para tingir de horror este sepulchro.
Seu vapor pestilento respirando,
Vejo correr meus ultimos instantes,
Como este fumo negro que ella exhala,
E em confusos novelos se evapora.
P'ra mim enrouqueceu-se a voz humana!
Só perturba o silencio deste carcere
O ferrolho que corre e a dura porta,

Que em horas dadas se abre, p'ra fechar-se;
Por musica continua, esta corrente,
Que retine e chocalha em meus ouvidos
E de negros vergões me crava o corpo...
Se eu podesse dormir... um somno ao menos
Livre destas cadeias —porém, como.
Tendo por cabeceira um duro cepo,
Este chão frio e humido por leito
E palhas por lençol!—E por que causa!
Por uma opinião, por uma idéa
Que meu pae recebeu dos seus maiores
E transmittiu ao filho! E sou culpado!
E' possivel que os homens tão máus sejam
Que como um fero tigre assim me tratem
Por uma idéa occulta de minha alma
Porque, em vez de seguir a lei de Christo,
Sigo a lei de Moysés?!... Mas quando, quando
Esse Deus—homem, morto no Calvario
Pregou no mundo leis de fogo e sangue?
Quando, na Cruz suspenso, deu aos homens
O poder de vingar a sua morte?
Que direitos têm elles, que justiça.
Mesmo por sua lei, de perseguir-nos?...
Oh! que infamia! Assim é que elles entendem
De seu legislador os mandamentos?!...
Leis de amor, convertidas em leis de odio!
E são elles christãos!... E assim manchando
O nome de seu Deus, ousam mostrar-se
A' face do universo, revestidos
Com sagradas insignias, profanando
Os templos, que deviam esmagal-os!
Oh céus, que horror! que atroz hypocrisia!

Pausa. Esforça-se por mudar de posição. Tinem as cadeias. Fica apoiado sobre o braço, com a mão no chão e com a outra segura a cadeia, que o prende á pilastra.

Ai... já não posso.... Dóe-me, o corpo todo.
Como tenho este braço!

(*Toma uma larga respiração*)

O ar me falta...

Creio que morrerei nesta masmorra,
De fraqueza e tormento... O meu cadaver
Será queimado e em cinza reduzido!

Oh que irrisão!... Quão vis são estes homens!
Como abutres os mortos despedaçam
P'ra saciar seu odio, quando a vida
De suas tristes victimas se escapa!

Com indignação

Não, eu não fugirei á vossa raiva,
Não mancharei meus dias derradeiros,
Arrancando-me a vida; não, malvados,
Assás tenho valor para insultar-vos
De cima da fogueira. A minha morte
Quero que sobre vós toda recaia.

Pausa. Abaixa a cabeça como absorvido em algum pensamento e, sacudindo-a, diz com voz compassada e baixa:

Morrer!... morrer!... Quem sabe o que é a morte?
Porto de salvamento ou de naufragio!
E a vida?—um sonho n'um baixel sem leme,
Sonhos entremeiados d'outros sonhos,
Prazer que em dor começa e em dor acaba.
O que foi minha vida e o que é agora?
—Uma masmorra allumiada apenas,
Onde tudo se vê confusamente,
Onde a escassez da luz o horror augmenta,
E interrompe o recondito mysterio,
Eis o que é a vida! Mal que a luz se extingue,
O horror e a confusão desapparecem,
O palacio e a masmorra se confundem,
Completa-se o mysterio... eis o que é a morte.

Antonio José, act. V.

Agrario de Souza Menezes

—

BAHIA—1834—1863

Formado em sciencias juridicas e sociaes, Agrario foi poeta, dramaturgo e jornalista, sobresahindo principalmente como autor dramatico.

Redigiu varios jornaes e escreveu em outros collaboração em prosa e em verso.

Publicou, além de outras, as obras: *Calabar*, drama em verso, cinco actos, a melhor das suas producções e a mais conhecida e estimada; foi premiada no conservatorio dramatico. *Os miseraveis*, drama, *Mathilde*, drama; *Bartholomeu de Gusmão*, drama; *Os contribuintes*, drama; *O dia da independencia*, drama; *O retrato do rei, o principe*; *o voto livre, o primeiro amor* e outros, ineditos, etc.

Os trabalhos de Agrario, em grande parte ineditos, constituem inestimavel patrimonio das letras dramaticas no Brasil, em geral tão descuradas e, quasi que se póde dizer, abandonadas e esquecidas!

—

CALABAR

SCENA V.— Calabar, Sigismundo e os Officiaes.

CALABAR *(solemnemente)*

Eis-me ante vós!... Saúdo aos hollandezes!

1.° OFFICIAL *(a parte)*

Esta voz!...

SIGISMUNDO *(com altivez)*

Não sabemos quem nos fala.
Quem quer que sejas, deves sem rebuço
Dizer teu nome e o fim a que vieste!

CALABAR (*accentuando*)

Quereis saber meu nome?...

(*Mudando de tom*)

Sobre a terra
Com c'racteres de sangue está escripto!
Depois une-se ao echo das ruinas,
Ou ao murmurio tetrico e pesado
Das agoureiras aves do sepulchro!...
Quereis saber meu nome?... Se o proferem,
Lançam-lhe maldições!... Se alguem o escuta,
Parece ouvir o epitheto da morte!

SIGISMUNDO

Então és?...

1.º OFFICIAL *(erguendo-se)*

Calabar!!...

Levantam-se todos admirados

CALABAR (*descobrindo-se*)

E' o mulato!
E' o mulato, sim, horrido e triste,
Indomito e feroz como a procella,
Que só levanta as ondas do oceano!...
Tremeis de mim?... Sentae-vos.

SIGISMUNDO (*sentando-se*)

Continúa.

OS OFFICIAES (*sentando-se*)

De que animo vieste a procurar-nos?
Quem te mandou? que queres? que pretendes?

CALABAR

Minha vontade só é quem me impelle!
Quiz e bastou. Que quero e que pretendo?
O que pretendes tu, ó Sigismundo?

SIGISMUNDO

Vingar a patria, conquistar a gloria.

CALABAR

Não te valhas de titulos pomposos
Para encobrir a sêde do dominio.

(*Movimento dos hollandezes*)

A gloria e a patria—futeis subterfugios!
São palavras varias de sentido,
Que morrem como os sons que as acompanham,
São, muita vez, um distico solemne,
Sobre as cinzas da alma e o pó das crenças!
A gloria é como um sonho que se extingue
Ao despertar de um longo pesadelo!
A patria, aqui, ali, é o mundo inteiro,
Quando a negra ambição domina os homens!

(*Pausa*)

Venho abraçar, Van Scopp, o teu partido!

SIGISMUNDO

Será possivel?
Aos nossos, Cabalar, já recusaste
Os teus serviços... Hoje...

CALABAR

Acreditae-me.
Como corre o tufão do sul ao norte,
Corro eu na terra ao grado dos caprichos!
Que val, que vos importa o que fui hontem?
Hoje serei dos vossos.

1.º OFFICIAL, *(a parte)*

Convenceu-se!
Não ha nada melhor que ser de todos!

SIGISMUNDO

E amanhã, quem diz, quem nos garante,
Que ainda serás o mesmo?...

CALABAR

Sigismundo!
(Mudando de tom)
Tens bastante razão no que me dizes:
Quem sou eu para ser acreditado?
Um impostor traidor que ha desertado,
Um transfuga infiel que vende a patria!...
Como o quizerdes, nobres hollandezes,
Occulte Calabar os seus motivos
De traição e perfidia, o mais que importa?
Se vem da alma o poder que anima o braço,
Respeite o braço quem não sabe da alma.
(Mão no peito)
Ha um segredo aqui; grande e profundo,
Que nunca aos homens se fará patente!
Têm-se visto no meio das batalhas
Ferros que brandem mãos desconhecidas
Juncar de mil cadaveres os campos!
Será meu ferro assim... Depois, a morte,
Leva commigo ao pó do esquecimento
O nome e a fama de quem foi tão bravo!
Não indagueis a causa que me impelle;
Não indagueis o dia que foi hontem...
O de hoje, o de amanhã...

SIGISMUNDO

Tudo mysterio!...
Mas nós necessitamos quem te abone...

CALABAR

Não basta o que me ouvistes, hollandezes?
Não basta que me olheis?... Em cada ruga
Do meu semblante, lê-se uma sentença
De exterminio e de morte aos luzitanos!
Quereis um juramento?... Oh! nada vale!...
Quem um só quebrantou, quebranta muitos!
Que posso eu vos dizer?... que posso dar-vos?...
Esta espada?

(*Tira a espada*)

SISGISMUNDO

Que val?... Que diz?...

CALABAR

E' o ferro que banhou-se
No vosso sangue em prelios repetidos!
Eil o! dae-me outro ferro acostumado
A tingir no sangue lusitano!

(*Atira a espada*)

SIGISMUNDO

Eu quero acreditar no que promettes.

(*Dando-lhe uma espada*)

Eis, Calabar, a espada de um flamengo!!

CALABAR (*tomando a espada*)

Baterei a tropas luzas!
Derramarei com ella um mar de sangue!
Com ella morrerei!...

SIGISMUNDO, *aos officiaes*

'Staes satisfeitos?

1.º OFFICIAL

Ainda não! Com ella, antes de tudo,
Decepe Calabar a vil cabeça
Dessa mulher que aos lusos subtrahimos,
E á morte condemnámos!

2.º OFFICIAL

Que ?... Carrasco ? !...

CALABAR

Tudo, tudo serei ! Minha vingança
Deve assim começar !... Em breves horas
Vereis cahir a victima na terra !...

SIGISMUNDO

Depois ?...

CALABAR

Aos lusitanos !...

SIGISMUNDO, *levantando-se*

Sem demora !...

(Os officiaes levantam-se)

CALABAR, *(brandindo a espada)*

Calabar já vos disse !...

TODOS

Aos lusitanos !...

Calabar—Acto II.

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

Noticia bio-bibliographica na—Primeira parte—á pagina 24.

—

COBÉ

DRAMA

SCENA V.— D. Gil da Cunha e Cobé

COBÉ, *á parte e com rancor*

O caçador de escravos !...

D. GIL, *á parte*

Sobra o ardil em todos os selvagens:
Talvez este... não perco exp'rimentando.

COBÉ, *á parte*

Vejo sempre a traição naquelle rosto!...

D. GIL

Cobé, eu te buscava: antes que a noite
Siga o dia outra vez, serei esposo
De Branca: a tua sorte é presa á della,
E como escravo seu, virás servir-me.
Dá-te, pois, parabens, porque te estimo;
Tu me serás fiel e dedicado,
E em troco has de sentir como eu sou grato
Estás contente?...

COBÉ

Escuto-vos; avante,
Que mais do que isso pretendeis dizer-me.

D. GIL

Pois que pareces entrever minha alma,
Ouve tudo. Quem ama não socega,
Arde-lhe sempre o coração em zelos,
Agora mesmo que a ventura em risos
Parece me saudar, dentro em meu peito
Tenho um tormento horrivel: sei que outr'ora
Alguem ousou erguer olhos de amante
Sobre aquella que adoro... eu soffro... e temo...
Receio mesmo que inda inexperiente
Branca alguma esperança alimentasse...
Dissipa minhas duvidas, se podes:
Moras aqui; daqui jamais te apartas;
Podes ter descoberto algum segredo...
Fala... confia em mim... dize o que sabes...

COBÉ

Nada sei.

D. GIL

Nem suspeitas?...

COBÉ

Nem suspeito.

D. Gil

E se eu te propuzesse que vigiasses...
Dia e noite velasses espiando...

Cobé, *interrompendo-o irado*

Sou espia!!

D. Gil

Receias?....

Cobé, *dolorosamente*

Praga horrivel...
"Fica, mas vive a vida dos infames!..."

D. Gil

Então?...

Cobé

Vós insultaes minha miseria!
Sou escravo... inda o sou... mas não cobarde!

D. Gil

Tu me deves, Cobé, mais do que a vida.
Foste um pobre infiel que dos desertos
E do crime arranquei p'ra Deus mostrar-lhe.
O que eras tu nos bosques?

Cobé

Homem livre!

D. Gil

Tão livre como as feras; como as feras,
De sangue e carne humana te fartando;
Não conhecendo Deus, nem leis, nem honra.
Tu deves bemdizer a mão piedosa,
Que te arrancou das trevas e dos crimes.

Cobé, *contendo-se*

Senhor!... poupae-me!...

D. Gil

Que dizer podias?

Cobé

Que o bem maior que espero é só a morte;
E quem despreza a vida é mais que bravo...
Nada receia... e ousa até...

D. Gil, *ameaçando*

Repara!...

Cobé, *sem se poder conter*

Sim! reparo que todos me escarnecem!
Que sobre me lançarem duros ferros,
Querem que eu beije a mão que ousou forjal-os...
Que bemdiga essa mão que me deshonra!...
Bem dizel-a! Senhor, misero escravo!...
Ergo os olhos a vós talvez a medo;
Porém, se livre um dia... bem dizel-a?!
Mordel-a, sim! e como o cão raivoso,
Ou como a anta que espedaça a victima!
Oh!... que piedade é essa que vos guia?
O serviço de Deus?... Deus quer acaso
Que em grilhões os seus filhos se debatam,
Offende ao pae quem lhe escravisa os filhos,
Vós a Deus offendeis... irmãos chamaes-nos?
Feroz hypocrisia!... irmãos aquelles
A quem roubaes a patria, os filhos, tudo,
Lançando fogo ás placidas aldeias?...
Irmãos!... Irmãos aquelles que em algemas
A's praças arrastaes e em hasta pondes,
Como fardos á venda?... Irmãos!... Oh! nunca!
Quando mesmo quizesseis, não queria
Chamar irmãos tyrannos que me opprimem...

D. Gil

Miseravel!!...

Cobé

A vida assás me pesa,
Já vos disse uma vez e vos repito:
Qualquer que seja o meio, me contenta,
P'ra fazer que m'a tirem.

D. Gil

Não te afflijas,
Talvez que o desespero t'o ministre;
Jamais me esquecerei dos teus furores,
E amanhã, tu serás dos meus escravos...

sahe

SCENA.—IV

COBÉ, *só*

Seu escravo? Cobé escravo delle?...
Amanhã ha de rir-se no meu rosto,
Ver-me em pé... respeitoso... de olhos baixos,
Ouvindo humilde injurioso escarneo?...
Oh! Gil da Cunha, a confiança é céga;
O dia de amanhã ninguem conhece;
Quem sabe se um de nós amanhã morre?
Amanhã!... esta phrase é prova certa
Do nosso orgulho vão; vaidoso,
Que hoje levantas insolente a fronte,
Amanhã por teu rosto o verme passa,
E o vil adulador que hoje te incensa,
Amanhã cuspirá no teu cadaver!...
Amanhã! Amanhã!... D. Gil da Cunha!
O dia de amanhã saudemos ambos!

Cobé—Acto III, *O sardu*

ARTHUR AZEVEDO

V. biographia na —Primeira parte— á pag. 67.

—

O BADEJO

SCENA V.—Acto II.— Lucas—Cezar Santos, João Ramos, Benjamim Ferraz—D. Angelica

RAMOS

Então? Que é isso? Desertaram ambos?

D. ANGELICA

Ambrosina onde está, que não a vejo?

LUCAS

Para o seu quarto foi co'uma enxaqueca.

D. ANGELICA

Qual! minha filha nunca teve disso!

LUCAS

Nesse caso, fez hoje a sua estreia.

D. ANGELICA

Valha-me o Bom Jesus! Vou ter com ella!

LUCAS

Um vidro tenho aqui de saes inglezes...

(*Angelica sae sem lhe dar ouvidos*)

RAMOS

Deixe. Não será nada. A senhorita
Bebeu *Bucellas* e bebeu *Collares*:
Não estando acostumada a taes misturas,
Sentiu-se incommodada.

CEZAR

Não; não creia:
Muito pouco bebeu durante o almoço.
(*Senta-se a examinar um album de photographias*)

BENJAMIM

Diz muito bem. Nos calices apenas
Os labios virginaes humedecia.

RAMOS

Gosta de vêr retratos, senhor Cezar?

CEZAR

E' divertido.

(*Ramos senta-se ao lado de Cezar e vae-lhe mostrando os retratos.*)

RAMOS

Aqui me tem, no tempo
Em que eu tinha talvez, a sua edade.

(*Lucas se approxima de Benjamim, que está sentado no sofá.*)

LUCAS, *á parte*

Vou penetrar nesta alma de ocioso.

(*Alto, sentando-se ao lado delle*)

Quer saber o motivo da enxaqueca?
Qual mistura de vinhos! qual historias!

RAMOS

Esta é minha mulher. Foi bem bonita.

CEZAR

Ainda se parece.

BENJAMIM

Eu desconfio
Que indisposta ficou D. Ambrozina
Por tanto ouvir fallar ao Cezar Santos
Em transacções da praça.

LUCAS

Pois engana-se.

RAMOS

Este é o meu sogro. Já lá está, coitado!

LUCAS

Foi o senhor a causa da enxaqueca.

BENJAMIM

Eu? Ora essa! Não comprehendo! explique-se!

RAMOS

A Ambrozina, quando era mais mocinha.

LUCAS

Ella, aqui para nós, é muito tola;
Não gosta de o ouvir fallar; diz ella
Que o meu amigo só de si se occupa.

BENJAMIM

Não costumo fallar da vida alheia.

RAMOS

O fallecido meu compadre Lopes,
Padrinho da pequena.

CEZAR

Eu conheci-o.
Teve uma loja de calçado...

RAMOS

E' isso.
Na rua da Quitanda—Era bom homem.

LUCAS

Ella não aprecia o seu estylo...
E' tão mal preparada! Só lhe agradam
Palavras corriqueiras... E' bonita,
Elegante, não nego, mas—que pena!—
Falta-lhe o *savoir vivre*. Uma burgueza!

RAMOS

Este é o Freitas Simões, que foi meu socio.
Hoje é o senhor Visconde de Alcochete!

BENJAMIM

Pois tenho pena que ella me deteste:
Tencionava pedil-a em casamento.

LUCAS

Pedil-a em casamento? Oh! desastrado!
Meu Deus, fil-a bonita! Meu amigo,
Não faça caso do que eu disse! Pilulas!
Por minha causa perde a rapariga
Um casamento destes! Não! não! casem-se!
Virá depois o *savoir vivre*! Diabo!...
Hei de ser sempre uma creança estupida!...

RAMOS

O Gouvêa da rua do Mercado.

BENJAMIM

Não; eu não desanimo por tão pouco,
E lhe agradeço até, meu caro joven,
Ter-me instruido sobre os gostos della.

RAMOS

Conhece? E' o Nazareth da rua Sete,
Mas no tempo em que usava a barba toda.

BENJAMIM

Eu tratarei de transformar-me, creia;
Mas se ainda assim nas suas boas graças
Não cair, paciencia... Outra donzella
Talvez encontre menos exigente.
O que me agrada nella é a formosura
Com que a dotou a natureza prodiga;
Outra cousa não é, porque sou rico,
E ainda espero em Deus herdar bastante.

LUCAS

Em Deus ? Sim, tem razão : é Deus quem mata...

RAMOS

Este é o Dr. Galvão, que é nosso medico.

BENJAMIM

De bom grado eu seria o seu marido,
Por ser senhora muito apresentavel,
Que faria figura no *grand monde*
E enfeitaria bem um camarote
Do Lyrico ; entretanto, um sacrificio
Não quero que ella faça, está bem visto.

CEZAR

Este conheço eu muito: è o João Moreira.

BENJAMIM

Modestia á parte, a um homem desta estofa,
Que é moço, e não é feio, e tem saúde,
E é millionario, ou quasi millionario,
E viajou por toda a culta Europa,
E anda trajado no rigor da moda,
E faz figura em cima de um cavallo,
E fuma disto....

(Mostra o charuto que fuma e faz menção de tirar outro da algibeira).

Quer provar ?

LUCAS

Não fumo.

BENJAMIM

A um homem desta estofa nunca faltam
Mulheres que o pretendam, que o disputem,
Que se agatanhem para conquistal-o !

(Approxima-se de Ramos e Cezar, que tem acabado de percorrer o album.)

LUCAS, *á parte*

O outro é tolo e malandro ; este é só tolo...
E' muito facil vel-o pelas costas.

SATYRAS E EPIGRAMMAS

Gregorio de Mattos

BAHIA — 1623—1696

Gregorio de Mattos Guerra, formado em direito pela Universidade de Coimbra, foi o mais notavel poeta satyrico do seu tempo, em Portugal e no Brasil, e ainda hoje tem merecido o apreço e o estudo dos mais notaveis criticos dos dois paizes em que se falla o portuguez.

Tendo advogado em Lisboa, voltou depois á Bahia, onde exerceu os cargos de thesoureiro-mór da Cathedral, e vigario geral da diocese: porque fosse exigido que completasse as suas ordens, pois então não era mais que minorista, deixou aquelles empregos.

Estimado e popular, elle foi, entretanto, degredado para Angola por causa das suas satyras e epigrammas, a cuja mordacidade ninguem, na sé da Bahia, escapava : o que valeu-lhe o cognome de *bocca do inferno*. Voltando ao Brasil, foi residir em Pernambuco, onde morreu, depois de ter tido necessidade de *pedir esmolas para viver.*

Fernandes Pinheiro diz que Gregorio de Mattos foi o introductor do verso decasyllabo italiano na metrica portugueza.

EPIGRAMMAS

A UM LIVREIRO QUE COMERA TODO UM CANTEIRO DE ALFACES

Levou um livreiro a dente
D'alfaces todo um canteiro,
E comeu, sendo livreiro,
Desencadernadamente;
Porém eu digo que mente
A quem disso o quer taxar;
Antes é para notar
Que trabalhou como um mouro,
Pois metter folhas no couro
Tambem é encadernar.

A UM MUSICO, QUE LEVARA UMA SOVA DE PAU

Uma grave entoação
Vos cantaram, Braz Luiz,
Segundo se conta e diz,
Por solfa de fá bordão;
Pelo compasso da mão,
Onde a valia se apura,
Parecia solfa escura;
Porque a mão nunca parava,
Nem no ar, nem no chão dava,
Sempre em cima da figura.

—

ANJO BENTO

Destes que campam no mundo,
Sem ter engenho profundo,
E, entre gabos dos amigos,
Os vemos em papafigos,
Sem tempestade, nem vento:
Anjo bento!

De quem com letras secretas
Tudo o que alcança é por tretas,
Baculejando sem pejo,
Por matar o seu desejo,
Desde a manhã té a tarde:
Deus me guarde!

Do que passeia farfante,
Muito presado de amante,
Por fóra, luvas, galões,
Insignias, armas, bastões;
Por dentro pão bolorento:
Anjo bento!

Destes beatos fingidos,
Cabisbaixos, encolhidos,
Por dentro fataes maganos,
Sendo nas caras uns Janos,
Que fazem do vicio alarde:
Deus me guarde!

Que vejamos teso andar
Quem mal-sabe engatinhar,
Muito inteiro e presumido,
Ficando o outro abatido,
Com maior merecimento:
Anjo bento!

Destes avaros mofinos,
Que põem na mesa pepinos,
De toda a iguaria isenta,
Com seu limão e pimenta,
Porque diz que queima e arde:
Deus me guarde!

Visconde de Araguaya

(V. not. bio-bibliographica na —Primeira parte— á pagina 139)

—

EPIGRAMMA

— E' verdade que da Europa
Voltaste feito doutor?
— Parece-te isso impossivel?
E' verdade, sim, senhor.

— E por qual Academia
— E qual a sciencia então?
— Isso não sei; o diploma
E' escripto em allemão.

J. M. de Macedo

V. biog. na—Primeira parte—pag. 24.

—

A MENINA A LA MODA

« — Ai, Maria ! Vem depressa,
Desaperta este collete ;
Eu me suffoco...ai, já temo
Estourar como um foguete !

« — Nhanhâsinha, está tão bella !
Mas emfim dá tantos ais...»
« — Oh espera ! Estou bonita ?
Pois então aperta mais. »

LAURINDO RABELLO

Not. bio-bibliographica. á pag. 327

—

A UM CALVO PRETENCIOSO

Oh ! que misera cabeça !
Vejam só que desconsolo !
Por fóra— não tem cabello,
Por dentro—não tem miolo...

Fagundes Varella

Not. biog. á pagina 312

—

A LINGUA HUMANA

Qual a mais forte das armas,
A mais firme, a mais certeira ?
A lança, a espada, a clavina,

Ou a funda aventureira?
A pistola? O bacamarte?
A espingarda ou a flecha?
O canhão, que em praça forte
Faz em dez minutos brecha?
—Qual a mais firme das armas?
O terçado, a fisga, o chuço,
O dardo, a maça, o virote?
A faca, o florete, o laço,
O punhal ou o chifarote?

A mais tremenda das armas,
Peior do que a durindana,
Attendei, meus bons amigos,
Se appellida—a lingua humana.

Padre CORREIA DE ALMEIDA

—

MINAS—BARBACENA—1820

O padre José Joaquim Correia de Almeida, cuja fecundidade literaria está na razão directa da excellencia dos seus trabalhos, é o mais notavel dos nossos poetas satyricos do seculo que findou.

Professor de latim por concurso na sua cidade natal, esteve no magisterio trinta annos.

E' correcto na linguagem e no verso, facil, simples, expontaneo e terso, o que lhe valeu elogios e encomios de Castilho e Camillo, em geral tão duros, quando se referiam aos nossos escriptores.

Tem collaborado em innumeros jornaes e publicou 15 ou 16 volumes de versos, entre elles: *Satyras e epigrammas*, (7 vol.); *Sonetos* (2 vol.); *Republica dos tolos, Semsaborias metricas* (2 vol.), *Decrepitude metromaniaca, Producções da caducidade e Puerilidades de um macrobio*.

Correia de Almeida escreveu ainda uma interessante *Monographia da cidade e municipio de Barbacena*, trabalho que lhe deu ingresso no Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Os seus epigrammas são graciosos; e, obedecendo ao lemma *ridendo castigat mores*, elle censura e satyrisa desapiedadamente os costumes, mas poupa as pessoas.

—

OS PARTIDOS

Cada programma é um thema,
Na theoria bello e são ;
Por essencia do systema,
Ha governo e opposição.

Já que estamos entretidos
Com assumpto nacional,
Dize-me : qual dos partidos
Te parece liberal ?

— E' uma verdade absoluta,
Para mim de pedra e cal,
Que dos partidos na lucta,
O de baixo é o liberal,

—

EPIGRAMMA

Que injustiça ! Um lambisqueiro,
No excesso da gulodice,
Relambendo os beiços, disse :
— Comi hoje como um bruto !
Nunca o porco no chiqueiro
A' gula pagou tributo ;
E ao lobo, com ser faminto,
Se eu chamar guloso, minto.
Melhor é que o glutão brade :
Comi hoje como um frade !

Lucio de Mendonça

Noticia bi-bibliographica á pagina 385.

—

EPIGRAMMA

A UM QUE SE TEM NA CONTA DE LITERATO

A natureza tem sancções felizes,
Rodeia o mal de penas pouco leves :
Assim, tu tens de ouvir tudo o que **dizes**,
E tens de ler tambem tudo o que **escreves**.

NOTA FINAL

Enormes foram as difficuldades que se nos depararam na elaboração das noticias bio-bibliographicas, pelà quasi impossibilidade de encontrarem-se os dados de que haviamos mister. Ainda assim, apenas não mencionamos o anno do nascimento de dois auctores, por terem sido de todo infructiferos os nossos esforços nesse sentido.

—

Em relação a Adelino Fontoura, apezar da bôa vontade dos Srs. Dr. Affonso Celso, a quem, por mais de um motivo, somos grato, e Arthur Azevedo, os quaes se prestaram de boa mente a correr ao nosso appello, não conseguimos, entretanto, colher as datas do nascimento e da morte do mavioso poeta.

—

Por informação de Arthur Azevedo, chegada, todavia, ás nossas mãos depois de impresso o trecho de Aluizio Azevedo, podemos dar aqui a data do nascimento do notavel romancista.

Aluizio Azevedo nasceu na cidade de S. Luiz do Maranhão, em 14 de Abril de 1857.

—

Affonso Arinos nasceu em Paracatú, Estado de Minas, a 1 de Maio de 1868.

—

O Dr. Castro Lopes falleceu a 11 de Maio de 1901.

—

Achamos escusado dar *errata*; passaram, de certo, alguns erros de revisão, que o leitor intelligente, á simples leitura irà corrigindo.

INDICE

INDICE ALPHABETICO DOS AUCTORES

INDICE ANALYTICO

Theatro

Questões sociaes e caracteres

Eloquencia sagrada e politica

Historia e tradição

SEGUNDA PARTE—POESIA

Poesia lyrica

Narrações e allegorias

Poesia descriptiva

Fabulas e apologos

Theatro

Satyras e epigrammas

INSTRUCCÇÃO PRIMARIA

Livros, em preparação, do professor

Eugenio Werneck.

SÉRIE PRIMARIA:

Curso de leitura.—4 livros.

Arithmetica Primaria, com numerosos exercicios.

Geometria Pratica e **Desenho Linear,** com numerosos exercicios numericos e problemas graphicos